



**Hélio de Jesus Ferreira de Oliveira Pinto**

Licenciado em Química

## **Jacob de Castro Sarmento e o Conhecimento Médico e Científico do século XVIII**

Dissertação para obtenção do Grau de Doutor no Programa Doutoral em História,  
Filosofia e Património da Ciência e da Tecnologia

Orientadora: Doutora Palmira Fontes da Costa, Professora Auxiliar,  
Universidade Nova de Lisboa

Júri

Presidente: Prof. Doutor António Manuel de Sá Nunes Dias dos Santos

Arguentes: Prof. Doutor Jon Arrizabalaga Valbuena  
Prof. Doutor Adelino Dias Cardoso

Vogais: Prof. Doutora Palmira de Jesus Fontes da Costa  
Prof. Doutor João Rui Couto Rocha Pita  
Prof. Doutor Ana Isabel da Silva Araújo Simões  
Prof. Doutora Laurinda Faria Santos Abreu



**FACULDADE DE  
CIÊNCIAS E TECNOLOGIA  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA**

**Abril de 2015**

Título: Jacob de Castro Sarmiento e o Conhecimento Médico e Científico do século XVIII

Autor: Hélio de Jesus Ferreira de Oliveira Pinto

© Hélio de Jesus Ferreira de Oliveira Pinto, 2015

© FCT/UNL, 2015

© UNL, 2015

A Faculdade de Ciências e Tecnologia e a Universidade Nova de Lisboa têm o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicar esta dissertação através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, e de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objectivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

Dedico este trabalho à Madalena, à Inês, à Luísa e à Marta

## AGRADECIMENTOS

A presente dissertação é o fruto do trabalho desenvolvido ao longo de vários anos, tendo diversas instituições e pessoas contribuído de um modo ou de outro, para que a sua conclusão fosse possível. Ficam aqui os agradecimentos às instituições e pessoas que de alguma forma contribuíram para que este projecto fosse concluído.

Em primeiro lugar queria agradecer à Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) que, durante três anos, me atribuiu uma Bolsa de Doutoramento, sem a qual teria sido difícil levar o presente trabalho a bom termo. Queria também agradecer à Direcção da Academia de Música de Santa Cecília por me ter apoiado de forma incondicional no âmbito da realização da presente dissertação.

O meu agradecimento especial à minha orientadora Prof. Dra. Palmira Fontes da Costa pelo seu apoio e interesse manifestados ao longo de todo o projecto. À mesma, gostaria de aqui expressar com amizade e carinho o meu profundo reconhecimento por todo o seu auxílio e incentivo.

Queria agradecer aos elementos da Comissão de Acompanhamento, Prof. Doutora Laurinda Abreu e Prof. Doutor João Rui Pita, pelos seus conselhos e sugestões pertinentes.

O meu imenso agradecimento ao Professor António Manuel Nunes dos Santos, Coordenador do programa doutoral, pela amizade demonstrada ao longo de todo o programa doutoral. O seu interesse e empenho foram fundamentais para o desenvolvimento deste projecto.

Ao Prof. Dr. Christopher Aurretta o meu reconhecimento pela amizade dispensada e pelas conversas sempre ricas e interessantes.

Ao Doutor Bruno Barreiros, o meu apreço pelas conversas estimulantes e pela partilha de informação.

Uma parte da pesquisa foi feita em diversas bibliotecas, merecendo especial destaque a Biblioteca Nacional, a Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa e o Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Apesar de o conjunto das pessoas que assegura o funcionamento destas instituições mereça o meu agradecimento, pelo modo prestável e atencioso com que desenvolvem o seu trabalho, queria referir em particular algumas pessoas. Da Biblioteca Nacional queria agradecer em especial ao Dr. Carlos Vences, amigo de longa data, pelas sugestões bibliográficas e pela disponibilidade manifestada. Da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa queria agradecer à Dra. Leonor Pinto e à Dra. Luísa Macedo pela sua presteza, solicitude e amizade com que acompanharam o meu trabalho de pesquisa naquela instituição.

Aos meus amigos Afonso Cavaco, Hélio Cruz e Paulo Pinheiro, sempre presentes.

Ao Carlos Assunção, à Fernanda Varandas, à Ana e ao Frederico queria agradecer a amizade e a disponibilidade.

Finalmente queria agradecer aos meus pais, ao meu irmão e à restante família toda a confiança depositada e o modo como me ajudaram a superar os momentos de menor entusiasmo.

Uma nota final para a minha mulher, Marta, e para as minhas filhas, Madalena, Inês e Luísa – a sua paciência, o seu apoio e o seu amor foram essenciais para que o presente trabalho pudesse ser concluído.

## RESUMO

Henrique, ou Jacob, de Castro Sarmiento (1691-1762), médico judeu, nascido em Bragança e exilado em Inglaterra a partir de 1721, devido às perseguições da Inquisição aos cristãos-novos, é considerado como o introdutor das ideias de Isaac Newton (1662-1727) em Portugal e um dos principais responsáveis pela disseminação da iatroquímica entre os médicos portugueses, contribuindo para o desenvolvimento da medicina e ciência portuguesas do século XVIII. Eleito para sócio da Royal Society em 1730, o médico português tornou-se o principal interlocutor científico entre Portugal e Inglaterra, sendo a sua actividade exemplar do modo como ocorreram as trocas de conhecimento entre o centro da Europa e a sua periferia. Autor de diversas obras médicas, Sarmiento abordou algumas das temáticas médicas mais relevantes do século das luzes, como a inoculação das bexigas ou a utilização terapêutica das águas minerais, veiculando uma nova forma de encarar a prática médica. A sua obra *Theorica Verdadeira das Mares*, editada em 1737, foi a primeira publicada em Portugal onde as ideias de Newton são consideradas com o devido detalhe. Paradoxalmente, Sarmiento foi também produtor de medicamentos de segredo, tendo a sua Água de Inglaterra alcançado um sucesso significativo em Portugal.

Figura polémica e multifacetada, Sarmiento dedicou uma parte considerável da sua vida à divulgação e disseminação das ideias dos autores modernos, dos quais se destacam Boyle, Newton e Boerhaave. O presente trabalho tem como principal objectivo elucidar os principais aspectos da sua vida e obra, procurando enquadrar as suas actividades no contexto da medicina e ciência europeias de setecentos.

**Palavras-chave:** Sarmiento, newtonianismo, relações centro-periferia, medicina portuguesa do século XVIII



## ABSTRACT

Henrique, alias Jacob, de Castro Sarmiento (1691-1762), was a Portuguese doctor and a Jew, who was forced to abandon Portugal in 1721 to escape persecutions by the Inquisition. Sarmiento is known for his contributions to the introduction of Newton's ideas in Portugal and held to be the principal responsible for the dissemination of iatrochemistry among Portuguese doctors, contributing for the development of Portuguese science and medicine at this period. Being elected as a Fellow of the Royal Society in 1730, Sarmiento became the main scientific interlocutor between England and Portugal. The contacts established by him with several personalities are exemplar of the cultural interchange occurring between central Europe and its periphery at this period. The medical books published by Sarmiento address several subjects, including some of the most significant and polemical in eighteenth century medicine, such as smallpox inoculation or the utilization of spring and mineral waters as a therapy. In 1737, he published his *Theorica Verdadeira das Mares*, which is the first Portuguese book which alludes specifically to Newton's ideas. Paradoxically he was also the manufacturer of Água de Inglaterra, a secret medicine.

The main aim of this work is to clarify aspects related with Sarmiento's life and work framing them on the context of European medicine and science.

**Key-words:** Sarmiento, newtonianism, center-periphery, 18<sup>th</sup> century Portuguese medicine





## ÍNDICE

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	v
Abstract .....	vii
Índice de Figuras .....	xiii
Lista de Abreviaturas .....	xv
Introdução .....	1
1. Um primeiro olhar .....	1
2. Jacob de Castro Sarmiento na historiografia da ciência e medicina em Portugal .....	5
3. Abordagens historiográficas.....	8
4. Plano da tese.....	10
Capítulo I - Sarmiento: De cristão-novo a deísta newtoniano.....	13
1. Um cristão-novo em Portugal .....	15
1.1. Os primeiros anos.....	15
1.2. Do Alentejo para Coimbra .....	18
1.3. Médico em Portugal .....	20
2. Um sefardita em Londres. ....	23
2.1. Em busca de prestígio e de patrono.....	24
2.2. Problemas com a congregação de Bevis Marks .....	25
2.3. As obras religiosas .....	26
2.4. A importância do newtonianismo.....	29
3. Afirmação e Dissensão.....	33
5. Conclusão.....	37
Capítulo II - Jacob de Castro Sarmiento e a Royal Society.....	39
1. Uma eleição conturbada .....	40
2. A Royal Society e a agenda de divulgação de Sarmiento .....	41
3. Sarmiento na Royal Society .....	44
3.1. Comunicações publicadas nas <i>Philosophical Transactions</i> .....	44
3.2. Comunicações não publicadas.....	46

3.3. Eleição de sócios .....	50
4. Conclusão .....	57
Capítulo III - Jacob de Castro Sarmento e os Medicamentos de Segredo.....	61
1. Medicamentos de segredo .....	62
1.1. A Água de Inglaterra .....	62
1.2. Outros medicamentos de segredo.....	70
2. Argumentação e contradição .....	71
3. Um medicamento de segredo revelado .....	75
4. Conclusão .....	77
Capítulo IV - Em busca de prestígio internacional – a inoculação das bexigas.....	79
1. Inoculação das bexigas - uma prática polémica .....	80
2. Oportunidade .....	82
3. Edição e contrafacção.....	83
5. A iatromecânica, o newtonianismo e a inoculação das bexigas .....	88
6. Reacções à obra.....	90
7. Conclusão .....	92
Capítulo V - A <i>Materia Medica</i> de Jacob de Castro Sarmento.....	95
1. A reforma da medicina portuguesa e a <i>Materia</i> .....	97
2. Importância das relações com a coroa portuguesa .....	100
3. Audiências .....	102
4. Divulgação e impressão .....	105
5. A Importância da História .....	107
6. Críticas aos médicos portugueses.....	112
7. Aceitação e impacto da obra .....	115
8. Conclusão .....	117
Capítulo VI - As águas minerais e termais.....	119
1. A <i>Siderohydrologia</i> .....	120
1.1. Edição e impressão.....	120
1.2. Águas Termais - Classificação e análise .....	121

2.	As águas minerais na <i>Materia Medica</i> .....	122
3.	As águas termais das Caldas da Rainha .....	124
3.1.	As águas das Caldas da Rainha na <i>Materia Medica</i> .....	124
3.2.	<i>Appendix ao que se encontra escrito na Materia Medica</i> .....	126
4.	Impacto e recepção.....	130
5.	Conclusão.....	131
Capítulo VII - Difusão do newtonianismo: a <i>Verdadeira Theorica das Mares</i> .....		133
1.	A importância do patrono.....	134
2.	Divulgação e objectivos .....	135
3.	A <i>Theorica Verdadeira das Mares</i> e a divulgação da filosofia newtoniana .....	139
3.1.	Elogio a Newton.....	139
3.2.	Planetas, cometas e a Terra – o poder explicativo da Teoria da Atracção Universal. 140	
3.3.	A óptica de Newton.....	143
3.4.	Conteúdo da Obra.....	144
4.	A <i>Theorica</i> e a circulação das ideias de Newton em Portugal .....	145
9.	Conclusão.....	147
Conclusões .....		149
1.	Conclusões - um olhar final .....	150
2.	Sarmiento e o conhecimento médico e científico de setecentos.....	157
Bibliografia .....		161
1.	Fontes Primárias.....	161
2.	Fontes Secundárias.....	167



## ÍNDICE DE FIGURAS

### Introdução

Figura 1.	Andrew Miller, após H. Stevens, <i>Jacob de Castro Sarmiento</i> , 1730, gravura.....	2
Figura 2.	Richard Houston, após Robert Edge Pine, <i>Jacob de Castro Sarmiento</i> , 175?, gravura.....	3
Capítulo II		
Figura 1.	Projecto de Horto Botânico enviado por Sarmiento para D. Antonio Carneyro de Figueroa.....	42
Capítulo V		
Figura 1.	Folha de rosto da 1. <sup>a</sup> edição da <i>Materia Medica</i> , 1735.....	96
Capítulo VI		
Figura 1.	Folha de rosto da <i>Siderohydrologia</i> , 1726.....	120
Capítulo VII		
Figura 1.	Folha de rosto da <i>Theorica Verdadeira das Mares</i> , 1737.....	134



## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**AHU** – Arquivo Histórico Ultramarino

**ANTT** – Arquivo Nacional Torre do Tombo

**BA** – Biblioteca da Ajuda

**BACL** – Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa

**BFML** – Biblioteca da Faculdade de Medicina de Lisboa

**BL** – British Library

**BN** – Biblioteca Nacional

**BUC** – Biblioteca da Universidade de Coimbra

**RSL** – Royal Society Library

**WL** – Wellcome Library



# JACOB DE CASTRO SARMENTO E O CONHECIMENTO MÉDICO E CIENTÍFICO DO SÉCULO XVIII

## INTRODUÇÃO

### 1. Um primeiro olhar

O *siècle des lumières*<sup>1</sup> foi um período de profundas transformações na medicina e na ciência europeias. Portugal não foi excepção<sup>2</sup>; de facto, e desde o início do século até 1772, data da publicação dos Estatutos da Universidade de Coimbra<sup>3</sup>, no âmbito da reforma pombalina do ensino universitário, ocorreu a transição de um saber, baseado na superstição e na importância atribuída à tradição, para outro, ancorado na experimentação e na matematização da realidade como modo privilegiado de explicar os fenómenos naturais. A mudança não foi nem rápida, nem pacífica, nem igualmente eficaz em todos os domínios, tendo motivado respostas muito diversificadas por parte das elites culturais portuguesas<sup>4</sup>, numa época em que a alusão a ideias potencialmente polémicas era ainda fortemente condicionada pelo poder real e religioso.

O contacto com os novos modelos conceptuais foi feito de diversos modos, tendo os portugueses residentes no estrangeiro desempenhado um papel extremamente relevante nesse

---

<sup>1</sup> O termo foi cunhado por Voltaire (1694-1778) e continua a ser um termo relevante por dar conta da profunda transformação ocorrida durante o século XVIII. As “luzes” significaram, em termos muito gerais, a passagem de um mundo norteado por valores religiosos, para um mundo secular, onde a razão passou supostamente a ser a principal fonte de autoridade. Deve ser notado, contudo, que esta definição simplificada de Iluminismo, podendo servir como ponto de partida, deve ser considerada com as devidas reservas, tendo em conta as suas diferentes expressões e significados. Sobre o Iluminismo, ver, por exemplo, Hampson, 1990; sobre a temática específica do iluminismo e ciência ver, por exemplo, Hankins, 2002, Clark, Golinsky, 1999 ou Gascoigne 1988. Relativamente à relação entre ciência e religião no século XVIII, ver Thomas Dixon; Geoffrey Cantor; Anthony Pumfrey, 2010. Quanto à relação entre medicina e religião na Europa das Luzes, consultar Cunningham, 2007. Nesta obra, Cunningham alerta exactamente para o facto de o termo “Iluminismo” não dar conta das diversas *nuances* e ambiguidades relacionadas com a sua utilização, salientando o facto de a religião continuar a ter uma enorme importância e significado no contexto da medicina do século XVIII. Isso significa que a referida mudança não pode ser considerada de forma linear.

<sup>2</sup> Sobre o Iluminismo português ver, por exemplo, Silva Dias, 1952, Mattoso, 1993, Araújo, 2003, ou Calafate, 2000. Sobre a história da medicina no Portugal das Luzes ver, Abreu, 2013.

<sup>3</sup> Deve ser referido que esta data serve apenas como forma de balizar temporalmente um processo que foi extremamente diversificado e complexo. Claramente, nem todas as elites reagiram da mesma maneira às mudanças, até porque, como referido, o Iluminismo teve diferentes expressões e significados.

<sup>4</sup> Os historiadores do século passado, como por exemplo, Silva Dias ou Rómulo de Carvalho, utilizaram a dicotomia Antigos/Modernos para dar conta do choque entre o saber tradicional e o saber moderno ocorrido em Portugal durante este século. Ver, por exemplo, Silva Dias, 1952. Este modelo revelou-se inadequado por não dar conta dos complexos processos de apropriação das ideias modernas e do modo como esses processos variaram individualmente de actor para actor.

processo. Jacob de Castro Sarmiento (1692-1762), médico judeu exilado em Londres, devido às perseguições feitas pela Inquisição aos cristãos-novos, pode ser considerado como exemplar da importância dos portugueses residentes no estrangeiro na mudança dos paradigmas médicos e científicos no Portugal das Luzes.

A circulação de ideias neste período foi uma importante componente para a consolidação da cultura médica e científica europeia (Gavroglu et al, 2008:161), permitindo a troca de ideias e práticas entre vários países da Europa. Sarmiento fez parte de uma extensa rede de contactos, envolvendo diversas personalidades portuguesas e estrangeiras, tendo contribuído activamente para esta circulação de saberes e cultura material. O médico português também foi autor e tradutor de diversas obras médicas e científicas, abordando temáticas tão diversas como a inoculação das bexigas ou a teoria newtoniana das marés, com o objectivo assumido de apresentar aos seus conterrâneos uma nova forma de encarar a natureza e de como aceder ao seu conhecimento.

A importância do médico português, no contexto da medicina e ciência portuguesas do século XVIII, foi revelada e salientada pela historiografia portuguesa onde se aborda este período. A imagem veiculada por estes autores, e que de algum modo, continua a prevalecer, decorre em larga medida da imagem de autor prestigiado que o próprio construiu em Londres e que é evidenciada nos seus dois retratos.



**Figura 1.** Andrew Miller, após H. Stevens, *Jacob de Castro Sarmiento*, 1730, gravura.

O primeiro, reproduzido na Figura 1, encontra-se nos arquivos da Royal Society of London. A gravura foi executada por Andrew Miller (?-1762) em 1737, a partir de uma pintura de H.

Stevens executada em 1730<sup>5</sup>, pouco tempo depois de Sarmiento ter sido eleito sócio da Royal Society.

O médico português, na altura com quase quarenta anos, é representado de frente, usando uma peruca longa, com a cabeça ligeiramente inclinada e um olhar confiante. A mão esquerda segura um livro, cuja lombada se encontra virada para o observador e onde se pode ler a palavra “NEW” (novo). Num dos dedos da mão esquerda destaca-se um anel. A legenda que se encontra na parte inferior da imagem inclui, para além do nome do retratado, a indicação de que era membro do Royal College of Physicians of London e da Royal Society of London.

A inscrição “NEW” na lombada do livro que Sarmiento segura na sua mão esquerda pode ser interpretada como uma indicação de que privilegiava a leitura do “novo” livro da natureza, provavelmente uma alusão à filosofia natural de Newton e dos seus seguidores, abraçada pelo médico português<sup>6</sup>. O retrato foi incluído no frontispício da obra *Theorica Verdadeira das Mares conforme à philosophia do incomparavel cavalheiro Isaac Newton*, certamente com o objectivo de contribuir para o estabelecimento da sua autoridade e prestígio na comunidade médica e científica da época (Jordanova, 2000:26-29). Por outro lado, a pintura original deve em tempos ter estado exposta nas instalações da Royal Society junto com os retratos de outros sócios, sendo acessível apenas a membros e a visitantes desta instituição.



**Figura 2.** Richard Houston, após Robert Edge Pine, *Jacob de Castro Sarmiento*, 175?, gravura.

<sup>5</sup> Alguns autores consideraram que o retrato teria sido feito em 1729, ano da primeira candidatura do médico português para sócio da Royal Society. É possível que Sarmiento tenha encomendado o retrato antes de ter sido eleito, tendo a inscrição sido colocada posteriormente. Por outro lado, também é plausível que o retrato tenha sido pintado em 1730, já depois de a sua eleição ter sido confirmada, após segunda candidatura. Provavelmente a confusão de datas pode ter decorrido da passagem do calendário juliano para o calendário gregoriano, ocorrida nesta altura em Inglaterra.

<sup>6</sup> A palavra “NEW” pode também ser interpretada como o início do nome do prestigiado filósofo natural inglês, dando conta do modo como Sarmiento encarava os feitos científicos alcançados por Newton.

O retrato da figura 2 foi executado cerca de um quarto de século depois<sup>7</sup>, e mostra Sarmento com uma idade já avançada, de aspecto respeitável, sentado a uma secretária, numa postura frequentemente utilizada em retratos setecentistas de personalidades de alguma importância e prestígio (Jordanova, 2000:26-29).

A gravura, executada por Richard Houston a partir de um *mezzotinto* da autoria de Robert Edge Pine, foi incluída na segunda edição da *Materia Medica*, a primeira obra escrita na língua portuguesa onde as ideias de Hermann Boerhaave são abordadas com detalhe<sup>8</sup>, veiculando uma forma de abordar a medicina radicalmente diferente da tradição galénica, orientadora da prática de muitos médicos portugueses. O retrato terá sido exposto nas instalações do Royal College of Physicians, junto dos retratos de outros membros ilustres. Assim, o mesmo terá sido utilizado em diversos contextos, e destinado a diferentes públicos.

A pose de Sarmento e todo o enquadramento da gravura conferem-lhe respeitabilidade e prestígio. Como no primeiro retrato, o médico português apresenta um semblante confiante e resoluto. A avaliar pelo vestuário envergado, devia ser razoavelmente abastado. O retratado é representado a escrever, uma ocupação que provavelmente lhe ocuparia algum tempo, dado o facto de ter vários correspondentes portugueses e estrangeiros e de ser autor de obras científicas. Existem diferenças evidentes entre os dois retratos. No primeiro, o médico português parece estar numa biblioteca, sendo representado de frente para o observador; no segundo, está sentado a uma secretária, sendo retratado de lado. Estas diferenças podem revelar de propósitos específicos. É possível que, no primeiro retrato, o objectivo fosse mostrar o seu empenho em seguir a filosofia natural de Newton e dos seus seguidores. No segundo, a sua pose realça a imagem do autor respeitado e prestigiado, apresentando algumas semelhanças com retratos de outros médicos ingleses seus contemporâneos, como Richard Mead<sup>9</sup>.

Os dois retratos são, assim, reveladores do estatuto e prestígio alcançado pelo médico português em Londres, tendo estado expostos em duas instituições prestigiadas<sup>10</sup>. A inclusão dos mesmos nas suas duas obras científicas mais importantes pode, noutro contexto, ser entendida como uma forma de se dar a conhecer e de afirmar o seu prestígio médico e científico em Portugal. Esta

---

<sup>7</sup> Não foi possível determinar qual a data em que o retrato foi feito, mas teve de o ser antes de 1758, ano em que a segunda edição da *Materia Medica* foi publicada.

<sup>8</sup> A primeira obra escrita em português onde Boerhaave é mencionado é a *Historiologia Medica fundada, e estabelecida nos principios de George Ernesto Stahl, famigeradissimo Escritor do presente Seculo, e ajustada ao uso Pratico deste Paiz*, em dois tomos, de Joseph Rodrigues de Avreu, familiar do Santo Ofício e médico do rei D. João V. No primeiro tomo, editado em 1733, a introdução inclui uma história da medicina, sendo os *mecanistas* (iatromecânicos) considerados a partir da página 115. A obra irá ser abordada com algum detalhe no Capítulo V.

<sup>9</sup> Deve ser notado o facto de não existir em nenhum dos retratos qualquer indício pictórico que permita a elucidação da profissão do retratado, o que em si não é invulgar em retratos de médicos do século XVIII.

<sup>10</sup> Como vimos, os retratos de Sarmento deverão ter estado expostos na Royal Society e no Royal College of Physicians. Estas instituições eram públicas num sentido estrito, já que não podiam ser visitadas por qualquer pessoa. De qualquer modo, a sua exposição era uma forma de estabelecer o prestígio do retratado. Para uma discussão mais aprofundada sobre os papéis sociais desempenhados pelos retratos de médicos ver Jordanova, 2000.

imagem, construída intencionalmente, continua a ser a que é veiculada pela maior parte da historiografia nacional onde a vida e obra de Sarmiento são consideradas.

## 2. Jacob de Castro Sarmiento na historiografia da ciência e medicina em Portugal

A historiografia portuguesa onde se aborda Sarmiento é relativamente extensa. José Sebastião Silva Dias apelidou-o de “célebre” (Silva Dias, 1952:326), enquanto Joaquim de Carvalho o considerou como o “descobridor da Inglaterra como país pensante científica e filosoficamente” (Carvalho, J., 1950:34), e introdutor das ideias de Newton em Portugal (Carvalho, J., 1936). Rómulo de Carvalho<sup>11</sup> salientou, em diversas obras, o seu papel enquanto difusor das ideias de Newton (Carvalho, R.,1991). Para estes autores, a importância de Sarmiento decorre essencialmente do seu papel na transmissão das ideias de Newton em Portugal, sendo enfatizada a relevância da publicação em 1737 da obra *Verdadeira Theorica das Mares* e o estabelecimento de contactos com personalidades portuguesas, incluindo membros influentes da Corte portuguesa, como o 4º Conde da Ericeira. Assim, e no contexto das obras mencionadas, Sarmiento é considerado como um dos “heróis” da ciência portuguesa de setecentos<sup>12</sup>, numa época em que o aristotelismo e a tradição continuavam a ter uma expressão relevante no seio das elites intelectuais portuguesas.

A relevância da obra do médico português no contexto da medicina e da farmácia foi considerada por outros autores<sup>13</sup>. Maximiano Lemos, um dos grandes vultos da História da Medicina do século dezanove e primórdios do século vinte, considerou-o como “ilustre médico” (Lemos, 1899:129)<sup>14</sup>. Na opinião de António d’Esaguy, o seu único biógrafo, “Sarmiento tem como nenhum outro médico português, um papel preponderante na história da medicina e na da filosofia, uma acção renovadora, impossível de esquecer ou de diminuir” (d’Esaguy, 1946:16).

---

<sup>11</sup> Rómulo de Carvalho foi o historiador que abordou com maior detalhe a ciência portuguesa do século XVIII, tendo referido Sarmiento em diversas das suas obras. Deve ser notado, contudo, que a medicina se encontra, no essencial, omissa na obra de Carvalho, pelo que a maior parte das referências a Sarmiento feitas por este autor relaciona-se com a importância daquele na difusão das ideias de Newton. Ver, por exemplo, Carvalho, 1982 e Carvalho, 1991.

<sup>12</sup> Recentemente, Ana Carneiro, Ana Simões e Paula Diogo consideraram o papel do médico português exilado em Londres no estabelecimento de redes de comunicação com diversas personalidades portuguesas, com o objectivo da modernização intelectual do país em Carneiro, Simões, Diogo, 2001. Neste artigo, as autoras utilizaram o conceito de *estrangereado* na «perspectiva de uma rede informal, em que os contactos entre membros revelavam uma densidade claramente superior aos contactos com elementos externos e em que era possível identificar um objectivo comum: a modernização intelectual do país» (Ver Carneiro, Simões, Diogo, 2001: 592-3). Consultar também Diogo, Carneiro, Simões, 2001. Ainda que o termo não seja utilizado neste trabalho, é importante realçar que uma parte da análise seguinte se relaciona directamente com as actividades do médico português enquanto parte de uma extensa rede de contactos nacionais e estrangeiros.

<sup>13</sup> A História da Medicina e a História da Farmácia têm seguido caminhos relativamente autónomos e distintos da História da Ciência. Contudo, nos últimos anos tem-se assistido em Portugal a um crescente interesse dos historiadores e dos filósofos da ciência pelas temáticas directamente relacionadas com a medicina e a farmácia. Ver, por exemplo, Fontes da Costa, Cardoso (eds.), 2011.

<sup>14</sup> O número de página indicado é relativo à segunda edição da obra, publicada em 1991.

Mais recentemente, José Pedro Sousa Dias, considerou Sarmiento como o “mais lúcido autor iatromecânico português” (Sousa Dias, 2007:66), no âmbito da análise da sua actividade enquanto autor de obras de medicina.

Nos últimos anos, este autor deu um importante contributo para o conhecimento da obra e vida de Sarmiento<sup>15</sup>, tendo estudado de forma mais aprofundada as questões relacionadas com a Água de Inglaterra, o medicamento de segredo mais importante da segunda metade do século XVIII (Sousa Dias, 2012), revelando algumas das aparentes incoerências do médico português<sup>16</sup>.

Alguns autores ingleses também contribuíram de forma significativa para a elucidação de diversos aspectos da sua vida, particularmente os que se relacionam com o newtonianismo e com a importância que o mesmo teve na evolução do seu pensamento religioso. Na opinião de Matt Goldish, Sarmiento viveu diversas *vidas* (Goldish, 1996), dando corpo a diferentes *personas*, em diferentes contextos. Médico, newtoniano, autor de obras de divulgação científica, produtor de medicamentos de segredo, e judeu, Sarmiento foi uma personalidade multifacetada, de difícil análise e compreensão. O enfoque colocado por Goldish nas relações entre o newtonianismo e o judaísmo permitiu a revelação de uma faceta do médico português ainda pouco explorada pelos historiadores portugueses.

A imagem simplificada e linear de Sarmiento, veiculada pela maior parte da historiografia nacional, decorre de ainda não ter sido feita uma análise detalhada da sua vida e obra que tenha em consideração todas as suas facetas, procurando integrá-las num todo, mesmo se esse desiderato seja condicionado pelas fontes existentes. Noutra vertente, interessa saber de que modo as comunidades médica e científica receberam as suas obras, sendo este um dos aspectos raramente abordados, apesar de ser fundamental para a elucidação do seu papel na modernização da medicina e ciência portuguesas de setecentos. Existem, portanto, algumas questões que não foram devidamente consideradas pela historiografia portuguesa sobre a vida e obra de Sarmiento, e outras que não foram sequer consideradas.

O papel do judaísmo na vida do médico português foi examinado por alguns historiadores ingleses, com destaque para Goldish, mas raramente considerado pela historiografia portuguesa. No entanto, deve ser notado que se trata de uma faceta importante da sua vida pessoal, que a afectou de forma não despidianda, tendo de resto motivado o seu exílio. Como foi referido, a evolução do pensamento religioso do sefardita português foi influenciada pela sua conversão ao

---

<sup>15</sup> O interesse por Sarmiento tem aumentado nos últimos anos. Para além das obras já referidas, o médico português é referido por diversos autores portugueses e estrangeiros. Ver, por exemplo, Walker, 2005; Cantor, 2005; Andrade, Guimarães, 2010. Recentemente, Sousa Dias publicou uma obra sobre a Água de Inglaterra, onde a importância de Sarmiento nesse âmbito é analisada com o devido pormenor. Ver Sousa Dias, 2012.

<sup>16</sup> As referidas incoerências foram notadas em primeiro lugar por José Pedro Silva (1834–1878), que, na sua *Historia da Pharmacia Portuguesa*, alude a Sarmiento em termos menos elogiosos, particularmente no que concerne à comercialização da sua Água de Inglaterra. Ainda que Pedro Silva elogie, noutras partes da sua História, as obras de Sarmiento e, em particular, a *Materia Medica* (1735, 1758), a sua postura é sempre algo crítica relativamente ao médico português.

newtonianismo, devendo este aspecto ser devidamente esclarecido, por ser exemplar do modo como as ideias de Newton foram interiorizadas e incorporadas na matriz intelectual das personalidades da época.

Sarmiento foi o terceiro judeu a ser eleito para sócio da Royal Society, tendo uma actividade diversificada no âmbito da sociedade londrina, existindo diversos aspectos que não foram devidamente abordados na historiografia sobre o médico português, nomeadamente a completa elucidação da sua importância no contexto das relações científicas entre Portugal e Inglaterra<sup>17</sup>. Como iremos ver, o médico português funcionou como interlocutor e conselheiro científico de Portugal, tendo a sua eleição sido determinante para o desempenho desses papéis. Sob outro aspecto, a sua eleição significou o estreitamento de relações com os enviados portugueses a Londres, o que potenciou o estabelecimento de relações de amizade com diversas personalidades influentes da sociedade portuguesa.

A questão dos medicamentos de segredo e da Água de Inglaterra, em particular, é, como foi referido, aquela que levanta maiores problemas, por ser difícil enquadrar este tipo de actividade com o Sarmiento newtoniano, activamente empenhado em contribuir para o desenvolvimento médico e científico do seu país. Ainda assim, existem alguns aspectos que não foram devidamente abordados, nomeadamente o estatuto da Água de Inglaterra entre os outros medicamentos de segredo, e os modos como o médico português procurou validar os alegados efeitos dos seus medicamentos.

Relativamente às suas obras, raramente se fez a análise do seu impacto entre o público leitor e as elites portuguesas. Contudo, essa é a única forma que temos de avaliar o modo como as suas obras foram recebidas pelo público leitor e, assim, ter uma ideia, ainda que necessariamente parcelar, sobre a sua relevância na modernização da medicina e ciência portuguesas da época.

A consulta da historiografia sobre Sarmiento permite concluir que de todas as suas obras, apenas a *Materia Medica* e a *Theorica Verdadeira das Mares* foram analisadas com algum detalhe, sendo omissos o facto de algumas das restantes terem desempenhado um papel relevante contribuindo, por exemplo, para o estabelecimento do seu prestígio internacional e nacional e para a difusão das ideias dos autores modernos em Portugal. Neste contexto, a primeira obra publicada pelo autor português, intitulada *A Dissertation on the Method of Inoculating the Small-Pox, with Critical Remarks on the Several Authors who have treated this Disease*, editada em 1721, pouco tempo depois de ter chegado a Londres, é exemplar e será analisada nesta dissertação.

A resposta a estas questões tem um alcance maior do que apenas a revelação de aspectos da vida de Sarmiento. De facto, os portugueses residentes no estrangeiro tiveram um papel fundamental

---

<sup>17</sup> As comunicações de Sarmiento e de outros portugueses durante o século XVIII encontram-se descritas em Rómulo de Carvalho, 1955. Carvalho apresenta uma pequena descrição de cada uma das comunicações, fornecendo indicações biográficas sobre os autores das comunicações.

na circulação e apropriação das ideias dos modernos, podendo a actividade do médico português ser tomada como exemplar do modo como esse processo ocorreu em Portugal. O principal objectivo deste trabalho consiste, por isso, na tentativa de clarificação das questões consideradas, e de outras que surgiram na sequência da investigação realizada, procurando elucidar os aspectos mais significativos e controversos da sua vida e obra.

### 3. Abordagens historiográficas

Uma primeira análise da historiografia sobre Sarmiento permite concluir que o número de fontes primárias disponíveis em Portugal sobre a sua vida e obra é relativamente diminuto. Para além das obras impressas, de dois manuscritos que assim permaneceram, são conhecidas algumas cartas, sendo que algumas delas são mencionadas em obras portuguesas da época, dado o facto de os originais se terem perdido. As restantes fontes disponíveis incluem um projecto para um horto botânico e reproduções dos dois retratos do médico português. Tanto quanto foi possível determinar, o panorama não se altera de forma significativa quando se consideram as fontes disponíveis em Londres, cidade onde Sarmiento viveu desde que chegou a Inglaterra. Ainda assim, a pesquisa realizada na capital inglesa foi importante, dado ter permitido a identificação de algumas fontes inéditas.

A escolha da metodologia a seguir foi em larga medida condicionada pela escassez de fontes. Assim, e numa primeira fase, foi feita a análise exaustiva das obras de Sarmiento, incluindo aquelas que raramente haviam sido consideradas pela historiografia portuguesa. No âmbito da pesquisa realizada, foi possível aceder a algumas obras e documentos que não existem em Portugal, merecendo especial destaque a primeira edição da sua obra dedicada à inoculação das bexigas, publicada pouco tempo depois de ter chegado a Londres e que, como referimos, tem passado praticamente despercebida.

Numa segunda fase, a pesquisa incidiu sobre as obras de autores portugueses contemporâneos de Sarmiento onde se fazem referências aos seus livros, procurando assim determinar o impacto da sua produção literária, médica e científica entre o público leitor a que se destinava. Este aspecto é extremamente relevante, já que a alusão aos livros médicos e científicos de Jacob de Castro Sarmiento em obras escritas por autores portugueses da época é uma das formas pelas quais se pode avaliar o seu impacto entre as elites portuguesas e o público leitor.

Deve ser enfatizado que esta abordagem é diversa da que foi seguida pela maior parte dos historiadores que aludiram à produção literária do médico português. De facto, o brilhantismo ou o carácter inovador das suas obras mais famosas, como a *Materia* ou a *Theorica*, têm amiúde sido invocados para justificar a sua importância no contexto da medicina e da ciência portuguesas deste período. No entanto, para que um dado livro tenha impacto é necessário que



seja lido, pelo que todos os dados que permitam esclarecer este aspecto são fundamentais para concluir sobre a sua verdadeira importância.

A presença de um livro numa biblioteca particular também permite ter alguma informação sobre o seu sucesso. Sendo certo que este facto, só por si, não permita determinar se o proprietário de um dado livro o leu ou não, é ao menos indicativo do seu interesse. Numa época em que os livros eram dispendiosos, os leitores tinham tendência a comprar aqueles que mais lhes interessavam, pelo que a presença de uma obra numa dada biblioteca é um dado relevante. Assim, uma parte da pesquisa incidiu sobre as bibliotecas particulares<sup>18</sup>, especialmente de pessoas pertencentes às classes profissionais onde as obras de Sarmento terão tido maior impacto, como os médicos, os boticários, ou os cirurgiões. Esta abordagem é também diversa da que tem sido seguida pelos historiadores portugueses.

Os aspectos relacionados com a edição, publicitação, circulação e contrafacção das obras também foram considerados, procurando seguir o seu percurso editorial desde a impressão até ao leitor. Deve ser notado que o novo modelo da história do livro<sup>19</sup>, cuja abordagem seguimos, é complexo e interdisciplinar, dado considerar como relevantes todos os contextos em que o livro existe, desde o momento em que é escrito pelo seu autor até ao momento em que é lido, enfatizando o papel de todos os actores envolvidos. A elucidação das questões relacionadas com a edição das obras do médico português e com a sua recepção pelo público leitor é um dos principais objectivos do presente trabalho.

Uma das questões importantes na análise das obras de Sarmento decorre do modo como o autor procurou legitimar as novas ideias nelas veiculadas, pelo facto de as mesmas serem tão diversas daquelas que eram seguidas pelos seus contemporâneos nacionais. De modo a explorar devidamente esse aspecto, julgou-se pertinente seguir a abordagem seguida por alguns sociólogos da ciência, em obras como *Leviathan and the Air-Pump Hobbes, Boyle, and the Experimental Life* (1985) de Steve Shapin e Simon Schaffer, procurando explorar as diferentes estratégias utilizadas por Sarmento para sustentar as ideias veiculadas nas suas obras e encontrar as semelhanças com as que foram seguidas pelos filósofos naturais ingleses, como Robert Boyle<sup>20</sup>.

---

<sup>18</sup> Em 10 de Julho 1769, a recém-criada Real Mesa Censória publicou um Edital ordenando a todos os súbditos possuidores de livros, o envio das respectivas listas. Cf. ANTT, RMC, Cx. 114-147.

<sup>19</sup> A História do Livro, enquanto área autónoma, deve muito aos trabalhos de Febvre e de Eisenstein. Ver Febvre, 1976 e Eisenstein, 1979. Nos anos seguintes, diversos autores deram valiosos contributos para o aumento do escopo da área, definindo novas formas de abordar o livro. Ver por exemplo Darnton, 1982 e Chartier, 1997. A tese defendida por Eisenstein quanto à fixidez da obra impressa foi contestada por Adrian Johns, numa das obras mais influentes da área, *The Nature of the Book*. Ver Johns, 1998. No âmbito dos livros científicos, ver Marina Frasca-Spada, Nick Jardine (eds), 2000.

<sup>20</sup> Este aspecto já foi considerado em Pinto, 2011, onde se faz uma análise da obra médica mais importante de Sarmento, a *Materia Medica*. A abordagem seguida foi particularmente relevante na interpretação de qual o significado a atribuir à expressão “matéria de facto”, e de como Boyle utilizava diferentes estratégias para a legitimação das suas observações e conclusões, tendo servido de modelo para

Como já foi referido, a actividade de Sarmento pode ser tomada como exemplar do modo como as ideias circularam entre o centro e a periferia da Europa. Tendo em conta as questões historiográficas, suscitadas por Gravoglu et al<sup>21</sup>, a análise feita teve em consideração o facto de os termos “centro” e “periferia” não serem termos neutros, procurando enfatizar, por exemplo, o facto de as relações entre Sarmento e os seus correspondentes terem ocorrido nos dois sentidos e de a apropriação das ideias ser um processo complexo em que o receptor não se limita, de forma neutra, a assimilar o que lhe é apresentado.

#### **4. Plano da tese**

A tese está organizada em sete capítulos. Os dois primeiros dizem respeito ao Sarmento público, enquanto membro da comunidade sefardita de Bevis Marks e enquanto sócio da Royal Society. O terceiro capítulo aborda a temática dos medicamentos de segredo, sendo atribuída particular relevância à Água de Inglaterra. Os restantes quatro capítulos incidem sobre as suas principais obras médicas e científicas.

No Capítulo I é analisada a importância do judaísmo na vida pessoal e profissional de Sarmento. A adesão à congregação sefardita de Londres terá contribuído para a sua afirmação no seio da comunidade médica londrina, mas também lhe provocou alguns dissabores, que irão ser considerados com o devido detalhe. Serão também analisados os factores que terão contribuído para, anos mais tarde, tomar a decisão de abandonar a congregação que o tinha acolhido. Dado o facto de existir um conjunto significativo de fontes sobre este aspecto, este é o capítulo com mais informação de carácter biográfico.

A eleição do médico português para a Royal Society será considerada no Capítulo II. Neste capítulo irá ser considerado com o devido detalhe qual o significado desta eleição para o estabelecimento do seu prestígio no seio da comunidade médica e científica do seu tempo. Neste âmbito, serão analisadas as diversas actividades realizadas por Sarmento no âmbito da sociedade londrina, dando a conhecer alguma informação que, tanto quanto pudemos apurar, tem carácter inédito.

O Capítulo III aborda a questão dos medicamentos de segredo no contexto da sua obra médica e científica. O médico português foi produtor de medicamentos de segredo, sendo esta uma das suas facetas mais polémicas. A discussão realizada tem como principal objectivo contribuir para o debate em torno deste assunto, procurando, em particular, determinar como é que o mesmo era percebido pelos seus contemporâneos.

---

a análise das estratégias empregues por Sarmento nas suas obras. Ver também a influente obra de Shapin: Shapin, 1994.

<sup>21</sup> Ver Gravoglu et al, 2008.

As obras mais importantes do médico português exilado em Londres são consideradas nos quatro capítulos seguintes. No Capítulo IV será analisada um dos livros menos conhecidos de Sarmiento em Portugal, publicado originalmente sob o título de *A Dissertation on the Method of Inoculating the Small-Pox, with Critical Remarks on the Several Authors who have tretated this Disease*, em 1721, pouco tempo depois de ter chegado a Londres. Esta obra apresenta alguns aspectos relevantes que serão considerados com o devido detalhe, nomeadamente o facto de ter alcançado projecção internacional, e de ser, no conjunto das obras escritas pelo médico exilado em Londres, aquela que terá sido mais importante no estabelecimento da sua reputação e prestígio científico em Inglaterra. Por outro lado, o seu conteúdo levanta algumas questões historiográficas relevantes no contexto da sua vida intelectual.

No Capítulo V, será considerada a *Materia Medica*, editada em 1735 e reeditada em 1758. Esta obra é justamente considerada em Portugal como a mais importante do autor português, apesar de raramente ter sido analisada com detalhe<sup>22</sup>. Assim, irá ser feita uma exploração dos aspectos considerados como mais relevantes, incluindo o seu sucesso e a sua influência na medicina portuguesa. Estes dois aspectos são extremamente importantes por permitirem concluir qual terá sido a contribuição da *Materia* para a modernização da medicina portuguesa e determinar como foi recebida pelos médicos portugueses.

O Capítulo VI será dedicado à temática das águas minerais, dada a sua relevância no âmbito do pensamento médico de Sarmiento. Para além de a sua segunda obra, escrita ainda antes de ser eleito sócio da Royal Society, abordar este assunto, o médico português dedicou uma parte considerável da *Materia Medica* à água, e às águas minerais, em particular, tendo publicado em 1753 um apêndice àquela obra onde dá conta das análises realizadas com amostras de água enviadas das Caldas da Rainha para Londres. O esforço despendido na elucidação das propriedades terapêuticas destas águas termais terá contribuído para o aumento do interesse na utilização racional das águas portuguesas para fins terapêuticos pelos médicos nacionais.

Finalmente, no Capítulo VII, irá ser analisada a obra que mais se distingue do conjunto da produção literária científica de Sarmiento. A *Theorica Verdadeira das Mares*, editada em 1737, tem um estatuto ímpar no contexto português, dado ter sido, como foi referido atrás, a primeira obra escrita em português a abordar as ideias de Newton. A questão do seu sucesso e do impacto nas elites portuguesas será considerada com algum detalhe, procurando elucidar alguns aspectos menos claros quanto à sua relevância no contexto da difusão e apropriação das ideias de Newton.

---

<sup>22</sup> A obra foi analisada recentemente em Pinto, Hélio, 2011. Este artigo serviu de base ao Capítulo V, procurando-se complementar alguma da informação aí disponibilizada, e fornecer alguns dados adicionais que podem ser importantes para a compreensão da obra no contexto das obras médicas portuguesas deste período.



## CAPÍTULO I

### SARMENTO: DE CRISTÃO-NOVO A DEÍSTA NEWTONIANO

[...] o presente estado das Cousas não foi produzido por acidente, ou acaso, mas sim formado, e disposto pelo alto conselho, e incompreensível desígnio de hum Agente Eterno, Inteligente, e Puro, o Geometra Todo poderoso; o qual construiu, e formou todas as Cousas por huma certa, e exacta mensura, de *Numero, Peso e Medida*.

Jacob de Castro Sarmiento, 1737

Would you know what religion he had  
Be his character thus be understood  
*A Dissenter* from all that is bad  
*A Consenter* to all that is good

William Wadd, 1827

O epitáfio póstumo de Sarmiento, reproduzido acima, foi incluído numa obra de William Wadd (1776 - 1829)<sup>1</sup>, intitulada *Nugæ Canoræ, or Epitaphian Mementoes (in stone-cutters' verse) of the Medici Family* (1827)<sup>2</sup>. No breve texto que acompanha o epitáfio Wadd alude ao médico português como um “homem de ciência e bom senso”, (Wadd, 1827: 5). No entanto, e provavelmente de forma intencional, o autor também refere que, na época em que Sarmiento viveu, as associações políticas e as seitas religiosas eram um excelente meio para alcançar o sucesso profissional (Wadd, 1827: 5)<sup>3</sup>. Dado o contexto em que é feito o comentário, o autor do epitáfio parece acusar implicitamente o médico português de ter utilizado a religião judaica como forma de alcançar prestígio social e profissional, abandonando a congregação judaica a que pertencia logo após a concretização das suas ambições.

---

<sup>1</sup> Wadd era um cirurgião de algum renome, tendo escrito algumas obras médicas. A sua obra mais conhecida foi *Nugæ Chirurgicæ, or a Biographical Miscellany illustrative of a Collection of Professional Portraits*, London: John Nichols and Son, 1824, uma coletânea de retratos, onde também se apresentavam algumas notas biográficas sobre os retratados.

<sup>2</sup> A obra reúne um conjunto de epitáfios de médicos ingleses do século XVIII, tendo cada epitáfio um breve comentário crítico.

<sup>3</sup> Traduzido do inglês. Reproduz-se a seguir a citação no original: “In Dr. De Castro time, political association and religious sects were considered excellent roads to professional success.”

O judaísmo teve um papel importante na vida de Sarmiento, pelo que a acusação de Wadd parece ser injusta. De resto, são conhecidas diversas manifestações do seu compromisso para com a religião judaica e do seu envolvimento na comunidade sefardita londrina, particularmente nos primeiros anos após a sua chegada à capital inglesa. No entanto, após a morte de David Netto, seu mentor e protector no seio da congregação de Bevis Marks, as suas relações no seio da congregação foram piorando levando a que, anos mais tarde, abandonasse o seu primeiro elo de ligação à sociedade londrina.

Assim, e mesmo que a acusação de Wadd seja injusta, é evidente que as crenças do sefardita português sofreram uma alteração notável, provavelmente como consequência da conversão ao newtonianismo, ocorrida anos atrás quando Netto ainda era vivo. A partir de 1730, data da sua admissão à Royal Society, Sarmiento parece ter começado a crer numa divindade muito diferente do Deus judeu. De facto, o Deus a que alude, no *Scholio* da *Verdadeira Theorica das Mares*, é muito diferente do Deus de Moisés, sendo um sinal evidente de que cerca de 15 anos após a sua circuncisão, a sua postura relativamente à religião mosaica havia mudado de forma radical.

Neste capítulo, irá ser abordado o percurso religioso de Sarmiento. As primeiras secções abordam o período da sua vida em que viveu em Portugal e, em particular, o impacto que as perseguições religiosas movidas pela Inquisição provocaram na sua família. A ida para Londres, em 1721, e a sua inclusão na congregação de Bevis Marks marcam o início do período em que é mais evidente o seu compromisso para com a religião judaica. Este período irá ser analisado, procurando determinar quais os aspectos que poderão ter contribuído para a evolução do pensamento religioso do sefardita português. A importância do newtonianismo e a sua relação com o judaísmo irá ser analisada com algum detalhe, já que o processo de “conversão” seguido pelo médico português pode ser considerado como exemplar de como os filósofos naturais do século XVIII lidaram com as consequências teológicas das ideias de Newton. A “sagrada aliança” entre a Igreja Anglicana e o newtonianismo, estabelecida, entre outros, por Richard Bentley e William Whiston, sob o patrocínio do próprio Newton, procurou conciliar a perspectiva anglicana com o modo newtoniano de ver o mundo (Dobbs, Jacob, 1995:68), procurando afastar a possibilidade do deísmo. David Netto, líder da comunidade de Bevis Marks e também ele newtoniano, procurou fazer algo semelhante no seio da sua comunidade. Como Netto era amigo de Sarmiento, a sua influência deve ter sido significativa, havendo indícios de que o líder religioso poderá ter sido importante na evolução da postura religiosa do médico português.

Por outro lado, a relação de Sarmiento com os membros da congregação nunca foi pacífica, devido à postura frequentemente displicente com que encarava os ritos judaicos. Assim, os motivos para a sua dissensão poderão ter sido de diversa ordem, sendo importante clarifica-los. Estes aspectos serão analisados com o devido detalhe nas secções finais, procurando determinar

quais as razões que levaram à sua dissensão, de modo a averiguar se Wadd tinha ou não motivos para a sua crítica.

## **1. Um cristão-novo em Portugal**

### **1.1. Os primeiros anos**

Henrique de Castro Sarmiento<sup>4</sup> nasceu em 1691, na cidade de Bragança, filho de Francisco de Castro Almeida e Violante Mesquita, ambos cristãos-novos, nome atribuído aos judeus convertidos ao catolicismo durante o reinado de D. Manuel I<sup>5</sup>. Os seus pais, também naturais de Bragança, provinham de famílias judaicas estabelecidas na província de Trás-os-Montes há muitas gerações.

Em 1497, e por ordem de D. Manuel I, os rapazes judeus portugueses com menos de 14 anos foram baptizados de forma compulsiva. Entre estes rapazes encontrava-se um familiar de Sarmiento, chamado Francisco Rodrigues (Andrade, Guimarães, 2010:39), que na altura vivia em Chaves. Anos mais tarde, e já depois de a Inquisição ter sido introduzida em Portugal, durante o reinado de D. João III, Francisco Rodrigues foi preso, sendo o primeiro de uma longa lista de familiares de Sarmiento presos pela Inquisição<sup>6</sup>, sob acusação de seguirem o judaísmo<sup>7</sup>.

A introdução da Inquisição em Portugal, em 1536, promulgada pelo Papa Paulo III a 23 de Maio, alterou de forma dramática a relação dos cristãos-novos com as autoridades nacionais. Até essa altura, os judeus tinham gozado de alguma tolerância por parte das autoridades centrais e locais, podendo seguir a sua religião sem entraves de maior. Doravante, os judeus perderam alguns dos seus direitos de cidadania, não podendo, por exemplo, ocupar certos lugares

---

<sup>4</sup> Curiosamente o apelido Sarmiento não faz parte do nome dos seus pais. É possível que esta fosse uma forma de proteger o filho de ser identificado como tendo um pai judeu.

<sup>5</sup> Em 5 de Dezembro de 1496, D. Manuel I ordenou a expulsão dos judeus e dos mouros do território nacional, dando, no entanto, a possibilidade de conversão ao catolicismo àqueles que desejassem permanecer em Portugal. O rei estava certamente ciente da importância dos judeus no contexto da sociedade portuguesa de então e do seu peso na economia do reino, tendo por essa razão realizado diversas acções com o objectivo de condicionar a decisão dos potenciais convertidos, incluindo a conversão forçada. Ver Saraiva, 1969:38–40.

<sup>6</sup> Para uma descrição mais pormenorizada dos processos da Inquisição contra familiares de Sarmiento consultar Andrade, Guimarães, 2010. Esta obra reúne um conjunto significativo de processos, sendo um contributo relevante para o conhecimento da família de Sarmiento e da importância que a Inquisição teve na vida dos seus familiares. O facto de o número de detenções ser extremamente elevado, é uma evidência do impacto da acção da Inquisição nas famílias de origem judaica.

<sup>7</sup> Como muitos dos cristãos novos foram convertidos à força, permaneceram em muitos casos, fiéis aos seus antigos ritos e costumes. As práticas ditas “judaizantes” foram muito utilizadas pela Inquisição para instaurar os seus processos. No entanto, estas importantes diferenças religiosas ancestrais não explicam totalmente as razões que levaram a que os cristãos novos tenham sido perseguidos de forma tão persistente ao longo do tempo. A instauração de um processo a um cristão-novo conduzia normalmente ao confisco dos seus bens, mesmo se a condenação não incluísse penas mais severas. O dinheiro obtido deste modo servia para encher os cofres da instituição e, por consequência da coroa portuguesa – ver Saraiva, 1969:62. A perseguição aos cristãos novos não decorreu, portanto, apenas de questões religiosas, existindo outros interesses.

públicos. Ainda assim, esse estatuto de menoridade social não impediu a admissão de cristãos-novos na Universidade de Coimbra.

Como consequência desta alteração de estatuto social, a distinção entre cristão-velho e cristão-novo passou a ser importante. Mesmo se com o passar do tempo os descendentes de cristãos-novos fossem abandonando as tradições judaicas, e provavelmente as suas próprias crenças, o facto de provirem de famílias judaicas era suficiente para serem alvo de discriminação no seio das comunidades onde viviam (Marcocci, Paiva:244) e alvos preferenciais da Inquisição.

A Inquisição perseguiu com particular afinco o judaísmo, considerando a sua prática como um delito (Bettencourt, 1994:22), tendo sido responsável pelo encarceramento, tortura e morte de muitos cristãos-novos, e, na maior parte dos casos, pelo confisco dos seus bens. Esta situação continuou até à segunda metade do século XVIII, quando o Marquês de Pombal reduziu de forma significativa os poderes da referida instituição, pondo término à perseguição aos cristãos novos<sup>8</sup>, repondo os seus direitos de cidadania (Saraiva, 1969:306-9).

No período compreendido entre os últimos anos do reinado de D. Pedro II, no fim do século XVII e início do século XVIII, e os primeiros anos do reinado de D. João V, a temível instituição religiosa esteve particularmente activa, sendo este um dos períodos da sua história em que se realizou um maior número de autos de fé (Azevedo, 1989:332) e de condenações<sup>9</sup>, o que teve consequências devastadoras para algumas das províncias onde os cristãos-novos viviam em maior número, como Trás-os-Montes e Alentejo<sup>10</sup>.

As diversas detenções efectuadas pela Inquisição na cidade de Bragança no final do século XVII (Keyserling, 2009:372), levaram muitas famílias a abandonar a cidade em busca de um local mais seguro para viver<sup>11</sup>. Alguns deles optaram por sair do país, rumo a países mais tolerantes,

---

<sup>8</sup> Em 1769, o Marquês de Pombal declarou a Inquisição tribunal régio, abolindo portanto o poder de Roma sobre a instituição. Em 1774 foi publicada legislação que anulava objectivamente a diferença entre cristãos novos e cristãos velhos. A influência dos estrangeirados nesta decisão parece ter sido relevante, nomeadamente através de Luís António Verney e de Ribeiro Sanches. Para mais informações consultar por exemplo Saraiva, 1969, ou Oliveira Ramos, 1982.

<sup>9</sup> Entre 1682 e 1750, a média da realização de autos de fé foi de dois por ano (Marcocci, Paiva, 2013:264). Esta média não é porém, representativa de períodos específicos como o considerado.

<sup>10</sup> Até ao século XIX, o país estava dividido em seis províncias: Algarve, Alentejo, Estremadura, Beira, Entre Douro e Minho (ou apenas Minho) e Trás-os-Montes.

<sup>11</sup> No seu *Testamento Político*, dedicado ao futuro rei D. José I, D. Luís da Cunha, que se distinguiu como diplomata ao serviço da coroa portuguesa, relaciona explicitamente o abandono de terras em Bragança com a acção da Inquisição, alertando o futuro rei da situação grave em que o país se encontrava. O seguinte excerto é extremamente elucidativo da sua postura: “Da mesma sorte dissera que V.A. acharia certas boas povoações quasi desertas, como por exemplo na Beira Alta os grandes lugares da Covilhã, Fundão, e Cidade da Guarda, e de Lamego; em Trás-os-Montes a Cidade de Bragança, e destruídas as suas manufacturas. E se V.A. perguntar a causa desta dissolução, não sei se alguma pessoa se atreverá a dizer-lha com a liberdade que eu terei a honra de fazê-lo; e vem a ser que a Inquisição prendendo hum por crime de Judaísmo, e fazendo fugir outros para fora do Reino com os seus cabedades, por temerem que lhos confiscassem, se fossem prezos, foi preciso que tais manufacturas cahissem, porque os chamados Christãos Novos os sustentavão, e os seus obreiros, que nellas trabalhavam, erão em grande numero, foi necessario que se espalhassem, e fossem viver em outras partes, e tomassem outros officios para ganharem o seu pão, porque ninguem se quiz deixar morrer de fome”, citado em Cunha, 1820.



como a Holanda ou a Inglaterra, enquanto outros se deslocaram para outras localidades portuguesas.

É provável que a família de Sarmiento tenha saído de Bragança devido às referidas perseguições procurando evitar possíveis problemas com a Inquisição. Assim, e quando Sarmiento tinha entre 6 e 7 anos (Barnett, 1982:84)<sup>12</sup>, a sua família moveu-se para o Alentejo, acabando por se fixar em Mértola<sup>13</sup>, onde iniciou os seus estudos. É possível que a escolha de Mértola<sup>14</sup> se tenha devido à presença naquela localidade de familiares ou amigos da sua família.

Em 1706, a Inquisição de Évora iniciou um processo contra Francisco de Castro Almeida<sup>15</sup> tendo a sua prisão ocorrido em 1708 (Dias, 1997:653)<sup>16</sup> e os seus bens confiscados no seguimento do processo. Para agravar a situação, a mãe de Sarmiento morreu por volta desta altura<sup>17</sup>. Estes eventos foram certamente traumáticos para o futuro médico português; órfão de mãe, e com o pai preso pela Inquisição, este deve ter sido um dos piores períodos da sua vida, ainda que não tenham tido repercussão no seu percurso escolar, tendo sido admitido na Universidade de Évora (D'Esaguy, 1946:17) para frequentar o Curso de Artes.

A estadia em Évora deve ter sido suportada por algum familiar<sup>18</sup>. É possível que o seu pai, prevendo a sua prisão, tenha acautelado o futuro da sua família, escondendo parte dos seus bens, confiando a familiares ou a amigos a sua gestão. Esta hipótese é suportada pelo facto de não existirem evidências de que a questão financeira tenha sido um problema para Sarmiento. Por outro lado e dada a morte da mãe teria seguramente de viver com parentes, ou em casa de pessoas amigas dos seus pais.

Sarmiento obteve o grau de Mestre em Artes pela Universidade de Évora em 1710. No mesmo ano em que concluiu os seus estudos, o seu pai compareceu no auto de fé realizado a 20 de Julho no tabuleiro da Igreja de Santo Antão de Évora, tendo sido condenado a cárcere e hábito por tempo indeterminado. Não foram encontradas quaisquer referências adicionais relativamente a Francisco de Castro Almeida, exceptuando o facto de em 1713 ainda se

---

<sup>12</sup> Esta informação não foi confirmada. Barnett não refere as fontes em que se baseou para fazer esta afirmação.

<sup>13</sup> Sarmiento alude a ter vivido em Mértola na sua obra *Materia Medica* (1758), p. 438.

<sup>14</sup> A estadia em Mértola é mencionada, com alguma nostalgia, na segunda edição da *Materia Medica* (1758), a sua obra médica mais importante. Comentando a ideia preconcebida de que o consumo exagerado de medronhos poderia levar à embriaguez, Sarmiento refere ter comido grandes quantidades daquele fruto, no caminho de Mértola para Beja, quando ainda era de “idade florente”, e não ter notado quaisquer efeitos - ver Sarmiento, 1758. Este comentário deve ter sido escrito em 1756 ou 1757, quando Sarmiento se encontrava numa fase avançada da sua vida. As alusões deste à sua vida em Portugal aparecem principalmente nas suas últimas obras. Devido à sua idade avançada, talvez o autor sentisse de forma mais intensa e nostálgica a sua vida passada em Portugal, recordando a sua infância e juventude.

<sup>15</sup> Cf. ANTT, Inquisição de Évora, proc. 3019.

<sup>16</sup> Na mesma altura, a Inquisição de Évora também prendeu um filho do seu pai de um casamento anterior, João de Castro Almeida. Cf. ANTT, Inquisição de Évora, proc. 6692.

<sup>17</sup> Alguns autores defenderam que a mãe de Sarmiento teria morrido nos calabouços da Inquisição de Évora, ver Barnett, 1982, mas a leitura do processo contra o pai de Sarmiento permite esclarecer que Violante de Mesquita já havia morrido, dado Francisco Almeida ter afirmado ser viúvo pela segunda vez.

<sup>18</sup> Também é possível que nem todos os bens da família tivessem sido confiscados.

encontrar preso nos calabouços da Inquisição de Évora<sup>19</sup>. Sarmiento, por sua vez, nunca fez qualquer alusão ao seu pai<sup>20</sup>.

## 1.2. Do Alentejo para Coimbra

Em 1711, após a conclusão dos seus estudos em Évora, o recém-formado Mestre em Artes foi para Coimbra, de modo a ingressar na universidade daquela cidade. A ida para Coimbra confirma a hipótese de que não existiriam problemas financeiros na sua família, já que os gastos associados à sua deslocação e à frequência da universidade eram elevados. A sua admissão na Universidade de Coimbra não parece ter sido afectada pelo facto de possuir ascendência judaica<sup>21</sup>, como de resto sucedeu a Isaac de Sequeira Samuda, ou António Nunes Ribeiro Sanches, (1699-1783), que também frequentaram a mesma universidade, apesar de serem cristãos-novos<sup>22</sup>.

A consulta dos Arquivos da Universidade de Coimbra permite verificar que Sarmiento obteve o grau de Bacharel em Artes em 1714<sup>23</sup>. O local de nascimento indicado no registo é Mértola, possivelmente por ter sido aí que iniciou os seus estudos. Contudo, e tendo em consideração os problemas que a sua família teve com a Inquisição, é muito provável que o local de nascimento fosse propositadamente alterado de modo a diminuir a possibilidade de ser identificado como familiar de uma pessoa condenada pela Inquisição. De qualquer modo, o facto de ser descendente de judeus não teve influência no seu percurso académico tendo, de acordo com as informações disponíveis, obtido o grau de doutor em medicina em 1717.

É possível que os primeiros contactos com as ideias modernas tenham ocorrido enquanto se encontrava a estudar naquela instituição. Apesar de não existirem dados que sustentem a referida especulação, parece evidente que no início do século XVIII, as ideias dos autores modernos começavam a ser conhecidas e discutidas na universidade, ainda que em círculos

---

<sup>19</sup> Cf. ANTT, Inquisição de Évora, Proc. n.º 3019.

<sup>20</sup> Nas suas obras, Sarmiento nunca tece quaisquer comentários relativamente à Inquisição, nem tece críticas relativamente a qualquer aspecto que não se relacione com a necessidade de fomentar em Portugal o ensino dos autores modernos. Deve ser notado que Sarmiento precisava de ter uma relação saudável com as autoridades nacionais, dado o facto de comercializar em Portugal diversos medicamentos, incluindo a conhecida Água de Inglaterra.

<sup>21</sup> Também é possível que Sarmiento escondesse a sua origem judaica. Como foi referido atrás, o seu apelido não é de família.

<sup>22</sup> Existe uma relação entre a medicina ibérica e o judaísmo que é extremamente interessante. De facto, e desde a Idade Média, o número de médicos portugueses e espanhóis de origem judaica é bastante elevado, tendo alguns deles fugido de Portugal, para escapar às perseguições feitas pela Inquisição. Para mais informações sobre este assunto ver Arrizabalaga, 2007.

<sup>23</sup> Cf. Arquivo BUC, *Actos e Graus* 55, Caderno 1º, 247. Andrade e Guimarães consideram na sua obra, referida anteriormente, que Sarmiento terá adoptado este apelido aquando da chegada a Londres. No entanto, o documento referido atrás mostra que em 1714 já o utilizava. Como foi referido anteriormente, é possível que a utilização do apelido Sarmiento, em vez de Almeida, fosse uma forma de esconder a sua filiação, de modo a ocultar o facto de ser de uma família judaica.

restritos. De facto, em 1712, quando Sarmiento era aluno da universidade, foi publicado, por ordem do rei D. João V, um édito onde se proibiam quaisquer alusões aos autores modernos:

...por haver noticia no meu Tribunal da Meza da Cons.<sup>cia</sup> e Ordens que no Collegio da companhia dessa Cidade se quer introduzir nas Cadeiras de Filozofia outra forma de Lição da que athe agora se observava e mandaõ os estatutos. Hey por bem e vos mando que havendo nesta materia algua alteraçã a façais evitar<sup>24</sup>.

Este edital mostra que não era tolerada qualquer tentativa de inovação nos currículos dos cursos ministrados na universidade. Também permite inferir que deveriam existir alguns alunos e, possivelmente, também alguns professores, interessados nas ideias dos autores modernos, sendo provável a existência de círculos restritos onde as mesmas fossem referidas e debatidas. Sarmiento poderá, assim, ter contactado com algumas obras de autores modernos enquanto ainda era aluno em Coimbra.

Os contactos estabelecidos neste período foram importantes anos mais tarde, quando o médico português se encontrava em Londres procurando contribuir para o desenvolvimento da medicina portuguesa e estabelecer a sua Água de Inglaterra como alternativa aos medicamentos similares existentes nas boticas portuguesas. Existem evidências, por exemplo, de que João Pessoa da Fonseca, Manuel Dias Ortigão e Amaro Rodrigues da Costa, mais tarde lentes da Universidade de Coimbra, terão sido seus colegas (d'Esaguy, 1946:17)<sup>25</sup>, já que na carta que acompanha a primeira edição da *Materia Medica* (1735), estes médicos se subscrevem como “amantes condiscípulos” (Sarmiento, 1735:13).

Como foi referido atrás, Ribeiro Sanches foi admitido na universidade em 1716, pelo que os dois se devem ter conhecido nessa altura<sup>26</sup>. O percurso pessoal de Sanches tem semelhanças evidentes com o de Sarmiento. Sanches foi denunciado como cristão-novo por um seu familiar, tendo esse facto motivado a sua decisão em abandonar o país, tendo passado por diversas cidades europeias, incluindo Londres. Aquando da sua passagem por esta cidade, os dois antigos condiscípulos de Coimbra encontraram-se, sendo clara a existência de uma relação entre os dois. Este aspecto é significativo, dada a importância que ambos tiveram na modernização da medicina e ciência portuguesas.

---

<sup>24</sup> Cf. Arquivo da Universidade de Coimbra, *Provisões*, 5, 32. O edital real foi reproduzido na Introdução ao Ensaio Philosophico sobre Locke de Joaquim de Carvalho

<sup>25</sup> D'Esaguy refere que esta informação foi retirada de Maximiano Lemos, 1910. Estes médicos atestam a qualidade da Água de Inglaterra na primeira edição da *Materia Medica* (1735), a obra médica mais importante de Sarmiento. Para mais informações ver o capítulo III, onde se abordam as questões relacionadas com os medicamentos de segredo.

<sup>26</sup> Existem diversas indicações de que os dois médicos se tenham conhecido. Sanches esteve em Londres durante algum tempo, tendo ocorrido contactos entre os dois. Também existem indicações de que os dois terão mantido contacto até à morte de Sarmiento.

A passagem de Sarmento pela Universidade terá, assim, sido especialmente importante por ter permitido o estabelecimento de relações com diversos médicos portugueses, que se terão mantido ao longo do tempo, e por ter possibilitado o seu contacto com as ideias dos autores modernos.

### 1.3. Médico em Portugal

Depois de ter obtido o grau de doutor em Medicina, Sarmento exerceu a sua profissão no Algarve e no Alentejo, existindo indícios de que estava em Beja por volta de 1720. O próprio refere na sua obra *Sobre o Uso e Abuso das minhas Agoas de Inglaterra* (1756) ter praticado medicina em diversas localidades do Alentejo, com um seu colega, o Dr. Pedro Dias Nunes (Sarmento, 1756:100), apesar de não especificar datas. Sendo esta a região onde havia passado a sua juventude, é natural que o recém-formado médico se tenha sentido compelido a regressar. Para além dos seus familiares, deveria ter amizades dos seus tempos de estudante que o poderão ter ajudado no início da sua actividade profissional. Por outro lado, o Alentejo era uma das províncias mais atacadas pelas febres intermitentes (designadas actualmente por paludismo), uma temática que desde cedo o interessou<sup>27</sup>.

No entanto, a sua presença no Alentejo não era isenta de perigos. Durante o período em que Sarmento se encontrava nesta província, a Inquisição local realizou um número elevado de detenções, tendo a maior parte ocorrido em Elvas, localidade que frequentava com regularidade. Apesar de não ter sido preso, o seu nome constava de uma lista de 92 pessoas denunciadas pelo Dr. Francisco de Sá Mesquita à Inquisição de Évora<sup>28</sup>, pelo que a possibilidade de ser preso passou a ser muito real. Receando ser detido, o médico português foi para Lisboa, localidade onde viviam alguns dos seus familiares.

Existem evidências<sup>29</sup> de que o pai de Sarmento visitava com alguma frequência a capital portuguesa. No processo da Inquisição contra Francisco de Castro Almeida é mencionada uma sobrinha, que vivia na capital, de onde se pode inferir que alguns dos seus familiares viviam em Lisboa. Como o médico português contraiu matrimónio com uma sua prima, de nome Isabel Inácia, também ela de origem judaica<sup>30</sup>, é razoável supor tratar-se da mesma pessoa. Apesar de

---

<sup>27</sup> O medicamento de segredo mais famoso do século XVIII, a Água de Inglaterra, era utilizado no tratamento das febres intermitentes.

<sup>28</sup> De acordo com Richard Barnett, da denúncia constavam apenas 60 nomes, o que está errado.

<sup>29</sup> No processo instaurado pela Inquisição contra Francisco de Castro Almeida, algumas das testemunhas referem ter estado com ele em Lisboa de onde se pode concluir que o pai de Sarmento teria negócios na capital.

<sup>30</sup> Cf. ANTT, Inquisição de Évora, Proc. 6757. Este processo é de Francisco de Almeida, sobrinho de Sarmento, e nele consta a informação referida de que Sarmento casou com Isabel Inácia em Lisboa. Como notam Andrade e Guimarães, apesar de aí se fazer menção de que Sarmento teria ido para Roma, é provável que a informação relativa ao seu destino tenha sido propositadamente alterada por razões de segurança, de modo a garantir que o destino de Sarmento era desconhecido.

se desconhecerem os pormenores da relação dos dois primos antes do casamento, é muito provável que o médico já tivesse estado em Lisboa algumas vezes, acompanhando o seu pai.

Permanecem algumas dúvidas quanto ao tempo da sua permanência na capital portuguesa. Supondo que Sarmiento terá saído do Alentejo por volta de 1720, e que abandonou o país em 1721, a sua estadia em Lisboa terá sido curta (Sousa Dias, 2007:57). Contudo, o médico português refere na já citada obra *Do Uso e Abuso das minhas Agoas de Inglaterra* (1756) ter exercido medicina em Lisboa por “poucos anos” (Sarmiento, 1756: 70). Dado o facto de ter abandonado o país quatro anos após a conclusão do seu curso em Coimbra, esta indicação contradiz o que foi considerado pela maior parte dos autores.

Infelizmente existem poucas evidências que permitam elucidar este aspecto. Na obra *Syderohydrologia ou Discurso Practico Das Agoas Mineraes Espadanas ou Chalybeadas* (1726), o seu autor refere ter utilizado águas minerais em algumas “Religiozas obstruidas” (Sarmiento, 1726:vi) do Convento de Santa Clara em Lisboa, mas esta informação apenas confirma a sua passagem pela cidade. De qualquer modo, a capital portuguesa é uma das poucas localidades portuguesas referidas pelo médico português nas suas obras, para além das localidades alentejanas já mencionadas, acrescendo o facto de uma grande parte dos seus futuros correspondentes morar em Lisboa<sup>31</sup>. A pesquisa realizada não permitiu, contudo, a obtenção de dados adicionais que permitam a clarificação desta questão. Da bibliografia disponível, apenas Maximiano Lemos referiu que Sarmiento se “demorou em Lisboa” (Lemos, 1991:129), provavelmente baseando-se no mesmo trecho a que aludimos. Pode ser que este se tenha enganado quanto ao tempo de estadia em Lisboa, mas é razoável considerar o seu testemunho como verdadeiro.

A estadia prolongada em Lisboa pode ter sido importante em diversos aspectos. É possível que tenha tido tempo para estabelecer contactos com a congregação judaica local liderada pelo Dr. Nunes Ribeiro (Barnett, 1982:83)<sup>32</sup>, e participado nas reuniões que este organizava. Esses contactos podem ter sido importantes para o desenvolvimento do seu pensamento científico<sup>33</sup>, para além de poder ter conhecido pessoas que o ajudaram a abandonar o país.

---

<sup>31</sup> Ver, por exemplo, os correspondentes de Sarmiento em Lisboa responsáveis pela comercialização da Água de Inglaterra.

<sup>32</sup> Este médico também acabou por sair de Portugal, tendo ido para Londres. É provável que os dois homens tenham estabelecido relações de cordialidade. Infelizmente não existem documentos que permitam confirmar esta hipótese.

<sup>33</sup> Como iremos ver mais à frente neste capítulo, e ainda com maior detalhe no Capítulo IV, Sarmiento publicou uma obra médica no ano em que chegou a Londres. A análise desse trabalho mostra que o seu pensamento já teria divergido de muitos dos seus colegas portugueses contemporâneos. Assim, e supondo que Sarmiento esteve pelo menos dois anos na capital, este período de tempo é suficientemente longo para o estabelecimento de contactos com novas ideias, existindo na altura na capital diversos círculos onde estes assuntos eram debatidos. Em 1720, é criada a Real Academia de História, reunindo um conjunto significativo de personalidades portuguesas com interesses na nova filosofia natural. Para mais informações sobre a importância desta academia ver, por exemplo, Silva Dias, 1952.

Nesta época, existiam na capital portuguesa algumas academias<sup>34</sup> onde se debatiam temáticas relacionadas com a filosofia natural e onde as ideias dos autores modernos eram consideradas e debatidas. A Academia Portuguesa, por exemplo, criada em 1717 por Francisco Xavier de Meneses, 4º conde da Ericeira (1673-1743), era uma das academias onde se discutiam assuntos que poderiam interessar a Sarmento<sup>35</sup>, estando em actividade na altura em que alegadamente terá estado em Lisboa<sup>36</sup>. Existem também evidências da passagem pela capital portuguesa de experimentadores ambulantes<sup>37</sup>, que traziam consigo algumas das novidades científicas, realizando sessões abertas ao público. Contudo, deve ser salientado o facto de não ter sido possível comprovar se o médico português pertenceu a alguma academia lisboeta no período em que permaneceu na capital portuguesa.

Apesar de Sarmento aludir ao tempo passado em Lisboa com alguma nostalgia, subsistia o perigo de ser preso pela Inquisição. Assim, em 1721, o médico português, acompanhado da sua mulher, abandonou Portugal, em direcção a Londres, tendo feito uma breve passagem por Hamburgo (Goldish, 1997:653)<sup>38</sup>. É provável que a rota tenha sido escolhida de modo a despistar potenciais perseguidores. Em 1726, Francisco de Almeida, sobrinho de Sarmento, ao ditar a sua genealogia no âmbito do seu processo<sup>39</sup>, referiu que o seu tio havia fugido para Roma, o que é uma indicação de que a rota seguida terá sido mantida em segredo de modo a evitar quaisquer possíveis complicações.

Como vimos, o receio de ser preso pela Inquisição terá sido o principal motivo para a fuga do médico português. Tendo em conta o historial da sua família, Sarmento terá achado que o melhor seria abandonar o país, de modo a evitar uma mais que provável detenção. Adicionalmente também é possível que, como d'Esaguy refere, sentisse a necessidade de poder praticar a religião judaica livremente, sem medo de represálias (D'Esaguy, 1946:17). De

---

<sup>34</sup> Sobre o significado cultural das academias de Lisboa no século XVIII, ver Castelo-Branco, 1973.

<sup>35</sup> Na *Gazeta de Lisboa* encontram-se algumas referências breves aos temas discutidos nas sessões da referida academia. Na edição de 10 de Junho de 1717, é referido que “O conde de Ericeira [...] instituiu no seu palácio hum congresso de pessoas eruditas, com o titulo de Academia Portugueza. É referido, na mesma notícia, que as sessões podiam incluir “Assumptos para dissertaçoes, Mathematicas, Phisicas”

<sup>36</sup> Deve ser notado, contudo, que não existem provas de que Sarmento terá conhecido pessoalmente o 4º conde da Ericeira. Na sua obra, *Tratado das Operações de Cirurgia* (1746), dedicada a Francisco Rafael Xavier de Meneses, 6º conde da Ericeira, neto do 4º conde da Ericeira, Sarmento alude à correspondência trocada com este, não havendo nenhuma indicação de que os dois homens tenham estado juntos em Lisboa. De qualquer modo, Sarmento pode ter omitido esse aspecto para não comprometer a posição do 4º conde da Ericeira, dado o facto de, na altura, ser perseguido pela Inquisição.

<sup>37</sup> Não existem muitas evidências da passagem de experimentadores por Lisboa. Ainda assim, em 7 de Fevereiro de 1720, foi anunciada na *Gazeta de Lisboa*<sup>37</sup> que “O Reverendo D. Francisco Floravanti intenta ensinar a língua Italiana, Cosmografia & Filosofia Experimental, ou moderna, que hoje se pratica na mayor parte da Europa.”. Não se sabe se o referido reverendo teve sucesso, nem quanto tempo permaneceu na cidade.

<sup>38</sup> Alguns autores referem que terá passado por Amsterdão e Hamburgo antes de chegar a Londres, mas não existem dados que permitam corroborar qualquer uma das sugestões - ver Keyserling, 2009:372. Por outro lado, deve ser notado que os autores referidos também não indicam quais as fontes consultadas para concluir sobre a rota seguida por Sarmento, depois de abandonar o país.

<sup>39</sup> Cf. ANTT, Inquisição de Évora, Proc. 6757.

qualquer modo, esta questão não é considerada em nenhum dos seus livros, pelo que apenas se pode conjecturar quanto às verdadeiras razões na base da sua decisão. Com excepção das obras religiosas escritas durante os primeiros anos de estadia em Londres, e que serão abordadas mais à frente neste capítulo, a temática da religião encontra-se, no essencial, ausente dos seus livros<sup>40</sup>.

## **2. Um sefardita em Londres.**

A escolha de Londres como destino deveu-se provavelmente ao facto de a comunidade judaica de origem ibérica ter uma expressão significativa naquela cidade, incluindo provavelmente pessoas pertencentes a famílias com as quais os pais de Sarmiento se relacionavam<sup>41</sup>. Era, por outro lado, uma das maiores comunidades judaicas activas de toda a Europa, a par de Amsterdão e Leyden, contando com um número elevado de membros, aumentado nos anos anteriores à ida de Sarmiento, como consequência do incremento na actividade da Inquisição nos países ibéricos. A tolerância religiosa existente naquelas cidades tornava-as em destinos preferenciais para os judeus.

Também é possível que o médico português tenha escolhido Londres como destino, devido a existir, desde o tempo de Oliver Cromwell (Cantor, 2005:71), uma estreita relação entre as comunidades judaicas sefarditas e Ashkenazy, residentes em Inglaterra, e a profissão de médico, mesmo se o número de médicos judeus em Inglaterra neste período não fosse muito elevado. Deve ser notado que alguns médicos judeus portugueses alcançaram algum prestígio e popularidade em Londres, sendo o doutor Fernando (Moisés) Mendes (1647-1724), médico pessoal da Rainha Catarina, mulher portuguesa do rei Carlos II, um dos mais famosos<sup>42</sup>. É possível que este facto tenha importado na escolha do destino de Sarmiento, dado significar a possibilidade de poder exercer a sua profissão na capital inglesa, sabendo que os médicos portugueses não eram aí mal recebidos.

Pouco tempo após a sua chegada, Sarmiento foi circuncidado<sup>43</sup> tendo mudado o seu nome de Henrique, para Jacob<sup>44</sup>, sendo rapidamente integrado na comunidade sefardita de Bevis Marks.

---

<sup>40</sup> Deve ser notado que a maior parte das obras são científicas, sendo evidente que Sarmiento não desejava alimentar polémicas religiosas, para além de provavelmente considerar que deveria existir uma separação clara entre religião e ciência.

<sup>41</sup> No já referido processo da Inquisição contra o pai de Sarmiento, uma das testemunhas, Joseph Nunes Chaves, comerciante residente em Lisboa, era natural de Londres. Chaves foi preso pela Inquisição de Lisboa tendo acusado o pai de Sarmiento de práticas judaizantes. Esta é uma indicação de que poderiam existir algumas relações entre a família de Sarmiento e judeus residentes em Londres.

<sup>42</sup> No terceiro capítulo, Mendes será considerado com maior pormenor devido às questões relacionadas com a Água de Inglaterra, um medicamento de segredo que também foi preparado por Sarmiento.

<sup>43</sup> A circuncisão dos homens era uma condição necessária para serem aceites na comunidade (Levine, 2004: 101).

<sup>44</sup> Curiosamente, em 1726, quando Sarmiento publicou a sua primeira obra dedicada às águas minerais, o nome que aparece é H. de C. S.. Este aspecto será considerado mais à frente.

Também a sua mulher, Isabel Inácia, mudou o seu nome para Raquel, tendo os dois renovado os seus votos de matrimónio<sup>45</sup> a 10 de Março de 1721 (Barnett, 1982:85).

A comunidade sefardita de Londres era, à época, uma das comunidades religiosas mais importantes da capital inglesa, tanto em número de fiéis como em influência<sup>46</sup>. A partir de 1701, a congregação foi liderada por David Netto (1654-1728) (Ruderman, 1995:310). O sumptuoso edifício da sinagoga, construído no mesmo ano em que Netto chegou a Londres, e que ainda hoje pode ser visitado, é um sinal evidente da prosperidade da comunidade neste período. Quando Sarmiento chegou a Londres, Netto era ainda o líder espiritual da congregação.

A decisão de seguir os ritos mosaicos evidencia o seu empenho em se comprometer de forma inequívoca com a religião que, durante anos, havia praticado em segredo. Foi, por outro lado, a melhor forma de se integrar na comunidade judaica portuguesa de Londres e de adquirir alguma protecção face a um ambiente estranho. Quando chegou à capital inglesa, o médico formado em Coimbra não podia exercer medicina, dado não ser reconhecido pelo Royal College of Physicians, pelo que a sua situação económica não deveria ser folgada. Assim, a “conversão” ao judaísmo poderá ter sido uma forma de encontrar alguma protecção, não sendo, portanto, necessariamente a expressão de um desejo sincero em abraçar a religião dos seus pais. De qualquer modo, e dadas as circunstâncias da sua vida e da sua família, a referida conversão pode, de facto, ter sido a concretização de um objectivo perseguido há muito tempo, como d’Esaguy indica.

## 2.1. Em busca de prestígio e de patrono

Logo após a chegada a Londres, Sarmiento publicou a sua primeira obra médica, intitulada *A Dissertation on the Method of Innoculating the Small-Pox with Critical Remarks on the Several Authors who have treated this Disease* (1721). A obra teve algum impacto, e terá sido importante para o estabelecimento do seu prestígio, particularmente em Inglaterra. Os aspectos relacionados com a publicação desta obra serão analisados mais à frente no Capítulo IV, mas é evidente que o médico português procurava estabelecer o seu prestígio, de modo a se poder afirmar profissionalmente, no seio da competitiva classe médica londrina.

Para além da publicação desta obra, o médico português procurou também encontrar apoio no seio da própria comunidade judaica, existindo evidências de ter sido bem acolhido pelo líder da comunidade sefardita de Londres, David Netto.

---

<sup>45</sup> Barnett refere em R. D. Barnett, “The Correspondence of the Mahamad of the Spanish and Portuguese Congregation of London during the Seventeenth and Eighteenth Centuries”, *Transactions of the Jewish Historical Society of England*, 20 (1964), 4, 5, que esta prática era comum entre os casais provenientes de Portugal e Espanha.

<sup>46</sup> Para além das comunidades judaicas, a comunidade *quaker* e a comunidade muçulmana também tinham alguma importância.



Netto nasceu em Itália, tendo obtido o seu grau de doutor na conceituada Universidade de Pádua. Depois de exercer medicina em Itália durante algum tempo, mudou-se de Leghorn para Londres, onde se tornou o líder religioso da comunidade sefardita desta cidade (Ruderman, 2010:52), abandonando a prática da medicina, para se dedicar às tarefas inerentes à sua posição. Netto foi também um adepto das ideias de Newton, adoptando uma postura perante a religião judaica muito próxima da seguida pelos anglicanos ingleses seus contemporâneos, procurando a necessária conciliação entre a religião mosaica e as implicações teológicas das ideias de Newton<sup>47</sup>.

Quando Sarmiento chegou a Londres, o líder da congregação tinha quase setenta anos e uma longa experiência na condução dos destinos da sua comunidade. O contacto entre o médico português, com cerca de trinta anos, e o ancião da sinagoga parece ter sido crucial para a adaptação daquele à sociedade londrina. A forma como se afirmou desde a sua chegada faz supor a presença de um patrono, de alguém que pudesse fornecer os meios necessários para o seu estabelecimento. Netto pode ter sido esse patrono; sendo o líder espiritual da comunidade, possuiria, com certeza, a autoridade e prestígio necessários para influenciar outras personalidades e contribuir para a afirmação do exilado português. Por outro lado, talvez Netto o tivesse visto como um possível sucessor, dado o brilhantismo evidenciado por Sarmiento desde a sua chegada. A publicação da obra *A Dissertation on the Method of Inoculating the Smal-Pox* poderá ter contribuído para a obtenção desse estatuto.

Aquando da morte de Netto, Sarmiento escreveu o seu elogio fúnebre, sendo evidente a existência de uma relação de amizade entre os dois homens, dado o tom extremamente laudatório do elogio e as alusões ao temperamento do líder da comunidade de Bevis Marks.

## 2.2. Problemas com a congregação de Bevis Marks

No ano anterior a ser eleito membro do Royal College of Physicians, Sarmiento foi acusado por Daniel Flores<sup>48</sup> de ter denunciado judeus portugueses à Inquisição de Évora. Este tipo de denúncias não era invulgar, sendo uma forma habitual pela qual algumas pessoas conseguiam evitar a tortura e o encarceramento. Esta denúncia colocava em causa a idoneidade de Sarmiento perante os membros da sua congregação, lançando sobre si a suspeita de um crime considerado como hediondo. Assim, e de modo a poder demonstrar o absurdo da acusação, solicitou aos membros do Mahamad, isto é, aos anciões da Sinagoga, a instauração de um inquérito de modo a esclarecer toda a situação. Os anciões da Sinagoga reuniram e, após a obtenção de informações relativas ao caso, fizeram uma declaração pública onde Sarmiento foi ilibado de

---

<sup>47</sup> Para uma análise mais detalhada deste aspecto ver, por exemplo, Dobbs, Jacob, 1995.

<sup>48</sup> Não foi possível encontrar quase nenhuma referência relativas a Daniel Flores. Barnett indica que era segurador de barcos, tendo morrido a 31 de Agosto de 1752 – ver Barnett, 1982: 97. Desconhecem-se também as razões que o terão levado a fazer a denúncia.

todas as acusações<sup>49</sup>, sendo demonstrada a existência de testemunhos fidedignos que demonstravam a falsidade da acusação.

No decurso deste ano ocorreram ainda outros problemas pessoais. O tratamento médico das pessoas mais carenciadas da congregação de Bevis Marks era realizado no Hebrá, ou Irmandade de Guemilut Hasadim, criada em 1687 (Cantor, 2005:71). Sarmiento obteve o lugar de médico nesta instituição, em Maio de 1724, tendo, porém, perdido a recém-adquirida posição, devido a comportamentos considerados como inadequados no âmbito dos estritos ritos seguidos pelos membros da sua congregação. De facto, a 23 de Setembro desse ano, o médico português foi permanentemente dispensado da referida instituição por Netto e pelos anciões da Sinagoga, por ter trabalhado no Domingo de Páscoa e por passear de coche no oitavo dia de uma importante festividade judaica, a Festa dos Tabernáculos<sup>50</sup> (Barnett, 1982:86). Como consequência desta acusação, o médico português foi condenado a retratar-se publicamente dos seus pecados. Para além desta imposição, a perda do lugar significou uma perda de rendimentos, numa altura em que ainda não era reconhecido pelo Royal College of Physicians. Não se sabe qual terá sido a posição de Netto relativamente a estes atropelos aos costumes judaicos.

Todos estes problemas levaram o sefardita português a querer manifestar publicamente o seu compromisso para com a religião judaica, de modo a que não subsistissem quaisquer dúvidas quanto à sua inocência no caso da denúncia feita por Daniel Flores. A publicação das suas duas primeiras obras religiosas, ocorrida nesse mesmo ano, teve como objectivo clarificar o seu compromisso para com a religião judaica perante os membros da congregação e, por outro lado, atacar os responsáveis pela acusação.

### 2.3. As obras religiosas

Sarmiento escreveu três obras de cariz religioso, duas em 1724, e outra alguns anos mais tarde, em 1728. A primeira foi o *Exemplar de Penitencia dividido em três discursos, para o dia santo*

---

<sup>49</sup> A seguir reproduz-se um excerto da declaração pública, onde se dá conta do procedimento seguido pelos Anciões da Sinagoga no âmbito do processo de Sarmiento, com a data de 6 de Maio de 1724: "os SS<sup>res</sup> do Mahamad Levados do Zelo, & Justiça, convocaraõ Junta com quatro senhores Adjuntos, & havendo maduramente Conciderado o cazo acharaõ não haver clareza bastante para decidila, deixando para outra vez, & que viessem provas mais patentes. E havendo depois para cá vindo Pessoas de todo o inteyro Credito, & Verdade de Lisboa que declaraõ haver sido ditto boato levantado falsa, & maliciosamente, & vindo de mais a mais Cartas de pessoas muyto fidedignas, que sahiraõ de diitas prizoins, nas quais padeceraõ rigurozamente, que tambem declaraõ haver sido ditto boato levantado contra toda a Verdade, & havendo todo o referido parecido clara, & evidentemente diante dos SS<sup>res</sup> do Mahamad, E seos Adjuntos en Segunda Junta, que para este cazo bolveraõ a convocar; Rezolveraõ dar esta publica narração Neste Santo Lugar, para que conste a Verdade, E fique ditto D<sup>of</sup> Jahacob de Castro Sarmiento reestabelecido em seu inteyro Credito, & Deos Livre a seu Povo de Levantar falsos testemunhos a seu Companheyro, & De Paz Sobre Israel". Esta declaração pública foi impressa em inglês e em português. A versão portuguesa existe na Biblioteca da Royal Society, e acompanha o processo relativo à eleição de Sarmiento para sócio da referida instituição. À frente, a eleição de Sarmiento para sócio da Royal Society irá ser analisada com maior detalhe.

<sup>50</sup> Durante este período festivo é suposto fazer-se penitência, sendo uma das alturas do ano em que é costume os judeus fazerem a sua peregrinação a Jerusalém.

de Kipur, dedicado ao grande e onnipresente Deus de Israel<sup>51</sup>; a outra, escrita em castelhano, intitulada *Extraordinaria Providencia que el Gran Dios de Israel usó con su escogido pueblo en tempo de su major aflicción*, sobre o Livro de Éster, perdeu-se<sup>52</sup>. A última obra foi o *Sermam Funebre, às Deploraveis Memorias do Muy Reverendo e Doutissimo Haham Asalem Morenu, A.R., David Netto; Insigne Theologo, Eminente Pregador e Cabeça da Illustre Congrega de Sabar Hassamym*.

O *Exemplar de Penitencia* foi analisado pelo próprio David Netto, que escreveu o parecer da obra em nome dos anciões da Sinagoga de Bevis Marks. É possível que a obra tenha sido escrita sob a influência do líder da congregação, apesar de os objectivos principais do seu autor serem o de limpar o seu nome e, ao mesmo tempo, atacar os seus detractores e inimigos (Goldish, 1997:660) no seio da comunidade.

O parecer de Netto é revelador da postura adoptada relativamente ao seu discípulo. Para além de elogiar o “estilo expressivo e elegante” de Sarmiento e as ideias e argumentos apresentados pelo médico português, Netto considera que a mensagem essencial da obra é muito importante. Netto refere que, da mesma maneira que existem médicos para sarar as doenças do corpo, também devem existir médicos para curar as doenças da alma. A diferença reside em que para os doentes espirituais, a cura depende da vontade do doente, ao contrário do que se passa com os doentes do corpo. Na opinião de Goldish, Netto procurou, nesta passagem, estabelecer uma relação entre a alma e o corpo, expressão de um dualismo bastante vulgar entre os teólogos judeus da época, provavelmente com o objectivo de associar as ideias de Sarmiento a uma perspectiva físico teológica do judaísmo, na qual a comparação entre os mundos material e espiritual desempenha um papel fundamental (Goldish: 1997:659). Esta perspectiva enquadrava-se na sua própria forma de percepcionar este problema.

No texto da obra existem indicações de que o médico português estabeleceu, de facto, alguns paralelismos entre os mundos material e espiritual. Num trecho, onde se alude ao papel do coração no acto da penitência, é feita uma associação entre os movimentos feitos por esse órgão e as diferentes expressões faciais decorrentes dos estados de espírito do penitente (Goldish, 1997:659). Ainda que Sarmiento não aluda à circulação do sangue, o seu argumento teológico utiliza conceitos científicos.

O *Exemplar de Penitencia* possui outras características interessantes, dado ter sido baseado nas provas bíblicas reveladas pela exegese cristã, contendo poucas referências à literatura rabínica. A página de rosto contém uma citação pouco comum que foi interpretada (Goldish, 1997:660)

---

<sup>51</sup> Não foi possível localizar a obra em bibliotecas nacionais. Assim, a análise feita segue, no essencial, o artigo de Goldish, já referido.

<sup>52</sup> Não foi possível localizar o *Exemplar de Penitencia* em bibliotecas portuguesas. O exemplar a que Goldish teve acesso encontra-se na Biblioteca Universitária (University Library) em Jerusalém, na coleção Friedenwald – ver Goldish, 1997:658-9.

como uma resposta aos autores da alegação segundo a qual Sarmento teria denunciado cristãos-novos à Inquisição. A obra cumpre assim um dos seus propósitos, atacando os seus inimigos.

O elogio fúnebre de David Netto foi escrito por Sarmento, alguns anos mais tarde, num contexto muito diverso. Para além do médico português, também Samuda e Isaac Netto, filho do falecido, foram indicados pelos anciões da Sinagoga para escreverem os elogios fúnebres do líder da congregação. Esta escolha permite supor que tanto Sarmento, como Samuda, detinham uma posição de alguma proximidade com Netto ou que eram personalidades prestigiadas no seio da comunidade.

A folha de rosto do *Sermam Funebre* inclui uma citação de Virgílio, um autor pagão, sendo, mais uma vez, pouco habitual em obras deste género. A opção de Sarmento, em incluir este trecho, pode ser indicadora da sua necessidade em evidenciar o seu afastamento relativamente ao conservadorismo de alguns membros da congregação, manifestando de forma clara a sua irreverência e independência.

O *Sermam Funebre* é dedicado aos senhores do Mahamad<sup>53</sup>, o órgão directivo da comunidade, constituído por um Presidente e quatro membros. Na Dedicatória é feita uma analogia entre as virtudes de Netto e as virtudes dos membros do Mahamad, muito provavelmente seguindo os preceitos deste tipo de texto, onde o tom laudatório era frequentemente uma imposição. Pode ter sido também uma forma de obter as boas graças dos membros do Mahamad, numa altura em que ainda deveria ter algumas pretensões a desempenhar um papel importante no âmbito da congregação.

Netto é elogiado de diversas formas. O seguinte excerto faz uso das analogias entre os mundos material e espiritual, às quais aludimos atrás, com o objectivo de elogiar as qualidades intelectuais e morais de Netto,

Era o nosso Justo grande *Medico*, mas só amava a *Medicina*, para conhecer as Constituições, e Temperamento de cada Pessoa; era o nosso Justo insigne *Mathematico*, mas só amava a *Mathematica*, para observar os movimentos de sua Republica; era o nosso Justo perfeyto *Phisico*, mas só amava a *Phisica*, para examinar as Cauzas da Corrupçam, e impedir os Effeitos della: era o nosso Justo completo *Theologo*, mas só amava a *Theologia*, para ensinar a Ley de Deos, e o Amor de hum para outro, com a mayor efficacia; era, finalmente, o nosso Justo admiravel *Astrologo*, mas só amava a *Astrologia*, para distinguir os Tempos, e Prognosticos prosperos a sua Congrega; em tudo era sábio, mas tanto nos amava, que só amava a Sciencia, para requintar mais o Amor, que nos tinha. (Sarmento, 1728:47)

---

<sup>53</sup> O Mahamad era o órgão directivo da congregação de Bevis Marks. Os membros do Mahamad eram eleitos dentro da congregação, tendo poderes efectivos sobre todos os assuntos relacionados com a congregação.

É curioso o facto de o autor do *Sermam* aludir a diversas características sem esboçar qualquer tentativa de as relacionar entre si. De facto, é feita uma clara separação entre as esferas da ciência e da teologia, o que contradiz de algum modo a própria postura de Netto quanto às relações entre a religião e a ciência. Provavelmente, nesta altura o médico português já teria alterado a sua postura relativamente ao judaísmo, como consequência do contacto com o newtonianismo, evoluindo para uma ideia de Deus muito diferente da considerada pelas elites da sua congregação e até de Netto.

As razões para esta alteração não são conhecidas. Talvez Sarmento já não se sentisse confortável em seguir os ritos e costumes judaicos. Como vimos atrás, a desobediência a esses ritos e costumes já lhe haviam causado problemas. Também é possível que as suspeitas, geradas no seio da comunidade na sequência da acusação feita por Daniel Flores, tenham minado a sua relação com alguns dos seus membros. Finalmente, o contacto com o newtonianismo pode também ter sido importante, levando-o a questionar as suas crenças religiosas. A resolução dos conflitos religiosos gerados pela consideração das ideias de Newton foi uma constante entre os seus seguidores, durante todo o século.

#### **2.4. A importância do newtonianismo**

As ideias de Newton podiam ser utilizadas como argumentos para sustentar o deísmo e o ateísmo, tendo o próprio sentido a necessidade de explicitar esta questão, por ser tão diversa da sua opinião pessoal. Para Newton, as leis que descobrira eram uma manifestação de um Deus presente e actuante (Westfall, 2008:441), não devendo ser utilizadas para suportar qualquer tipo de deísmo ou ateísmo. Mesmo se as suas convicções sobre temas teológicos específicos como, por exemplo, a Santíssima Trindade, fossem bastante ortodoxas, possivelmente heréticas<sup>54</sup>, Newton tinha um interesse particular pela teologia, tendo dedicado uma parte significativa da sua vida intelectual a esta temática. Como não era da sua índole intervir em questões públicas, o célebre filósofo natural inglês utilizou os seus discípulos e seguidores como veículo para a expressão das suas próprias convicções.

O padre anglicano Richard Bentley (1662–1742), profundamente influenciado pela obra de Newton, com quem manteve relações de amizade, teve um papel relevante na conciliação das implicações teológicas das ideias do seu mentor com a doutrina seguida pela Igreja Anglicana. Nos sermões proferidos na igreja onde era padre, a teoria da atração universal era apresentada como uma prova irrefutável do poder de Deus sobre o Universo (Dobbs, Jacob, 1995:68). A postura de Bentley e de outros clérigos anglicanos relativamente ao modo como as ideias de Newton deveriam ser interpretadas, permitiu a obtenção de uma “aliança sagrada” entre a

---

<sup>54</sup> Para mais informações sobre esta temática ver, por exemplo, Snobelen, 1999. Neste artigo, Snobelen, alude ao facto de Newton ter de esconder a sua postura perante a igreja anglicana, devido a algumas das suas ideias poderem ser consideradas como heréticas.

ciência newtoniana e os líderes da Igreja Anglicana<sup>55</sup>. No agitado clima social e político da Inglaterra pós revolução de 1688-89<sup>56</sup>, a conciliação entre a igreja e a ciência newtoniana serviu como mote para o que se pretendia ser o inaugurar de uma nova era sem conflitos internos (Dobbs, Jacob, 1995:69). A harmonia e ordem existente no Universo, criado por Deus de acordo com leis bem definidas, como as que Newton encontrara, deveriam também ser seguidas pela ordem e harmonia no plano moral e político<sup>57</sup>.

Netto procurou fazer algo semelhante com o judaísmo, conciliando-o com a ciência newtoniana, emulando de algum modo o que os anglicanos haviam feito de modo a contribuir para uma aceitação plena da comunidade judaica no seio da complexa sociedade inglesa na transição do século XVII para o século XVIII. Por outro lado, Netto estava a par do possível impacto do newtonianismo na crença num deus interveniente e activo, (Ruderman, 1995:312). Os seus textos, escritos alguns anos depois de chegar a Londres, revelam a sua preocupação com esse aspecto. Na sua opinião, para que os judeus ingleses permanecessem fiéis à sua religião, era necessário conciliar as suas sensibilidades religiosas com as aspirações sociais e económicas, não só dos judeus, mas também dos membros da religião anglicana, predominante em Inglaterra (Ruderman, 1995:316). Assim, e apesar de ser newtoniano, Netto considerava possível conciliar a ortodoxia religiosa com as consequências teológicas das ideias de Newton, nomeadamente quanto ao papel de Deus no Universo.

O líder da congregação parece ter contribuído para a adesão de Sarmiento ao newtonianismo, ainda que não existam provas específicas. Como Netto era newtoniano e teve uma relação de alguma proximidade com Sarmiento, é possível que tenha exercido alguma influência na adesão do médico português ao newtonianismo. Numa passagem do *Sermam Funebre*, é feita uma referência que tem sido interpretada como uma das primeiras manifestações da sua adesão às ideias de Newton (Goldish, 1997:661). Na dedicatória aos senhores do Mahamad, o autor do *Sermam* refere que:

O retrato das virtuozas aççoins do Justo vivo, busca as Pessoas de V.MS. como mais dignas, pois só em V. MS. Se acham as suas virtuozas aççoins virtuozas tam bem immitadas, que corre naturalmente para as suas Maons esta Copia, como se fosse buscar o seu Original, com uma enclinaçam Centripeta (Sarmiento, 1728:7)

---

<sup>55</sup> Para uma melhor compreensão desta questão ver, por exemplo, Gascoigne, 1989.

<sup>56</sup> A revolução de 1688-89, também chamada de “Glorious Revolution” levou a que o Rei James II fosse deposto como consequência do estabelecimento de um acordo entre parlamentares, pertencentes aos dois partidos representados na Casa dos Comuns, com Guilherme de Orange, que viria a ser o futuro rei Guilherme III.

<sup>57</sup> De qualquer modo, alguns newtonianos tiveram alguma dificuldade em conciliar a sua adesão às ideias de Newton com as suas crenças religiosas. Assim, tanto Samuel Clarcke (1675-1729) como William Whiston (1667-1752), tiveram problemas com a hierarquia da igreja anglicana, devido a adoptarem ideias consideradas como heréticas – ver Dobbs, Jacob, 1995:98-100. Em qualquer um dos casos, os problemas levaram à perda das suas posições no seio da Igreja Anglicana.

indicando em nota de rodapé que “enclinação Centripeta” é “aquella força, com que, qual quer Corpo, busca o seu Centro”, onde é evidente a referência a um dos aspectos principais da teoria da atracção universal. Este excerto é exemplar de como as ideias de Newton já se encontravam interiorizadas no pensamento do sefardita português, utilizando-as num contexto tão específico como um elogio fúnebre. É também indicativo de que queria mostrar de forma clara a sua gratidão para com o seu mentor. Ainda assim, deve ser referido que essa adesão terá sido iniciada muito mais cedo, logo em 1721, dado que a obra sobre a inoculação das bexigas, publicada nesse ano, já apresenta elementos newtonianos<sup>58</sup>.

Entre os membros da congregação, o médico português encontrou também Isaac de Sequeira Samuda (1681-1729). Samuda, que pertencia a uma família de cristãos-novos também perseguida pela Inquisição, obteve o grau de doutor em medicina pela Universidade de Coimbra em 21 de Maio de 1702<sup>59</sup> (d’Esaguy, 1934:6). Em 1703, foi preso pela Inquisição<sup>60</sup>, tendo o seu processo sido concluído em Outubro de 1704. Não se sabe muito sobre a sua vida até ter chegado a Londres, curiosamente mais ou menos na mesma altura em que Sarmiento, em 1720.

Samuda teve um percurso notável, apesar de não ter deixado obra publicada. Pouco tempo depois da sua chegada a Londres, a 19 de Março de 1721, foi admitido no Royal College of Physicians. Dois anos mais tarde, a 27 de Junho de 1723, foi eleito como sócio da Royal Society, tendo sido o primeiro judeu a conseguir a eleição para a prestigiada sociedade. Este percurso fulgurante permite inferir a existência de patronos com alguma influência em Londres. Em comparação, Sarmiento só foi admitido no Royal College em 1725, e na Royal Society em 1730, após uma primeira tentativa falhada.

Na correspondência de António Galvão de Castelo Branco, ministro plenipotenciário de D. João V junto da coroa britânica de 1721 a 1729, Samuda é mencionado no âmbito da aquisição de diferentes bens, incluindo livros e instrumentos científicos, solicitados pelo próprio rei e por Johannes Baptista Carbone (1694-1750)<sup>61</sup>. Carbone, pertencente à Companhia de Jesus chegou a Portugal em 1722, a convite do rei D. João V, com o objectivo de desenvolver a astronomia portuguesa e de supervisionar a demarcação dos territórios da Coroa Portuguesa na América do

---

<sup>58</sup> Nesta obra, Sarmiento refere que “de acordo com as Leis da Natureza, todos os Corpos permanecem no seu estado de Repouso ou Movimento, a não ser que o mesmo seja alterado por uma Força superior” – ver Sarmiento, 1721:41. Como se pode constatar, Sarmiento está a aludir à primeira lei de Newton. Pode talvez considerar-se este trecho como uma alusão ao princípio de inércia de Galileu, mas tendo em conta o facto de o seu autor se encontrar em Inglaterra, não espantaria que estivesse a aludir às leis de Newton. Este aspecto pode querer significar, como já foi referido atrás, que Sarmiento terá iniciado a sua “conversão” à ciência moderna, num período anterior à sua ida para Londres. Esta questão será abordada com maior pormenor no Capítulo IV, onde se faz a análise da obra sobre a inoculação.

<sup>59</sup> Na obra de d’Esaguy surge a indicação de que Samuda teria concluído o seu curso em 1720, provavelmente, devido a um erro tipográfico.

<sup>60</sup> Cf. ANTT, Inquisição de Lisboa, Proc.. 2784

<sup>61</sup> Cf. BACL, MsA682. Numa carta, datada de 14 de Maio de 1726, é referido que “o Dr Siqueyra será recompensado, como S. Magestade [...] ordena, e elle o merece porque tudo o q. se lhe ordena faz de boa vont.<sup>62</sup>”,

Sul. A correspondência de Castelo Branco mostra o importante papel de Samuda na aquisição dos instrumentos necessários para a construção e dinamização do Observatório Astronómico de Santo Antão. Os resultados das observações realizadas pelos padres jesuítas, utilizando material adquirido em Inglaterra, eram depois apresentados na Royal Society por Samuda.

A eleição de Samuda para sócio da Royal Society pode não ter decorrido do seu prestígio<sup>62</sup>, mas do facto de assim poder funcionar como correspondente científico de Portugal, provavelmente através de Castelo Branco<sup>63</sup>, que poderá ter tido um papel importante na sua eleição. Numa das cartas do diplomata português para a corte portuguesa, é referido que o Dr. Fernando Mendes (?–1724)<sup>64</sup>, com quem Castelo Branco tinha uma relação de amizade, lhe havia dado boas referências sobre Samuda<sup>65</sup>. A intervenção do enviado português junto do responsável pela política externa britânica, Thomas Pelham-Holles, duque de Newcastle upon Tyne (1693-1768), poderá ter sido determinante para a eleição de Samuda para sócio da Royal Society. Assim, a eleição do médico português terá decorrido do próprio interesse da coroa britânica em fomentar o intercâmbio cultural entre os dois países, provavelmente para obter informações sobre o vasto império português<sup>66</sup>.

Existem poucas indicações de que Samuda fosse newtoniano, para além de viver em Londres, numa época em que o newtonianismo se encontrava um pouco por todo o lado. A análise das comunicações feitas pelo médico judeu nas sessões da Royal Society permite concluir que não se relacionam directamente com as ideias de Newton. No entanto, o seu nome consta da lista de subscritores do livro de Henry Pemberton, intitulado *A View of Sir Isaac Newton's Natural Philosophy*, editado em 1728 onde, como se depreende do título, é dada uma perspectiva geral das ideias de Newton. O nome de Samuda também é mencionado no conjunto de subscritores da obra de John Theophilus Desaguliers, *A Course of Experimental Philosophy*, editada em 1744, quinze anos após a sua morte. A inclusão do seu nome nesta lista é obviamente um lapso, mas

---

<sup>62</sup> Deve ser notado que a admissão como membro da Royal Society tinha como objetivo a obtenção de prestígio não sendo necessariamente indicativo do envolvimento da pessoa nas actividades científicas realizadas nas sessões da referida instituição. De acordo com Cantor o facto de Samuda ter sido proposto pelo influente James Jurin (1684-1750), também ele médico, significa o interesse do médico português em aumentar o seu prestígio e assim consolidar a sua posição enquanto médico – ver Cantor, 2005:107.

<sup>63</sup> Esta questão merece mais atenção. Não foi possível obter maiores informações, mas parece certo a existência de uma relação entre Samuda e Mendes.

<sup>64</sup> Mendes havia sido médico pessoal de Catarina de Bragança (1638–1705), mulher do rei Carlos II de Inglaterra. Ficando viúva em 1685, permaneceu em Inglaterra durante o curto reinado de Jaime II, saindo do país em 1692, pouco tempo depois da Glorious Revolution – ver nota 38. Mendes é o “inventor” da “Água de Inglaterra” que, como é sabido, foi fabricada e comercializada por Sarmento, anos mais tarde,

<sup>65</sup> Cf. BACL, MsA682, carta de 29 de Novembro de 1729. Na mesma carta, Castelo Branco refere que Samuda havia morrido “com hua doença de dous dias”.

<sup>66</sup> As comunicações de Samuda não se limitaram, contudo, à apresentação dos resultados das observações de Carbone; de resto, a primeira comunicação de Samuda à sociedade londrina foi um artigo intitulado “Considerações Anatómicas”, de Antonio de Monravá y Roca (1673–1753), cirurgião no Hospital de Todos os Santos de Lisboa. Com excepção da referida actividade no âmbito das sessões da Royal Society, Samuda não deixou trabalhos publicados, existindo informações não confirmadas de que terá deixado alguns trabalhos por publicar, que se terão perdido.



pode ser indicativo de que foi subscritor de outras obras de Desaguliers. Apesar de o facto de ser subscritor de obras de autores newtonianos não permitir tirar conclusões sobre a sua adesão à filosofia de Newton, revela, pelo menos, que tinha interesse nestes assuntos.

Desconhece-se qual o tipo de relação estabelecida entre os dois médicos. No entanto, é razoável supor que as relações entre ambos fossem de cordialidade, ou mesmo de amizade, dado pertencerem à mesma congregação e serem ambos médicos. Ainda assim, deve ser notado que, devido a essa circunstância, concorriam para as mesmas posições; como uma melhor posição garantia obviamente um melhor rendimento, é possível que existisse alguma rivalidade entre os dois.

De qualquer modo, o facto de Sarmiento ter completado as *Viriadas*, o poema inacabado de Samuda, pode ser indicativo da existência de alguma proximidade entre os dois médicos. De modo a completar o poema, é razoável concluir que possuiria algum conhecimento dos objectivos do seu autor, sugerindo que os mesmos poderão ter sido abordados, em conversas havidas entre os dois. Não se conhece o papel de Samuda na alegada conversão de Sarmiento ao newtonianismo, dada a inexistência de fontes documentais sobre este aspecto. Samuda continua a ser, ao contrário de Sarmiento, uma figura praticamente esquecida pela historiografia nacional<sup>67</sup>.

### 3. Afirmação e Dissensão

Depois do *Sermam Funebre*, Sarmiento não escreveu mais nenhuma obra religiosa. Ainda assim, as questões relacionadas com a religião continuaram a ter importância na sua vida, devido ao facto de fazer parte de uma congregação com códigos de conduta rígidos.

Em 1729, continuando o seu propósito em alcançar prestígio de modo a melhorar a sua posição profissional, o médico português foi proposto para sócio da Royal Society. A primeira tentativa de eleição não foi conseguida devido à oposição de um médico judeu Ashkenazy, chamado Meyer Schomberg<sup>68</sup> (1690-1761), invocando a denúncia feita por Daniel Flores em 1724. A inimizade entre os dois médicos judeus terá começado anos antes devido ao facto de, aparentemente, Schomberg ter sido preterido em favor de Sarmiento, quando este foi nomeado médico do Hebrá em 1724 (Barnett, 1982:86) tendo essa inimizade permanecido até ao fim da vida de Sarmiento.

---

<sup>67</sup> De qualquer modo, Samuda é referido, ainda que brevemente na maior parte das obras onde se aborda a ciência portuguesa do século XVIII, nomeadamente devido ao facto de ter desempenhado o papel de comunicador das observações astronómicas, realizadas por padres jesuítas em diversos pontos do globo, nas sessões da Royal Society. Para mais informações sobre Samuda ver, por exemplo, d'Esaguy, 1934.

<sup>68</sup> Para mais informações sobre Schomberg, consultar E. R. Samuel, 'Dr Meyer Schomberg's attack on the Jews of London 1746', *TJHSE*, XX (1964), pp. 83-100.

A intervenção de Schomberg levou à recusa da proposta, em Dezembro de 1729<sup>69</sup>, tendo a Royal Society procurado obter informações relativas à denúncia. No seguimento do processo, Sarmiento enviou para a instituição o parecer do inquérito realizado pelos anciões da sinagoga, procurando, de seguida, renovar a sua candidatura, tendo em conta o facto de o parecer o ilibou das acusações feitas por Schomberg. O assunto, porém, não ficou por aqui, já que ao saber das intenções do médico português em renovar a sua candidatura, Schomberg, em carta enviada à Royal Society, voltou a questionar a sua idoneidade, fazendo alusão a outras pessoas que teriam queixas relativas ao comportamento do médico português. De facto, existe uma outra carta escrita por W. Clagett, de Bernard's Inn, enviada para a sociedade com o objectivo de denegrir a imagem de Sarmiento. Clagett, de quem não foi possível obter maiores informações, enviou outra carta para uma personalidade de grande prestígio no seio da Royal Society, John Machin (1686-1751), professor de Astronomia no Gresham College, procurando impedir a eleição de Sarmiento.

Apesar de todas estas interferências, o médico exilado em Londres foi finalmente eleito para sócio da Royal Society, a 3 de Fevereiro de 1730, não existindo qualquer evidência de as referidas acusações terem sido tomadas em consideração. Deve ser notado que as acusações eram relativas ao carácter de Sarmiento, não sendo contestada a sua competência científica. Na sessão em que foi eleito encontrava-se Hans Sloane, que, como iremos ver mais à frente, foi o seu patrono no seio da Royal Society contribuindo para que o médico português se tornasse o principal interlocutor científico com Portugal<sup>70</sup>.

Em 1733, Sarmiento teve mais um problema no seio da comunidade sefardita de Londres. Na sequência de uma questão com um membro pertencente à congregação, relacionada com o pagamento de honorários devidos à prestação de serviços, o médico português solicitou a intervenção das autoridades civis inglesas levando à detenção do faltoso, em vez de procurar resolver a sua contenda junto do Mahamad<sup>71</sup> (Barnett, 1982:88). Por este comportamento, foi condenado a pagar uma pequena multa. Este pequeno episódio não é muito relevante, mas demonstra que, nesta altura, Sarmiento já estaria afastado da comunidade sefardita. Só assim se

---

<sup>69</sup> Nas *Council Minutes Royal Society*, volume III, existentes na biblioteca da Royal Society, existe a indicação de que a 11 de Dezembro de 1729, Sarmiento falhou a eleição. Não são dadas quaisquer explicações, pelo que não é possível determinar quais terão sido as razões invocadas. Para mais informações sobre este aspecto ver o Capítulo II.

<sup>70</sup> Depois da sua eleição como membro da Royal Society, Sarmiento procurou estabelecer a sua reputação em Portugal como conselheiro científico, realizando diversas acções com esse objectivo, incluindo contactos com personalidades portuguesas e a escrita de obras científicas. No próximo capítulo este aspecto será desenvolvido com o devido detalhe.

<sup>71</sup> Sarmiento era médico de um membro do Mahamad Jacob da Costa Villareal que casou com uma sua sobrinha. Villareal morreu em 1733 enquanto paciente de Sarmiento, tendo este solicitado à viúva o pagamento dos seus honorários. Face à recusa da viúva em satisfazer as suas pretensões, Sarmiento fez queixa às autoridades civis

pode explicar que naquela situação tenha optado por não solicitar a intervenção do Mahamad da Sinagoga, violando as regras da comunidade a que pertencia.

Foi nos anos a seguir à sua admissão como sócio da Royal Society que o autor português publicou as suas duas obras científicas mais importantes, a *Materia Medica* (1735) e a *Verdadeira Theorica das Mares* (1737). Foi também neste período que o seu prestígio como médico foi consolidado. Em 26 de Abril de 1738, numa carta enviada ao Duque de Newcastle, responsável pela diplomacia britânica, Marco António de Azevedo Coutinho, ministro plenipotenciário de D. João V junto da Coroa britânica, nomeou Sarmiento médico da delegação, o que provavelmente terá sido uma consequência dos contactos estabelecidos com personalidades portuguesas nos anos anteriores.

Ainda em 1738, o médico português teve mais um problema com o Dr. Schomberg, desta vez envolvendo questões de natureza profissional. Aparentemente, Sarmiento terá prescrito medicação a um doente do Dr. Schomberg, que, sabendo do sucedido, procurou por todos os meios impedir o tratamento prescrito. O doente seguiu as indicações do médico português e recuperou do mal que o apoquentava, mas Schomberg acusou publicamente o seu rival de prescrever medicamentos inapropriados e perigosos. De modo a defender a sua honra profissional relativamente a este ataque, Sarmiento levou o caso perante o Comité Disciplinar do Royal College of Physicians, tendo Schomberg sido punido (Barnett, 1982:89). Este evento não terá certamente contribuído para o desanuiamento das relações entre os dois homens.

A maior parte do pequeno número de médicos judeus existentes em Londres tinha obtido a sua formação nos países de origem (Cantor, 2005:71), estando assim impossibilitados de aceder às posições mais vantajosas no âmbito da profissão médica. A obtenção de um grau em medicina conferido por uma universidade britânica era a única forma pela qual estes médicos podiam melhorar as suas carreiras. A Universidade de Aberdeen era uma instituição reputada e que conferia graus académicos sem haver a necessidade de os seus alunos assistirem a aulas. Em 1739, e com o patrocínio de Hans Sloane, o médico português obteve o grau de doutor em medicina por aquela universidade<sup>72</sup>. A obtenção deste grau teve um enorme significado profissional por lhe permitir aceder a posições mais vantajosas.

Em contraste com os seus sucessos profissionais, a relação com a comunidade judaica foi piorando. Anos mais tarde, em 1746, Schomberg publicou um panfleto intitulado *Emunat Omen*, onde acusava os sefarditas de violarem sistematicamente as leis judaicas, por trabalharem nos dias santos. No mesmo panfleto, os sefarditas são também acusados de oprimirem os pobres e de cometerem vários pecados (Goldish, 1997:657). O ataque era dirigido

---

<sup>72</sup> Como vimos atrás, é possível que Sarmiento tivesse uma relação de alguma proximidade com Sloane, que o terá auxiliado nas suas tentativas em contribuir para o desenvolvimento científico de Portugal. De resto, Sloane é citado por Sarmiento nas cartas endereçadas à Real Academia de História e ao Reitor da universidade de Coimbra, onde propõe a criação de um Jardim Botânico. Para uma informação mais detalhada sobre este aspecto ver Capítulo II.

particularmente a Sarmento que já havia sido acusado de pecados similares. Por outro lado, sabe-se que, a partir de 1748, e até à morte da sua mulher portuguesa, o médico português teve uma amante cristã, chamada Elizabeth (Goldish, 1997:657) com quem casou mais tarde, após Isabel Inácia ter morrido.

Desconhece-se o impacto destas acusações no seio da comunidade sefardita. Contudo, passados dois anos, em 1748, Sarmento abandonou a comunidade judaica de Bevis Marks. Não se conhecem, com pormenor, as razões que o terão levado a tomar essa decisão. A seguir é indicado um trecho da nota enviada aos anciões da comunidade a que pertencia, onde alude aos motivos na base da sua saída da congregação:

Gentlemen The different opinion and sentiments I have entertained long ago, entirely dissenting from those of the Synagogue, do not permit me any longer to keep the appearance of a member of your body; I now therefore take my leave of you, hereby renouncing expressly that communion in which I have been considered with yourselves. I do not however renounce the intercourse I may have with you in the general society of men of honour and probity, of which character I know many among you, and whom, as such, I shall always esteem. (Hyamson; 1951:108)

A decisão em abandonar a comunidade a que pertencia pode ter sido uma consequência de problemas com a sua fé, porventura devido à sua adesão ao newtonianismo. Pode também relacionar-se com divergências pessoais com membros importantes da comunidade, a que Sarmento parece aludir. As acusações feitas em 1724 podem ter criado algumas inimizades no seio da comunidade existindo provavelmente alguns membros que ficaram com reservas e suspeitas sobre o carácter e idoneidade do médico português.

É significativo o facto de o autor da nota referir explicitamente o facto de as suas posições divergirem fortemente dos membros da sua congregação e de as mesmas terem surgido num período muito anterior ao da dissensão. Finalmente, e como vimos, o doutor Schomberg fez tudo ao seu alcance para prejudicar e denegrir a imagem do seu rival português no seio da comunidade sefardita de Londres (Goldish; 1997:657), o que terá também contribuído para o seu afastamento.

Sarmiento terá feito a sua conversão à Igreja Anglicana em 1758, apesar de não existirem evidências do seu baptismo. Deve ser notado, contudo, que o médico português foi enterrado num cemitério anglicano, sendo provavelmente essa a razão pela qual alguns historiadores aludem a essa conversão, mesmo se não apresentem provas documentais.

Nas suas obras, o médico português nunca alude a aspectos relacionados com a sua postura relativamente a Deus, apesar de existirem algumas excepções importantes. Assim, e como vimos no início deste capítulo, no Scholio da *Theorica Verdadeira das Mares* (1737), Deus é

considerado como “hum Agente Eterno, Intelligente e Puro, o Geometra Todo poderoso; o qual construiu, e formou todas as Cousas por huma certa, e exacta, mensura, de *Numero, Pezo e Medida*” (Sarmento, 1737:102). Este, como já vimos, não é seguramente o Deus dos Judeus ou dos Cristãos, mas o Deus dos newtonianos, um deus geómetra que impõe uma ordem matemática no universo. Esta imagem de Deus é diametralmente diferente daquela que ressalta das suas obras religiosas. Assim, a sua adesão ao newtonianismo deve ter contribuído de forma decisiva para mudar a sua posição relativamente à religião.

## 5. Conclusão

De judeu praticante, envolvido activamente na sua comunidade, e autor de obras religiosas onde se exalta o Deus de Israel, Sarmento passou a dissidente e, possivelmente, a deísta. Foi esta alteração radical que terá motivado o comentário de Wadd. De facto, e tendo em conta todo o seu percurso religioso, a sua dissensão permite especular sobre o modo como o descendente de cristãos-novos encarou a religião.

Da discussão feita acima, pode ser concluído que o newtonianismo poderá ter desempenhado um papel fulcral na alteração da sua postura relativamente ao judaísmo, minando as suas convicções. Deve ser notado, contudo, que Sarmento nunca levou muito a sério os ritos e costumes judaicos. As acusações de passear de carruagem, e de trabalhar nos dias santos são um bom exemplo de como não respeitava escrupulosamente as restrições impostas pelas leis judaicas. Pode especular-se, portanto, se o médico português não terá utilizado a religião como forma de alcançar os seus fins pessoais, utilizando a congregação a que pertencia como trampolim para aceder a posições mais vantajosas. Ainda que esta forma de encarar os factos não seja muito lisonjeira para Sarmento, não deixa de ser uma hipótese credível.

Por outro lado, é possível que a alteração da sua postura relativamente à comunidade de Bevis Marks tenha decorrido apenas dos ataques feitos por outros judeus, depois de ter sido injustamente acusado pela denúncia de cristãos-novos à Inquisição. As acusações terão contribuído para que a sua posição no seio da comunidade tenha ficado comprometida. De qualquer modo, e mesmo que a sua postura relativamente a Deus tenha sofrido uma alteração significativa como consequência da adesão ao newtonianismo, Sarmento terá ainda assim pretendido continuar a pertencer à congregação. Deve ser notado que a alusão ao Deus newtoniano foi feita em 1737, tendo a sua dissensão ocorrido apenas em 1748, cerca de 11 anos depois.

É ainda possível que tenham sido questões pessoais a determinar a sua dissensão. De facto, e como foi referido atrás, o médico português tinha uma amante cristã, tendo casado com ela após a morte da sua primeira mulher. Assim, é verosímil que o seu abandono da congregação de Bevis Marks se relacione com o seu intento em casar com a antiga amante, dada a

impossibilidade de um judeu poder casar com uma anglicana. Tendo em conta todos os problemas com os membros da congregação, e o seu próprio percurso no seio da instituição, Sarmiento terá achado melhor abjurar a religião mosaica, com a qual já não se identificava.

## **CAPÍTULO II**

### **JACOB DE CASTRO SARMENTO E A ROYAL SOCIEY**

Dr. De Castro, [...] and Mr. Moore were severally put  
to the Ballot & were approved as Candidates for  
Election

Council Minutes of the Royal Society of London, 3 de  
Fevereiro de 1730

A eleição de Sarmento como sócio da Royal Society<sup>1</sup> marca o início da sua actividade enquanto interlocutor científico privilegiado com Portugal, podendo ser considerado como um dos seus actos públicos mais importantes.

O significado desta eleição para a sua actividade enquanto autor de obra científicas e divulgador do newtonianismo, é, contudo, de difícil avaliação. Ainda assim, e como iremos ver nas páginas seguintes, a admissão na Royal Society terá permitido o contacto com diferentes personalidades portuguesas, e a obtenção do seu patrocínio com o objectivo de potenciar o desenvolvimento científico do país. Sob outro aspecto, o facto de pertencer à prestigiada sociedade londrina deve ter contribuído para melhorar o seu estatuto profissional na capital inglesa, afirmando-o enquanto autoridade científica, numa altura em que se encontrava impedido de aceder a posições mais rentáveis no exercício da sua actividade como médico.

Noutra vertente, o médico português exilado em Londres ocupou o lugar deixado vago por Samuda, passando a desempenhar o papel de comunicador à sociedade das observações astronómicas realizadas pelos padres jesuítas. Esta relação durou alguns anos, durante os quais o número de comunicações é mais significativo, tendo posteriormente passado a actuar como intermediário entre a Royal Society e diferentes personalidades, espalhadas pelo Império português, devendo ser salientada a predominância de médicos.

Nas próximas secções iremos desenvolver estes aspectos, procurando aprofundar aqueles que se encontram menos explorados na historiografia sobre Sarmento.

---

<sup>1</sup> Sobre a história da Royal Society consultar: Fontes da Costa, 2009 e Hall, 1992.

## 1. Uma eleição conturbada

Como foi analisado no Capítulo I, a eleição de Sarmiento foi conturbada, devido à intervenção do seu rival, Meyer Schomberg, que procurou por todos os meios impedi-la, questionando a honorabilidade do médico português. Deve ser notado que a eleição para sócio da Royal Society<sup>2</sup> era uma das formas pelas quais os médicos judeus podiam adquirir prestígio, e patrocínio (Cantor, 2005:119), dado estarem impedidos de aceder às posições mais vantajosas, e lucrativas, no seio do Royal College of Physicians, a importante associação dos médicos ingleses. Os primeiros três médicos judeus eleitos para a Royal Society foram exactamente Samuda, Schomberg e Sarmiento, por ordem de data de eleição. A oposição de Schomberg à candidatura de Sarmiento terá decorrido de o médico alemão não querer ter concorrência de outro médico judeu, para além das questões pessoais existentes entre os dois, consideradas no capítulo anterior.

Aquando da sua eleição, Sarmiento tinha duas obras científicas publicadas; uma sobre a inoculação das bexigas, editada em inglês e em latim, e outra sobre águas minerais, escrita em português. Não se sabe se este facto teve alguma influência na decisão de o eleger, mas é provável que a competência científica de Sarmiento tenha contribuído para a sua eleição (Cantor, 2005:107). Contudo, a consulta das minutas das sessões relativas à sua eleição não esclarece as razões que terão estado na recusa inicial e na posterior aceitação. De facto, a minuta da reunião de 11 de Dezembro de 1729, apenas indica que a eleição foi recusada, sem nenhum outro esclarecimento. Não foi possível aceder à candidatura de Sarmiento<sup>3</sup>, mas existem diversas indicações de que Hans Sloane, uma das personalidades presentes na reunião, terá sido o seu único proponente<sup>4</sup>.

Sloane parece ter sido o principal patrono do médico português no seio da Royal Society, tendo sido, anos mais tarde, um dos principais responsáveis por este ter obtido o grau de doutor em medicina pela Universidade de Aberdeen. Por outro lado, e como iremos ver, o médico português estabeleceu contactos com personalidades portuguesas sob o patrocínio do presidente da Royal Society, de onde se pode depreender que existiria uma relação de alguma proximidade entre os dois.

A acta da sua segunda proposta, reproduzida acima, também não revela quais as razões que terão contribuído para a sua eleição. Tal como na primeira tentativa, Sloane era um dos presentes na reunião.

---

<sup>2</sup> Para mais informações sobre o funcionamento da Royal Society, consultar Palmira Fontes da Costa, *The Singular and the Making of Knowledge at the Royal Society in the Eighteenth Century*, Newcastle. Cambridge Scholars Publishing: 2009, 1 – 16.

<sup>3</sup> A pesquisa na biblioteca Royal Society permitiu concluir que esse documento se terá perdido.

<sup>4</sup> Nesta altura ainda era possível eleger um sócio com apenas um proponente, já que a partir de Agosto de 1730, o número de proponentes subiu para três, devendo incluir um membro do conselho.



## 2. A Royal Society e a agenda de divulgação de Sarmento

Não existem evidências de contactos estabelecidos por Sarmento com personalidades portuguesas, anteriores a 1730. Assim, é extremamente significativo que a agenda de divulgação seguida pelo médico português tenha sido iniciada exactamente na sequência da sua admissão como sócio da sociedade londrina.

Pouco tempo após a sua eleição, Sarmento procurou contactar com a Academia Real de História, tendo enviado uma carta para o seu presidente Emanuel Telles da Silva, Marquês do Alegrete, sugerindo a criação de um horto botânico para o cultivo de plantas utilizadas na prática médica, utilizando sementes provenientes do Chelsea Physic Garden<sup>5</sup>. A proposta foi apoiada por Sloane o que é revelador das boas relações entre os dois. Por outro lado, deve ser notado o facto de o médico inglês ser presidente da instituição<sup>6</sup> e de ter uma relação directa com o referido horto botânico<sup>7</sup>.

Para além da sugestão, a carta era acompanhada de um manuscrito, intitulado *Nova Descripçam do Globo, ou Exacta Medida dos Imperios, Reynos, Territorios, Estados, Principaes Provincias, Condados e Ilhas de Todo o Mundo* e de outra obra que não foi possível identificar. A carta de Sarmento e a resposta do presidente da Academia, foram lidas a 3 de Agosto de 1730, numa reunião daquela instituição presidida pelo Marquês do Alegrete, tendo ambas sido reproduzidas na *Collecçam dos Documentos, e Memorias da Academia Real de História*, editada em 1730, onde se agrupam as actas das reuniões da Academia que tiveram lugar nesse ano<sup>8</sup>. A resposta do presidente é extremamente laudatória, sendo evidente que o contacto do médico exilado em Londres havia sido bem recebido. Relativamente ao manuscrito enviado, é referido que “se nos oferecesses em inglês a descrição geográfica de todo o mundo, que nos mandaste, já não a deveríamos ter em pouca conta; mas vindo-nos ela traduzida em nossa língua, que graças não te devemos dar?” (d’Esaguy, 1952:7)<sup>9</sup>, sendo notório o reconhecimento pela importância da obra enviada e pelo facto de ter sido traduzida. O tom elogioso da carta é uma constante, podendo ser inferido que o secretário da academia era sensível aos esforços do exilado português. Contudo, e

---

<sup>5</sup> Este jardim botânico foi criado em 1673 para servir de treino aos farmacêuticos ingleses. A partir do início do século XVIII, e sob o patrocínio da instituição, foi iniciado um sistema internacional de troca de sementes que continua activo até aos dias de hoje.

<sup>6</sup> Hans Sloane sucedeu a Isaac Newton na presidência da sociedade londrina, permanecendo em funções até 1740.

<sup>7</sup> Sloane realizou diversas viagens ao continente americano, tendo descoberto um elevado número de plantas, algumas com potenciais utilizações terapêuticas. Uma parte das suas descobertas são narradas na obra, em dois volumes, *A Voyage to the Islands Madera, Barbados, Nieves, St Christophers and Jamaica with the Natural History of the Herbs, and Trees, Four-footed Beasts, Fishes, Birds, Insects, Reptiles &c. of the Last of Those Islands: To which is Prefix'd an Introduction Wherein is an Account of the Inhabitants, Air, Waters...*, Londres: B.M., 1707. Por outro lado, Sloane contribuiu para o aumento da área do Chelsea Physic Garden, sendo dono de uma parte dos terrenos onde se encontrava o horto botânico.

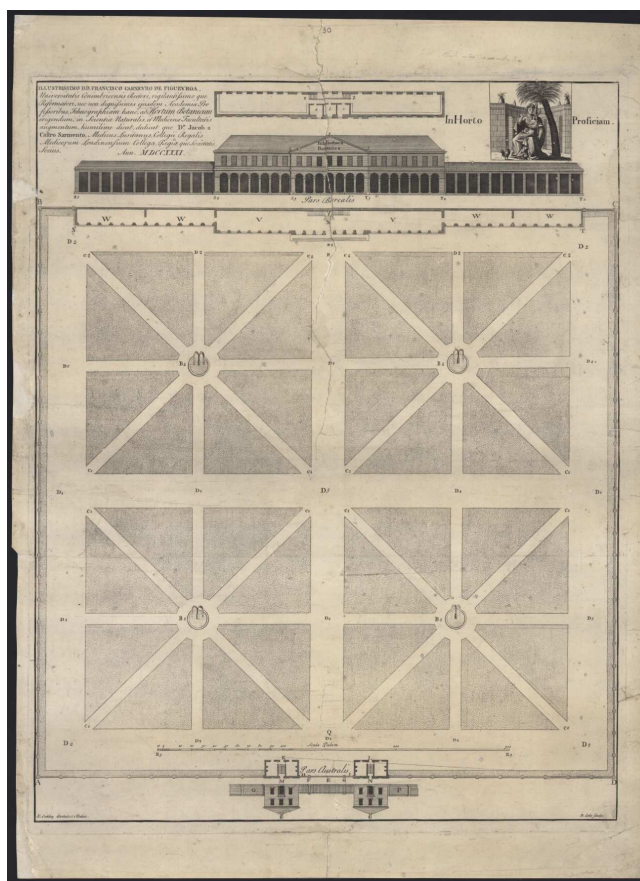
<sup>8</sup> Apenas a carta foi reproduzida. O manuscrito e a carta encontram-se na Biblioteca Nacional.

<sup>9</sup> O original foi escrito em latim, tendo d’Esaguy publicado a tradução da carta.

relativamente ao horto botânico, a sugestão é recusada, sendo argumentado que “como o fim do nosso Instituto não é a história natural mas sim a humana, não há por que acrescentar-vos este trabalho de pouco proveito para o nosso intento” (d’Esaguy, 1952:8),

Apesar de reconhecer a utilidade de um horto botânico, a proposta foi recusada, sendo alegados, como fundamento, os objectivos da Academia, claramente orientada para os estudos das Humanidades.

Depois deste contacto frustrado, Sarmiento procurou entrar em contacto com personalidades da Universidade de Coimbra, sugerindo a criação do referido horto botânico, tendo enviado, em 1731, sementes provenientes do Chelsea Physic Garden, para D. Francisco Carneiro de Figueiroa, reitor da universidade de Coimbra, e um plano para a sua construção, reproduzido na Figura 1. A resposta de Carneiro de Figueiroa não terá sido favorável, ficando o projecto por concretizar.



**Figura 1.** Projecto de Horto Botânico enviado por Sarmiento para D. Antonio Carneiro de Figueroa.

O projecto enviado pelo médico português é razoavelmente detalhado, tendo sido elaborado pelo arquitecto inglês Edward Oakley, autor de algumas obras sobre arquitectura<sup>10</sup>. Oakley

<sup>10</sup> Por exemplo, Oakley, Edward, *The Magazine of Architecture, Perspective & Sculpture*, A. Campbell & B. Creak: 1731, London.

também escreveu uma obra sobre a Maçonaria intitulada *A Speech Deliver'd to the Worshipful Society of Free and Accepted Masons at the Lodge, held at the Carpenter's Arms, 30st of December 1728*<sup>11</sup>. Este projecto deve ter sido encomendado e provavelmente custeado pelo próprio Sarmento.

A relação do médico português com a Universidade de Coimbra não se resumiu, contudo, a esta tentativa frustrada. Nos anos seguintes e até à sua morte, Sarmento continuou interessado em contribuir para o desenvolvimento da referida instituição, tendo enviado um microscópio, bem como alguns livros, merecendo particular destaque uma obra de Anatomia, contendo imagens do corpo humano em grande formato<sup>12</sup>. Estas imagens deveriam destinar-se às aulas de anatomia do curso de medicina da Universidade de Coimbra, apesar não existirem indicações de que tenham sido utilizadas.

Os contactos com a Academia Real de História também não se restringiram à sugestão para a criação do horto botânico, dado o interesse manifestado pelos membros da sociedade londrina em aprofundar os contactos com a academia portuguesa. Em carta datada de 1-12 de Setembro de 1730<sup>13</sup>, escrita, portanto, após a resposta do Marquês de Alegrete à sua primeira missiva, Sarmento agradece ao secretário da academia portuguesa o envio da História da Academia, referindo que o seu resumo havia sido bem recebido pelos sócios da Royal Society, prometendo apresentar a obra numa futura reunião da instituição, que iria ter lugar em Outubro de 1730. Para além desse agradecimento e do reconhecimento pelo trabalho desenvolvido pelos académicos, é sugerido que fossem escolhidos “alguns dos sapientíssimos Academicos para escreverem hũa historia de todos os sábios luzitanos que florescerão em todos os tempos passados dando rellação dos seus escritos” (d’Esaguy, 1953:12). A sugestão não foi seguida pela Academia, mas é indicativa de que o médico português esteve activamente empenhado em estreitar as relações entre as duas instituições.

Não existem indicações claras de que o contacto entre Sarmento e a instituição portuguesa tenha prosseguido depois desta data; ainda assim, é certo que trocou correspondência com alguns dos seus membros mais destacados como o 4.º conde da Ericeira<sup>14</sup>.

---

<sup>11</sup> Este pormenor merece alguma atenção. Sarmento contactou com diversos membros da Maçonaria inglesa, como Desaguliers, que apelida de “bom amigo” – ver Sarmento, 1737:vi. O facto de o arquitecto responsável pela elaboração do plano do jardim botânico pertencer à Maçonaria pode significar que Sarmento possa ter alguma relação com a Maçonaria inglesa. Esta é uma questão que não foi possível esclarecer mas que merece atenção.

<sup>12</sup> Na obra *Para a História da Medicina na Universidade de Coimbra: Exposição Bibliográfica*, Gráfica de Coimbra: 1999, existe a indicação de uma obra médica escrita em francês, enviada por Sarmento para a Biblioteca da Universidade e onde se incluem imagens detalhadas do corpo humano. A obra é Duverney, Joseph-Guichard, *Suite de l’essai d’Anatomie en tableaux*, Paris: Imprimerie Quillau, 1748.

<sup>13</sup> Referida em primeiro lugar por d’Esaguy em d’Esaguy, 1953.

<sup>14</sup> Como iremos ver mais à frente, o 4.º conde da Ericeira serviu de intermediário entre D. João V e Sarmento, aquando da decisão do rei em reformar o ensino da medicina em Portugal.

### 3. Sarmento na Royal Society<sup>15</sup>

#### 3.1. Comunicações publicadas nas *Philosophical Transactions*

Com a morte de Samuda, responsável pela comunicação das observações astronómicas dos padres jesuítas, Sarmento passou a desempenhar essa função. Assim, uma grande parte das comunicações feitas nos primeiros anos após a sua eleição consiste na apresentação de observações astronómicas feitas por padres jesuítas em diversas partes do império português<sup>16</sup>. A primeira foi incluída nas *Philosophical Transactions* para os meses de Maio, Junho, Julho e Agosto de 1730 e diz respeito à observação de um eclipse lunar feita por Carbone em Lisboa. Nesse ano e no seguinte, foram feitas mais três comunicações, incluindo observações realizadas no observatório jesuíta de Pequim pelos padres Inácio Kögler e André Pereira (1689–1743), sendo este um dos períodos mais activos de Sarmento na Royal Society. Estas observações eram importantes para os ingleses, por fornecerem informações relativas ao império português, que poderiam ser utilizadas na prossecução dos seus interesses económicos.

Em 1731, Sarmento apresentou perante a sociedade a única comunicação da sua autoria, intitulada *A Letter from JCS, M.D. and F.R.S. To Cromwell Mortimer, M.D. Secr. R.S. concerning Diamonds lately found in Brazil*, que, como o nome indica, descreve a descoberta de uma mina de diamantes na região da Cidade do Príncipe, no Brasil. A comunicação não se relaciona com nenhuma das actividades científicas ou de divulgação em que o seu autor se envolveu ao longo do tempo, mostrando, ainda assim, que o médico fugido de Portugal deveria possuir diversos contactos espalhados por todo o império português<sup>17</sup>.

No ano seguinte foi feita mais uma comunicação, sendo esta a última onde são transmitidas as observações astronómicas feitas por Carbone em Lisboa. No entanto, o contacto com os padres jesuítas prosseguiu, tendo o médico português apresentado posteriormente outras duas comunicações relacionadas com observações astronómicas realizadas por membros da Companhia de Jesus. A primeira diz respeito às observações feitas no Paraguai, entre 1706 e 1730 sendo datada de 1748; a segunda dá conta das observações realizadas em Pequim pelo padre jesuíta Augustin Hallerstein, tendo sido publicada em 1752. Deve ser notado que, entre 1732 e 1748, houve uma pausa nas comunicações por Sarmento, desconhecendo-se as razões para tal. É possível que tenha estado envolvido em outras actividades, nomeadamente na escrita

---

<sup>15</sup> Rómulo de Carvalho fez uma análise exaustiva das comunicações feitas por portugueses na Royal Society, incluindo obviamente as de Sarmento, num trabalho muito bem documentado, que continua a ser uma referência fundamental. Ver R. Carvalho, 1955. Neste contexto ver, também Ferreira, 1943, que foi um dos primeiros a analisar as relações científicas entre Portugal e Inglaterra durante o século XVIII.

<sup>16</sup> É muito provável que o telescópio utilizado por Carbone, ou parte dele, tenha sido adquirido em Londres por intermédio de Samuda. A consulta da correspondência oficial de António Galvão de Castelo Branco (Cf. BACL, Ms 602) mostra que Samuda adquiriu material científico em Londres.

<sup>17</sup> Alguns desses contactos relacionam-se com a comercialização da Água de Inglaterra, o medicamento de segredo português mais importante do século XVIII.

de obras científicas, e na produção dos seus medicamentos<sup>18</sup>, ou ainda na consolidação da sua carreira como médico.

As comunicações feitas em 1755, ambas da autoria de João Mendes Sacheti Barbosa, merecem especial destaque. A primeira relata as observações astronómicas da Lua efectuadas pelo médico português, utilizando um telescópio de qualidade razoável, enquanto a segunda descreve os efeitos do Grande Terramoto de 1755 na cidade de Lisboa.

O sismo provocou o interesse do público europeu e de muitos intelectuais, incluindo Voltaire, autor de um poema sobre a destruição de Lisboa, intitulado *Poeme sur la Desastre de Lisbonne* (1756), e Immanuel Kant, que escreveu uma obra dedicada a este terrível evento. O interesse da Royal Society por este assunto foi grande, tendo sido publicadas nas *Philosophical Transactions* um total de doze cartas provenientes de Portugal onde se relatam os efeitos do terramoto, incluindo uma carta de Sacheti Barbosa.

O interesse de Sarmiento pelo sismo foi grande. Numa carta não datada<sup>19</sup>, endereçada a Diogo Mendonça de Corte Real<sup>20</sup>, secretário de Estado do rei D. José I, o exilado português dá conta da sua consternação e preocupação com a destruição provocada em Lisboa pelo terramoto. Por outro lado, e na sequência da notícia, chegada recentemente a Londres, de que havia sido criado um cordão militar em torno de Lisboa, com o objectivo de controlar todas as pessoas que queriam abandonar a cidade e assim se descobrirem potenciais ladrões, o médico português refere que, desse modo, os lisboetas seriam expostos a más condições sanitárias que poderiam levar à ocorrência de uma epidemia. Assim, e na sua opinião, deveria proceder-se ao envio das pessoas afectadas pelo terramoto para outras zonas do país, de modo a preservar a saúde pública na capital portuguesa<sup>21</sup>. Na mesma carta, Sarmiento elogia Sacheti Barbosa, referindo que “he sujeito do juizo e sciencia mais solida, assistido de todas as partes, ou ramos, que constituem a Arte Medica e que fazem digno da profissam que exercita”, considerando-o como a pessoa mais indicada para resolver os problemas sanitários decorrentes do Terramoto.

Depois de mais um interregno, Sarmiento apresentou à sociedade os resultados de observações astronómicas realizadas pelo oratoriano João Chevalier (1722–1801) em Lisboa, utilizando um telescópio com um tubo óptico de 2,60 m (R. Carvalho, 1955:44). A comunicação teve lugar em 1758, três anos depois das comunicações relacionadas com o Grande Terramoto.

O médico português também serviu de intermediário entre a sociedade londrina e outras personalidades que não viviam em Inglaterra. Neste contexto, merecem particular destaque as

---

<sup>18</sup> Um dos aspectos mais polémicos de Sarmiento decorre de ser produtor, e vendedor, de medicamentos de segredo. A questão da Água de Inglaterra será analisada mais à frente.

<sup>19</sup> A carta encontra-se no Arquivo Histórico Ultramarino. Cf. AHU, CU, Reino, Cx. 22-A, Pasta 11.

<sup>20</sup> Diogo Mendonça de Corte Real era filho do diplomata homónimo do rei D. João V.

<sup>21</sup> A questão das condições sanitárias das populações após a ocorrência de terramotos também foi abordada por Ribeiro Sanches que, em Sanches, 1756, indica quais os cuidados a ter e quais os procedimentos a executar pelas autoridades.

duas comunicações, feitas no fim da sua vida, relativas a observações de um médico alemão, Nicholas Himsel (1729–1764), onde se relatam alguns casos médicos interessantes. A primeira<sup>22</sup> relata a cura de um parálítico por meio da electricidade, e terá tido algum impacto, já que foi reproduzida noutras obras<sup>23</sup>. A segunda<sup>24</sup> comunicação relata o caso de uma constipação provocada artificialmente em São Petersburgo, na Rússia, tendo um interesse relativo.

Do que foi referido, pode, portanto, ser concluído que a actividade de Sarmento enquanto intermediário na comunicação de notícias científicas foi evoluindo ao longo do tempo. De comunicador das observações astronómicas feitas por padres jesuítas, o médico português passou a ser o principal interlocutor entre a sociedade londrina e diversas personalidades portuguesas e estrangeiras, desempenhando um papel relevante, estando inserido numa rede de comunicações com diferentes ramificações.

### 3.2. Comunicações não publicadas

#### 3.2.1. Sacheti Barbosa

Para além das comunicações publicadas na *Philosophical Transactions*, Sarmento terá transmitido aos seus colegas da Royal Society o conteúdo das cartas enviadas pelos seus correspondentes, provavelmente devido a saber escrever em, pelo menos, três idiomas: português, latim e inglês. Dada a sua relevância, merecem particular destaque as comunicações enviadas por Sacheti Barbosa.

Uma dessas comunicações consta de uma carta datada de 3 de Março de 1748, e descreve o modo de preparação da tinta-da-china e as suas aplicações<sup>25</sup>, numa época em que este tipo de tinta ainda não era de uso corrente na Europa. A comunicação tem pouco interesse científico, não sendo fornecida, por exemplo, qualquer informação sobre a composição da tinta-da-china, sendo, contudo, reveladora da vontade de Sacheti em estabelecer contactos com a sociedade londrina, utilizando Sarmento como interlocutor.

Outro exemplo é o de uma carta, datada de 9 de Junho de 1748, onde Sacheti comunica a descrição de uma ave estranha, cuja pele chegou a Portugal proveniente do Brasil<sup>26</sup>, sendo referida a sua intenção em a enviar para a Royal Society. Sacheti descreve de forma resumida os

---

<sup>22</sup> Cf. *PT*, 51, 1759-60: 179-185.

<sup>23</sup> Este artigo foi publicado na famosa revista *The Gentleman's and London Magazine* para o mês de Junho de 1760. Deve ser notado que existia em Inglaterra um grande interesse pelos fenómenos eléctricos, sendo esse facto detectável pelo aumento do número de comunicações à Royal Society sobre esta temática, durante este período.

<sup>24</sup> Cf. *PT*, 51, 1759-60: 670-676.

<sup>25</sup> A carta, existente na Wellcome Library, é intitulada *Of the Preparation, Sophistication, uses and virtues of china ink, Communicated to Dr. de Castro by Dr. J.<sup>m</sup> Mendes Saqueti, Physician to the King of Portugal, Hospital in Elvas* (Cf. WL, MS. 5403/55).

<sup>26</sup> Este documento encontra-se na Wellcome Library e tem o título *An account of an extraordinary Bird, as related in a letter from Doctor João Mendes Saqueti, Physician of the City of Elvas in Portugal to Doutor De Castro, wherein he desires him, to present the skin of the said bird to the Royal Society*.

hábitos da ave, fazendo depois uma descrição das suas vísceras, sendo este testemunho dado na segunda pessoa, sinal evidente de que o próprio não teria visto a ave<sup>27</sup>.

Apesar de estas comunicações não terem chegado a ser publicadas, confirmam, de forma clara, a existência de um intercâmbio científico<sup>28</sup> entre Sarmiento e Sacheti<sup>29</sup>. Esta relação, que deve ter sido iniciada nesta época, manteve-se até à morte do primeiro. Sacheti Barbosa foi eleito sócio da Royal Society em 1750, dois anos após os referidos contactos com Sarmiento podendo ser especulado que a sua eleição decorreu da sua actividade científica, ao contrário do que se terá passado com outras personalidades portuguesas.

### 3.2.2. O Manifesto de Carlos de Vico

Em 1714, o parlamento inglês promulgou o Longitud Act, atribuindo um prémio avultado a quem descobrisse um método fiável para a determinação da longitude. Enquanto a latitude era facilmente determinável, a longitude era de difícil medição, tendo esse facto motivado diversos naufrágios, com um impacto económico significativo. Assim, o parlamento inglês procurou incentivar todos os interessados em encontrar um modo rigoroso para determinar a longitude, com o objectivo velado de adquirir vantagem relativamente a outros países com idênticas ambições imperiais<sup>30</sup>.

O autor da *Theorica Verdadeira das Mares* (1737) alude, nesta obra, a dois métodos para a determinação da longitude; um que se baseava num relógio muito preciso<sup>31</sup>, e outro, desenvolvido por Edmund Halley, que se baseava na posição da Lua. A construção de relógios era feita essencialmente por artesãos, mestres relojoeiros, muitos deles sem qualquer tipo de formação científica, enquanto os métodos astronómicos foram desenvolvidos por filósofos naturais como Halley, tendo esta diferença de classes motivado alguns atritos.

A leitura da *Theorica* terá sido a principal motivação para D. Carlos de Vico escrever um *Manifesto* sobre a longitude e os métodos propostos para a determinar. Este texto foi impresso,

---

<sup>27</sup> De facto, e como é referido, “As there was no preserving its life, it was ordered to be strangled with a strong line, and afterwards to be skinned, but tho the ligature was kept tight about his neck a good while, he seemed to feel no inconveniency from the want of respiration, yet manifested symptoms of pain, so he was killed by cutting open his belly”.

<sup>28</sup> Este intercâmbio não se limitou às comunicações feitas no âmbito da participação na Royal Society. Assim, por exemplo, nas *Considerações Médicas*, escritas por Sacheti, há a indicação de que Sarmiento enviou livros para o seu correspondente português (Sacheti Barbosa, 1758:xxxiii).

<sup>29</sup> Como já foi referido, estes contactos não significam a existência de uma “ciência portuguesa”, já que Sacheti não deixou escola. De qualquer modo, mostram, que na passagem da primeira metade para a segunda metade do século XVIII, existia em Portugal um conjunto de pessoas activamente envolvidas na modernização da ciência e medicina portuguesas.

<sup>30</sup> Sobre esta temática ver, por exemplo, Jardine, Lisa, *Going Dutch*, London: Harper & Collins, 2011.

<sup>31</sup> De modo a determinar a longitude por meio de um relógio é necessário ter um relógio fiável acertado pela hora do local de partida, ou de algum ponto de referência como o meridiano de Greenwich, e saber a hora local do ponto cuja longitude se pretende determinar. Tendo em conta a diferença do tempo indicado nos dois relógios era possível determinar a longitude. Sabendo a latitude podia-se determinar com rigor a distância relativamente ao meridiano tomado como referência.

tendo o médico português feito a sua tradução para inglês de modo a poder ser apresentado na Royal Society. Não foi possível encontrar muita informação sobre o autor do *Manifesto*. Sabe-se que D. Carlos de Vico era um médico italiano, “Mestre de Philosophia, e Matematica” e que terá sido acusado pela Inquisição, anos mais tarde, por ter celebrado o casamento de um luterano com uma católica. O processo foi iniciado em 1756, e na altura da inquirição, Vico tinha oitenta anos<sup>32</sup>.

O *Manifesto* tem oito páginas, sendo que uma parte significativa do mesmo é dedicada as críticas feitas quanto à possível utilização de um relógio para determinar a longitude de um local. Vico começa por referir que “ainda que ao presente se trata do descobrimento das Longitudes, assim como da Pedra Filosofal, da quadratura do circulo, da duplicação do Cubo, e do motu perpetuo, como cousas que entraõ no numero das diligencias inúteis” (Vico, 174?:s.n.p.)<sup>33</sup> existirão sempre pessoas interessadas em resolver o problema, dada a importância desta descoberta. A consideração de que a determinação da longitude seria tão difícil de alcançar como a pedra filosofal, ou como a quadratura do círculo, é provavelmente uma figura de retórica para enfatizar a dificuldade em encontrar um método adequado.

De qualquer modo, as críticas de Vico não são de todo injustificadas. Na altura em que o médico italiano escreveu o seu pequeno panfleto, existiam diversas propostas, sendo evidente o facto de uma grande parte das pessoas que procuravam desenvolver um método fiável para a determinação da longitude considerarem que o problema deveria ser resolvido por métodos astronómicos. Como foi referido, o próprio Halley procurava descobrir um método com base na determinação rigorosa da posição relativa da Lua. Assim, as críticas feitas são perfeitamente legítimas, independentemente do seu rigor.

Na opinião de Carlos de Vico a determinação da longitude com um relógio não seria exequível, sendo o próximo excerto elucidativo das suas razões:

eu não sey compreender, como se possa acertar huma exacta, e infalível medida com hum instrumento tão sujeito a variaçoens, porque ainda que se supponha exacto, não póde dar-se esta regular exacção sem haver primeiro huma justa equação do tempo, principalmente sendo fundado sobre o movimento do Sol, ou da Terra, que nem hum, nem outro ainda com clareza se demonstra trepidando todos com a mesma trepidação, que alguns daõ à Terra (Vico, 174?:s.n.p.)

---

<sup>32</sup> Cf. ANTT, Inquisição de Lisboa, proc. 05066.

<sup>33</sup> Desconhece-se a data de impressão do *Manifesto*. O autor alude à Gazeta de Lisboa de 1741, pelo que deve ter sido escrito depois desta data. A tradução tem a data de 14 de Março de 1744, pelo que provavelmente terá chegado a Sarmento entre o final de 1743 e o início de 1744.



Vico mostra-se particularmente céptico devido às variações a que os relógios estão sujeitos, o que impediria uma determinação fiável da longitude de um local. Como pode ser constatado, o autor considera o movimento da Terra como uma hipótese pouco credível, sendo notório que não estava totalmente convencido de que este astro se move em torno do Sol. De facto, mais à frente, volta a referir esse aspecto, dizendo que “E ou seja o Sol, ou seja a terra a que gire lhe dão quasi geralmente hum movimento Eliptico, fazendo-lhe descrever hum Orbita eccentrico”. Apesar de aludir à forma correcta da órbita dos planetas, é evidente que Vico considerava o movimento do Sol em torno da Terra como uma possibilidade válida<sup>34</sup>.

O médico italiano utiliza também alguns argumentos astronómicos, considerando que o facto de o movimento da Terra ter velocidades diferentes no apogeu e no perigeu<sup>35</sup>, teria como consequência a introdução de erros significativos na determinação da duração de um dia. Assim, e segundo a sua opinião, a duração dos dias deveria aumentar, ou diminuir, consoante a altura do ano, o que se traduziria na impossibilidade de se utilizar um relógio para a obtenção da longitude de um local. Na prática, isso significaria que a determinação da hora local de um dado ponto onde um barco se encontrasse, estaria sujeita a erros consideráveis, o que impediria a correcta determinação da sua longitude.

Na parte final do texto, e depois de aludir à sua experiência de navegação, Vico propõe que a longitude podia ser determinada por meio do desvio da agulha de uma bússola relativamente à sua posição num dado ponto de referência, procurando obter o patrocínio de pessoas interessadas em contribuir para a demonstração do método proposto. O seguinte excerto inclui a sustentação da sua proposta:

E não sem algum bom, e bom fundamento desta idea, creyo, que alguns Autores antigos fixáráo o seu primeiro meridiano na Ilha de S. Miguel, por não ter a Agulha de marear variação alguma naquela Ilha; e se vê, que todos os nossos pertendidos descobrimentos novos dependem dos princípios daquelles antigos a nós deixados.

O argumento é claramente pouco credível. Vico “crê” saber que alguns autores antigos haviam estabelecido a longitude da ilha de S. Miguel utilizando o método proposto, considerando implicitamente que o conhecimento moderno não seria mais do que uma mera repetição dos

---

<sup>34</sup> Na época em que Vico terá escrito o seu *Manifesto*, o sistema coperniciano era obviamente conhecido e compreendido por algumas elites portuguesas, apesar de não ser ensinado, nem considerado na maior parte dos livros que abordavam estas temáticas. Em 1751, nas escolas da Congregação do Oratório ensinava-se o modelo geo-heliocêntrico de Tycho Brahe (1546-1601), como se pode constatar pela leitura do *Dialogo da Esfera celeste e terrestre Para o uso das Escolas da Congregação do Oratorio na Real Casa de N. Senhora das Necessidades, Ordenado pela mesma congregação*, Lisboa: Miguel Rodrigues, 1751.

<sup>35</sup> O apogeu é o ponto da sua órbita em que a Terra está mais longe do Sol; o perigeu é o ponto em que está mais perto do Sol.

princípios definidos por aqueles autores. Curiosamente, esta perspectiva é extremamente comum entre as elites portuguesas da época<sup>36</sup>, sendo uma evidência da desconfiança com que os novos sistemas conceptuais foram recebidos e interpretados.

O resumo traduzido do manifesto de Vico foi apresentado numa reunião da Royal Society que teve lugar a 14 de Março de 1745, com o título *An Extract of the Manifesto of Dr. Charles de Vico, Professor of Physick and Physician of the German nation at Lisbon*. No início, é referido que o manifesto havia sido apresentado aos reis de Portugal e enviado para todas as sociedades científicas europeias. Não se sabe qual o impacto do *Manifesto* entre os sócios presentes na reunião, podendo especular-se que terá sido recebido com pouco entusiasmo.

Esta comunicação é mais uma evidência da participação activa de Sarmiento nas sessões da sociedade londrina. A sua participação na Royal Society não se reduziu, porém, às comunicações feitas aos seus sócios.

### 3.3. Eleição de sócios

#### 3.3.1. Membros da Delegação portuguesa

No período decorrido entre a sua eleição, e o ano da sua morte, em 1762, Sarmiento propôs para sócios da Royal Society diversas personalidades portuguesas e estrangeiras, incluindo todos os diplomatas à frente da delegação da coroa portuguesa em Londres. Tendo em conta o papel da Royal Society no âmbito das relações entre Portugal e Inglaterra no período considerado, a eleição destas personalidades deve certamente ter decorrido de um interesse mútuo, com o objectivo de incrementar a troca de informação entre os dois países.

O primeiro português a ser proposto pelo médico português foi Diogo de Mendonça Corte Real (1658-1736)<sup>37</sup>, Ministro de D. João V, enviado plenipotenciário da corte portuguesa junto da coroa britânica, com quem manteve relações de cordialidade, provavelmente de amizade.

Existem indicações de que a eleição terá ocorrido já depois de Corte Real ter regressado a Lisboa, já que o diplomata português enviou uma carta<sup>38</sup> a Sarmiento, datada de 15 de Outubro de 1735, onde procura o patrocínio deste para a sua proposta como sócio da Royal Society. Depois de aludir ao seu desejo em pertencer a uma sociedade cuja actividade contribuía para o aumento do conhecimento, Corte Real conclui a sua missiva referindo que “and as you are one of the Members of that Honorable Society, I hope you will represent to the same with the most significant expressions you are master of, the just eagerness I have to be worthy of such an

---

<sup>36</sup> Algumas obras publicadas em Portugal em meados do século XVIII remetem exactamente para esse aspecto, como por exemplo, a tradução da obra de Regnault, feita pelo jesuíta João Carlos da Silva, intitulada *Origem Antiga da Fysica Moderna*, editada em 1753. Para mais informações sobre este aspecto ver, por exemplo, Silva Dias, 1972.

<sup>37</sup> Sarmiento terá mantido contacto epistolar com o filho de Corte Real, dado ser conhecida uma carta escrita pouco tempo após o Grande Terramoto de 1755 - Cf. AHU, CU, Reino, Cx. 22-A, Pasta 11.

<sup>38</sup> Esta carta encontra-se na biblioteca da Royal Society em Londres.

honour.” Ainda que a carta seja escrita em tom formal, parece evidente que Corte Real e Sarmiento tinham uma relação de alguma amizade. Anos mais tarde, o médico português dedicou a sua obra *Dos Usos e Abusos das Minhas Agoas de Inglaterra*, ao filho de Corte Real. Na dedicatória, é referido que o pai de Corte Real havia solicitado a Sarmiento a aquisição e envio de livros destinados ao seu filho<sup>39</sup>.

No texto que acompanha a sua candidatura, é feita alusão aos extensos conhecimentos em História Natural de Corte Real, sendo referido que se encontrava a escrever uma história natural do Brasil, sendo estes os principais argumentos invocados. A lista de proponentes inclui James Jurin (1684-1750), médico prestigiado, conhecido pela sua importância na polémica em torno da inoculação das bexigas<sup>40</sup>, e eleito, mais tarde, como presidente do Royal College of Physicians.

As relações de amizade entre Sarmiento e Corte Real terão sido relevantes para a eleição do diplomata português, mas esse facto não explica a razão pela qual todos os enviados do rei português junto da corte inglesa foram propostos e eleitos como sócios da sociedade londrina.

Azevedo Coutinho é também exemplar do modo como Sarmiento estabeleceu relações de proximidade com os enviados da coroa, servindo simultaneamente os interesses das coroas portuguesa e inglesa. No texto que acompanha a candidatura é referido que Azevedo Coutinho era versado em “conhecimento natural” e que tinha um desejo sincero de pertencer à sociedade londrina. A lista de proponentes inclui, para além de Sarmiento, Hans Sloane e John Senex (1678-1740), cartógrafo de renome. As razões invocadas para a eleição de Azevedo Coutinho são reveladoras de que as questões políticas foram predominantes<sup>41</sup>, sendo radicalmente diferentes das que foram consideradas na eleição dos outros portugueses eleitos para sócios, que não desempenharam funções diplomáticas em Londres.

Também neste caso terá existido uma relação de amizade entre o enviado português e o médico exilado em Londres. Este dedicou a sua principal obra médica a Azevedo Coutinho, que, anos mais tarde, o nomeou médico da delegação portuguesa em Londres. Por outro lado, e como irá

---

<sup>39</sup> A seguir reproduz-se o conteúdo da carta endereçada a Sarmiento por Corte Real, onde este solicita o patrocínio do médico português junto da sociedade londrina. Deve ser notado que, apesar de a carta ter um carácter claramente institucional, existem algumas evidências de que existiria uma relação de alguma proximidade entre os dois. “Sir, It is long since I have been acquainted of the wonderful progresses made in the sciences by the Royal Society of London, and the many lights the same have given to the professors thereof. Neither am I less sensible of the great usefulness of their present works, and indefatigable undertakings. Hence comes the great desire of being one among them, and that I may be worth of their speculation knowing that as for my own real merit, I scarcely defend (não percebo bem a palavra) to be admitted among the number of so Learned a Body: and as you are one of the Members of that Honorable Society, I hope you will represent to the same with the most significant expressions you are master of, the just eagerness I have to be worthy of such an honour. I remain as your most obedient and Humble Servant Diogo de Mendonça Corte Real, West Lisbon, October, 15<sup>th</sup> 1735”.

<sup>40</sup> A questão da inoculação das bexigas irá ser considerada com mais detalhe no capítulo IV.

<sup>41</sup> A nota que acompanha o pedido de Joaquim José Fidalgo da Silveira, eleito em 1751, apenas alude ao desejo do diplomata português em pertencer à sociedade londrina. Assim, a eleição para sócio da prestigiada Royal Society era um prémio para os membros do corpo diplomático destacado em Londres.

ser analisado com mais detalhe no capítulo V, as actividades relacionadas com a agenda de divulgação seguida por Sarmento, tiveram um incremento significativo logo após a chegada deste diplomata a Londres.

Neste contexto, também deve ser referida a eleição, em 1740, de Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), futuro primeiro ministro de D. José I. Carvalho e Melo foi proposto por Sarmento, Sloane e outras figuras de alguma relevância como William Stukeley (1687-1765), pioneiro da arqueologia moderna, e um dos primeiros biógrafos de Newton, com quem manteve uma relação de alguma proximidade<sup>42</sup>.

Existem diversas evidências de que os dois terão contactado com alguma frequência, apesar de provavelmente não terem mantido contacto assíduo após Carvalho e Melo ter voltado para Portugal. A tradução da obra de Stephen Hales sobre um medicamento da autoria de Madam Stephens, com o título *Relaçam de Alguns Experimentos, e Observaçoes, Feitas sobre as Medicinas de Madam Stephens, para dissolver a Pedra* (1742) foi dedicada a Carvalho e Melo, tendo sido feita na sequência de uma conversa entre os dois, como é referido na dedicatória da obra<sup>43</sup>, o que é revelador das suas boas relações.

Anos antes, Pombal interveio numa questão entre Sarmento e os responsáveis da paróquia onde tinha a sua residência. Os portugueses pertencentes à delegação portuguesa em Londres tinham direito à isenção do pagamento de taxas à paróquia de sua residência, tendo Sarmento, porém, sido obrigado a pagá-las. Dada a irregularidade, o médico português solicitou<sup>44</sup> a Carvalho e Melo para interceder junto das autoridades de modo a fazer cumprir o referido acordo. A intervenção do diplomata português foi bastante eficaz tendo o problema sido resolvido rapidamente<sup>45</sup>.

Por outro lado, existem evidências de que o futuro primeiro ministro de Portugal participou em sessões da sociedade londrina. Na obra sobre as “medicinas de Madam Stephens”, é referido que:

o nome de V.S. será hum callificado testemunho da séria indagaçam, e circumspecto exame, que se fez sobre a utilidade deste Descobrimento; e de que a tudo concorreram muitos Medicos doutos, e o mais celebre Naturalista dos nossos tempos. Todos V.S. conhece de vista. (Sarmento, 1740:vi-vii)

---

<sup>42</sup> Foi Stukeley quem reuniu os primeiros documentos sobre Newton. Para mais detalhes, consultar Westfall, 1980.

<sup>43</sup> Ver capítulo III.

<sup>44</sup> Este assunto foi exposto numa carta enviada para Carvalho e Melo a 24 de Junho de 1742. Cf. BL, *Official copies of despatches from the same to M. A. de Azevedo Coutinho, 1 Jan. 1743 – 4 Maio de 1745*.

<sup>45</sup> Esta informação pode ser consultada na obra *Museu Litterario, Útil e Divertido* (1833). Ver também José Barreto, *Sebastião José de Carvalho e Melo, Escritos Económicos de Londres (1742-42)* (1986), obra editada no âmbito do estudo da coleção pombalina existente na BN.

A indicação de que Carvalho e Melo conheceria as pessoas envolvidas na verificação das propriedades do medicamento é um indício claro da sua participação em sessões da Royal Society, provavelmente acompanhado por Sarmiento. O “mais celebre Naturalista dos nossos tempos” referido no excerto transcrito acima deve ser Sloane, presidente da Royal Society que, como vimos, terá sido o patrono do médico português no interior daquela instituição.

Nos anos seguintes, e até à sua morte, o médico exilado em Londres continuou a estar envolvido na eleição dos representantes portugueses para sócios da Royal Society, apesar de as relações estabelecidas com essas personalidades não terem sido tão próximas como as que desenvolveu com Azevedo Coutinho ou Carvalho e Melo. Assim, é muito provável que a eleição dos enviados da coroa portuguesa tenha decorrido de um acordo mútuo entre os dois países.

Deve ser notado, contudo, que a actividade de Sarmiento enquanto proponente de novos sócios para a Royal Society, foi muito mais abrangente, tendo proposto muitas outras personalidades.

### 3.3.2. Médicos

Sarmiento era médico, pelo que não é de espantar que algumas das personalidades propostas pertençam a esta classe profissional, acrescentando o facto de os médicos serem uma das classes profissionais portuguesas onde as ideias dos modernos se disseminaram com maior facilidade<sup>46</sup>.

Em 1743, Sarmiento propôs o médico Mateus Saraiva (1687-1765?), residente no Rio de Janeiro, para sócio da Royal Society. O célebre médico Richard Mead (1673-1754) consta da lista de proponentes, o que demonstra que em alguns casos os proponentes tinham uma relação directa com a área de conhecimento a que se dedicava o proposto. Numa carta enviada a Barbosa Machado e reproduzida na *Revista trimensal de historia e geographia, ou, Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, (1865), Mateus Saraiva alude ao contacto estabelecido com Sarmiento, referindo ter escrito um tratado sobre os cometas para enviar à Royal Society de modo a apressar a sua eleição para sócio daquela instituição. É possível que o médico residente no Brasil enviasse para Sarmiento algumas plantas para estudo da sua potencial utilização terapêutica, tendo, por outro lado, servido como intermediário para a comercialização da Água de Inglaterra em território brasileiro.

Passados três anos, Sarmiento propôs João Mendes Saquet, médico no Hospital Militar de Elvas. Existem poucas informações disponíveis sobre Sachet, que não deve ser confundido com João Mendes Sacheti Barbosa, apesar de os nomes serem muito semelhantes e de ambos serem

---

<sup>46</sup> Este aspecto será considerado com maior detalhe nos capítulos onde se abordam as obras médicas de Sarmiento. No entanto, deve ser notado que algumas das primeiras alusões aos autores modernos surgem em livros de medicina, como, por exemplo, a *Historiologia Medica* (1733), de Joseph Rodrigues de Avreu. Nesta obra, que irá ser considerada no Capítulo V, Avreu faz uma descrição relativamente detalhada de alguns sistemas modernos, incluindo a “seyta dos mechanistas”..

médicos no Alentejo<sup>47</sup>. Deve ser notado, contudo, que a proposta de Saquet foi aceite em 1746, enquanto Sacheti Barbosa, só foi eleito quatro anos mais tarde.

A proposta alude ao facto de Sachet possuir conhecimentos de Botânica<sup>48</sup>, o que provavelmente terá decorrido dos contactos estabelecidos previamente com a Royal Society. No ano anterior à sua eleição, Saquet enviou uma carta, redigida em latim, endereçada a Martin Folkes, secretário da Royal Society, onde se comunica a descrição de uma planta e as propriedades curativas de uma “pedra de serpente” que, alegadamente seria um atractor de venenos. A carta foi comunicada à sociedade pelo próprio Folkes, não tendo, porém, sido incluída nas *Philosophical Transactions*.

A descrição da planta é criticada por Folkes, alegando que Saquet deveria possuir poucos conhecimentos de Botânica, mas o desenho incluído pelo médico português mereceu um elogio<sup>49</sup>. Relativamente à “pedra” que possuiria propriedades curativas, Folkes indica que a sociedade gostaria de saber mais sobre esse assunto. No final da comunicação, o secretário da Royal Society refere que considerava como “digno de nota” as actividades desenvolvidas por Sachet, num país onde o desenvolvimento das ciências era incipiente. Assim, é possível que as competências científicas do médico alentejano tenham sido importantes para sua eleição como sócio, não decorrendo, portanto, de questões políticas.

Não foi possível determinar a existência de uma relação estreita entre Sachet e Sarmento. O facto de este último se encontrar entre os proponentes permite especular que terá tido conhecimento das actividades desenvolvidas por Sachet, provavelmente por intermédio do próprio Folkes, mas não foi possível encontrar mais evidências de uma relação entre os dois.

João Mendes Sacheti Barbosa também terá sido eleito devido às suas qualidades científicas. Na sua proposta é referido que era versado em Filosofia Experimental e noutras áreas do Conhecimento Natural, sendo especialmente recomendado por um sócio, chamado Robert More, que o havia conhecido pessoalmente. O parecer de More relativamente a Sacheti é muito favorável, aludindo às capacidades e curiosidade demonstradas pelo futuro responsável pela reforma do ensino da medicina portuguesa, o que terá pesado na sua eleição.

Sarmento e Sacheti estabeleceram uma relação longa e aparentemente frutuosa para ambas as partes. Sacheti alude *en passant* aos contactos ocorridos entre os dois na sua obra *Considerações Medicas* (1758), existindo, no entanto, diversas evidências documentais de outros contactos entre os dois, nomeadamente no âmbito das comunicações de Sacheti à Royal Society, como vimos atrás. Deve ser notado que, para o médico alentejano, esta relação era

---

<sup>47</sup> A única referência encontrada diz respeito à Diligência de Habilitação de António Mendes Sachet, filho do referido João Mendes Sachet.

<sup>48</sup> Na proposta é referido que Sachet era “A Gentleman well versed in Natural knowledge, particularly in the Study of Botany”.

<sup>49</sup> Cf. WL, MS. 2392/2; carta datada de 3 de Maio de 1745.

importante, por lhe permitir o contacto com as novidades científicas e estar a par dos mais recentes desenvolvimentos na medicina.

O sócio português da Royal Society não esteve envolvido apenas na eleição dos seus conterrâneos. Em 1753 foi eleito sócio o médico espanhol Don Joseph Ortega, não tendo sido possível determinar a natureza da relação entre os dois médicos. É possível, no entanto, que Sarmento tenha contactado com médicos espanhóis, dado ter vivido perto da fronteira com Espanha, quer em Bragança quer em Mértola. Por outro lado, na comunidade sefardita existente em Londres poderá ter estabelecido contactos com judeus espanhóis que também faziam parte da congregação.

Sarmiento encontra-se entre os proponentes de outro médico espanhol, Joseph Ignacio Torres, eleito em 1758. Da lista de proponentes consta o conceituado médico John Pringle, devendo ser salientado que a proposta alude de forma clara ao mérito pessoal e prestígio do médico espanhol. Mais uma vez, portanto, os aspectos relacionados com as aptidões científicas das personalidades propostas parecem ter sido importantes na sua eleição.

Em 1760, naquela que foi provavelmente uma das últimas participações do médico português em assuntos relacionados com a Royal Society, foi feita a proposta de Nicholas Himsel, cidadão alemão residente em Riga, que viveu algum tempo em Londres e que se havia tornado correspondente da academia. Himsel manteve uma relação epistolar com Sarmento, que actuou como um dos seus contactos no seio da Royal Society, tendo sido o apresentador de duas das comunicações do médico alemão à sociedade. Assim, é possível que os dois médicos se tenham conhecido aquando da estadia do seu colega alemão em Londres.

### **3.3.3. Outras personalidades**

Para além dos enviados do rei português à coroa britânica, e dos seus colegas de profissão, Sarmento também esteve envolvido na eleição de outras personalidades, o que reforça a ideia de que terá sido, neste período, o principal interlocutor entre a sociedade londrina e as elites portuguesas.

O 4º conde da Ericeira, Francisco Xavier de Meneses (1673-1743) foi proposto para sócio, entre outros, por Azevedo Coutinho, Sarmento, Sloane e Folkes, tendo a sua eleição ocorrido em 1738. A proposta para admissão de Xavier de Meneses refere que se trata de um promotor do conhecimento natural, muito versado em todas as partes da Matemática<sup>50</sup>. As relações entre os dois homens devem ter sido de grande amizade, existindo diversas evidências de que trocavam

---

<sup>50</sup> A ficha de admissão destas personalidades encontra-se disponível no sítio da Royal Society, na parte reservada aos antigos sócios. Ver <https://collections.royalsociety.org/>.

correspondência<sup>51</sup>; assim, e por exemplo, na Dedicatória da obra *Tratado das Operações de Cirurgia* (1746) ao neto de Xavier Meneses, o médico português alude a essa relação. Apesar de terem chegado até aos dias de hoje poucas dessas cartas é provável que os dois tenham abordado questões relacionadas com as ideias de Newton, e que Xavier de Meneses tenha sido influenciado por Sarmento relativamente a este aspecto<sup>52</sup>.

Em 1741, Bento de Moura Portugal (1702-1766) foi proposto para sócio da Royal Society. Moura Portugal era engenheiro, tendo sido enviado por D. João V para melhorar os seus conhecimentos, seguindo o conselho de Sarmento de enviar portugueses para o estrangeiro para contactar com as novas realidades científicas, e assim contribuir para o desenvolvimento de Portugal. É evidente que o médico português o conheceu dado aludir ao ilustre engenheiro na Dedicatória da *Theorica Verdadeira das Mares*, quando alude aos benefícios que adviriam para o país se um maior número de portugueses seguisse o newtonianismo.

Um dos aspectos relevantes da eleição desta personalidade decorre do texto que acompanha a sua candidatura, já que Moura Portugal é classificado como tendo um “génio extraordinário para a mecânica”, o que é significativo. De resto, entre os seus proponentes encontra-se John Theophilus Desaguliers, demonstrador da Royal Society, encarregue de apresentar publicamente, e de forma regular, experiências científicas aos membros da sociedade<sup>53</sup>, sendo, ele próprio, extremamente proficiente na construção de máquinas utilizadas para explicar algumas das aplicações práticas das teorias de Newton.

A genialidade de Moura Portugal não foi, contudo, aproveitada, tendo deixado, para além de um artigo publicado nas *Philosophical Transactions*, alguns manuscritos por publicar, escritos durante o seu longo cativeiro nos calabouços da Inquisição, onde se pode perceber a sua grande capacidade na resolução de problemas de engenharia<sup>54</sup>.

Em 1754 ocorreu a eleição de um padre oratoriano<sup>55</sup>, João Baptista Chevalier (1722-1801), astrónomo e filósofo natural. A proposta refere explicitamente que Chevalier era newtoniano, o

---

<sup>51</sup> No Capítulo I este aspecto já foi abordado, tendo sido sugerido que Sarmento e Xavier de Meneses se podem ter conhecido pessoalmente. Como iremos ver no capítulo IV, Ericeira foi incumbido de contactar Sarmento no âmbito da reforma da medicina pretendida em determinada altura pelo rei D. João V, pelo que a relação epistolar pode ter sido iniciada na sequência desse contacto inicial.

<sup>52</sup> Existem poucas evidências de que Xavier de Meneses se tenha “convertido” ao newtonianismo. Ainda assim, na obra *Extractos Academicos dos Livros Que a Academia de Petersburg mandou à de Lisboa* (1738), Newton é considerado como “o mayor Filosofo dos Inglezes, e o que melhor unio, e demonstrou por principios Mathematicos quanto póde ser demonstravel na Filosofia Natural” - ver Meneses, 1738:5.

<sup>53</sup> Para mais informações sobre Desaguliers, consultar Carpenter, 2011.

<sup>54</sup> Ver os manuscritos existentes na BACL, onde se apresentam algumas das suas invenções e sugestões.

<sup>55</sup> A Congregação do Oratório era uma das instituições responsáveis pelo ensino em Portugal. Uma das polémicas mais importantes no seio da cultura portuguesa decorreu do confronto entre as duas ordens religiosas, procurando obter privilégios junto do rei. A rivalidade entre as duas ordens foi interpretada de forma simplista como revelador da polémica entre os que defendiam os autores antigos e os que haviam abraçado os sistemas modernos. Para mais informações sobre este aspecto ver, por exemplo Pinto, 2007. Após a morte de D. João V, a rivalidade entre as duas ordens continuou, até à expulsão dos Jesuítas em 1759.



que é relevante, dado ser a única proposta analisada em que esse aspecto é mencionado. O facto de Chevalier ser correspondente da Academia das Ciências de Paris parece ter ajudado também à sua eleição, dado o prestígio da sociedade francesa. Como vimos atrás, Sarmento comunicou os resultados de observações astronómicas feitas por Chevalier em Lisboa. Isso não significa, porém, que existisse outro tipo de relações para além das que se relacionaram directamente com as comunicações. De facto, não foram encontrados quaisquer indícios de que existisse uma relação entre os dois homens.

O mesmo se aplica ao oratoriano Teodoro de Almeida, uma das figuras centrais na difusão das ideias dos modernos em Portugal, autor da obra portuguesa de vulgarização científica mais popular do século XVIII, a *Recreação Filosófica*, cujo primeiro volume foi publicado em 1751<sup>56</sup>. Não existem quaisquer indicações de que tenha havido alguma troca de correspondência entre os dois, para além de Almeida não fazer qualquer referência a Sarmento. Na proposta, alude-se ao facto de Almeida ter publicado quatro volumes sobre temáticas relacionadas com a Filosofia Natural. Entre os proponentes do oratoriano português encontram-se o Duque D. João de Bragança e Martinho de Melo e Castro, sendo referido implicitamente que os dois portugueses recomendavam Almeida com base no seu conhecimento pessoal. Em 1757, Sarmento já se encontrava algo debilitado como consequência da sua idade avançada, sofrendo de aches que limitavam a sua actividade. Assim, e muito provavelmente, Sarmento tinha diminuído de forma significativa a sua participação nas sessões da Royal Society.

#### 4. Conclusão

Da análise feita, ressalta claramente a importância da eleição de Sarmento para sócio da Royal Society, por lhe ter permitido assumir uma posição de destaque enquanto interlocutor científico com Portugal. Os contactos estabelecidos no âmbito da sua relação com os enviados da coroa portuguesa a Londres foram importantes para o prosseguimento da sua agenda de divulgação, contribuindo para estabelecer a sua posição e prestígio junto da coroa.

Tendo em conta os dados recolhidos, pode ser concluído que existia uma relação de cooperação científica entre as coroas portuguesa e britânica, através da Royal Society. Assim, e como vimos, todos os enviados portugueses à coroa britânica no período em que Sarmento foi vivo, foram eleitos para sócios. A análise das propostas permitiu concluir que, na maior parte dos casos, as razões invocadas não se relacionam directamente com os interesses da sociedade enquanto promotora do conhecimento, não tendo nenhuma das personalidades eleitas

---

<sup>56</sup> Para mais informações sobre Teodoro de Almeida, consultar, por exemplo, Contente, 1994.

participado de forma activa nas reuniões da mesma, com as excepções de Corte Real, de Azevedo Coutinho e de Carvalho e Melo.

No entanto, a actividade de Sarmento no âmbito da sociedade não se limitou a cumprir as determinações da coroa portuguesa. De facto, e para além das propostas de colaboração endereçadas à Sociedade Real de História, e das tentativas de aproximação à Universidade de Coimbra, o médico português estabeleceu relações com diversos médicos portugueses e estrangeiros, promovendo a sua eleição para sócios, sendo o principal responsável pela comunicação de novidades científicas, oriundas de diversas partes do mundo. Neste contexto, merece particular destaque a sua relação com Saqueti Barbosa.

Saqueti foi uma das principais relações estabelecidas pelo médico exilado em Londres sendo, provavelmente, a personalidade portuguesa que terá sido mais influenciada pela sua obra. Deve ser notado que Saqueti Barbosa não teve uma postura passiva procurando, por diversos modos, estabelecer contactos com a Royal Society, mesmo se Sarmento tenha funcionado como figura tutelar, orientando-o e contribuindo para a sua afirmação. A importância de Saqueti no contexto da medicina portuguesa não pode ser ignorada, dado ter sido o responsável pela reforma dos Estatutos da Universidade de Coimbra e de ter alcançado uma certa projecção internacional. Ainda que seja difícil encontrar relações unívocas entre o papel de Sarmento e a referida reforma, permanece a dúvida de qual terá sido a extensão e o impacto desta relação. No capítulo V, este aspecto será analisado com maior detalhe.

Sarmento desempenhou o seu papel durante muitos anos tendo, por esse motivo, servido de intermediário entre Portugal e Inglaterra para diferentes gerações de personalidades portuguesas. Inicialmente limitou-se a continuar o papel desempenhado por Samuda, comunicando à sociedade as observações astronómicas realizadas pelos padres jesuítas. Anos mais tarde, porém, numa altura em que os jesuítas estavam sob a pressão do governo pombalino, Sarmento esteve envolvido na eleição de padres oratorianos, para além de apresentar alguns dos resultados das observações astronómicas realizadas por esses padres, nomeadamente Chevalier e Almeida. Por outro lado, assiste-se, neste período, a uma diversificação das comunicações, merecendo especial destaque as que se relacionam com temáticas médicas, em particular as que foram comunicadas por Himsel. Estas comunicações, feitas quando Sarmento já se encontrava na fase final da sua vida dão conta de como o médico português manteve intacto o seu interesse pela novidade científica.

A sua participação nas sessões da Royal Society não se limitou, porém, às comunicações publicadas nas *Philosophical Transactions*. De facto, e como foi devidamente sustentado pela documentação apresentada, algumas das comunicações feitas pelo médico português não foram publicadas na revista da sociedade. Neste contexto, e dada a sua novidade, a comunicação de Carlos de Vico merece particular destaque, por se tratar de uma informação omissa na historiografia portuguesa e estrangeira sobre Sarmento e devido à sua relevância, por ser uma

das poucas reacções conhecidas à *Theorica Verdadeira das Mares*. Foi também possível dar conta de um conjunto de comunicações à Royal Society feitas pelos médicos Sachet e Sacheti Barbosa que eram praticamente desconhecidas, dado o facto de a documentação se encontrar em bibliotecas inglesas. Em qualquer um dos casos, essas comunicações terão sido importantes na eleição dos dois médicos para sócios da sociedade. Deve ser notado que, no caso de Sachet, a sua comunicação foi endereçada directamente para o secretário da sociedade, sem a intervenção directa de Sarmiento

Assim, pode ser concluído que a eleição de Sarmiento para sócio da Royal Society foi um dos momentos mais marcantes da sua vida científica e pública, permitindo-lhe alcançar prestígio e notoriedade não só em Portugal, mas também em Inglaterra. Noutra vertente, o contacto com a ciência moderna potenciado pelo contacto com as personalidades da sociedade londrina terão sido determinantes para a escrita das suas obras científicas que são indubitavelmente o seu maior legado. Mais à frente, as obras mais importantes do médico português irão ser consideradas com o devido detalhe.



### CAPÍTULO III

#### JACOB DE CASTRO SARMENTO E OS MEDICAMENTOS DE SEGREDO

A dita Agoa he de hum prompto soccorro em os desmayos, sincope, fraquezas, accidentes de lethargia, e nos accidentes he necessario dar hũa colher pura aos enfermos, que ordinariamente se achão logo melhor, tanto que a tómao. A dita Agoa alegra o coração, fortifica todos os espiritos vitaes com o seu agradavel cheiro, e pela sua virtude sensível, atrahente, e penetrante. Ella expulsa para fora as impuridades, que infectão a massa do sangue, e toda a habitude do corpo, cujo effeito a faz muito propria para se dar a quem tiver bexigas, e sarampão, e toda a sorte de febres malignas

*VIRTUDES DA AGOA DE MELICIA, Composta pelos Religiosos  
Carmelitas Descalços do Convento de Pariz*

A importância dos medicamentos de segredo no contexto da prática médica é uma das características mais interessantes da medicina europeia do século XVIII<sup>1</sup>. A sua comercialização tinha algum significado económico, o que naturalmente atraía diversos curiosos e charlatões, interessados em ganhar dinheiro de uma forma fácil. Assim, e para além dos medicamentos produzidos pelos boticários, pelos médicos e por alguns cirurgiões, circulava uma enorme variedade de medicamentos, como a “Agoa de Melicia”, preparados por curandeiros, mezinheiros e variados charlatões, que alegadamente podiam ser utilizados para a cura de diversas doenças. Devido à inexistência de um controlo efectivo da qualidade dos medicamentos disponíveis no mercado, dada a ausência de métodos de análise fiáveis capazes de elucidar a sua composição, a decisão em conceder as licenças de comercialização e os privilégios não se baseava em argumentos médico-científicos. Com o avançar do século das luzes, foram sendo implementadas medidas restritivas, apesar de este estado de coisas se ter mantido até ao princípio do século XIX<sup>2</sup>.

No contexto dos medicamentos de segredo portugueses, a Água de Inglaterra é um caso particular. De facto, e apesar de ser considerado como medicamento de segredo, a sua

---

<sup>1</sup> Relativamente à temática dos medicamentos de segredo na Inglaterra ver, por exemplo Porter, 1993.

<sup>2</sup> Em Inglaterra, estes medicamentos eram conhecidos como “patent medicines”, sendo fabricados por diversas pessoas. Existem diversas evidências de que os seus fabricantes tiveram um sucesso assinalável, devendo ser salientado o caso de Joanna Stephens e o seu medicamento para dissolver a pedra da bexiga, que iremos considerar à frente com mais detalhe. Para mais informações sobre esta temática ver, por exemplo, Porter, 1993.

composição era conhecida desde 1682, um ano após a morte do médico Robert Talbot (c.1642-1681), o primeiro a descobrir as virtudes da *Quina Quina*, uma planta originária do Peru, no tratamento do paludismo. Por outro lado, e ao contrário de outros medicamentos de segredo de composição duvidosa, a Água de Inglaterra provou ser eficaz no tratamento da doença, existindo registo de muitos casos em que teve sucesso, permitindo a cura dos doentes.

A comercialização da Água de Inglaterra<sup>3</sup> e de outros medicamentos de segredo, preparados no seu laboratório em Londres, é indubitavelmente a questão mais controversa relacionada com Sarmento, por não ser facilmente conciliável com o seu papel de interlocutor científico entre Inglaterra e Portugal, ou com a escrita de obras médicas e científicas. Acresce o facto, de apesar de o médico português ter sido um fabricante, entre outros fabricantes do mesmo medicamento de segredo, nenhum gozou de tão grande protecção por parte das elites, beneficiando provavelmente de favor real. Finalmente, o modo como conseguiu afirmar a sua Água de Inglaterra no mercado português pressupõe uma estratégia elaborada tendo como objectivo o seu sucesso comercial. A edição, em 1756, da obra *Do Uso e Abuso das Minhas Águas de Inglaterra*, onde se explica em que circunstâncias e de que modo deve ser administrado o medicamento de modo a obter os melhores resultados, é uma prova de que o seu medicamento alcançou o sucesso pretendido.

O directório de utilização da Água de Inglaterra não é, contudo, a única obra de Sarmento dedicada a medicamentos de segredo, já que alguns anos antes da sua publicação, havia traduzido uma obra de Stephen Hales sobre um medicamento, utilizado para “dissolver a pedra”, inventado pela Madame Stephens, cujo segredo foi comprado pelo Parlamento inglês. O facto de o médico português ter dedicado o seu tempo a este projecto é revelador do seu interesse pelo assunto.

Estes aspectos serão considerados com mais detalhe nas próximas secções, procurando assim contribuir para os estudos já existentes em torno da avaliação da postura de Sarmento relativamente aos medicamentos de segredo.

## **1. Medicamentos de segredo**

### **1.1. A Água de Inglaterra**

#### **1.1.1. Breve história da Água de Inglaterra**

A Água de Inglaterra foi o medicamento de segredo mais importante do século XVIII, tendo sido produzido até ao século XIX, quando o quinino se mostrou mais eficaz no tratamento do

---

<sup>3</sup> As questões relacionadas com a comercialização da Água de Inglaterra foram analisadas com detalhe numa obra publicada recentemente, Sousa Dias, 2012. A referida obra aborda também a problemática dos medicamentos de segredo no contexto do século XVIII. Esta obra, que condensa o trabalho de vários anos dedicado pelo seu autor ao estudo dos medicamentos de segredo, é uma referência essencial no contexto das obras portuguesas sobre esta temática.

paludismo. O primeiro português a fabricar este medicamento foi o médico Fernando Mendes (1642-1724), que terá conhecido a receita para o preparar através do mencionado Dr. Talbot. Mendes esteve em Londres durante alguns anos, exercendo as funções de médico de D. Catarina de Bragança, mulher do rei D. Carlos II, tendo travado conhecimento com o médico inglês nessa altura. Como é referido por João Curvo Semedo, e por outros, incluindo Sarmento, Mendes vendeu a receita da preparação do medicamento ao rei D. Pedro II, seguindo o exemplo de Talbot, que vendeu o seu segredo a Luís XIV, rei de França. Na sequência da venda ao rei, a receita foi publicada em Portugal em 1690, tendo Mendes iniciado a sua comercialização nesta época (Sousa Dias, 2012:23-4).

A Água de Inglaterra era um dos poucos tratamentos eficazes contra o paludismo, numa época em que esta doença se encontrava disseminada pela Europa. Assim, não espanta que diversos fabricantes tenham iniciado a produção de medicamentos semelhantes, nalguns casos utilizando o nome original, noutros, utilizando nomes diferentes, como é o caso da Água Lusitana de Curvo Semedo, indicada para o tratamento das febres associadas à doença e que possuía a mesma composição. Deve ser enfatizado o facto de a receita ser pública, pelo que qualquer pessoa a podia produzir.

Obviamente, esta situação não agradou a Mendes, que conseguiu obter privilégio real para a comercialização do seu medicamento em 1724<sup>4</sup>. Assim, as águas fabricadas por Mendes eram seladas com lacre vermelho, enquanto as outras deveriam utilizar lacre amarelo, ou de outras cores. Deve ser notado que o privilégio real não impedia a produção de outras águas febrífugas baseadas na *Quina*, apenas as distinguia das outras. Com a morte de Mendes em 1724, os seus descendentes passaram a ser os responsáveis pelo fabrico deste medicamento de segredo, continuando a comercializá-lo até depois da morte de Sarmento.

Nos anos seguintes à morte do seu primeiro fabricante, existem diversas evidências<sup>5</sup> de que várias pessoas comercializavam a Água de Inglaterra ilegalmente, desrespeitando o que havia sido determinado pelo rei e contra as quais os descendentes de Mendes se manifestaram.

---

<sup>4</sup> Cf. ANTT, *Chancelaria de D. João V*, Provisão de 9 de Abril de 1724. Para mais esclarecimentos sobre esta questão, consultar Sousa Dias, 2012. O privilégio real concedido a Mendes manteve-se mesmo após a morte de Sarmento, e de o seu sobrinho ter continuado a sua preparação. A seguir transcreve-se um parecer de Gualter Wade, censor da Real Mesa Censória, emitido em 1771, onde se alude a essa questão. “Seja a que for a composição da Tinctura; infusão ou cozimento de Kina vulgarmente chamada Agoa de Inglaterra, he certo que o consumo della he grande tanto nas conquistas, como no Reyno, & os seus effeitos são assaz conhecidos pellos medicos que a applicam nos casos em que basta, sem ser precisa a kina em substancia. Por consequência não cabe debaixo da censura de outros remedios segredos & propostas de charlatoens. Mas supposta a necessidade de mandar vir de fora com grande dispendio o que muito bem se podia preparar em Portugal, parece que a pretensão de Diogo Guedes em favor das Agoas de Inglaterra de Jacob de Castro he vã, por ter Vossa Magestade concedido hum Privilegio exclusivo em favor do Mendes proprietario do segredo de outras agoas de Inglaterra. Assim me parece que se difficulta muito a licença que pede” – Cf. ANTT/RMC, Cx. 7, nº 85. Como se pode constatar, Wade alude especificamente ao facto de Mendes e os seus descendentes terem privilégio para a produção da Água de Inglaterra em território nacional, sendo essa a razão invocada para que não fosse concedida a licença.

<sup>5</sup> Ver *Gazeta de Lisboa* entre os anos 1721 e 1735.

Portanto, é evidente que, quando Sarmiento iniciou a sua estratégia de afirmação da água febrífuga no mercado português, circulavam em Portugal diversos medicamentos similares, sendo os descendentes de Mendes incapazes de conter a sua circulação por via legal. Deve ser reiterado que, apesar do privilégio concedido por D. João V, a receita para a preparação do medicamento era do domínio público, pelo que a sua concessão não determinava necessariamente a proibição da venda de outros preparados semelhantes. De qualquer modo, os descendentes de Mendes continuavam a ser os fabricantes mais importantes, tendo sido identificados por Sarmiento como o principal alvo a atingir.

### 1.1.2. A Água de Inglaterra e a estratégia de Sarmiento

A produção da Água de Inglaterra terá sido iniciada entre 1730 e 1733 (Sousa Dias, 2012:30), logo a seguir a Sarmiento ter sido eleito sócio da Royal Society e iniciado as funções de interlocutor científico entre Inglaterra e Portugal. Mesmo que não exista uma relação directa entre os dois acontecimentos, deve ser notado que o estreitamento das relações de Sarmiento com o corpo diplomático português permitiu o seu contacto com diversas personalidades influentes. Como vimos no capítulo anterior, foi na qualidade de sócio da Royal Society, e sob o patrocínio de Hans Sloane, que o médico português contactou com personalidades da Academia Real de História e com o reitor da Universidade de Coimbra. As relações estabelecidas por estas duas vias poderão ter sido importantes na afirmação da sua Água de Inglaterra no mercado português.

O contacto com alguns sócios da Royal Society, como Thomas Short, e outros, que são considerados *en passant* tanto na *Materia*, como na *Theorica Verdadeira das Mares*, terão sido cruciais no desenvolvimento da sua perícia experimental, o que lhe terá permitido melhorar o método de produção original da água febrífuga. Note-se que o médico português apenas melhorou o processo de fabrico do medicamento, sendo este o único segredo da sua Água de Inglaterra.

Como Sousa Dias argumenta, é possível que o médico português tenha considerado a possibilidade de iniciar a comercialização da sua Água de Inglaterra, ao saber que os medicamentos disponíveis em Portugal eram de má qualidade, tendo, por isso, efectuado os estudos necessários para melhorar a qualidade final do medicamento. Sendo o paludismo uma doença comum em Portugal, particularmente em algumas províncias, como o Alentejo, o medicamento era muito solicitado, o que terá sido uma motivação suplementar, dado significar a existência de um mercado alargado para a sua comercialização. Outra razão poderá ter decorrido de Sarmiento ser, aparentemente, pouco comedido nos seus gastos pessoais, necessitando, portanto, de todas as fontes de rendimento disponíveis. Na altura em que iniciou a produção do seu medicamento, ainda lutava para se afirmar na capital inglesa, tendo provavelmente algumas



dificuldades económicas, pelo que poderá ter percebido a oportunidade de obter um rendimento adicional.

Sejam quais tenham sido as suas motivações, a introdução do seu medicamento em Portugal seguiu uma estratégia bem delineada, sugerindo que terá sido auxiliado por personalidades influentes com quem mantinha contacto, com o objectivo claro de conseguir que a sua Água de Inglaterra fosse bem aceite pelo público português. De acordo com Augusto da Silva Carvalho, Sarmento terá começado por distribuir panfletos onde se alude ao facto de a *Quina Quina* ser um veneno, quando preparada de forma incorrecta, (Silva Carvalho, 1920:45,46), denegrindo a qualidade do medicamento preparado pelos descendentes de Mendes<sup>6</sup>, que ao contrário do seu familiar, não tinham formação médica. Deverá ter sido nesta altura que se terá iniciado a comercialização do seu medicamento, tendo o mercador Pedro Folqman, residente em Lisboa, sido o seu primeiro correspondente comercial (Sarmento, 1758:14). Provavelmente na mesma altura, o padre Francisco da Costa, boticário do Collegio dos Padres da Companhia de Coimbra<sup>7</sup>, também se tornou seu correspondente. Desconhecem-se, contudo, as datas exactas em que ambos os correspondentes terão iniciado a venda do medicamento preparado em Londres.

De qualquer modo, os médicos João Pessoa da Fonseca, Manoel Dias Ortigão e Amaro Rodrigues da Costa, referem, numa carta reproduzida no início da *Materia Medica*, e datada de 17 de Abril de 1736, que a água de Sarmento já era usada no tratamento das *sezões* há três, ou quatro anos, pelo que as primeiras garrafas de Água de Inglaterra devem ter chegado a Portugal entre 1732 e 1733. É possível que a relação de Sarmento com estes médicos, seus colegas de curso, tenha sido reatada na sequência da sugestão endereçada ao reitor da universidade para a criação de um horto botânico<sup>8</sup>.

O testemunho destes colegas foi importante na afirmação da qualidade superior do seu medicamento relativamente aos outros disponíveis no mercado, incluindo o que era preparado pelos descendentes de Mendes. Numa carta endereçada a Sarmento pelo padre Alexandre de Botelho, com quem o médico português se desentendeu posteriormente, é referido que alguns médicos de Coimbra lhe haviam comunicado os bons efeitos da Água de Inglaterra preparada em Londres, o que é indicativo da relevância deste testemunho na afirmação do medicamento entre o público.

---

<sup>6</sup> Não foi possível encontrar este folheto. Apenas se conhecem os anúncios publicados na Gazeta de Lisboa.

<sup>7</sup> Como é referido pelo próprio Sarmento, na *Materia Medica*, ocorreram posteriormente alguns problemas com Folqman, passando o padre jesuíta Alexandre Botelho, boticário do Colégio de Santo Antão a exercer essas funções. No entanto, também esse correspondente suscitou problemas, o que levou Sarmento a procurar outra pessoa. A dificuldade do médico português em arranjar correspondente em Lisboa pode ser uma consequência da competição entre vendedores e de os seus próprios correspondentes terem interesses próprios que os levaria a quebrar a combinação. Para maiores informações sobre esta questão, consultar Sousa Dias, 2012.

<sup>8</sup> Ver Capítulo II, onde esta questão é abordada com maior detalhe.

Portanto, quando, a *Materia Medica* foi publicada, o seu medicamento de segredo já tinha sido experimentado por um número indeterminado de pessoas, incluindo o próprio censor da obra, o médico Xavier Leitão, sócio da Real Academia de História, como é referido pelo próprio na censura á obra (Sarmiento, 1758:9)<sup>9</sup>, podendo o medicamento ser adquirido em Lisboa e em Coimbra junto dos seus correspondentes. Significativamente, e ainda que seja uma obra de cariz médico-científico, o título completo da *Materia Medica* alude especificamente às *suas* Águas de Inglaterra<sup>10</sup>, o que é revelador da intenção de Sarmento em propagandear o seu medicamento de segredo.

Na secção dedicada à *Quina quina*, incluída na segunda parte da *Materia*, e depois de aludir com algum pormenor às propriedades desta planta, é feita uma descrição detalhada das razões que o levaram a comercializar a seu medicamento. A Água de Inglaterra preparada pelos descendentes de Mendes, é descrita como sendo “turva e mal preparada” (Sarmiento, 1758:521), causando efeitos secundários desagradáveis, como dores de cabeça e obstipação, sendo estas queixas relatadas pelos doentes que a utilizavam. O médico português afirma ter realizado diversas experiências com a *Quina*, tendo conseguido melhorar o processo de manufactura da Água de Inglaterra, eliminando, assim, os indesejados efeitos secundários. Este aspecto é devidamente enfatizado, aludindo ao facto de as pessoas que preparavam a água de Mendes não serem mais do que uns “Homens mercadores, não só inexpertos de tantas, tam delicadas, e essenciaes condiçoens para a eleição da mais propria e verdadeira Quina Quina, mas totalmente ignorantes, e leigos na matéria” (Sarmiento, 1758:526), onde é evidente a utilização do seu prestígio médico para sustentar as suas afirmações e denegrir os medicamentos similares disponíveis no mercado.

A estratégia utilizada para corroborar os alegados efeitos da sua Água de Inglaterra é similar à utilizada em outras partes da *Materia*<sup>11</sup>. É referido que a sua Água era preferida à dos descendentes de Mendes, sendo feita alusão aos médicos da Universidade de Coimbra que testaram o seu medicamento, sendo ainda mencionados diversos casos de pessoas que se curaram devido à utilização do seu medicamento. O Marquês de Cascais e Xavier Leitão, o censor da primeira parte da obra, são nomeados como tendo sido curados dos males que os afligiam devido a terem utilizado a sua Água de Inglaterra, não tendo padecido de quaisquer efeitos secundários, sendo os seus testemunhos utilizados como forma de estabelecer os

---

<sup>9</sup> Nas referências vamos sempre utilizar a edição de 1758, por facilidade de consulta. Neste caso, por exemplo, o número de página não coincide, já que na primeira edição o parecer de Xavier Leitão não tem número de página.

<sup>10</sup> O título completo da obra é *Materia Medica, Physico-Historico-Mechanica, Reyno Mineral, Parte I, a que se ajuntam os principaes Remedios do prezente estado da Materia Medica; como Sangria, Sanguessugas, Ventosas Sarjadas, Emeticos, Vesicatorios, Diureticos, Sudoríficos, Ptyalismicos, Opiados, Quina Quina, e, em especial, as minhas AGOAS de INGLATERRA como também, Huma Dissertação Latina sobre a Inoculação das Bexigas.*

<sup>11</sup> As estratégias utilizadas por Sarmento na *Materia* serão abordadas com maior pormenor no capítulo V.

alegados efeitos do seu medicamento e de evidenciar a sua superioridade relativamente à Água de Inglaterra dos descendentes de Mendes. A referência a pessoas detentoras de algum estatuto social foi feita de modo a credibilizar o seu testemunho. Assim, Sarmiento procurou legitimar as propriedades do seu medicamento de diversos modos.

A referência à Água de Inglaterra será uma constante em todas as suas obras posteriores, sendo mais evidente na dedicatória da *Verdadeira Theorica das Mares* (1737)<sup>12</sup>, a obra onde a sua adesão ao newtonianismo é mais evidente. A *Theorica* foi dedicada a D. Manuel José de Castro, Noronha, Ataíde e Sousa, conde de Monsanto, destacado membro da nobreza portuguesa e pessoa influente junto da corte. O autor da *Theorica* refere que a sua obra foi dedicada a esta personalidade por “ser a primeira pessoa, que fez uso, e experiencia dos bons effeitos da minha Agoa de Inglaterra, e que lhe deu credito, e não pequena fama, com relatar ingenuamente a os principaes Medicos, o que havia observado com ella em sua propria família” (Sarmiento, 1737:*Dedicatória*). Apesar de o médico português também aludir ao facto de o conde de Monsanto ser uma pessoa interessada nas temáticas relacionadas com a filosofia natural, parece atribuir maior importância ao patrocínio daquela personalidade á sua Água de Inglaterra, reconhecendo que o seu testemunho havia contribuído para o seu sucesso.

Assim, e desde o início a Água de Inglaterra estava fadada ao sucesso. Sarmiento procurou o patrocínio de pessoas influentes, com o beneplácito real, sustentando as suas alegações com o parecer de médicos credenciados e reputados, fazendo a publicidade ao seu medicamento nas suas obras médicas e científicas<sup>13</sup>. A estratégia deu os seus frutos, tendo o médico exilado em Londres conseguido ocupar o lugar de principal produtor de Água de Inglaterra, destronando os descendentes de Mendes.

### 1.1.3. Do Uso e Abuso das Minhas Agoas de Inglaterra

A obra *Do Uso e Abuso das Minhas Agoas de Inglaterra, ou Directorio e Instrucçam Para se Saber seguramente, quando se deve, ou não, usar dellas, assim nas enfermidades agudas, como*

---

<sup>12</sup> Esta obra será analisada no capítulo VII.

<sup>13</sup> O seguinte excerto, retirado da segunda edição da *Materia* é elucidativo dos modos como Sarmiento publicitava a sua Água de Inglaterra: “O Exm<sup>o</sup> S<sup>r</sup> MARQUES DE CASCAES, que sempre havia feito uso da Agoas do Dr. Mendes, quando as necessita para sua familia, as manda buscar a minha casa. E o correspondente do Eminentissimo Senhor CARDEAL da CUNHA teve ordem para que lhe não mandasse as Agoas de Inglaterra dos herdeiros do Dr. Mendes, como (p. 416) costumava, mas sim das minhas, que se lhe remetêram como pedia. Ultimamente para prova manifesta da grande differença, que há entre humas, e outras Agoas, a mais evidente, e conclusiva he a experiencia, que fez, em sua propria pessoa, o mais desenteressado, e melhor Juiz da materia, o muito R. P. e Dr. Francisco Xavier, dignissimo Medico da Camera de S. MAGESTADE, o qual, padecendo huma Febre, em que as Agoas estavam indicadas, tonou as dos herdeiros do Dr. Mendes, e não recebeo alivio algum depois do uso dellas; e pedindolhe outro Medico, (que as havia experimentado) quizesse fazer uso das minhas, logo que tomou huma quarta parte, se livrou ditto Doutor da Febre.”. Como se pode constatar, Sarmiento utiliza o testemunho de pessoas prestigiadas, sendo curioso notar que entres estas se inclui um nobre, um membro do clero, e um médico.

*nas crônicas, e em casos propriamente de Cirurgia* (1756), uma das últimas que escreveu<sup>14</sup> é, de algum modo a confirmação do sucesso do seu medicamento face aos seus concorrentes. Curiosamente, Xavier Leitão, cerca de vinte anos antes, havia sugerido, no parecer sobre a primeira edição da *Materia*, a escrita de “hum pequeno tratado do uso, e abuso dos remedios: e pois Vm. nos diz o que elles sam, e como se preparám, digamos tambem quando, e em que cazos devemos usar delles, e quando não.” (Sarmiento, 1758:10), devendo ser notado que o título da obra segue à letra a sugestão feita por Xavier Leitão. Como se pode constatar, o censor da obra sugere, provavelmente de forma não inocente, que o “inventor” da Água de Inglaterra deveria indicar o modo de preparação do seu medicamento, algo que o médico português nunca fez. Na Dedicatória a Diogo de Mendonça Corte Real<sup>15</sup>, secretário de Estado do rei D. José I, é referido que “se não tem feito maior descobrimento até este dia, nem mais interessante à Natureza humana, e saúde publica, do que o da *quina quina*” (Sarmiento, 1756:iii-iv), enfatizando o número de sucessos obtidos no tratamento das febres intermitentes, e que o seu medicamento não se destinava apenas ao tratamento das febres intermitentes, podendo ser aplicado em outros casos.

A justificação para ter iniciado a produção da Água de Inglaterra é, por isso, algo diferente da que é feita na *Materia*. Em primeiro lugar, é alegado que, apesar de existir no mercado um medicamento com o mesmo nome, este tinha uma “invençam e preparaçam” muito diferentes do seu. Por outro lado, é referido que o medicamento preparado pelos seus principais concorrentes, era utilizado apenas, e somente, no tratamento das febres intermitentes, ao contrário do seu, que podia ser utilizado em outras situações. Desta forma, o médico português tenta traçar uma clara distinção entre os dois medicamentos, provavelmente para que não fossem confundidos, dado terem o mesmo nome, salientando a evidente superioridade da sua Água de Inglaterra.

No prefácio, Sarmiento vai mais longe, referindo haver ter sido ele o primeiro a “declarar francamente, que a esta excellente casca (de *Quina Quina*), devia todos os seus efeitos a minha Agoa de Inglaterra” (Sarmiento, 1756:xxi), o que não corresponde totalmente à verdade. De facto, e como já foi referido, desde 1690 que era conhecida em Portugal a composição da água febrífuga, sabendo-se que aquela planta era responsável pelas suas propriedades curativas.

No mesmo tom, Sarmiento critica os médicos portugueses por não terem relatado os resultados da utilização do seu medicamento, argumentando que só assim se poderiam saber quais as situações em que o medicamento podia ser aplicado, referindo que um dos motivos que o haviam levado a escrever a obra decorria de a utilização continuada da sua Água de Inglaterra ter demonstrado a sua aplicabilidade a outras situações.

Por outro lado, e prosseguindo a sua justificação em ter escrito a obra, é referido que, dada a

---

<sup>14</sup> A obra foi impressa por Guilherme Strahan, o editor da segunda edição da *Materia Medica*.

<sup>15</sup> O pai de Corte Real, que tinha o mesmo nome, desempenhou as funções de enviado da coroa portuguesa em Londres, tendo conhecido Sarmiento. Ver Capítulo II.

inexistência de médicos em muitas localidades portuguesas, esta poderia ser utilizada por cirurgiões “curiosos”<sup>16</sup>, de modo a poderem fazer uma utilização judiciosa do medicamento.

A obra consiste essencialmente na bula do medicamento, indicando o tempo, a quantidade e o modo como devia ser aplicado, incluindo uma descrição pormenorizada das diferentes situações em que podia ser utilizado. De modo a sustentar as suas alegadas virtudes, o médico português relata alguns casos em que a utilização do medicamento alcançou bons resultados, tendo estes ocorrido em diferentes localidades, incluindo Angola e Roma, o que permite concluir que o medicamento teve uma expressão internacional<sup>17</sup>.

A obra mereceu o elogio de Sacheti Barbosa que não se coibiu de a aconselhar no seu livro *Considerações Medicas* (1758), indicando que:

Para se saber o verdadeiro tempo, e lugar, que tem a *Quina*, nas febres desta especie, remeto o leitor ao ultimo livro, que acaba de publicar meu bom amigo o D<sup>r</sup> JACOB DE CASTRO SARMENTO, com o titulo de *Uzo, e abuzo das minhas aguas de Inglaterra, ou Directorio, e Instrusão, de quando se deve, ou não uzar delas*. (Sacheti Barbosa, 1758:272)

A publicidade feita por Sacheti ao medicamento preparado por Sarmiento pode ter contribuído para o seu sucesso junto dos leitores, sendo também um sinal evidente das boas relações entre os dois médicos. Apesar de Sacheti também ser produtor de uma água febrífuga, esse facto não o impediu de aconselhar a obra do seu “bom amigo”<sup>18</sup>.

Notavelmente, *Dos Usos e Abusos...* é o único livro de Sarmiento existente na biblioteca privada de Ribeiro Sanches<sup>19</sup>. A presença desta obra na biblioteca de um autor particularmente avesso aos medicamentos de segredo pode ter diversos significados. Em primeiro lugar, é provável que Sanches conhecesse o medicamento produzido em Londres pelo seu colega, estando a par da sua eficácia no tratamento do paludismo. Assim, é possível que o próprio Sanches utilizasse o medicamento na sua prática médica quotidiana, utilizando o livro para fins práticos. Por outro lado, e dada a sua postura relativamente aos medicamentos de segredo, Sanches podia ter como

---

<sup>16</sup> Na época, o número de médicos era insuficiente para garantir a cobertura total do território nacional. Por essa razão existiam muitas localidades que não tinham médico, pelo que eram os cirurgiões, os boticários e os barbeiros sangradores, os responsáveis pela saúde das populações. Assim, a obra era também dirigida a essas pessoas que, não possuindo formação médica, desconheciam o modo como deveriam aplicar o medicamento de Sarmiento.

<sup>17</sup> Sarmiento trocava correspondência com diversas pessoas, espalhadas pelo império português e por diversos países europeus, sendo possível que enviasse o seu medicamento para alguns dos seus contactos.

<sup>18</sup> Sousa Dias alude ao facto de Sacheti ter assumido uma posição dúbia, dado ele próprio ser produtor de medicamentos de segredo. Ainda assim, deve ser salientado que, pelo menos na perspectiva de Sarmiento, Sacheti era um colaborador e um amigo.

<sup>19</sup> A biblioteca de Sanches possuía 1113 livros, dos quais 314 eram de medicina. As obras de médicos portugueses são em número reduzido, devendo ser salientada a presença das obras de Francisco da Fonseca Henriques. Para mais informações relativamente a este aspecto, consultar Rodrigues, 1986.

objectivo a identificação de erros e lacunas cometidos pelo seu colega médico que pudessem ser utilizadas na sua argumentação contra os medicamentos de segredo.

## 1.2. Outros medicamentos de segredo

Apesar de a Água da Inglaterra ser o seu medicamento de segredo mais conhecido, Sarmiento foi autor de outros medicamentos do mesmo tipo, alguns dos quais são mencionados na *Materia Medica*.

A *Tinctura Styptico-Balsamica* é um dos medicamentos de segredo mencionados naquela obra, sendo obtido a partir de uma solução de um sal de ferro. Do mesmo modo que na Água de Inglaterra, a composição do medicamento é mencionada, sendo mantido secreto o método utilizado para o preparar.

A estratégia empregue para descrever as virtudes deste medicamento envolve a descrição de uma experiência realizada numa data específica, na presença de testemunhas, a observação dos efeitos do medicamento e a legitimação dos resultados pelas testemunhas devidamente identificadas. A experiência realizou-se a 12 de Janeiro de 1731, na presença de Vital da Costa e Silva, antigo criado do Conde da Atalaia, do seu criado António Fernandes, e de muitas outras pessoas (Sarmiento, 1758:63). Um cirurgião praticou um corte na perna de um cão, utilizado como cobaia<sup>20</sup>, tendo-lhe sido aplicada a referida tintura de modo a estancar a hemorragia causada pelo corte. Sarmiento relata que o efeito da tintura foi imediato, estancando a hemorragia em pouco tempo. A presença de testemunhas que assistiram à demonstração é um elemento fundamental pois, dessa forma, os resultados podiam ser validados. Esta estratégia é extremamente semelhante à utilizada por Robert Boyle, uma das principais referências do médico português, na validação de resultados científicos<sup>21</sup>, sendo também utilizada por muitos outros filósofos naturais nos encontros da Royal Society.

Tendo em conta a data da experiência, é provável que este medicamento tenha sido “inventado” pelo médico português antes da Água de Inglaterra, já que as primeiras remessas da água febrífuga terão sido enviadas para Portugal em 1731, ou 1732, como foi referido atrás. Isso significa que a temática lhe interessava e que terá dedicado algum tempo às manipulações “chymicas” necessárias para produzir preparados com aplicação no tratamento de doenças.

Existem ainda outros exemplos de medicamentos de segredo preparados em Londres e enviados para os correspondentes de Sarmiento em Portugal. Como vimos no Capítulo II, Sacheti Barbosa teve uma relação de amizade com Sarmiento, tendo também servido de seu correspondente, comercializando alguns dos seus medicamentos. O próprio Sacheti refere que Sarmiento lhe havia enviado de Londres um dos seus medicamentos secretos, o *Bezoartico de Contraerva*,

---

<sup>20</sup> Na época era vulgar utilizarem-se cães como cobaias.

<sup>21</sup> Esta questão é desenvolvida com maior detalhe no capítulo V.

com as respectivas instruções de utilização. O local de venda deste medicamento em Lisboa<sup>22</sup> é indicado por Sacheti, sendo os leitores avisados de que este era o único local onde se poderia adquirir o produto legítimo, dada a existência de falsificações disponíveis em outros boticários (Sacheti Barbosa, 1758:421).

Não se sabe qual o sucesso alcançado por estes medicamentos, mas é provável que tenham sido bem aceites pelo público. O aviso de Sacheti quanto à existência de falsificações do *Bezoartico de Contraerva* é um sinal de que a Água de Inglaterra não foi o único medicamento produzido por Sarmiento a alcançar alguma projecção no mercado português, dado ser elegível para a contrafacção.

## 2. Argumentação e contradição

Foi num contexto de semianarquia, no que concerne à regulação dos medicamentos existentes em Portugal<sup>23</sup>, que Sarmiento iniciou a sua actividade enquanto fabricante de medicamentos de segredo. Os medicamentos preparados por médicos eram de algum modo legitimados pelo prestígio social e profissional da classe<sup>24</sup>, e o médico português estava certamente ciente desse facto. É significativo que Curvo Semedo, um dos médicos mais criticados na *Materia*, fosse também autor de medicamentos de segredo, tendo alguns deles alcançado um sucesso significativo.

No contexto da medicina portuguesa do início do século XVIII, Curvo Semedo pode ser tomado como uma figura exemplar, dado ser médico, Familiar do Santo Ofício e autor de diversos medicamentos de segredo. O seu prestígio e relevância no seio da comunidade médica e entre o leitor comum, dado também ser autor de algumas obras médicas de larga circulação<sup>25</sup>, começaram a ser alicerçados ainda no século XVII, tendo sido um dos principais responsáveis

---

<sup>22</sup> Na altura em que a obra foi escrita, o correspondente de Sarmiento em Lisboa era Joseph Nobre.

<sup>23</sup> Na *Gazeta de Lisboa* podem ser encontrados vários exemplos de anúncios a medicamentos de segredo, alguns deles autorizados pelo próprio Físico - Mor do Reino. Alguns anúncios referem essa questão. Assim, a *Gazeta de Lisboa* de 27 de Dezembro de 1725 anuncia que Luís da Maia Pinto, boticário do Duque de Lafões, tinha em sua casa, diversos remédios, vistos e aprovados pelo Dr. Manuel da Costa Pereira, Físico - Mor do Reino, sendo referida uma “Água de prodigiosíssima virtude para o escorbuto corroborar”. Não existem indicações de que os medicamentos aprovados tivessem sido analisados de modo a revelar a sua composição ou, que o seu autor tenha feito alusão a esse aspecto. Isso significa que mesmo os medicamentos que obtinham licença não eram sujeitos a qualquer análise., sendo a sua composição desconhecida.

<sup>24</sup> A afirmação da classe médica na sociedade portuguesa de setecentos foi particularmente fortalecida com a entrada de médicos para a Inquisição, como Familiares do Santo Ofício. Doravante, a Inquisição passou a exercer pressão sobre aqueles que exerciam actividade na cura de doenças, perseguindo, acusando e encarcerando curandeiros, mezinheiros, e outros oportunistas e charlatões. Relativamente a esta temática, ver Walker, 2005. Deve ser notado que, como consequência desta acção, os outros produtores de medicamentos, nomeadamente os médicos, foram beneficiados.

<sup>25</sup> Como o próprio Curvo Semedo refere em qualquer uma das edições da sua *Poliantheia Medicinal* (1697) teve um número elevado de cópias, em alguns casos superior a duas mil cópias. No contexto do mercado livreiro setecentista, este número de cópias é muito significativo, já que o número de exemplares editados de uma dada obra raramente ascendia a mil exemplares.

pela introdução dos medicamentos de origem mineral na prática médica portuguesa, apesar de se ter mantido fiel aos princípios galénicos que dominavam a medicina portuguesa da sua época. Na quarta edição da sua obra médica mais importante, a *Polyantheia Medicinal*, publicada em 1727, Curvo Semedo alude aos seus medicamentos de segredo e às razões que o levaram a não revelar o segredo da sua composição e preparação, reservando esses segredos para o seu filho<sup>26</sup>. Na opinião de Curvo, a composição e o modo de preparação dos medicamentos “inventados” pelos médicos não deveriam ser revelados já que essa devia ser uma prerrogativa do médico. No Prólogo, dedicado ao leitor, incluído na quarta edição da referida obra, é feita alusão à existência de “alguns homens com tão pouco temor a Deos, & do inferno, que se atrevem a fabricar, & vender com o nome de meus alguns medicamentos, cuja noticia lhes não nasceo, mais que de alguma apparencia exterior, & semelhança muyto improporcional” (Curvo Semedo, 1727:s.n.p.), de onde se pode concluir que muitos dos seus medicamentos foram falsificados por outras pessoas. Referindo que tais falsificações contribuíam para a má fama dos seus medicamentos, para além de afectarem o seu prestígio, Curvo indica os únicos locais onde os mesmos se podiam adquirir<sup>27</sup>.

A argumentação de Sarmento é algo distinta daquela que Curvo seguiu, dado considerar essencial a revelação da composição dos medicamentos de segredo, e condenar veementemente a sua omissão. De resto, na *Materia*, é feita a crítica racional de alguns medicamentos de composição desconhecida, utilizados vulgarmente na prática médica portuguesa, sendo evidente a preocupação do seu autor em utilizar argumentos médicos e científicos na crítica dos alegados efeitos desses medicamentos<sup>28</sup>.

A principal argumentação contra Talbot e Mendes, autores da primeira água febrífuga baseada na *Quina Quina*, decorre de, na sua opinião, aqueles médicos não terem tentado melhorar o seu método de preparação de modo a eliminar os efeitos secundários provocados pela sua utilização. A ênfase colocada na importância do método utilizado para obter o seu medicamento decorre claramente da sua perspectiva de que este não deveria ser revelado. De facto, e na sua opinião:

esta he a especie de segredo, que não he indigna do Espirito, e profissam de hum Medico;

---

<sup>26</sup> Aparentemente o filho não tinha muito interesse pela temática, dado ter seguido uma carreira religiosa. A seguir indica-se uma lista dos medicamentos cuja receita foi deixada por Curvo Semedo ao seu filho: “Bezoartico Curviano, Trociscos de Fioravanto, Pirolas Absorbentes, Extrato Alcaet, Unguento que seca o leyte; Castelinhos de estancar o sangue, Agua Lusitana, Pirolas contra Alporcas, caroços dos peytos, & durezas do Baço, Pirolas contra Gotta Coral, & Vagados; Lenimento contra Almorreymas; Pós que curaõ os fluxos involuntarios da semente; Pirolas para fazer bayxar o sangue mensal, Pastilhas contra camaras, & para enxugar as purgações da madre, Elecctuario contra quartans & terçans, Massa contra lombrigas, Confeção para os accidentes uterinos, Electuario para suppressoens altas da Ourina; Massa Curviana de muytas virtudes, que se achaõ na entrada do meu Peculio”. O elevado número de medicamentos dá conta da sua importância na prática médica corrente.

<sup>27</sup> Alguns dos medicamentos tinham de ser preparados pelo próprio Curvo, dado alterarem as suas propriedades ao fim de pouco tempo.

<sup>28</sup> No Capítulo V, iremos considerar este aspecto com maior detalhe.



nomeando o Remedio, e a Virtude, para que os mais saibam se he ou não conveniente; e rezervando a sua preparaçam, como nos insinua o insigne *Boerhaave*: E quem encubre o de que se compoem os seos segredos, não anda tam generoso, como deve, com os mais Medicos, e dá lugar a que o Povo os tenha por sospeitosos (Sarmiento, 1758:406),

justificando, assim, a sua decisão em manter em segredo o método utilizado para preparar o seu medicamento. Na sua perspectiva, ao médico não é lícito esconder a composição dos medicamentos preparados por si, de modo a permitir a outros médicos uma aplicação correcta dos mesmos, podendo, no entanto, manter em segredo o método utilizado para os preparar. A referência a *Boerhaave* é claramente utilizada para legitimar a posição assumida, dado o prestígio do médico holandês.

Deve ser referido que com esta argumentação, o médico português defende a licitude de manter privado o que deveria ser do conhecimento público. Apesar de não existir, na época, qualquer tipo de resposta institucional por parte das autoridades portuguesas no sentido de regular o fabrico e a comercialização de medicamentos de segredo, a manutenção do segredo é, ainda assim, contraditória com a postura adoptada por Sarmento relativamente a outras temáticas.

Contudo, deve ser reiterado que o medicamento podia ser preparado por qualquer pessoa familiarizada com as manipulações “chymicas”, já que a receita para a sua preparação podia ser encontrada em qualquer farmacopeia portuguesa e estrangeira, existindo, como consequência, diversos medicamentos similares disponíveis no mercado preparados por médicos, boticários e outras pessoas. Por outro lado, é evidente que o médico português conseguiu o patrocínio de personalidades relevantes e prestigiadas no seio da sociedade portuguesa, provavelmente sob o beneplácito real, o que terá sido essencial para a afirmação da sua Água de Inglaterra no mercado português. Assim, e muito provavelmente terá sentido que não estava a proceder de forma errada, contribuindo, pelo contrário, para o bem comum, dado permitir o acesso do público a um produto de qualidade superior. O facto de ter continuado a sua investigação com o objectivo de determinar a melhor forma de o aplicar e de encontrar outras aplicações para o seu medicamento, é uma evidência do seu interesse pelo paludismo e do seu desejo em contribuir para a eliminação dos sintomas da doença.

Sarmiento deverá ter tido acesso à obra seminal de Verney, *Verdadeiro Methodo de Estudar*, publicada em 1746, dado o seu impacto entre as elites portuguesas<sup>29</sup>. Na Carta Duodécima dedicada ao ensino da medicina, Verney contrapõe à tradição galénica, na qual se baseava o ensino da medicina na Universidade de Coimbra, uma visão mecanicista do corpo humano, fortemente inspirada na “Seyta dos Mechanistas” e no modo como *Boerhaave* entendia a prática médica.

---

<sup>29</sup> Ver, por exemplo, Silva Dias, 1952.

Na referida carta, Verney critica de forma veemente os médicos portugueses inventores de medicamentos de segredo, a quem chama de “galénicos”, acusando-os de fazerem combinações *ad hoc* de “doze ou quinze ingredientes *diferentíssimos*” (Verney, 1746:52)<sup>30</sup>, argumentando que, deste modo, nunca se conseguia determinar qual o ingrediente responsável pela possível cura, impossibilitando assim, o aproveitamento do seu potencial poder curativo.

Claramente estas críticas não são endereçadas a Sarmiento, nem à sua Água de Inglaterra, até porque o médico português não era um galénico, tendo sido, pelo contrário, um dos autores que mais contribuiu para a disseminação das ideias dos “Mechanistas” em, Portugal, nomeando Boerhaave como epítome daquela “seyta”. Finalmente, o seu medicamento era acompanhado de uma bula, que descrevia de forma sumária o seu modo de aplicação, procurando que fossem seguidos alguns preceitos, definidos com base na observação sistemática dos efeitos do medicamento em doentes.

Sarmiento não viveu tempo suficiente para poder ler as críticas de Ribeiro Sanches aos médicos autores de medicamentos de segredo<sup>31</sup>, e as suas sugestões de que os medicamentos disponíveis no reino deveriam ser produzidos e vendidos em boticários devidamente creditados seguindo as receitas constantes numa farmacopeia igual em todo o império<sup>32</sup>, sugerindo que as receitas de novos medicamentos deveriam ser compradas pelas autoridades, de modo a permitir o prosseguimento do estudo de novas substâncias com aplicação terapêutica.

Deve ser referido que o próprio Sanches foi autor de alguns medicamentos, tendo obtido proventos decorrentes dessa actividade (Sousa Dias, 2012:50). Por outro lado, é evidente que, na sua prática médica, utilizaria as suas próprias receitas, como de resto era usual entre a maioria dos médicos, particularmente os mais doutos. Assim, e apesar de o médico português ter assumido uma postura extremamente crítica relativamente aos médicos produtores de medicamentos de segredo, dando voz, de algum modo ao espírito da época, o seu objectivo principal era o de propor formas de regular a produção desses medicamentos, de modo a contrariar a anarquia vigente, em que praticamente qualquer pessoa podia, com pouco esforço, produzir e comercializar substâncias de composição duvidosa e desconhecida utilizadas na cura de doenças<sup>33</sup>. A sua proposta da criação de um Tribunal Médico decorre dessa perspectiva, de modo a que todos os medicamentos utilizados no Império pudessem ser controlados, assegurando a sua qualidade.

---

<sup>30</sup> O número de página indicado corresponde à edição de 1952.

<sup>31</sup> É curioso que as críticas de Sanches tenham surgido apenas depois da morte de Sarmiento.

<sup>32</sup> Para uma discussão mais aprofundada sobre esta questão ver Sousa Dias, 2012, ou Pita, 2007.

<sup>33</sup> O que não é o caso da Água de Inglaterra, já que se conhecia a sua composição e a importância da *Quina Quina* no tratamento dos sintomas associados ao paludismo.

Na sua opinião, a proliferação deste tipo de medicamentos diminuía a importância do médico, por fomentar a automedicação<sup>34</sup>, que poderia ter graves consequências para a saúde dos doentes. Sanches procurava, assim, credibilizar a profissão, definindo o seu escopo no âmbito da saúde pública, provavelmente ciente de que a classe médica portuguesa não gozava de boa reputação entre as populações<sup>35</sup>. Assim, o seu ataque aos médicos produtores de medicamentos de segredo decorre da noção de qual o âmbito de actuação de cada uma das classes profissionais na área da saúde.

Estas críticas tiveram eco nas autoridades portuguesas, que introduziram diversas reformas, particularmente visíveis com a criação da Junta do Protomedicato em 1782, durante o reinado de D. Maria I. Deve ser notado, contudo, que as reformas introduzidas não impediram que a Água de Inglaterra, produzida primeiro por André Lopes de Castro<sup>36</sup> (1734(5?)-1803), sobrinho neto de Sarmiento, e depois pelos seus descendentes, continuasse a estar disponível nas boticas até ao princípio do século XIX<sup>37</sup>.

### 3. Um medicamento de segredo revelado

Em 1742, Sarmiento publicou a sua tradução de uma obra escrita por Stephen Hales (1677-1761), sobre um medicamento de segredo eficaz no tratamento da pedra na bexiga, comprado

---

<sup>34</sup> Existiam no mercado um número razoavelmente elevado de obras escritas por médicos, contendo informações quanto aos medicamentos a utilizar no tratamento das diversas doenças. Como iremos ver no Capítulo V, Sarmiento criticou este tipo de livros na *Materia Medica*, por razões similares às invocadas por Sanches.

<sup>35</sup> A obra de José Acúrcio Tavares, pseudónimo de Bento Morganti, intitulada *Sustos da Vida, nos Perigos da Cura*, é provavelmente uma das obras onde esse aspecto se nota. O seguinte excerto é elucidativo de que os médicos eram encarados com alguma desconfiança. “A enfermidade presente me acabou por enganar, porque por muitos principios compreendi o pouco conhecimento, que alguns professores tem dos principios das queixas, e o muito, que confundem os effeitos com as causas; e o que he mais sensivel, o grande descuido, que tem em exercitar o officio de coadjutores da natureza, porque principiando a molestia por huma indigestão, quizerão tirar-me pelas veyas o mal, que tinha no estomago (p.5); e concebendo a febre por causa, sendo na verdade effeito, arrastrarão para a massa do sangue o que estava nas primeiras vias, e sem outra alguma evacuação me puzerão a morrer, quando com pouco trabalho me poidão ter curado”. Ver Morganti (Tavares), 1758. A imagem do médico nas suas relações com a sociedade portuguesa da época é abordada por Bruno Barreiros na sua tese de doutoramento intitulada *Concepções do Corpo no Portugal do Século XVIII: Sensibilidade, Higiene e Saúde Pública*, 2014.

<sup>36</sup> Este familiar de Sarmiento começou a produzir Água de Inglaterra a partir de 1756, tendo roubado o segredo. Para mais informações sobre este assunto ver Sousa Dias, 2012. É muito possível que o facto de o familiar de Sarmiento ter conseguido manter a produção do medicamento se relacione com o prestígio de Sarmiento junto da coroa portuguesa. Por outro lado, é evidente que a qualidade do medicamento terá sido um factor importante.

<sup>37</sup> De facto, e mesmo após a Junta do Protomedicato ter sido criada, a Água de Inglaterra continuou a ser produzida, conseguindo os familiares de Sarmiento obter o patrocínio de diversos médicos que atestam a qualidade do medicamento. Na obra *Collecção de Decretos, Avisos, e outras Ordens Regias a Favor da Verdadeira, e Única Agoa de Inglaterra da Composição do Doutor Jacob de Castro Sarmiento, Preparada por José Joaquim de Castro na sua Real Fabrica em Lisboa* (1814) pode ter-se uma perspectiva da importância de Jacob de Castro Sarmiento no sucesso alcançado pelos seus familiares, provavelmente pela sua relação com personalidades importantes da coroa portuguesa.

pelo parlamento inglês à sua autora, Joanna Stephens (?-1740). O título da obra *Relaçam de Alguns Experimentos, e Observaçoes, Feitas sobre as Medicinas de Madam Stephens, para dissolver a Pedra. Em que se tras a Exame, e se mostra a sua Faculdade Dissolvente [...]. Ajuntasse hum Compendio Historico de todos os Factos, desde a Origem deste Descobrimento, ate que, por fazelo publico, recebeo a sua Inventora, do Parlamento de Inglaterra, o premio de cinco mil Livras, ou cincoenta mil cruzados*, descreve de forma sucinta o assunto abordado.

Na Dedicatória a Carvalho e Melo, Sarmiento considera que “o hir authorizada com o Illustre Nome de V.S. a fará mais digna da aceitação dos nossos Nacionaes”, já que na sua opinião, “assim se armará nobremente, contra a prevençam de alguns professores, que tenham por ociosa a applicaçam de hum Livro, cujo assumpto não he mais, que o Invento de huma Mulher” (Sarmiento, 1742:vi).

O medicamento criado por Stephens, constituído essencialmente por sabão e por cascas de ovo calcinadas, provou ser eficaz no tratamento de alguns casos de pedra na bexiga, permitindo uma alternativa à cirurgia normalmente utilizada. Hoje sabe-se que os dois ingredientes deste medicamento contêm cal (óxido de cálcio, ou hidróxido de cálcio), que tem efeitos no tratamento daquela doença (Ogilvie, Harvey, 2000:1227)

O facto de se tomar por via oral um medicamento com propriedades dissolventes levantava diversas questões entre os seus potenciais consumidores, por se temer que pudesse destruir as “partes tenras” do organismo, dado ser capaz de dissolver a “pedra”. O autor da obra utiliza diversos argumentos para sossegar os potenciais utilizadores do medicamento de Stephens, referindo que:

por exemplo; o Ar e a Agoa, ainda que Corpos suaves, innocentes, e sem asperesa alguma, dissolvem o Ferro, e o Cobre, que sam Corpos duros, como se ve das suas ferragens; e dissolvem tambem Saes, que o Spirito de vinho mais forte, e que queima na boca, não pode dissolver totalmente. (Sarmiento, 1742:xi)

de onde se podia concluir que a “suavidade” ou “aspereza” de um solvente não determina que corpos consegue dissolver, mesmo que não se perceba a razão para tal comportamento. Assim, o tradutor da obra refere que “da mesma sorte que nos achamos satisfeitos, com os successos do felice Descobrimento da Quina quina, pelo beneficio que delle recebe a Naturesa Humana; ainda que não sabemos, nem, talvez, saberemos já mais o como ella obra” (Sarmiento, 1742:xiii), o mesmo deveria ser feito relativamente ao medicamento de Stephens, sustentando que o desconhecimento dos modos pelos quais um dado medicamento opera não deveria impedir a sua utilização. Na sua opinião “o verdadeiro methodo de provar a certeza de hum Remedio, he o aproveitar muitas vezes no mesmo caso; e esta prova quem a hade dar, não he a especulaçam, ou a disputa, mas sim a Observaçam, e a Experiencia” (Sarmiento, 1742:13), onde a ênfase

colocada na experimentação como única forma de descobrir os efeitos de um dado medicamento, é reveladora da sua postura relativamente a esta questão. Dada a impossibilidade de conhecer o modo como um determinado medicamento realiza a sua função, a única forma que os médicos teriam de saber em que condições esse medicamento deveria ser aplicado, consistiria na sua aplicação judiciosa e na observação rigorosa dos efeitos, já que só assim se poderia aproveitar racionalmente as suas propriedades.

Ainda que existam diversas incongruências no seu entendimento quanto aos medicamentos de segredo, nomeadamente quanto à licitude de os médicos esconderem os seus segredos, mesmo que na preparação de medicamentos conhecidos, Sarmento baseava as suas conclusões quanto à posologia e ao espectro de aplicação de um dado medicamento, na observação sistemática dos seus efeitos, adoptando portanto uma postura racional, imbuída do espírito da época<sup>38</sup>.

#### 4. Conclusão

O fabrico e a comercialização de medicamentos de segredo é uma das facetas de Sarmento mais complicada e polémica, face ao seu papel de divulgador e defensor das ideias modernas.

Como foi argumentado, a polémica em torno da Água de Inglaterra decorre mais das questões éticas envolvidas no fabrico dos medicamentos de segredo e da postura de algumas elites relativamente a esta questão, do que propriamente do modo como o médico português a abordou.

No caso da Água de Inglaterra, Sarmento utilizou a sua perícia na execução das manipulações químicas para melhorar a preparação de um medicamento cuja receita era conhecida, pelo que o seu segredo decorria exclusivamente do modo como era preparado. Sob outro aspecto, o médico português beneficiou do apoio de personalidades com prestígio e influência na sociedade portuguesa para patrocinar o seu medicamento, pelo que existia uma convivência institucional que justifica de algum modo a permissividade com que a questão foi abordada. Deve ainda ser salientado que o seu medicamento era aparentemente de qualidade superior ao preparado por outros concorrentes.

Assim, e mesmo admitindo algumas incoerências no modo como encarou esta questão, importa referir que a produção dos seus medicamentos de segredo ocorreu num contexto muito específico, em que a regulação se encontrava ausente e em que as autoridades não tinham ainda definido de forma clara quais as regras que deveriam ser seguidas. Noutra vertente, as especificações de utilização dos seus medicamentos eram sempre baseadas na observação

---

<sup>38</sup> Cientes de que os debates entre os apoiantes dos diversos sistemas médicos haviam afastado os médicos da prática clínica, com claro detrimento dos doentes, e dada a ausência do conhecimento quanto às causas das doenças, os médicos setecentistas procuraram adoptar métodos racionais, de modo a sistematizar o conhecimento médico. Sobre esta temática ver, por exemplo, French, 2003.

prolongada dos seus efeitos em casos conhecidos, de modo a garantir uma aplicação correcta e minimizar possíveis efeitos adversos. Isso significa que algumas das críticas que lhe são endereçadas, ainda que de forma velada, pelos seus contemporâneos, carecem de sustentação.

## CAPÍTULO IV

### EM BUSCA DE PRESTÍGIO INTERNACIONAL – A INOCULAÇÃO DAS BEXIGAS

A minha Dissertação sobre o Enxerto,  
e Inoculação das Bexigas, [...], foi huma das  
primeiras obras, que se publicou sobre esta matéria,  
fiz reimprimir em Londres, no anno 1731, e se achara  
anexa à minha *Materia Medica* em que se pode ver o  
sucesso, que fe experimentou em sete annos seguidos,  
que se fez uso do methodo da inoculação nas bexigas,  
(Sarmiento, 1756:xv–xvi)

A inoculação das bexigas foi uma das principais contribuições médicas do Iluminismo (Miller, 1976:195)<sup>1</sup>. Não admira, portanto, que a primeira obra de Sarmiento, intitulada *A Dissertation on the Method of Innoculating the Small-Pox with Critical Remarks on the Several Authors who have treated this Disease*, publicada em 1721, no ano em que chegou a Inglaterra, tenha sido a que terá contribuído de forma mais significativa para o estabelecimento do seu prestígio científico em Inglaterra e no resto da Europa.

A historiografia sobre Sarmiento é praticamente omissa relativamente a este aspecto<sup>2</sup>, talvez porque a obra teve uma expressão reduzida em Portugal, tendo a inoculação sido recebida pelos médicos portugueses com muito cepticismo. De facto, a dissertação nunca foi publicada em território nacional em separado, tendo o seu autor optado por incluir a segunda edição da versão latina da obra nas duas edições da *Materia Medica*, publicadas em 1735 e 1758. Acresce o facto de a polémica em torno da inoculação ter chegado tardiamente a Portugal, não tendo alcançado a expressão que teve noutros países, como a Inglaterra ou a França.

Como irá ser discutido, a dissertação sobre as bexigas é a primeira manifestação da adesão do seu autor às ideias dos modernos, sendo este facto extremamente significativo. Sarmiento alude a obras de médicos seus contemporâneos, para além de utilizar uma terminologia médica muito diversa da que era utilizada pelos seus conterrâneos. Isso significa que provavelmente a sua adesão ao newtonianismo terá ocorrido muito mais cedo do que normalmente é considerado. Este aspecto será desenvolvido com algum pormenor dada a sua evidente relevância.

---

<sup>1</sup> Miller sustenta esta afirmação com o facto de os próprios iluministas terem essa percepção, como Voltaire que foi um acérrimo defensor da prática.

<sup>2</sup> Alguns autores, como d'Esaguy, mencionam a obra, mas não fazem qualquer tipo de comentário quanto à sua importância.

## 1. Inoculação das bexigas - uma prática polémica

Quando Sarmento chegou a Londres, em 1721, existia uma acesa polémica no seio da comunidade médica londrina, e entre o público em geral, quanto às vantagens da utilização da inoculação das bexigas como forma de erradicar uma doença responsável pela morte, ou desfiguramento permanente de muitas pessoas. A inoculação era uma prática corrente entre alguns povos, sendo originária de uma região da Turquia, a Circássia (Voltaire, 1778: 64). A técnica consistia na inoculação de líquido, proveniente das pústulas de uma pessoa infectada, numa pessoa sã, com o objectivo de a tornar imune à doença. Como se pode notar, a inoculação é muito similar à vacinação<sup>3</sup> proposta por Edward Jenner (1749-1823), algumas dezenas de anos mais tarde.

As primeiras notícias relativas à inoculação chegaram à Royal Society nos primeiros anos do século XVIII, tendo sido publicados alguns artigos onde se alude a esta prática nas *Philosophical Transactions* (Miller, 1957:48). Ainda assim, o interesse da comunidade científica e médica em relação à inoculação como método preventivo só surgiu posteriormente, mais ou menos na mesma altura em que a questão despertou o interesse do público.

Uma das pessoas que mais terá contribuído para a polémica pública em torno da inoculação foi Lady Mary Wortley Montagu (1689-1762) que regressou a Londres em 1721, curiosamente no mesmo ano em que Sarmento, vinda da Turquia, onde o seu marido tinha sido embaixador. Neste país, Lady Montagu testemunhou os efeitos positivos da inoculação, tendo ficado adepta da prática. Em Abril de 1721, muito pouco tempo após a sua chegada, Lady Montagu, conseguiu que Charles Maitland, um médico seu amigo, acesse a inocular o seu filho, tendo esta decisão gerado alguma polémica pública.

Os apoiantes invocavam o facto de a inoculação permitir, de uma forma simples e acessível, a possível erradicação de uma doença vulgar, que afligia um número significativo de pessoas, advogando a sua aplicação universal. Os opositores invocavam dois tipos de argumentos. Em primeiro lugar, o facto de se introduzir material contaminado num corpo são, correspondia, na prática, a fazer o oposto daquilo que um médico deveria fazer. Em segundo lugar, e na opinião de alguns religiosos anglicanos<sup>4</sup>, apenas Deus tinha o poder para dar a doença, pelo que apenas

---

<sup>3</sup> O nome provém de *vaccinia*, o agente infeccioso da varíola bovina. Quando este agente é introduzido numa forma inactiva num ser humano confere-lhe imunidade à varíola humana. Apesar de existirem diferenças, o método da inoculação antecipa a vacinação, apesar de ser menos eficaz.

<sup>4</sup> O argumento não é exclusivo dos religiosos anglicanos. Como iremos ver, o mesmo argumento era utilizado pelos católicos.



Ele tinha o poder de a curar. Assim, e neste contexto, a prática era amiúde considerada como “diabólica”<sup>5</sup>.

O papel de Lady Montagu na polémica em torno da inoculação foi muito empolado por Voltaire nas suas *Cartas sobre a Nação Inglesa* (1733)<sup>6</sup>. Na carta dedicada especificamente à inoculação das bexigas, Voltaire relacionou a amizade da referida senhora com Caroline de Anspach, princesa de Gales<sup>7</sup> (Miller, 1957:76), com o apoio dado pela família real inglesa aos apoiantes da utilização da prática como método profiláctico. De resto, numa manifestação de confiança e apoio àquela prática, os filhos da princesa de Gales foram também inoculados com as bexigas.

É possível que este episódio tenha motivado Hans Sloane (1660-1753), amigo de Lady Montagu, e secretário da Royal Society, a empenhar-se pessoalmente na defesa da inoculação. De qualquer modo, e para além da percepção popular e da polémica em torno desta questão, os médicos foram os principais actores no processo da determinação científica das vantagens e desvantagens da inoculação. Assim, a ideia de utilizar presos como cobaias, de modo a indagar se a prática era segura, partiu de um conjunto de médicos, e não da Princesa de Gales, a conselho de Lady Montagu, como foi sugerido por Voltaire (Voltaire, 1778:68).

Por intermédio de Sloane e com o patrocínio do governo *Whig* da altura, claramente a favor da inoculação, a Royal Society foi mandatada para realizar experiências com o objectivo de apurar a eficácia da inoculação na eliminação da doença (Wilson, 1990:27). O governo inglês deu aos membros da Royal Society, responsáveis pela investigação, a possibilidade inaudita de escolherem seis condenados, a cumprir pena na prisão de Newgate, e de os utilizar como cobaias<sup>8</sup>. Os seis condenados, três homens e três mulheres, foram inoculados com as bexigas, na presença de diversas pessoas, incluindo algumas que eram contra a prática, de modo a garantir a fiabilidade dos resultados. O facto de todos os prisioneiros terem sobrevivido sem qualquer mazela associada à doença constituiu um sucesso para os defensores da inoculação, mesmo se depois se viesse a descobrir que uma das mulheres já tinha contraído a doença em criança. Ainda assim, os resultados da experiência não foram suficientes para desmobilizar os oponentes, tendo o debate continuado ainda durante muitos anos, até Edward Jenner inventar o processo da vacinação.

Para além do debate público, uma parte do debate incluiu argumentos estritamente científicos, devendo ser salientada a utilização de estudos estatísticos como forma de obter factos a favor da

---

<sup>5</sup> Para mais informações sobre esta questão ver Cunningham, French, 1990. Nesta obra é feita a referência a Edward Masey, autor de um sermão contra a inoculação, publicado em 1722, onde se faz a associação da prática com o Diabo.

<sup>6</sup> A primeira edição foi a inglesa, tendo no ano seguinte, sido publicada a edição francesa. A obra teve algum sucesso em Inglaterra, tendo sido reimpressa em 1778.

<sup>7</sup> Voltaire dá a entender na sua carta sobre a inoculação que foi Lady Montagu a responsável pelas experiências realizadas para apurar a sua eficácia. Como iremos ver, esta informação não é verdadeira.

<sup>8</sup> Os condenados foram perdoados, tendo as suas penas sido anuladas. Ainda que pudessem morrer, ou ficar desfigurados, é possível que nenhum deles tenha hesitado, perante a proposta.

prática. Neste contexto, o médico James Jurin, membro da Royal Society e que esteve envolvido pessoalmente na experiência com os prisioneiros de Newgate, foi uma das personalidades que mais se destacou, tendo feito um estudo estatístico aprofundado de modo a avaliar a eficácia da prática. Na sua opinião, as vantagens associadas ao método superavam largamente os poucos casos em que os inoculados morriam. Contudo, e apesar destas evidências, a polémica persistiu.

## 2. Oportunidade

Foi neste contexto que Sarmiento publicou a sua *Dissertation*. Significativamente, esta foi a primeira obra publicada em Inglaterra dedicada apenas à inoculação das bexigas (Miller, 1957:77), tendo sido colocada à venda pouco tempo depois da experiência com os prisioneiros ter ocorrido, numa altura em que reinava um clima de franca aceitação popular da prática, devido ao sucesso alcançado. Assim, não poderia ter sido escolhida melhor altura para a sua publicação<sup>9</sup>.

Permanecem envoltas em mistério as razões que o terão levado a escrever a dissertação. É possível que já tivesse algum conhecimento da polémica em torno da inoculação, mesmo antes de chegar a Londres, e tivesse preparado um texto para futura publicação. No entanto, e dado que uma grande parte dos eventos significativos da polémica terá ocorrido já depois de ter chegado a Londres, é possível que o livro tenha sido escrito depois de ter chegado à capital inglesa. Como se pode depreender da sua leitura, Sarmiento já deveria ter algum conhecimento sobre a inoculação, quer por ter contactado pessoalmente com casos de pessoas infectadas com a doença, quer por ter lido sobre este assunto em obras médicas.

Alguns autores consideraram que o médico português terá contactado com a já mencionada Lady Montagu, provavelmente por esta ter regressado a Londres na mesma altura em que Sarmiento chegou a esta cidade (Andrade, Guimarães, 2011:17). De acordo com estes autores, a sua relação com Hans Sloane teria sido estabelecida por intermédio de Lady Montagu. Deve ser recordado que Sloane teve um papel importante quando Sarmiento foi eleito para sócio da Royal Society, actuando como seu patrono, ajudando-o no prosseguimento da sua agenda de divulgação. Sloane foi também, como vimos, um dos principais envolvidos no teste realizado com os prisioneiros. Contudo, não foi possível confirmar esta suposição<sup>10</sup>, dada a inexistência de provas factuais de que tal encontro tenha ocorrido. Por outro lado, também não foi possível

---

<sup>9</sup> Deve ser salientado que a obra já estava escrita antes dos resultados do teste com os presos serem conhecidos. Na segunda edição, escrita em latim, os resultados dos testes são referidos.

<sup>10</sup> Não foi possível encontrar quaisquer evidências de um contacto de Lady Montagu com Sarmiento. É certo que se houve correspondência entre os dois, esta não foi publicada. A consulta da correspondência de Lady Montagu publicada (disponível no Google Books) permite chegar a essa conclusão. Andrade e Guimarães não indicam em que fontes se basearam para fazer aquela afirmação, apesar de a mesma não ser considerada como uma mera hipótese.

determinar se Sarmento conheceu Sloane nesta altura ou, mais tarde, já depois de ter sido eleito sócio da Royal Society. Assim, e por muito tentador que seja considerar a existência de uma relação entre Montagu, Sloane e Sarmento, já que esse facto poderia explicar não só a edição da obra, mas também a futura relação de Sloane com Sarmento, não existem provas que a permitam confirmar<sup>11</sup>.

### 3. Edição e contrafacção

A *Dissertation* foi editada logo a seguir ao anúncio do resultado do teste com os prisioneiros, tendo a imprensa londrina registado este evento na edição do *Post Boy* de 29 de Julho de 1721<sup>12</sup>. Trata-se de um anúncio muito simples, referindo no essencial o conteúdo da folha de rosto da obra, sem qualquer outra referência, para além da indicação explícita de que havia sido editada naquele dia. O *Post Boy* era um trissemanário londrino que alcançou alguma expressão nas primeiras décadas do século XVIII. O facto de a obra ter sido anunciada num jornal local de larga circulação, é revelador do interesse que a mesma terá suscitado, ainda que não fosse acessível ao leitor menos informado, devido à utilização de terminologia médica.

Curiosamente, o nome do autor indicado na folha de rosto é “J. C.”, sendo omissa o nome de Sarmento, provavelmente por este não ser um nome de família, tendo sido adoptado como forma de ocultar a sua origem judaica, como foi referido no Capítulo I. Deve ser notado que, quando o livro foi publicado, o médico exilado em Londres já tinha sido circuncidado e rebaptizado, já que em vez de Henrique, assina Jacob.

A dissertação sobre a inoculação das bexigas é a única obra de Sarmento escrita em inglês, o que levanta algumas questões. Em primeiro lugar, o pequeno livro deve ter sido escrito originalmente em latim, por não ser crível que o seu autor possuísse o domínio do inglês suficiente para a escrita de uma obra com as características da *Dissertation*, dado ter chegado a Londres há pouco tempo. Como no ano seguinte foi publicada a versão latina da obra, é muito possível que tenha originalmente sido escrita nesse idioma, tendo sido traduzida posteriormente. Apesar de apenas se poder especular, é possível que o tradutor tenha sido um dos médicos pertencentes à congregação de Bevis Marks. Finalmente, a escolha do inglês pode ter sido uma forma de alcançar o público leitor inglês e assim estabelecer o seu prestígio enquanto autoridade científica, certamente com o objectivo de rapidamente alcançar uma posição no seio da competitiva comunidade médica londrina. Nesta altura, ainda não pertencia ao Royal College of

---

<sup>11</sup> Deve ser salientado que uma afirmação como a de Andrade e Guimarães tem de ser corroborada com dados que a suportem. Não se compreende como é que uma afirmação tão importante como esta possa ser feita de forma tão leviana, sem qualquer tipo de indicação das fontes que a suportam.

<sup>12</sup> Cf. *The Post Boy*, N. 4995, July, 27–29, 1721.

Physicians, não podendo, por isso, exercer a sua profissão, pelo que a escrita da *Dissertation* pode ter sido parte de uma estratégia para se afirmar.

O editor escolhido para fazer a impressão da obra foi Thomas Bickerton, com loja localizada em Pater-Noster Row, perto da Catedral de São Paulo, numa das zonas da cidade onde se podiam encontrar alguns dos melhores impressores e livreiros de Londres, cuja clientela era constituída essencialmente por pessoas pertencentes a classes sociais elevadas (Johns, 1998:67). A escolha do editor não deve ter sido feita ao acaso, tendo Sarmiento seguramente sido aconselhado. É possível que a edição tenha sido financiada pelo próprio médico português, considerando esse gasto como relevante para a sua carreira médica em Londres<sup>13</sup>.

No ano seguinte, em 1722, foi publicada a edição latina da obra, intitulada *Dissertatio In Novam, Tutam, ac Utilem Methodum Inoculationis, seu Transplantationis Variolarum, Thessalie, Constantinopli, & Venetiis, Primo Inventam, nunc que hac in Civitate Authoritate Regie Majestatis Britannicae Comprobata 28 Julii, 1721 Cum Criticis Notis in Varios Autores de hoc Morbo*. O título, ligeiramente diferente, é indicativo de que o seu autor havia introduzido alterações no texto original, de modo a incluir os resultados da experiência com os prisioneiros, já que a primeira edição havia sido publicada exactamente na altura em que foram conhecidos esses resultados.

A publicação da edição latina pode ter sido uma consequência do sucesso alcançado com a edição em inglês. Deve ser notado que a edição latina tornava a obra acessível a um público mais vasto, nomeadamente a leitores continentais, tornando possível a sua internacionalização. E foi isso que aconteceu, ainda que de forma diferente daquela que o seu autor pretendia.

De facto, e logo em 1722, foi editada em Leyden, na Holanda, uma edição pirateada da versão latina da obra. Ainda no mesmo ano, foi editada outra edição pirateada, desta vez em Hamburgo. O autor da *Dissertation* alude a esse facto na segunda edição da sua obra *Materia Medica*, advertindo os leitores de que essas edições estavam “cheas de erros da Imprensa, por não tomarem os Impressores mais cuidado, que da sua conveniência própria” (Sarmiento, 1758:Advertência). Sarmiento refere que tinha tido contacto com essa questão “por achar, que nas Transacçoens dos Eruditos, impressas com privilegio del Rey de Polonia, do anno 1723, volume 53, me fizeram a honra de fazer mençam della”.

Como Miller refere, existem indicações de que as edições alemã e holandesa foram editadas nos respectivos idiomas nacionais (Miller, 1976:77), o que poderá ter sido importante para a afirmação do médico português no estrangeiro. Contudo, a referida autora não aludiu a todas as edições pirateadas da obra de Sarmiento. Em 1727, foi editada em Genebra uma obra intitulada *Dissertationes in Novam, Tutam, ac Utilem Methodum Inoculationis, seu Transplantationes*

---

<sup>13</sup> Como vimos atrás, a questão financeira parece não ter sido um problema para Sarmiento. Ainda assim, também é possível que a obra tenha sido suportada por outra pessoa. Dada a inexistência de dados relativos a esta questão, não é possível ir além das especulações.

*Variolarum, Prima Methodus Auctoritate Regia Majestatis Britannicae comprobata 28. Julii, 1721 & publicata com critices Notis in varios Autores de hoc Morbo scribentes A Jacobo A Castro...*, com algumas notas de Antonio Le Duc. Como se pode constatar, o nome da obra é igual à da segunda edição da *Dissertation* para além de a data indicada ser a mesma da página de rosto da edição latina. Antoine Le Duc era membro da Royal Society, tendo escrito um texto sobre a sua própria experiência relativamente à inoculação das bexigas, complementando de algum modo o texto de Sarmento. Assim, a obra continuou a ser alvo de contrafacção, tendo sido editada pelo menos em três locais diferentes.

Deve ser notado que a publicação de edições de contrafacção não é, em si, um facto extraordinário, já que o fenómeno se tornou comum com a introdução da impressão com tipos móveis por Gutenberg (Febvre, Martin, 1976:239–244)<sup>14</sup>. O que é significativo é o facto de a obra de Sarmento ter sido tão apetecível para outros editores. Uma razão pode decorrer da própria temática, já que as bexigas afectavam as populações de todos os países europeus, sendo responsável todos os anos pelo desfiguramento, ou morte, de muitas pessoas. Assim, a referência a um método que alegadamente prevenia o aparecimento da doença, devia despertar o interesse da maioria dos leitores, mesmo que alguns provavelmente encarassem a prática com algumas reservas, nomeadamente devido a questões religiosas. Sob outro aspecto, trata-se de uma prática proveniente de países orientais, numa altura em que o apelo do Oriente na Europa era grande. Quase todos os grandes escritores iluministas do século XVIII, como Diderot, Montesquieu, ou Voltaire escreveram obras que se passam no Oriente, ou que têm como protagonistas personagens provenientes desses países. Assim, qualquer tipo de conhecimento ou prática proveniente desses países era encarado com curiosidade.

O conhecimento da existência de edições pirateadas levou Sarmento a publicar uma segunda edição da versão latina, em 1731. Esta versão foi incluída posteriormente na primeira edição da *Materia Medica*, impressa em 1735, tendo voltado a ser incluída na segunda edição da mesma obra, publicada em 1758. É possível que a segunda edição tenha circulado em Portugal, mesmo que apenas em alguns círculos estritos, antes da publicação da *Materia Medica*. De facto, Duarte Rebelo de Saldanha na sua obra *Ilustração Medica, Ethico-Politica, Historico-Sistemática...* (1761), refere ter tido conhecimento da obra em 1731, na altura em que a segunda edição foi impressa. Acresce o facto de a obra se encontrar disponível actualmente em diversas bibliotecas nacionais.

A dissertação das bexigas apresenta, portanto, algumas características que a distinguem das outras obras editadas por Sarmento. Em primeiro lugar, é a única que foi editada em dois idiomas, para além de ser a única escrita em inglês. Depois, foi a única a ser editada em outros países, mesmo que tenham sido edições pirateadas. Finalmente, a obra teve uma vida editorial

---

<sup>14</sup> O número de páginas indicado é relativo à edição de 2000, editado pela Verso.

relativamente longa, sendo vendida em separado e em conjunto com outras obras, quase até ao fim da vida do seu autor.

#### 4. O teor da obra<sup>15</sup>

A preocupação com a beleza feminina é invocada como a principal razão motivadora do interesse dos médicos em encontrar métodos para curar as doenças, como as bexigas, que provocam o desfiguramento das pessoas, sendo este um dos argumentos mais utilizados na época<sup>16</sup> para legitimar a inoculação das bexigas.

De seguida, é apresentado o plano geral da obra, dividida em três partes. Na primeira parte, é dada uma pequena descrição da doença e das suas principais consequências para a saúde humana, tendo em conta as obras de autores ingleses e árabes, sendo atribuída relevância às opiniões do “judicioso Dr. Sydenham” (Sarmento, 1721:3). Na segunda, são indicados os métodos utilizados vulgarmente na cura da doença. Finalmente, na última parte é feita uma descrição detalhada da prática e uma análise quanto às causas da doença.

O texto principal da *Dissertation* é iniciado com a descrição minuciosa dos sintomas da doença, sendo referidas as diferentes formas pelas quais se pode manifestar e o modo como normalmente evolui. Um dos aspectos relevantes decorre da definição de diferentes estágios da sua evolução, o que determinava a necessidade da utilização de diferentes terapêuticas, adequadas ao estágio em que se encontrava a doença num dado doente.

Em seguida, o médico português alude aos autores que abordaram este assunto nas suas obras, sendo enfatizada a importância dos autores árabes, cujo conhecimento sobre as bexigas se mantinha actual. De facto, e na sua opinião, os autores modernos não tinham adiantado de forma significativa o conhecimento já existente (Sarmento, 1721:15). Neste contexto, é citado o famoso médico judeu português, Zacuto Lusitano (1575–1642). O autor alude aos esforços envidados por Zacuto para explicar a doença, apesar de criticar as suas conclusões, considerando-as desadequadas e inapropriadas<sup>17</sup>.

Depois desta breve resenha histórica, são referidos os diferentes modos de cura utilizados na época e os autores que os haviam proposto, incluindo alguns dos médicos mais famosos da época, como o já referido Thomas Sydenham (1624-1689), Richard Morton (1637-1698) ou Hermann Boerhaave. No entanto, Sarmento não se limitou a enumerar os diferentes modos

---

<sup>15</sup> A análise foi realizada tendo como referência a versão inglesa, dado não saber latim. Deve ser notado que existem algumas diferenças entre as duas versões, devido ao facto de a segunda edição já incluir os resultados da experiência com os prisioneiros. De qualquer modo, e tanto quanto foi possível determinar não foram introduzidas alterações no que concerne à explicação racional da doença.

<sup>16</sup> Voltaire também utiliza este argumento na sua carta dedicada à inoculação.

<sup>17</sup> A referência a Zacuto, médico português, e cuja obra deveria conhecer, evidencia o facto de Sarmento já ter conhecimento prévio da doença e dos modos utilizados para a tratar.

utilizados para curar a doença, criticando também alguns dos autores, particularmente Boerhaave, provavelmente o médico mais famoso da sua época.

O médico holandês era de opinião de que a doença era aguda e contínua, pelo que não considerava importante a necessidade de se esperar pelo desenvolvimento das suas diversas fases. Assim, e tendo em conta esse pressuposto, Boerhaave aconselhava o recurso a laxantes, purgantes e vomitórios desde o aparecimento dos primeiros sintomas, com o objectivo de expulsar o agente responsável para fora do corpo do doente. Este procedimento é criticado de forma veemente pelo autor da *Dissertation*, referindo-se-lhe como “Mal-practice”, por expor o paciente a acções violentas que teriam como consequência o possível agravamento dos sintomas. Apesar de aludir ao célebre médico holandês de forma elogiosa, não deixa, contudo, de o emendar neste aspecto particular.

Também são referidos quais os métodos utilizados vulgarmente para aliviar os doentes dos principais incómodos da doença. Neste contexto, é referida a utilização do mercúrio, introduzida por Archibald Pitcairne (1652-1713), com o objectivo de diminuir o incómodo relacionado com as pústulas na pele. É salientada a necessidade de o método ser prescrito por médicos, dada a possibilidade de a utilização indiscriminada do mercúrio poder ter consequências nefastas para a saúde do paciente.

Na última parte, a técnica da inoculação das bexigas é descrita em pormenor, sendo depois apresentada uma reflexão sobre as causas da doença. Quanto à técnica, e depois de aludir com algum pormenor aos povos e países onde era utilizada, é feita a sua descrição, sendo enfatizado o facto de a inoculação ser normalmente praticada, nos países de origem, por pessoas que careciam de formação médica. Como Sarmiento refere, a maior parte da informação relativa a este aspecto foi obtida a partir de dois artigos publicados nas *Philosophical Transactions* da Royal Society<sup>18</sup> (Sarmiento, 1721:34).

Relativamente à indagação quanto às causas da doença, os aspectos mais pertinentes da discussão decorrem, como iremos ver à frente, mais do modo como Sarmiento aborda o problema e dos argumentos utilizados que revelam a sua adesão à iatromecânica, do que propriamente das suas conclusões, dada a evidente impossibilidade de, à época, se poder identificar correctamente o agente responsável<sup>19</sup> pela doença.

---

<sup>18</sup> Este facto corrobora de algum modo a hipótese de que a obra terá sido escrita depois de Sarmiento ter chegado a Londres, já que as *Philosophical Transactions* não deveriam ser fáceis de encontrar em Portugal. Na obra Sarmiento refere explicitamente ter consultado os números 339 e 347, onde se encontram alguns artigos relativos à prática da inoculação

<sup>19</sup> O conceito de microrganismo só apareceu muito mais tarde.

## 5. A iatromecânica, o newtonianismo e a inoculação das bexigas

Antes de indicar qual a sua hipótese para as causas da doença, Sarmento critica algumas das hipóteses consideradas pelos autores modernos, sendo significativo o facto de os autores referidos neste contexto serem todos ingleses. Relativamente à hipótese, formulada por Thomas Willis (1621-1675), de que as bexigas seriam hereditárias e de que o cérebro e a espinal medula alojariam os agentes responsáveis pela doença, o autor da *Dissertation* é particularmente crítico, considerando-a “Unphilosophical” e merecedora de pouco crédito. Também a hipótese de Martin Lister (1639-1712), de que as bexigas seriam transmitidas por uma mordedura de algum animal venenoso, passando o agente da infecção para outras pessoas por via hereditária, é descartada, tendo em conta as características da doença. Quanto à ideia de que esta dependeria unicamente de uma “Constituição do ar” particular, o autor alude ao facto de, nesse caso, uma pessoa poder padecer das bexigas mais do que uma vez.

No seguinte excerto, o médico português adopta uma postura claramente moderna. Assim, é referido que na ausência de relatos rigorosos e fidedignos quanto às causas da doença “as decisões relativamente a estes assuntos são apenas Conjecturas, não fundadas em princípios certos e fixos, sendos estes absolutamente necessarios para que se possa chegar a uma Demonstração” (Sarmento, 1721:40). A importância atribuída à necessidade de firmar as conclusões em factos pode ser considerada como “moderna” e é certamente diferente da postura adoptada pelos autores das obras médicas portuguesas mais populares da primeira metade do século XVIII. Nas obras de João Curvo Semedo (1635-1719), por exemplo, não é feita qualquer tentativa de basear as opiniões em “princípios certos e fixos” já que é atribuída a mesma importância aos relatos feitos na primeira pessoa e aos feitos por outras pessoas, independentemente do seu grau de credibilidade.

O autor da *Dissertation* prossegue, aludindo à hipótese, considerada por muitos autores modernos, e suportada por autores antigos como Avicena, de que a doença seria devida a uma *fermentação* ou *ebulição do sangue* provocada pela mistura de “partículas heterogéneas” com o sangue. A separação dessa mistura levaria à expulsão das partes mais perigosas, presentes no sangue, através da pele, o que permitia explicar o aparecimento das pústulas características da doença. Esta hipótese é refutada em termos mecânicos e vai ser considerada com pormenor dada a sua relevância.

Na sua opinião, era impossível que as referidas *fermentação* ou *ebulição* pudessem ocorrer num fluido em movimento. As razões invocadas remetem, notavelmente, para as leis de Newton. De facto, Sarmento afirma que “de acordo com as Leis da Natureza, todos os Corpos continuam no seu estado de Repouso ou de Movimento de acordo com a Direcção seguida, a não ser que o mesmo seja alterado por uma Força Superior” (Sarmento, 1721:41) A referência implícita às duas primeiras leis de Newton pode significar que a adesão do médico português ao



newtonianismo pode ter ocorrido mais cedo do que normalmente se considera. A inclusão de aspectos mecânicos para refutar a referida hipótese é uma característica dos autores iatromecânicos. Boerhaave, que era muito apreciado em Inglaterra, devido à inclusão de elementos do newtonianismo nos fundamentos da sua prática clínica, é um exemplo paradigmático dessa tendência.

O autor prossegue o seu argumento mecânico referindo que como a “Alteração de Movimento é sempre proporcional à potência motora impressa” seria absolutamente necessário que a força dos *eflúvios* contagiosos ao actuarem no sangue fosse superior à força impressa no sangue pelo coração, somada à força de pressão exercida pela atmosfera nos pulmões, o que era, na sua opinião, “contrário à razão”. De facto, isso implicaria que as partículas “subtis” seriam capazes de exercer uma força muito grande, o que era irrazoável. Considerando que todas as forças se relacionam com a massa das partículas sólidas que constituem um corpo em movimento e com a sua velocidade, o autor conclui que, “como todas as qualidades que se propagam a partir do centro em linhas rectas decrescem com o aumento do quadrado da distância que as separa do centro” (Sarmiento, 1721:43), não era possível explicar a doença com base na *fermentação* ou *ebulição* do sangue. A referência implícita à lei da Atracção Universal é extremamente significativa, dado permitir concluir que a sua conversão terá ocorrido muito mais cedo do que tem sido considerado pelos autores que abordaram a sua vida e obra. Deve ser salientada a relevância desta conclusão, dado questionar a ideia generalizada de que Sarmento abraçou o newtonianismo numa fase posterior da sua vida, após a morte do David Netto, líder da comunidade de Bevis Marks.

O autor refere que, depois de se provar a incompatibilidade entre a hipótese considerada e a “Razão e as Leis da Natureza estabelecidas” era necessário encontrar uma que estivesse de acordo com as referidas “Leis da Natureza”. Na sua opinião, quando a matéria contaminada entrava em contacto com o sangue exercia uma força atractiva, que tinha como consequência o aparecimento de glóbulos irregulares, cujo tamanho os impedia de passar pelos vasos capilares. Este fenómeno obstrutivo causaria a sensação de frio, e os tremores experimentados pelos doentes, sendo também a causa para o aumento do ritmo cardíaco, já que o sangue teria um menor caminho a percorrer, devido a não circular nas extremidades. Este processo continuaria até que os glóbulos irregulares se desagregassem, permitindo que as partículas morbosas pudessem ser eliminadas através da pele. As diferentes formas das pústulas, bem como o seu tamanho dependiam da natureza do material eliminado. Assim, o autor da *Dissertation* conclui que a diferença nos sintomas depende essencialmente da quantidade e da qualidade da matéria contaminada, o que constitui um argumento a favor da inoculação. Uma vez que o material inoculado encontra-se numa forma inactiva, os seus efeitos seriam sempre muito mais suaves, preparando, por outro lado, o sangue para o contacto com material infectado activo, impedindo, deste modo, o desenvolvimento da doença na sua forma mais violenta. Como se pode constatar,

e apesar de não elucidar qual a causa da doença, Sarmiento apresenta uma explicação diferente da que era seguida por alguns dos seus contemporâneos, utilizando argumentos mecânicos, tendo por base as leis da natureza.

## 6. Reacções à obra

Não são conhecidas reacções à obra por parte do público inglês e dos médicos ingleses. Como a dissertação é um livro de pequenas dimensões, com um reduzido número de páginas, pode ter despertado a atenção do público leitor em geral. De facto, e ainda que a linguagem utilizada fosse rigorosa, os termos científicos utilizados não seriam difíceis de perceber por uma parte significativa dos leitores, para além dos médicos. Assim, é possível que a *Dissertation* tenha tido algum impacto, até porque, como vimos atrás, no ano seguinte foi publicada a versão latina, o que pode ser uma consequência do sucesso alcançado.

Em Portugal, e como foi referido, a obra não foi publicada em separado, tendo sido incluída na primeira edição da *Materia Medica* (1735). As reacções dos médicos portugueses relativamente à prática da inoculação só ocorreram mais de vinte anos depois da referida obra ter sido publicada, numa altura em que a prática já havia sido introduzida em outros países, como a França e a Suécia. No caso da França, a introdução da inoculação foi feita com muita dificuldade, tendo existido um aceso debate no seio da comunidade médica<sup>20</sup>, o que provavelmente terá motivado o interesse dos médicos portugueses pela temática.

A primeira alusão à dissertação sobre a inoculação é feita por Duarte Rebelo de Saldanha na sua obra *Illustração Medica*, devendo ser salientada a existência de alguma concordância nas opiniões expressas pelos dois autores. Assim, Saldanha considerava, como Sarmiento, que deveriam ser consideradas diversas fases de desenvolvimento da doença, o que implicava a necessidade de o tratamento a aplicar ser dependente dessa questão. Relativamente à utilização do mercúrio como forma de tratamento, Saldanha também concorda com o médico exilado em Londres quanto à necessidade de este tratamento dever ser feito sob vigilância médica, dada o facto de ser muito agressivo e potencialmente perigoso para a saúde dos doentes (Saldanha, 1761:343).

Contudo, estes são os únicos dois pontos de acordo entre os dois médicos. Assim, e relativamente a Willis, cujas ideias sobre a origem da doença são criticadas por Sarmiento, Saldanha refere que o autor inglês se baseou na autoridade de autores como Hipócrates (Saldanha, 1761:315), o que claramente legitimava a sua opinião. Nas páginas seguintes, o autor

---

<sup>20</sup> Ver por exemplo, Tissot, Samuel *L'Inoculation Justifiée*, Lausanne: Mark-Michel Bousquet, 1754, ou as obras de La Condamine sobre esta temática.

da *Ilustração* critica diversos trechos da dissertação sobre a inoculação das bexigas, sustentando, por exemplo, que o ar deveria ser o principal veículo de propagação da doença.

O desacordo entre os dois médicos decorre de Saldanha se opor claramente à inoculação das bexigas. De facto, e depois de aludir brevemente ao facto de a prática ser originária da Turquia e de ter sido introduzida na Europa principalmente pelos ingleses, o autor da *Ilustração* alude de forma irónica aos esforços envidados por Castro, referindo que este último procurou persuadir com “forsas mais que ordinárias, obrigando a que sejam tidos por Medicastros aqueles que se não capacitarem desta intelligensia” (Saldanha, 1761:353). O médico português parece não ter ficado nada contente com o facto de Sarmiento se assumir como detentor da verdade relativamente a esta questão. Assim, e após referir que em ciência as verdades podem ser alteradas, indica a opinião de diversos autores contrários à inoculação, com particular destaque para os médicos franceses.

Curiosamente, pouco tempo depois de Saldanha ter publicado o seu livro, o médico Manuel Morais Soares, familiar do Santo Ofício, publicou a sua tradução da obra de La Condamine, *Mémoire sur l'inoculation de la petite vérole* (1754), um dos autores mais activos na defesa da introdução da inoculação das bexigas em França (Miller, 1957:238). Na Introdução da sua tradução, publicada em 1762, Morais Soares alude diversas vezes a Sarmiento, sendo evidente o facto de ter lido com atenção a dissertação e de ser um adepto da introdução da prática em Portugal. De resto, o tradutor da obra de La Condamine não se limitou a fazer a tradução, tendo acrescentado alguns trechos da sua autoria, já que a maior parte das referências a Sarmiento, são omissas na edição original.

Morais Soares terá contactado com a obra de Saldanha na altura em que a sua tradução estava pronta para impressão, tendo escrito uma “Addicção” à Introdução, de modo a poder comentar as críticas de Saldanha à inoculação das bexigas. Assumindo uma postura muito crítica relativamente ao seu colega de profissão, Morais Soares começa por referir que leu com muita atenção o que Saldanha havia escrito sobre a inoculação, referindo que havia ficado “socegado inteiramente, por ver que não me precisava a mayor trabalho para reforçar o meu partido” (Morais Soares, 1762:35), dado o facto de os argumentos apresentados não serem suficientemente fundados. Morais Soares acusa Saldanha de apenas ter tomado em atenção os autores franceses que se opunham à inoculação omitindo, porém, os que eram a favor, como, por exemplo, Samuel Tissot (1728–1797), cujas obras médicas foram muito populares entre o público leitor português<sup>21</sup>. Tissot era um adepto da inoculação, tendo escrito uma obra intitulada *Inoculation Justifié* (1754), onde explana os seus argumentos a favor da prática.

---

<sup>21</sup> Neste contexto merece particular destaque a obra Paiva, Manuel Joaquim Henriques, *Aviso ao Povo Acerca da sua Saude, ou Tratado das Enfermidades mais frequentes, tanto Internas como Externas, de que não tratou Monsieur Tissot no seu Aviso ao Povo* (1787). Ainda que, como o nome indica, Paiva

Não existem indicações de que a discussão entre Saldanha e Morais Soares tenha continuado. Passados seis anos, Gualter Wade, médico inglês residente em Lisboa, e que desempenhou funções de censor na Real Mesa Censória, publicou, em 1768, uma obra intitulada *Carta a hum Amigo Sobre o Estado Actual da Inoculação das Bexigas*, onde não é feita qualquer alusão a essa questão. Wade também é a favor da inoculação das bexigas, tendo nesta obra procurado mostrar que os argumentos invocados contra a prática não tinham fundamento. Por exemplo, relativamente aos argumentos teológicos, Wade refere que “A Inoculação não he mais da competencia da Theologia, que as materias da Predestinação e da Graça, o são do Calculo, e da Medicina” (Wade, 1768:23), revelando claramente a necessidade de separar a religião da ciência.

O interesse pela inoculação levou a que, anos mais tarde, fosse criado um Hospital Real da Inoculação das Bexigas, algo que havia sido sugerido por Sarmiento, muitos anos antes, na Dedicatória da obra *Do Uso e Abuso das minhas Ágoas de Inglaterra* (1756). a Diogo de Mendonça de Corte Real<sup>22</sup>. Na Dedicatória, o seu autor refere os sucessos da inoculação em Inglaterra, aludindo ao facto de a prática ser transversal a todas as classes sociais, e de as autoridades inglesas terem mandado construir em 1746 um hospital dedicado apenas à inoculação das bexigas (Sarmiento, 1756:xvii-xviii).

Os resultados da prática da inoculação no Hospital Real da Inoculação das Bexigas foram relatados numa obra de Francisco Tavares (1750–1812), primeiro médico da câmara do rei, intitulada *Resultado das Observações feitas no Hospital Real da Inoculação das Bexigas em 1796, 1797 e 1798...* (1799), numa altura em que existia um consenso alargado quanto à sua importância enquanto modo de diminuir os efeitos da doença na população portuguesa.

Alguns anos mais tarde, com a introdução da vacina inventada por Jenner, a inoculação deixou de ter a popularidade que tinha. A Academia Real das Ciências foi a instituição que esteve envolvida na elucidação das vantagens relacionadas com a utilização da vacina, tendo iniciado em 1812 o que haveria de se tornar, anos mais tarde, o plano nacional de vacinação.

## 7. Conclusão

A inoculação das bexigas foi uma prática envolta em polémica desde a altura em que começou a ser introduzida em Inglaterra. Assim, é muito significativo que a primeira obra de Sarmiento seja especificamente dedicada à inoculação. Por outro lado, o facto de ter alcançado projecção

---

(1752-1829). não se tenha limitado a traduzir a obra, deve ser salientado o facto de a mesma ter tido uma vida editorial muito longa, até meados do século XIX.

<sup>22</sup> Este Diogo de Mendonça de Corte Real era filho do enviado português à coroa britânica com quem Sarmiento havia contactado aquando da passagem do diplomata por Londres. Como vimos no capítulo II, Sarmiento propôs Corte Real para sócio da Royal Society.

internacional deve ser salientado já que foi a única obra do autor português a conseguir este estatuto.

A obra apresenta, de resto, diversas particularidades que a distinguem dos restantes livros médicos de Sarmiento. Em primeiro lugar, é a única que não foi editada em português. Em segundo lugar foi, tanto quanto se sabe, a única a ser alvo de contrafacção, tendo sido editadas versões pirateadas da mesma em diversos países, incluindo a Holanda, a Alemanha e a Bélgica. Finalmente, foi a única obra de Sarmiento que não foi editada em Portugal de forma autónoma já que, como vimos, a edição de 1731 foi incluída no seu livro médico mais conhecido, a *Materia Medica*.

Noutra vertente, a *Dissertation* é a primeira obra onde se podem encontrar evidências de que Sarmiento terá tido contacto com as ideias de Newton numa época muito anterior à que é vulgarmente referida na historiografia sobre o médico português. Goldish, por exemplo, considera que os primeiros indícios da conversão de Sarmiento surgem no *Sermam Funebre*, editado em 1728, sete anos depois da publicação da *Dissertation*. De facto, e como foi mostrado, existem diversos trechos que evidenciam esse aspecto, nomeadamente a alusão implícita às leis de Newton e às forças centrais. Noutra vertente a consideração de aspectos mecânicos numa obra de cariz médico mostra também a sua adesão precoce à iatromecânica, o que evidencia mais uma vez a necessidade em rever o que foi dito até agora sobre este aspecto.



## CAPÍTULO V

### A *MATERIA MEDICA* DE JACOB DE CASTRO SARMENTO

V.S. he digna testemunha do animo, que lhe tenho significado em discursos particulares, e ancia que muitas vezes me tem causado o ouvir fallar os estranhos com tanto desprezo da Medicina dos nossos Portuguezes.

Sarmiento, 1735

Que V. S. Seja tam efficax instrumento ao concorrer para o alivio das Queixas, e conservaçam da Saúde do Corpo humano, em beneficio da Republica, como o tem sido a grande comprehençam, e prudência de V. S. nas duas tam celebres Cortes da Europa, em remedear as do Corpo politico, para gloria, e conservaçam da Pátria

Sarmiento, 1735

A *Materia Medica* ocupa um lugar de destaque no contexto das obras médicas de Sarmiento, tendo esse facto sido salientado pelos historiadores que escreveram sobre a medicina portuguesa de setecentos<sup>1</sup>. Ainda assim, deve ser notado que a obra não foi analisada com o devido detalhe. Apenas recentemente foi feita uma análise mais abrangente (Pinto, 2011), revelando a necessidade de aprofundar algumas das questões suscitadas. Este capítulo desenvolve alguns dos aspectos considerados como mais relevantes, e introduz outros que não foram considerados anteriormente.

O plano inicial da obra foi publicado em 1731, com o título *Specimen da Primeira Parte da Materia Medica Historico-Physica-Mechanica*<sup>2</sup>, no mesmo ano em que foram publicadas as *Proposiçoens para Inprimir as Obras de Francisco Baconio*, devendo fazer parte de um plano mais abrangente para a reforma do ensino da medicina em Portugal, no âmbito das relações estabelecidas com a coroa portuguesa, por ordem do rei D. João V, aparentemente interessado na referida reforma.

---

<sup>1</sup> Ver, por exemplo, d'Esaguy, 1946, ou Silva Carvalho, 1929.

<sup>2</sup> Não foi possível encontrar o *Specimen* em nenhuma biblioteca; o conhecimento de que a obra existia, surgiu na sequência da pesquisa realizada. Na BACL foi possível encontrar um catálogo manuscrito dos livros da biblioteca do Dr. António Ribeiro, que refere a obra.

Ao contrário do plano para a publicação das obras de Bacon, que nunca chegou a passar do esboço, a *Materia Medica* teve uma vida editorial relativamente longa. A primeira edição, que inclui a primeira parte da obra, dedicada ao reino mineral, foi publicada em 1735, tendo Sarmiento editado, em 1753, um *Appendix ao que se acha escrito na Materia Medica do Dr. Jacob de Castro Sarmiento sobre a Natureza, Contentos, Effeytos, e Uso pratico, em forma de bebida, e banhos das Agoas das Caldas da Rainha*, onde dá conta das análises realizadas para determinar a composição das águas termais das Caldas da Rainha<sup>3</sup>. Finalmente, em 1758 foi publicada a segunda edição da *Materia Medica*, que inclui a segunda parte, dedicada aos reinos vegetal e animal. Assim, a obra teve duas edições diferentes e um suplemento, sendo muito provavelmente a obra de Sarmiento que provocou maior impacto e aceitação entre o público a que se destinava.

O século XVIII foi uma época de profundas alterações para a medicina portuguesa. Apesar da predominância da tradição galénica, nomeadamente no ensino da medicina, outros sistemas começaram a ter expressão, como a iatroquímica ou a iatromecânica (Pita, 1998:144). De facto, e muito antes da alteração dos Estatutos da Universidade de Coimbra, durante o reinado de D. José I, em 1772, algumas obras médicas publicadas em Portugal evidenciam uma nova forma de encarar a medicina e a própria prática médica, numa clara tentativa em abandonar a tradição galénica.



**Figura 1.** Folha de rosto da 1.ª edição da *Materia Medica*, 1735.

A *Materia* é, claramente, uma obra ímpar no contexto das obras médicas portuguesas da época. Para além de veicular uma nova forma de encarar a medicina, fortemente influenciada por Robert Boyle, Isaac Newton e Herman Boerhaave, em que a experimentação, laboratorial e

<sup>3</sup> A temática das águas minerais é uma das mais importantes no contexto do conjunto das obras médicas de Sarmiento e será considerada com maior pormenor no Capítulo IV



clínica, é considerada como fundamental na elucidação dos efeitos das substâncias utilizadas na prática médica e no modo como devem ser aplicadas, a *Materia* apresenta, de uma forma concisa e pedagógica, um conjunto significativo de substâncias utilizadas vulgarmente pelos médicos ingleses, adaptado à realidade portuguesa, sendo, nesse contexto, um exemplo de clareza e de didáctica. Também são feitas diversas críticas aos médicos portugueses e ao modo como utilizavam certos medicamentos, sugerindo alterações à prática e alternativas aos medicamentos potencialmente mais perigosos para a saúde.

Nas secções seguintes é apresentada a análise da *Materia Medica*, procurando evidenciar os seus aspectos mais relevantes, e fazer a sua comparação com as outras obras de medicina disponíveis no mercado português. Finalmente, o impacto da obra na medicina portuguesa será considerado, procurando determinar como a mesma foi recebida pelos médicos portugueses e qual terá sido o seu impacto. Esta questão tem sido pouco abordada na historiografia, apesar da sua importância.

## 1. A reforma da medicina portuguesa e a *Materia*

A *Materia* deve ter sido pensada como parte integrante do plano de Sarmento para a reforma da medicina portuguesa, na sequência do contacto com Xavier de Meneses, 4.º conde da Ericeira. No *Compendio Histórico do Estado da Universidade de Coimbra no Tempo da Invasão dos Denominados Jesuítas e dos Estragos Feitos nas Sciencias e nos Professores, e Directores que a Regiam pelas Maquinações e Publicações dos Novos Estatutos por Elles Fabricados* (1771) publicado um ano antes da reforma dos Estatutos da Universidade de Coimbra, durante o governo pombalino, é referido que o rei convidou o próprio Herman Boerhaave<sup>4</sup> (1668–1738) para presidir à referida reforma, tendo decidido contactar Sarmento na sequência da recusa do médico holandês. As razões que levaram o Rei a escolher o médico judeu exilado em Londres não são conhecidas; ainda assim, e tendo em conta a análise feita no capítulo anterior, é possível que o brilhantismo da dissertação sobre a inoculação das bexigas tenha contribuído de forma não despreciada para a escolha. De resto, é provável que o próprio Boerhaave conhecesse a obra de Sarmento, tendo tido acesso à edição publicada em Leyden.

Para proceder à reforma da medicina, Sarmento propôs que se traduzissem as obras de Francis Bacon (1561-1621), recentemente compiladas e comentadas em inglês pelo seu colega da Royal Society, o médico Peter Shaw (1694–1753), de modo a orientar os portugueses “pelo verdadeiro caminho das Sciencias Naturaes” (*Compendio*, 1771:359), propondo também o envio de estudantes para outros países para “fazerem-se peritos nas mesmas Sciencias, para virem depois

---

<sup>4</sup> Boerhaave era um dos médicos mais prestigiados da sua época. Para mais informações sobre a sua vida e obra ver Knoeff, 2002.

ensinallas” (*Compendio*, 1771:359-60) aos estudantes nacionais. O segundo conselho do médico português foi seguido, apesar de o envio de médicos para o estrangeiro apenas ter ocorrido alguns anos mais tarde<sup>5</sup>. Para além de médicos, o rei também enviou pessoas pertencentes a outras classes profissionais, como por exemplo, Bento de Moura Portugal (1702-1766), a quem aludimos no Capítulo II.

Quanto à primeira sugestão, a tradução da compilação feita por Shaw foi iniciada, tendo sido publicado em 1731 um pequeno folheto intitulado *Proposições para imprimir as Obras Philosophicas de Francisco Baconio*, onde é dado um plano da obra e uma breve explicação quanto à sua natureza<sup>6</sup>, indicando também a importância do trabalho de Shaw no contexto da difusão das ideias de Bacon. Sarmiento considera que:

As Cauzas de [as obras de Bacon] continuarem intimamente entendidos, parece se devem attribuir pella mayor parte, (1.) à sua aparente difficuldade, vastidam, & obscuridade, (2.) à confuzam em que sempre se publicaram, &, (3.) à prevalente indifferença do geral para obras desta Casta. (Sarmiento, 1731:3)

Na sua opinião, o principal mérito de Peter Shaw havia sido o de apresentar as ideias de Bacon numa forma acessível, seguindo uma estrutura lógica, organizando os diferentes escritos do filósofo inglês de modo a que formassem um todo coerente. O autor das *Proposições* enfatiza o facto de o plano apresentado ser seguido pela maior parte das sociedades científicas europeias. No mesmo ano em que foi editado o referido plano preliminar, Sarmiento publicou um pequeno texto impresso intitulado *Specimen da Primeira Parte da Materia Medica Historico-Physica-Mechanica*, onde anuncia a sua intenção de publicar uma obra dedicada às substâncias utilizadas vulgarmente na prática médica. Assim, é provável que a *Materia* tenha sido pensada inicialmente como parte integrante do plano para a reforma da medicina, ainda que não tenha sido possível obter provas documentais que sustentem esta hipótese. É, no entanto, credível que, após a publicação de uma obra geral onde se definiam os princípios a seguir no modo como se

---

<sup>5</sup> Em carta régia de 11 de Outubro de 1741 foram nomeados cinco “oppositores” para irem estudar a *Medicina moderna*, determinando-se que o reitor deveria indicar três ou quatro indivíduos capazes de irem estudar a Cirurgia e a Anatomia prática: «Dom João athé Guiné, etc. Como protector que sou da Universidade de Coimbra. Faço saber a vós Francisco Carneiro de Figueiroa, do meu conselho, do geral do Santo Officio, e Reitor Reformador da mesma Universidade, que por convir ao bem do Reino e esplendor da Universidade que haja quem saiba e ensine a *Medicina moderna e a Cirurgia e Anatomia pratica*, pela menos applicação que a hua e outra cousa se tem tido, fui servido despachar na consulta das Ostentações á cadeira de Anatomia e composição da Faculdade de Medicina a Antonio Amado de Brito, Antonio Jozé da silva, Francisco Lopes Teixeira, Antonio Carvalho e Manoel da Santa Thereza Ortigão, com a condição que vereis nas proviões que se lhe passaram, de serem obrigados a hir *rezidir pelo tempo que eu for servido nas Universidades adonde eu os mandar para se instruirem na Medicina moderna*; e para hirem tão bem aprender a Cirurgia e a Anathomia pratica me proporeis tres ou quatro sogeitos capazes.” Reproduzido em Braga, 1895:259.

<sup>6</sup> Deve ser referido que Newton não era propriamente um adepto das ideias de Bacon – ver Westfall, 1980.

devia aceder ao conhecimento, o seu autor tivesse pensado na publicação de uma obra de índole mais prática, dirigida especialmente aos médicos portugueses. Tendo o *Specimen* sido editado em 1731, na altura em que estaria activamente envolvido na elaboração dos planos para a reforma da medicina portuguesa, é natural que a *Materia* tenha sido considerada nesse âmbito.

O facto de a obra só ter sido publicada quatro anos mais tarde pode ter decorrido de o projecto de reforma ter entrado num impasse, que redundou em fracasso.

Numa carta endereçada a João Mendes Barbosa Sachetti (*Compendio*, 1771:360), Sarmento queixa-se de ter perdido o dinheiro gasto na impressão do folheto do plano da obra, e de lhe não ter sido dada qualquer explicação adicional. O seguinte excerto é elucidativo: “No que respeita à impressão do Baconio, estou sumamente queixoso das ordens, que o conde d’Ericeira me deo da parte de Sua Magestade, metendo-me em trabalho tão grande, e pondo-me na despesa, e desembolso, que fiquei perdendo” (*Compendio*, 1771:361). Na mesma carta, os jesuítas são considerados como os responsáveis pela frustração dos planos de D. João V, em particular o padre Johannes Carbone, com quem o médico português contactou regularmente durante dez anos<sup>7</sup>.

As relações estabelecidas com a coroa portuguesa nesta altura não terão sido mediadas pelo enviado português junto da coroa britânica, António Galvão de Castelo Branco, não existindo indicações de que tenham havido muitos contactos entre os dois. No entanto, algo mudou com a chegada a Londres, em 1735, de Marco António de Azevedo Coutinho (1688-1750), Secretário de Estado de D. João V. Azevedo Coutinho teve uma carreira diplomática longa, tendo sido mais tarde nomeado Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Guerra, entre 1747 e 1750. Como foi referido, as relações entre Sarmento e a coroa portuguesa não se deviam encontrar em bons termos, quando Azevedo Coutinho chegou a Londres. Contudo, pouco tempo depois de o novo enviado ter chegado à capital inglesa, ocorreu um recrudescimento das actividades do médico português no âmbito da reforma da medicina portuguesa. Assim, pode ser especulado que a boa relação entre os dois homens tenha animado o médico português a concluir um dos projectos iniciados em 1731.

Significativamente, a I Parte da sua principal obra médica, a *Materia Medica Physica-Historico-Mechanica* (1735), é dedicada ao enviado português junto da coroa britânica. Deve ser enfatizado que a dedicatória a Azevedo Coutinho, com quem terá estabelecido relações de amizade<sup>8</sup>, enquadra-se na estratégia seguida de procurar o patrocínio de personalidades

---

<sup>7</sup> Numa carta de 1750, endereçada ao já citado Sachetti, Sarmento afirma ter na sua posse mais de duzentas cartas de Carbone. Ver *Compendio*, 1771:361.

<sup>8</sup> Na correspondência de Azevedo Coutinho com as autoridades portuguesas, trocada no âmbito das suas funções enquanto representante da coroa portuguesa, encontram-se algumas referências a Sarmento. Numa dessas cartas, datada de 6 de Janeiro de 1736, Azevedo Coutinho alude ao seu “am. Jacob”, o que evidencia o facto de existirem boas relações entre os dois homens. Cf. BACL, MsA175.

influentes, como forma de obter protecção e apoio<sup>9</sup>, mantendo abertos os canais de comunicação com a coroa portuguesa, de modo a prosseguir a sua agenda de difusão da ciência e medicina modernas. A preocupação genuína com que Sarmiento alude na Dedicatória ao facto de a medicina portuguesa ter uma má reputação no estrangeiro, é um indício do seu desejo em contribuir para o desenvolvimento da ciência e medicina portuguesas. É, também, uma evidência de que os dois homens mantinham um contacto regular.

O tom laudatório do segundo excerto, incluído no início do capítulo, exortando Azevedo Coutinho a ter um papel activo na renovação da medicina portuguesa, enquadra-se na estratégia frequentemente utilizada pelo autor nas dedicatórias das suas obras posteriores. A lisonja é seguida de uma exortação, procurando envolver as personalidades a quem as obras são dedicadas na prossecução dos seus próprios planos.

Assim, Azevedo Coutinho deverá ter tido um papel importante na consolidação da reputação do médico português junto do rei e da sua corte. Deve ser notado que, algum tempo após a publicação da *Materia*, Sarmiento foi nomeado médico da delegação portuguesa em Londres.

Apesar de a reforma proposta por Sarmiento em 1731 não ter sido concretizada, isso não significa que não possa ter influenciado a futura reforma. Significativamente, o papel do médico português na reforma do ensino da medicina na Universidade de Coimbra é mencionado no *Compendio*. Para além da descrição dos contactos estabelecidos com o Rei D. João V, por intermédio do 4º Conde da Ericeira, a que já aludimos, é transcrita uma carta do médico exilado em Londres dirigida a Sacheti, escrita em 1751, onde é mencionada a necessidade de efectuar a referida reforma e relatado o insucesso dos contactos estabelecidos anteriormente com o rei de Portugal. A carta não inclui qualquer tipo de indicações quanto ao modo pelo qual deveria ser feita a reforma, para além das que já haviam sido fornecidas anteriormente. De qualquer modo, é extremamente significativo o facto de haver a menção explícita a Sarmiento no contexto da reforma do ensino em medicina, e de o assunto ter sido abordado em, pelo menos, uma das cartas trocadas entre os dois médicos. Por outro lado, e como já foi referido no Capítulo II, Sarmiento conheceu o Marquês de Pombal em Londres.

## 2. Importância das relações com a coroa portuguesa

A *Materia* não foi analisada pelos censores das instituições responsáveis pela censura literária em Portugal, a Inquisição, o Ordinário e o Desembargo do Paço<sup>10</sup>, o que sugere a concessão de uma isenção, provavelmente pelo próprio rei, nomeando como censor um membro da Real

---

<sup>9</sup> Esta era, de resto, uma estratégia vulgar, seguida pela maior parte dos autores. Quase todas as obras médicas e científicas de Sarmiento foram dedicadas a personalidades prestigiadas.

<sup>10</sup> Durante o reinado de D. Sebastião foi introduzido o regime de censura tríplice, que durou até ao século XVIII. A partir de 1768, com a criação da Real Mesa Censória, a censura de livros passa a ser da responsabilidade deste organismo público.

Academia de História, o médico Francisco Xavier de Leitão (1667–1739)<sup>11</sup>. Xavier de Leitão foi eleito membro da Real Academia em 1736, tendo sido nomeado Médico da Câmara do Rei e Cirurgião Mor do reino em 1739<sup>12</sup>, pouco tempo antes da sua morte, em Dezembro desse ano. A isenção dada pelo rei é um indício de que as relações entre Sarmiento e a coroa portuguesa haviam sido restabelecidas, pondo um ponto final à situação criada na sequência do abandono do projecto da renovação da medicina portuguesa.

O parecer do censor é extremamente laudatório, no referente ao estilo utilizado e ao método de organização da obra. Xavier de Leitão refere que “Vm. he o meu Autor, e que por Vm. vou estudando, e aprendendo o que não sabia” (Sarmiento, 1758:Parecer, ff 1) indicando assim de forma clara qual a sua opinião acerca do seu compatriota e colega. Como foi referido no Capítulo III, o parecer também inclui o elogio da Água de Inglaterra, um dos medicamentos de composição secreta produzidos por Sarmiento.

A segunda edição da *Materia* não terá sido analisada por um censor antes da sua impressão, ao contrário do que sucedeu com a primeira edição. O parecer incluído na edição de 1758 é o parecer de Xavier de Leitão, não havendo qualquer indicação de ter sido elaborado algum parecer relativamente à segunda parte da obra. De facto, a primeira edição da *Materia* foi a única obra de Sarmiento sujeita a censura, apesar de todas terem circulado *com todas as licenças necessárias*.

A obtenção do privilégio real para a *Materia* é outra evidência das boas relações entre Sarmiento e a corte portuguesa. O privilégio real garantia “que nenhuma outra pessoa pudesse imprimir o “dito Livro com as penas do estillo” (Sarmiento, 1758:Privilégio ff 1), protegendo assim o investimento feito na impressão da obra. O autor da *Materia* estava certamente ciente dos prejuízos resultantes da circulação de edições pirateadas. John Theophilus Desaguliers, seu amigo e colega na Royal Society<sup>13</sup>, teve vários problemas com uma edição pirata da sua tradução de uma obra de Willem Jacob s’Gravesande (1688-1742), onde as ideias de Newton são abordadas (Johns, 1998:181,2).

As boas relações com a coroa portuguesa continuaram e terão sido intensificadas com a chegada ao poder de Sebastião José de Carvalho e Melo, primeiro ministro de D. José I, com quem Sarmiento conviveu em Londres. A segunda edição da *Materia* foi dedicada a Pedro Henrique, 1.º Duque de Lafões (1718-1761). É significativo o facto de o autor dedicar a obra a uma personalidade tão influente como o Duque de Lafões, regedor das Justiças da Casa da Suplicação, desde 1749. Pedro Henrique esteve ligado à reconstrução da cidade de Lisboa após

---

<sup>11</sup> As obras dos membros da Real Academia de História possuíam um estatuto especial, sendo isentas de ser sujeitas a censura pelas três instituições censórias. Sarmiento gozou do mesmo privilégio, apesar de não ser membro da academia portuguesa.

<sup>12</sup> Cf. ANTT, Depósito Geral de Mercês do reinado de D. João V, Livro 2, 25/06/1739.

<sup>13</sup> Na sua obra *Theorica Verdadeira das Mares* (1737), p. vi da Dedicatória, Sarmiento refere-se explicitamente a Desaguliers como “meu amigo”.

o Grande Terramoto de 1755, sendo o interlocutor privilegiado entre o rei, Carvalho e Melo e os arquitectos responsáveis pela reconstrução da cidade. A escolha de Pedro Henrique é mais um sinal de que Sarmiento gozava de boa reputação junto da coroa portuguesa.

### 3. Audiências

A *Materia Medica* foi escrita para médicos, não sendo, portanto, uma obra de carácter geral destinado ao leitor comum, ao arrepio do que era vulgar no contexto das obras médicas portuguesas da primeira metade do século XVIII. No seguinte excerto, o autor alude ao estilo adoptado na escrita da obra:

E espero, que pelo methodo, em que vay escrita, em lugar de pôr a Medicina nas maons do Vulgo, como fizeram os ultimos Portuguezes que a escreveram por hum methodo totalmente Empirico (vide Polyanthea Medicinal de Curvo Semedo, vide também Portugal Medico), (no que trouxeram á Republica mais damno, que proveito) porá em terror ao mesmo Vulgo, vendo as muitas circunstancias, que consideramos, para qualquer Remedio ser bem succedido, e a grande necessidade, que há de fazer uso de hum douto, e prudente Medico (Sarmiento, 1758:xlvi).

O médico português espera que o “methodo” utilizado possa impedir o fácil acesso do “vulgo” à sua obra. As estratégias narrativas utilizadas na sua escrita tiveram em consideração a audiência destinatária. A terminologia empregue na obra seria acessível apenas a quem possuísse conhecimentos de química e de medicina. Para além dos médicos, os cirurgiões, boticários e sangradores seriam as outras classes profissionais cujos membros estariam potencialmente interessados em ler a obra<sup>14</sup>.

A *Matéria* está repleta de descrições detalhadas de procedimentos experimentais, realizados com o fim de apurar as propriedades das substâncias utilizadas na prática médica, ou de observações clínicas dos efeitos de certos medicamentos. Estas descrições cumprem uma dupla função<sup>15</sup>. Em primeiro lugar, servem para veicular um método, que permite o acesso ao conhecimento das matérias pertinentes para a prática médica; em segundo lugar, servem para estabelecer a autoridade dos resultados apresentados.

---

<sup>14</sup> Na altura, os cirurgiões constituíam um grupo distinto dos médicos.

<sup>15</sup> Steven Shapin e Simon Schaffer analisaram, na sua obra seminal *Leviathan and the Air-Pump* (1985), as diferentes *tecnologias* utilizadas por Robert Boyle na construção de factos: uma tecnologia material relacionada com a construção e a operação da bomba de vácuo (Shapin, Schaffer, 1985:25), uma tecnologia literária utilizada para apresentar os factos a pessoas que não testemunhassem as experiências realizadas e uma tecnologia social que definia as convenções a utilizar pelos filósofos naturais nas suas comunicações entre si. As duas últimas tecnologias foram utilizadas por Sarmiento.

As experiências descritas têm lugar na Royal Society, ou no laboratório de Sarmento, na presença de testemunhas fidedignas, incluindo pessoas de elevado estatuto social, médicos colegas de Sarmento, ou membros da Royal Society<sup>16</sup>. Noutros casos, os procedimentos experimentais citados encontram-se referidos em obras de autores prestigiados como Robert Boyle ou Boerhaave<sup>17</sup>.

As diferenças entre a linguagem técnica utilizada pelo autor da *Materia* e a linguagem utilizada pelos alvos das suas críticas, Curvo Semedo e Brás Luís de Abreu (1692-1756), o autor do *Portugal Medico-Chirurgico* (1726), são notórias. Tanto Semedo como Abreu utilizaram um estilo coloquial, acessível a qualquer leitor, sendo provavelmente essa uma das razões que explicam o sucesso alcançado pelas suas obras. No entanto, e ao contrário de Sarmento, as alegadas curas descritas por Curvo Semedo e Abreu, raramente são confirmadas por testemunhos fidedignos, sendo vulgar a utilização de relatos na segunda pessoa como forma de atestar a validade de uma dada observação.

Os livros de Curvo Semedo tiveram muito sucesso entre o público leitor. Por exemplo, a *Polyanthea Medicinal: Noticias Galenicis e Chemicis* (1698)<sup>18</sup>, foi uma das obras médicas mais populares do século XVIII, tendo sido reimpressa quatro vezes. O número de exemplares de cada uma das edições terá sido relativamente elevado, ascendendo, no caso da terceira impressão, editada em 1716, a cerca de dois mil cento e cinquenta exemplares<sup>19</sup>. O facto de se tratar de um livro de grandes dimensões, de formato in 4º, e de abordar uma temática que deveria interessar essencialmente a médicos, não terá dissuadido os seus compradores.

Deve ser notado que o interesse pela saúde era uma constante nesta época, como se pode constatar pela leitura, por exemplo, dos diários de personalidades da época, como o 4º conde da Ericeira<sup>20</sup> ou Frei Manuel do Cenáculo Villas Boas<sup>21</sup> e pela correspondência trocada, mesmo em contexto formal<sup>22</sup>. Dada a contingência de se poder morrer de diversas doenças, hoje em dia

---

<sup>16</sup> Como Shapin refere em Shapin, 1990, os processos de validação e legitimação do conhecimento natural são socialmente indexados. Os modos utilizados por Sarmento para validar e legitimar os resultados das suas experiências e observações relacionam-se directamente com este aspecto.

<sup>17</sup> Relativamente a Boyle, a sua importância no seio da Royal Society e o facto de ter abordado temáticas importantes para a prática médica, como a determinação das propriedades “Chymicas” e físicas de diversas substâncias, deverão ter sido factores determinantes para o estabelecimento da sua autoridade. Boerhaave era muito popular entre os médicos ingleses, provavelmente por ter introduzido as ideias de Newton na Medicina. Como se verá mais à frente, Boerhaave é elogiado de forma clara por Sarmento.

<sup>18</sup> Semedo é considerado como um dos principais defensores e disseminadores dos medicamentos de origem química na prática médica portuguesa (Sousa Dias, 2007: 50),

<sup>19</sup> O próprio Curvo Semedo refere o número de exemplares no Prólogo ao Leitor na quarta edição da *Polyanthea*, publicada em 1727.

<sup>20</sup> Cf. “Diário de D. Francisco Xavier de Menezes 4º Conde da Ericeira (1731 – 1733)” Separata de *Biblos*, volume XVIII, tomo II, Coimbra; 1943.

<sup>21</sup> Cf. “Excertos do «Diário» de D. Fr. Manuel do Cenáculo Villas Boas”, Notas de João Palma-Ferreira, Separata da Revista da BN, nº 1, 1982

<sup>22</sup> Mesmo no contexto da correspondência institucional, a preocupação com a saúde é uma constante. Assim, e como exemplo, a correspondência oficial de António Galvão de Castelo Branco, enviado da

controladas pela prática generalizada da vacinação, a manutenção da saúde era, de facto, uma preocupação. Por outro lado, existiam zonas do país afectadas por epidemias sazonais, como as febres “terças” e “quartãs”, com as quais Sarmento teve contacto directo, quando se encontrava a praticar medicina no Alentejo, depois de ter concluído o seu curso de medicina. Assim, o sucesso editorial da *Polyanthea*, e de outras obras de medicina, pode decorrer dessa preocupação com a saúde, transversal a todas as classes sociais.

O livro de Abreu foi também muito popular, ainda que neste caso tenha havido apenas uma edição<sup>23</sup>. Mais uma vez, trata-se de uma obra acessível ao público em geral, onde se combina o conhecimento médico e científico com a superstição. As críticas são dirigidas, portanto, a dois autores influentes no panorama da literatura médica portuguesa da primeira metade do século XVIII e cujo sucesso foi relevante. Para Sarmento, o facto de o público comum poder conhecer a grande quantidade de substâncias utilizadas na prática médica, apenas contribuiria para uma maior confusão e para o descrédito da classe médica.

Curiosamente, Sarmento não incluiu nesta crítica outro autor extremamente importante no panorama da literatura médica portuguesa do século XVIII, o Dr. Francisco Fonseca Henriques (1665-1731). Fonseca Henriques, também conhecido como Dr. Mirandela, foi médico pessoal do Rei D. João V, partilhando de muitas das ideias médicas de Curvo Semedo. O censor nomeado pelo Ordinário para analisar a terceira edição da *Polyanthea* foi Fonseca Henriques, sendo o seu parecer claramente favorável à obra de Curvo, nomeadamente no que concerne à utilização de medicamentos de origem química. As duas obras mais importantes de Fonseca Henriques são a *Medicina Lusitana* (1710), reeditada duas vezes e a *Âncora Medicinal* (1721), que foi reeditada quatro vezes.

A *Âncora Medicinal* é exemplar de um tipo de livros comum no século XVIII, onde se aborda a temática da manutenção da saúde<sup>24</sup>, sendo muito diferente da referida obra de Curvo Semedo. Escrita num estilo eloquente, quase literário, a obra era acessível a qualquer leitor, dando informações e conselhos valiosos para ajudar a manter a saúde. A *Âncora Medicinal* teve muita aceitação entre os leitores portugueses, sendo uma presença comum nas bibliotecas dos particulares<sup>25</sup>, o que explica o facto de ter sido reeditada várias vezes, mesmo depois de o seu

---

coroa portuguesa junto da corte inglesa, inclui diversos apontamentos relacionados com a sua saúde e com a do seu correspondente. Cf. BACL Ms 602.

<sup>23</sup> Não se conhece o número de exemplares editados, mas deve ter sido relativamente elevado, dado ser uma obra relativamente vulgar entre os médicos portugueses.

<sup>24</sup> O apreço do público leitor português por este tipo de obras é transversal a todo o século XVIII. Neste contexto merece particular destaque a obra *Desengano para a Medicina*, da autoria do médico alemão Gabriel Grisley, que sendo editada pela primeira vez em 1690, foi alvo de várias reedições. Existem assim evidências de que este tipo de obras era muito popular.

<sup>25</sup> A consulta de listas de livros existentes em bibliotecas particulares mostra que estas obras eram extremamente vulgares. Neste contexto, deve ser referida a importância da coleção da Real Mesa Censória, enquanto fonte documental privilegiada. Uma primeira recolha de informação foi feita recentemente. Ver Pinto, 2007.



autor ter morrido. Neste caso, porém, os conselhos dados por Fonseca Henriques incidiam apenas no modo de manter a saúde, não sendo referidas quaisquer tipo de substâncias ou preparados, cuja utilização poderia ser potencialmente prejudicial, o que, possivelmente justifica a omissão de Sarmiento. O facto de Fonseca Henriques gozar de grande reputação, e de ter desempenhado as funções de médico do rei D. João V também pode ter pesado na sua decisão.

#### 4. Divulgação e impressão

A primeira edição da *Materia* tem a data de 1735; contudo, o parecer do censor, Xavier de Leitão, é datado de 12 de Fevereiro de 1736. Isso significa que a obra impressa terá vindo de Londres até Portugal, tendo o parecer do censor sido incluído posteriormente. Também é possível que tenham sido editados apenas alguns exemplares, num primeiro momento, de modo a acautelar a possibilidade de a obra não obter a licença de impressão. O autor alude, na segunda edição, ao facto de a primeira parte do livro ter sido impressa em 1736, o que pode querer significar que a maioria dos exemplares foram impressos nessa data, já depois de o censor indicado pelo rei ter analisado a obra.

Esse facto também explica a razão de a obra só se encontrar disponível no mercado livreiro português no início de 1737. A *Gazeta de Lisboa*<sup>26</sup> de 7 de Fevereiro de 1737 anunciava que “Imprimiose na Cidade de Londres na lingua Portugueza hum livro, que se intitula *Materia Medica Physico-Historico-Mechanica*”, indicando a loja de Manuel Diniz, morador na Rua da Cordoaria Velha, como o local onde os interessados poderiam adquirir a obra.

O impressor da primeira edição não é indicado na folha de rosto, existindo apenas a indicação relativa à data de impressão e ao local onde a obra foi impressa. A segunda edição da *Materia* foi editada em 1758 e inclui, como já vimos, a Parte II de modo a completá-la. O impressor foi William (Guilherme) Strahan (1715-1785), membro dos Stationers<sup>27</sup>, a importante e influente associação de impressores de Londres e impressor, entre outros, de Samuel Johnson (1709-1784), e de David Hume (1711-1776). Strahan também foi o editor de outra obra de Sarmiento, já mencionada, *Do Uso e Abuso das Minhas Agoas de Inglaterra* (1756).

A *Gazeta de Lisboa* de 1 de Junho de 1758 indica que a obra, “do mesmo Autor. Edição nova, corregida, e repurgada; a que se acrescetaõ por continuação desta obra, para a fazer cõpleta os Reynos vegetavel, e animal, parte 2”<sup>28</sup> estava a ser impressa em Londres. O anúncio faz

---

<sup>26</sup> A *Gazeta de Lisboa* era um periódico onde se dava conta dos principais acontecimentos ocorridos nos outros países e em Portugal. Na última página, era vulgar aparecerem anúncios de livros, sendo esta uma das formas pelas quais se fazia a sua publicitação.

<sup>27</sup> Sobre os Stationers ver, por exemplo, Johns, 1998.

<sup>28</sup> A *Gazeta de Lisboa* não foi publicada todos os anos. Assim, e apesar de haver a indicação de a obra estar a ser impressa, não foi possível encontrar o anúncio de que a obra se encontrava disponível nos livreiros.

referência explícita ao facto de serem considerados alguns novos medicamentos de origem vegetal, como, por exemplo, o barbatimão, cuja casca se havia descoberto possuir propriedades terapêuticas.

O anúncio menciona especificamente que não deveriam ser editados mais de 250 exemplares. Apesar de não se saber se esta indicação corresponde à realidade, é muito provável que tenha sido esse o número de exemplares editados. Trata-se de uma tiragem relativamente pequena, quando comparado, por exemplo, com o número de exemplares impressos em cada uma das edições da *Polyanthea* de Semedo. Muito provavelmente, e tendo em conta a audiência destinatária, o seu autor considerou este número como suficiente. Como a edição era suportada pelo próprio autor é possível que Sarmiento não quisesse empatar muito dinheiro, dado desconhecer qual seria o seu retorno.

No início da segunda edição da *Materia*, o seu autor indicou os motivos que o levaram a completar a obra e a fazer uma nova edição. Na Advertência incluída apenas na segunda edição, o médico português refere que “os Medicos mais doutos do Reyno de *Portugal*, e seos Dominios, me escreveram summamente satisfeitos de ditta Obra; e me pediram, e persuadiram com a mayor instancia, quizesse proseguir, e continuar no trabalho de escrever, e publicar a Segunda Parte della” (Sarmiento, 1758:xlix). O atraso verificado é justificado por problemas de saúde. No período decorrido entre a publicação das duas edições, o seu autor publicou diversas obras, incluindo a sua obra mais claramente influenciada pelas ideias de Newton, a *Theorica Verdadeira das Mares* (1737)<sup>29</sup>, bem como várias obras médicas, entre as quais se salienta um *Tratado das Operações de Cirurgia* (1746), dedicado aos cirurgiões portugueses. É referido explicitamente que o Terramoto de 1755 e o subsequente incêndio teriam feito desaparecer muitos exemplares da primeira edição, o que motivaria a dificuldade em encontrá-la disponível nos livreiros. Estes dois argumentos estiveram na origem da decisão do seu autor em completar a obra, cerca de vinte anos depois de a ter iniciado.

Na Advertência, é justificado o facto de a segunda parte, onde são abordados os reinos animal e vegetal, ser relativamente resumida, quando comparada com a primeira parte dedicada ao reino mineral. De facto, o autor da *Materia* dedicou quatrocentas e dezassete páginas ao reino mineral e apenas cento e cinquenta e nove aos reinos vegetal e animal, na edição de 1758 (Sousa Dias, 2007:69). Na sua opinião tal se “deve attribuir á minha Idade tam avançada, e á minha dilatada experiencia; porque ambas me tem ensinado melhor, a fazer eleiçam somente, do que he solido, util, e necessario nesta Materia, e a omitir, como inutil, e superflua, toda a sorte de pompa, e redundancia, á imitação da *Pharmacopea Contracta*” (Sarmiento, 1758:l). A *Pharmacopea Contracta* (1749), editada pelo médico português alguns anos antes da publicação da segunda edição da *Materia*, é uma súmula dos medicamentos mais utilizados e da forma de os preparar,

---

<sup>29</sup> Esta obra é considerada no Capítulo VII.

sendo extremamente sucinta nas indicações dadas. Ao afirmar a sua aversão à “pompa, e redundancia” Sarmiento está implicitamente a criticar os autores das farmacopeias disponíveis nos livreiros portugueses<sup>30</sup>. Em 1749, quando a *Pharmacopea Contracta* foi editada existiam diversas farmacopeias disponíveis nos livreiros, de entre as quais se podem destacar a *Pharmacopea Lusitana, Galénica e Química* (1716) de João Vigier (1662 -1723) e a *Pharmacopea Tubalense* (1735), de Manoel Rodrigues Coelho (1687 - ?).

A *Materia Medica* manteve-se em circulação durante vários anos após a sua edição. Em 1819<sup>31</sup> ainda se encontrava disponível nos livreiros da capital, apesar de não ter havido nenhuma reedição da obra.

## 5. A Importância da História

Para muitos dos filósofos naturais do século XVIII, a história humana servia para legitimar a nova ciência (Kragh, 2001:2) e Sarmiento não é excepção. No “Preface Historico”, com que a obra se inicia, são referidos os médicos mais importantes desde a Grécia até ao século XVIII. A contribuição de cada um destes médicos para a evolução da medicina é feita de forma didáctica, mas também crítica. O médico português considera que Hipócrates (466-377 a.C.) “unio prudentemente a razaõ, e a experiencia huma com outra, o que nenhum dos Philosophos, ou Medicos antes delle havia inventado; huns insistindo na Experiencia sem Philosophia, os outros na Philosophia sem Experiencia” (Sarmiento, 1758:iv).

Acerca de Galeno (129-216), um dos médicos com maior influência na medicina medieval e moderna<sup>32</sup>, é salientada a sua importância por seguir os ensinamentos de Hipócrates, e por ter avançado o estudo da anatomia. O médico português nota, contudo, que “nem por isso se deve deixar em silencio a grande injuria, e damno, que fez á Medicina, pela demaziada sutileza, comque confundio varias partes della, com os seos *Elementos, qualidades*, e outras chimeras semelhantes” (Sarmiento, 1758:xxx). Apesar de reconhecer a importância deste autor para a Medicina, o autor da *Materia* não deixa de salientar que, por se ter afastado dos princípios hipocráticos da observação e da prática, preferindo a especulação, Galeno acabaria por ser o principal responsável pelo pouco adiantamento da medicina nos séculos seguintes. Sendo Galeno uma das principais referências da medicina portuguesa, os ataques de Sarmiento à sua autoridade são dirigidos de forma indirecta aos médicos portugueses responsáveis pelo ensino da medicina em Portugal.

---

<sup>30</sup> Para mais informações sobre as farmacopeias portuguesas ver, por exemplo, Pita, 1996, Pita, Pereira, 2005, ou Sousa Dias, 2007.

<sup>31</sup> Cf. ANTT, RMC n.º 45, *Catálogo de alguns livros portugueses, impressos à custa de Pedro e Jorge Rey, Mercadores de livros, que se acham à venda no seu Armazém defronte da Igreja de N. Senhora dos Mártires, n.º 19, Lisboa*, 1819.

<sup>32</sup> Ver, por exemplo, Porter, 2003.

A queda de Constantinopla em 1453, que permitiu o contacto dos médicos europeus com os textos dos autores gregos antigos e o aparecimento da imprensa, são os factos considerados pelo médico português como os mais importantes para a renovação da ciência médica. Neste contexto, é dado um papel de relevo aos médicos ingleses como Thomas Sydenham (1624-89) ou William Harvey (1578-1657) e à criação do Royal College of Physicians. Curiosamente, Verney, na Carta duodécima, do seu *Verdadeiro Methodo de Estudar* (1746), dedicado aos estudos médicos, considera Harvey como o principal responsável pelos avanços da medicina ocorridos no decurso do século XVII (Verney, 1746 (1752, vol. IV):30). Por outro lado, e do mesmo modo que o autor da *Materia*, Verney atribuiu particular relevância à criação das sociedades científicas, como a Royal Society (Verney, 1746 (1752):36).

As críticas não se restringem aos autores mais antigos, sendo estendidas a alguns autores modernos. Sobre Paracelsus (Theophrastus Bombastus von Hohenheim) (c. 1493-1541), Sarmento afirma que:

A Chymica, que pode ser de tanto serviço á Medicina, quando bem applicada, a principiaram a introduzir, errada e vergonhozamente nella, huns Homens ignorantes, e enthusiasts, de que o principal, e cabeça foy Paracelsus; e com os seus fingimentos, e enganós tiveram quazi prevertido, e arruinado de todo, tam solido, e verdadeiro Projecto (Sarmento, 1758:xliv).

Apesar de o autor reconhecer a importância de Paracelsus na prática médica por ter utilizado os métodos da “Chymica”, na elaboração de produtos de origem mineral com propriedades terapêuticas, é extremamente crítico quanto aos seus seguidores, acusando-os de terem contribuído para o descrédito de todo este “Projecto”.

No final da resenha histórica é feita uma análise ao estado da medicina na altura em que a *Materia* foi escrita. Os médicos modernos, “senhores da sabedorias dos Gregos e Romanos e ajudados da Chymica experimental, applicada a o uso Medico, como, e pelo methodo, que lhe podia ser de beneficio; dos frequentes, e solidos experimentos, que se estavam fazendo em diversas Sociedades sucessivamente” (Sarmento, 1758:xliv,xlv), haviam revolucionado a medicina. O médico português refere o facto de esta nova forma de encarar a prática médica ter paradoxalmente dado origem à formulação de uma “variedade de falsos, e fabulosos Systemas” (Sarmento, 1758:xlv), cuja falsidade foi demonstrada pelos “Medicos Mechanicos”.

Os “Medicos Mechanicos” são definidos como:

a prezente Secta experimental de Philosophos, os quaes, na parte especulativa, em lugar de conjecturas, fundam a sua sabedoria toda, em experiencias, nem admittem couza alguma, que não possam trazer a demonstraçam, e evidencia, ajudados de experimentos

philosophicos, chymicos e anatomicos; e a dos Principios geraes, que não padecem a menor duvida, chamaõ Principios Mechanicos ou Leys da Natureza (Sarmiento, 1758: *xlvi*).

A ênfase colocada na experimentação e no modo como se pode aceder ao conhecimento da natureza é um dos aspectos mais importantes da *Materia*, sendo este trecho revelador da postura do seu autor, claramente influenciado pela filosofia newtoniana.

Boerhaave é considerado como o “Medico Mechanico” que melhor conciliou o saber dos autores antigos com o novo método experimental e assim “formou hum completo, e o melhor, e mais conciso Systema de Medicina Mechanica, que já mais se tem visto.” (Sarmiento, 1758:*xlvi*). Como Boerhaave, o médico português considera o corpo humano como “humana machina mechanica, composta de diversos Fluidos, e Canaes” (Sarmiento, 1758:252) considerando, portanto que os médicos deveriam estudar disciplinas como a Hidrostática, ou a Dinâmica<sup>33</sup>.

A *Materia* é considerada como a primeira obra escrita em português a abordar as ideias de Boerhaave com o rigor necessário. Deve ser referido, contudo, o facto de conter mais referências a Robert Boyle (1626-1691) do que a Boerhaave. Boyle foi um dos fundadores da Royal Society e um dos autores mais conceituados da sua época. As experiências efectuadas por Boyle na Royal Society, nomeadamente com a sua bomba de vácuo, foram extremamente importantes na legitimação e aceitação da filosofia experimental na Inglaterra pós Restauração<sup>34</sup>. O elevado número de referências a este autor é certamente uma consequência da sua autoridade e influência no seio daquela instituição e de, por outro lado, as suas obras abordarem temáticas directamente relacionadas com a utilização de substâncias na prática médica, como a determinação das propriedades de substâncias de origem mineral, a análise de águas minerais ou o estudo da hidrostática. Por outro lado, o próprio Boerhaave admirava a obra de Boyle, considerando-o como um dos seus heróis (Cunningham, 1990:48), aludindo frequentemente nas suas obras aos resultados das experiências realizadas pelo ilustre sócio da Royal Society.

A influência de Boerhaave reside sobretudo no método utilizado na disposição dos diferentes assuntos relativos à prática médica. De facto, o médico holandês era muito mais um clínico, do que um químico<sup>35</sup>. Sarmiento indica no fim da sua análise dos metais que:

---

<sup>33</sup> Na sua obra mais importante, o *Verdadeiro Methodo de Estudar* (1746) Verney também considera o corpo humano como uma “máquina hidráulica” – ver Verney, Vol. IV: 12-13 -, aludindo à necessidade de se estudar Física de modo a compreender o corpo humano.

<sup>34</sup> Para uma descrição mais detalhada sobre o assunto ver, por exemplo, Shapin, Schaffer, 1985.

<sup>35</sup> Apesar de Boerhaave ter alcançado uma grande notoriedade enquanto vivo, deve ser salientado que não está associado a qualquer tipo de descoberta ou de inovação na medicina – ver Cunningham, 1990: 41. De facto, a sua contribuição para a medicina de setecentos residiu essencialmente no modo como deve ser realizada a prática médica e nos princípios que a devem reger, assuntos que foram abordados nas diversas

temos recorrido pelos principaes corpos mineraes, que assistem a *Materia Medica*, já em sustancia, e já trazidos a diferentes compozições, e formas, por meyo de operações Galenicas, ou Chymicas, dispondo a Mineralogia por classes separadas de *Metaes*, *Saes*, *Pedras*, *Terras*, *Enxofres*, &c. á immitaçam do insigne Boerhaave (Sarmiento, 1758: 227).

o que ilustra o facto de a influência do médico holandês ter sido relevante no modo como o autor da *Materia* organizou a sua obra.

Deve ser notado que Boerhaave não era desconhecido de alguns médicos portugueses. Em 1733<sup>36</sup>, dois anos antes da edição da *Materia*, Joseph Rodrigues de Avreu (1682-1747), médico do rei D. João V, e Familiar do Santo Ofício, editou a sua *Historiologia Medica, Fundada, e Estabelecida Nos principios de George Ernesto Stahl, famigeradissimo Escritor do presente Seculo, e ajustada ao uso Pratico deste Paiz*, baseada, como o seu título sugere, na obra de Georg Ernst Stahl (1659-1734). A *Historiologia* é uma obra raramente referida pela historiografia nacional, apesar de evidenciar o facto de alguns médicos portugueses já estarem, nesta altura, a par dos diversos sistemas propostos pelos autores modernos.

Quando a obra de Avreu foi editada, Stahl ainda era vivo, tendo o médico português escrito uma carta ao alemão, dando conta da edição da sua obra, à qual Stahl respondeu. As duas cartas são reproduzidas na segunda parte da obra, editada em 1739, numa altura em que o autor alemão já havia falecido<sup>37</sup>.

A primeira parte da obra de Avreu é dedicada à história da medicina, sendo muito mais desenvolvida do que o *Preface Historico*, incluído na *Materia*, apesar de fazer uma leitura relativamente acrítica dos diferentes sistemas médicos propostos ao longo do tempo. De resto, o objectivo de Avreu na escrita da sua obra era o de dar a conhecer aos médicos portugueses<sup>38</sup> os diferentes sistemas médicos existentes, particularmente o sistema de Stahl, por o considerar mais adequado à doutrina católica. Nas suas palavras, o sistema do famoso médico alemão:

---

obras publicadas pelo médico holandês. As obras de Boerhaave tiveram um sucesso assinalável sendo, por exemplo, traduzidas para inglês, onde o médico de Leyden tinha um grande número de admiradores.

<sup>36</sup> A notícia de que o primeiro tomo da obra havia sido impresso saiu na *Gazeta de Lisboa* de 11 de Fevereiro de 1734. A obra podia ser adquirida na casa do próprio, na Rua da Parreira. Mais tarde, a 2 de Junho de 1735, saiu no mesmo periódico a indicação de que a obra ainda podia ser adquirida, devendo os interessados dirigir-se à casa de Avreu. O segundo tomo também foi anunciado no referido periódico.

<sup>37</sup> Infelizmente, as duas cartas estão escritas em Latim, o que me impossibilitou a sua leitura. Ainda assim, deve ser referido o facto de a carta de Stahl ser extensa, não parecendo ser uma mera resposta de cortesia.

<sup>38</sup> Como o autor refere no prólogo dedicado ao leitor, a obra aborda diferentes sistemas “pois parece justo, que quem se aplica a esta qualidade de literatura saiba, o que se passa, e discorre de novo no foro Medico, e não ignore aqui, o que se pratica taõ geralmente nas demais partes” (Avreu, 1733: Ao Leitor). Avreu também justifica o facto de utilizar uma linguagem simples de modo a tornar a obra acessível ao maior número de leitores.

Funda-se em muito diferentes principios do em que se tem discorrido no Mundo; mas une-se melhor em parte com os dogmas da nossa Religião, pois assenta por veridico fundamento ter a Alma hum principio activo, de que se deduzem com hum fim determinado para a vida todas as operaçoens do corpo sam, e enfermo. (Avreu, 1733:s.n.p.)

A “seita dos mechanistas” surge no fim da história da medicina e é discutida de modo relativamente aprofundada, sendo atribuído um papel de alguma relevância a Boerhaave, ainda que também sejam citados outros autores. Avreu faz diversas referências a uma das obras fundamentais de Boerhaave, as *Institutiones Medicas*, o que é indicativo de que a referida obra do médico holandês era conhecida em Portugal.

Avreu não se inclui, contudo, na “seita dos mechanistas”, nem provavelmente muitos dos seus contemporâneos portugueses. Numa carta incluída no início da obra, escrita por Martinho Mendonça de Pina e Proença<sup>39</sup> (1693-1743), são feitas algumas críticas aos seguidores daquela “seita”. Pina e Proença refere que:

Naõ se podem livrar de huma grande censura os Mechanistas, pois para todas as acçoens, e movimento naõ só dos viventes, mas de todos os corpos, recorrem única, e immediatamente ao Author, e Motor da Natureza; daqui se seguiria, que tudo quanto no Mundo sucedesse seria hum continuo e repetido milagre, e nada se produziria, ou moveria por Principio Interno, pois naquela opinião só Deos he, que move única, e immediatamente todos os corpos, que recebem movimento. (Avreu, 1733: snp).

As críticas incidem sobre o facto de os “mechanistas”, terem dificuldades em dar conta da importância da alma nos seres animados e da sua relação com a saúde. A causa dos movimentos era encarada unicamente sob uma perspectiva mecânica, o que levantava alguma polémica, por ser contrário ao entendimento que a igreja católica possuía relativamente a esta questão. Na mesma carta, Pina e Proença confessa ter ficado convencido da validade do sistema de Stahl, considerando que a qualidade da tradução havia facilitado a sua adesão a algumas das ideias veiculadas na obra.

---

<sup>39</sup> Na mesma carta, Pina e Proença alude a ter estado na Saxónia com Christian Wolff (1679-1754) e na Holanda com Willem s’Gravesande (1688-1742), tendo recebido destes autores informações relativas às ideias de Leibnitz e de Newton. Esta carta é referida por diversos autores como reveladora dos contactos estabelecidos por portugueses fora de Portugal, que foi um dos modos pelas quais as ideias dos modernos foram difundidas em território nacional. Curiosamente, a maior parte dos autores omite o facto de a carta ter sido incluída na obra de Avreu.

A *Historiologia...* também beneficiou de privilégio real<sup>40</sup>, o que é significativo. Existem, portanto, evidências de que, cerca de quarenta anos antes da reforma do ensino da medicina na Universidade de Coimbra, as autoridades portuguesas, com o patrocínio do próprio rei, estavam interessadas nessa reforma, permitindo e patrocinando a publicação de diversas obras médicas, mesmo se estas incluíssem críticas ao sistema galénico e fizessem referência a assuntos potencialmente polémicos<sup>41</sup>.

A importância da história, enquanto forma de validar o presente, também pode ser encontrada na carta do *Verdadeiro Methodo de Estudar*, onde Verney alude à reforma do ensino da medicina. Nesse contexto, Verney conclui que a “seita dos mecanistas” e Boerhaave, em particular, deveriam ser a principal referência nas reformas a introduzir.

## 6. Críticas aos médicos portugueses

A partir da terceira década do século XVIII, é evidente a existência de diferentes correntes de pensamento no seio da comunidade médica portuguesa, sob influências distintas. Deve ser notado, contudo, que esse facto não determinou uma alteração significativa da prática médica, nem a valorização da experimentação laboratorial como forma de determinar as propriedades de substâncias com vista à sua utilização racional<sup>42</sup>.

Um dos principais propósitos do seu autor quando escreveu a *Materia* era o de contribuir para a alteração da prática médica portuguesa, com a qual certamente contactou, durante os anos de exercício da sua profissão em Portugal, antes do seu exílio forçado. Na sua opinião, alguns médicos portugueses tinham contribuído decisivamente para o estado decrépito da medicina portuguesa, sendo Curvo Semedo o seu alvo preferencial, certamente uma consequência da diferença radical no modo como ambos encaravam a medicina<sup>43</sup>.

---

<sup>40</sup> Os pareceres dos censores revelam a importância de Avreu ser um médico prestigiado. Assim, o censor do Santo Ofício, o Doutor Frei António do Sacramento, refere o seguinte: “Li, por ordem de V. Eminencia, a *Historiologia Medica*, Livro em grande Volume, que compoz, e pertende dar à estampa o Doutor Joseph Rodrigues de Avreu Cavalleiro professo da Ordem de Christo, e Fidalgo da Casa de S. Magestade, Familiar do Santo Ofício, e Medico de ElRey; e bastando estas religiosas, e gloriosas honras com que se enobrece a sua pessoa para ficar cõvencido o feliz êxito a que aspira nesta sua grande obra...” – ver Avreu, 1733: Censuras.

<sup>41</sup> Deve ser notado o facto de, nesta época, a classe profissional dos médicos ter um estatuto particularmente relevante no seio da sociedade portuguesa. A partir do fim do século XVII vários médicos entraram para a Inquisição como Familiares do Santo Ofício, o que evidentemente conferiu ainda mais poder a esta classe profissional. Esse aspecto pode ter tido consequências práticas evidenciadas na maior tolerância dos censores da Inquisição para com as obras de medicina.

<sup>42</sup> A consulta das obras médicas da época permite concluir que a tradição galénica e hipocrática continuava a ser a principal referência dos médicos portugueses. Neste contexto, ver, por exemplo, Brás de Abreu, 1726; Bernardo Pereira, 1734; Gomes Ferreira, 1735, ou Morato Roma, 1753.

<sup>43</sup> Para Curvo Semedo, “O fim para que a Chymica foy ordenada, ou he interno, ou externo. O interno, he para abrir, ou resolver todas as cousas naturaes, exaltando-as, & reduzindo-as a summa pureza, & perfeição. O fim externo, he para apperfeyçoar, ou transmutar os metaes de menos nobres em outros mais nobres.” (Semedo, 1727:693). Esta forma de encarar a “Chymica”, com relações óbvias com a Alquimia,



As críticas à utilização da pedra quadrada, ou de candar (*lapis quadratus*), são exemplares das estratégias seguidas por Sarmiento para o descredibilizar. De acordo com Curvo, a referida pedra, atada à perna, facilitaria o parto, sendo também indicada no tratamento de desmaios, melancolia ou dores de cabeça (Curvo Semedo, 1716:898), sendo estas indicações entendidas por Sarmiento como resultantes da credulidade de Curvo<sup>44</sup>. Relativamente à utilização da pedra em partos, é relatado como um seu colega médico, o Dr. James Douglas (1675-1742), Parteiro da Rainha Carolina, mulher do Rei Jorge II, lhe tinha pedido para arranjar algumas destas pedras de modo a verificar os seus alegados efeitos, tendo posteriormente comunicado a Sarmiento não os ter observado. Tendo em conta este relato, o médico português considera que não era “digna de algum credito a observação, que, diz, fez o Dr. *Curvo*, em huma mulher na 'Rua das Gaveas, à qual, estando muito apertada sem poder parir, se applicou a diita Pedra, e porque se descuidaraõ de a tirar, tanto que pario, lhe saio a Madre fóra do seu lugar” (Sarmiento, 1758:136). Quanto à suposição de que a pedra atrairia o feto, o autor da *Materia* começa por eliminar a possibilidade de a mesma possuir propriedades atractivas similares às dos ímanes, argumentando que, nesse caso, a pedra teria afinidades com o feto, o que não se verifica. São descritas, de seguida, as diferentes experiências realizadas para determinar a sua composição química. Tendo em conta os resultados destas experiências, é concluído que a pedra quadrada seria constituída por ferro, vitríolo, e enxofre, deduzindo, a partir da sua composição, as suas indicações terapêuticas. Assim, e na sua opinião, a pedra teria propriedades “defecantes, aperitivas e adstringentes, sendo indicada no tratamento de toda “a casta de Obstrucções, e relaxações, e com especialidade quem a experimentar a achará muito conveniente para parar Diarrhaeas inveteradas, e Fluxos de Sangue” (Sarmiento, 1758:139). As indicações terapêuticas resultam, portanto, do conhecimento da composição química do medicamento obtido através da realização das experiências adequadas.

A pedra de cananor é outro exemplo de um medicamento cujas prescrições são contestadas por Sarmiento. De acordo com Curvo, esta pedra possuiria propriedades refrigerantes. O autor da *Materia* revela a sua perplexidade por aquele médico a aconselhar “para curar *Ictericias*; sendo tam contrarias as intenções entre a causa desta Doença, e a do Remedio para curala, que nem por absorbente, nem por fria pode ter lugar o uso de ditta Pedra” (Sarmiento, 1758:168). Mais

---

é criticada por Sarmiento no *Preface Historico*. Por outro lado, muitas das receitas fornecidas por Curvo decorrem da superstição. Por exemplo, na sua obra *Atalaya da Vida* (1720) é dada a seguinte prescrição para fazer crescer cabelo na cabeça dos homens: “He experiencia certissima, que rapada a cabeça à navalha cada quatro dias, & untala por tempo de hu mez com sevo de homem esquartejado, faz nascer o cabelo” (Curvo Semedo, 1720:101).

<sup>44</sup> Curvo Semedo não indica quaisquer provas daquilo que afirma na parte dedicada a esta pedra. As indicações terapêuticas da pedra de candar encontram-se na parte final da *Polyanthea*, numa secção dedicada aos “Símplices, que da India Oriental, da America & de outras partes do mundo vem ao nosso Reyno”.

uma vez, as críticas incidem sobre o facto de Curvo não saber adequar as propriedades de um dado medicamento às suas indicações terapêuticas.

As críticas de Sarmento a Curvo Semedo foram secundadas por outras personalidades portuguesas, incluindo Verney e Ribeiro Sanches<sup>45</sup>. Na opinião de Verney, as razões das causas das doenças apresentadas por Curvo Semedo nas suas obras reduzem-se a “mezinhas puras, sem sombra de Filosofia” (Verney, vol. IV, 1746:41). Nenhum destes autores reconhece a Curvo Semedo o mérito de ter sido um dos principais introdutores e disseminadores dos medicamentos de origem mineral em Portugal.

O Dr. Fonseca Henriques também é alvo de críticas. Relativamente à *Argilla Estremotia*, ou Barro de Estremoz, é dito que “Em quanti á virtude benzoartica, que lhe atribue o Dr. *Francisco da Fonseca*, he imaginaria, porque nem achamos fundamento algum para admittirlha, nem o mesmo Autor fallou por exame que fizesse da dita Terra, ou por observaçam propria” (Sarmiento, 1758:179). As semelhanças com as críticas a Curvo são evidentes. Sarmento é de opinião que sem “exame” ou “observaçam propria” não é possível determinar as indicações terapêuticas do medicamento referido por Fonseca Henriques.

As críticas também incidem no modo como os médicos portugueses utilizavam certos medicamentos. Os vomitórios, em particular, eram utilizados para o tratamento de uma grande variedade de enfermidades, sendo Curvo Semedo um dos grandes apologistas deste tipo de medicamentos. Uma parte significativa da sua *Polyanthea* é dedicada a enaltecer as propriedades do antimónio e o modo como deveria ser administrado. Sarmento critica a utilização indiscriminada deste tipo de medicamentos, indicando alternativas. Por exemplo, relativamente ao *Tartaro emetico*, considerado como vomitório violento, é aconselhada a sua utilização judiciosa, e o seu progressivo abandono em favor de vomitórios mais suaves. A raiz de *Ipecacuanha*, introduzida na prática médica por Helvetius (1715-1771), é aconselhada como uma alternativa adequada (Sarmiento, 1758:355).

Na *Historiologia Medica* (1733), Avreu também desaconselha a utilização dos vomitórios drásticos, referindo que:

Esta culpa he tão contagiosa, que até se pega a muitos professores, a quem não faltam grandes descuidos; estamos vendo todos os dias receitas de purgantes Drasticos, mandados administrar por Medicos; ou em casos em que não são necessarias evacuaçoens, ou nos em que são summamente nocivas. (Avreu, 1733: 197-8)

Avreu alude ao facto de alguns professores da Universidade de Coimbra serem também responsáveis pelo uso e abuso deste tipo de medicamentos, com evidente dano para os doentes.

---

<sup>45</sup> Como é conhecido, ambos viviam fora de Portugal. O facto de as principais críticas endereçadas a Curvo serem feitas por personalidades que se encontravam longe do país é significativo.

Apesar de Sarmento ser extremamente crítico quanto à utilização de diversas substâncias e preparados, é omissivo relativamente à utilização dos medicamentos de segredo na prática médica.

## 7. Aceitação e impacto da obra

Na opinião de Sousa Dias, a *Materia* teve pouco impacto entre a classe médica portuguesa. A obra de Luís António Verney (1713-1792), *Verdadeiro Methodo de Estudar* (1746), é considerada como tendo sido mais importante para a aceitação das ideias de Boerhaave entre os médicos portugueses (Sousa Dias, 2007:71). Sousa Dias não apresenta provas documentais que sustentem esta conclusão e parece confundir o impacto da *Materia* com o seu papel na aceitação das ideias de Boerhaave. Contudo, as duas obras são totalmente distintas. Em primeiro lugar, a *Materia* não tinha como objectivo a reforma do ensino médico em Portugal, ao contrário da obra de Verney, que foi escrita com o propósito claro de contribuir para a reforma não apenas do ensino médico, mas de todo o sistema de ensino português. Em segundo lugar, a *Materia* destinava-se a ser lida apenas por médicos, como já foi assinalado atrás, enquanto o *Verdadeiro Methodo de Estudar* tinha como audiência alvo o público leitor em geral. Como consequência, Sarmento aborda com muito maior profundidade as ideias de Boerhaave do que Verney. Ainda que a obra de Verney possa ter contribuído de forma significativa para a aceitação das ideias do médico holandês entre os médicos portugueses, sendo necessário contudo apresentar provas que sustentem essa alegação, isso não significa que a *Materia* não tenha desempenhado um papel relevante.

Como já foi mencionado atrás, a segunda edição da obra foi concluída a pedido de colegas médicos e devido ao facto de a primeira edição estar aparentemente esgotada, o que é significativo e revelador de que a *Materia* foi bem recebida por alguns médicos, ainda que o número de exemplares tenha sido pequeno em qualquer uma das edições<sup>46</sup>. A consulta dos catálogos, enviados pelos particulares na sequência da publicação do edital da Real Mesa Censória de 10 de Abril de 1769, permite concluir que a *Materia* era uma presença relativamente vulgar nas bibliotecas particulares dos médicos portugueses, apesar de não ser tão vulgar como as obras de Curvo Semedo ou de Fonseca Henriques.<sup>47</sup> Estes dados têm de ser analisados com cautela, dado o facto de a presença de uma obra numa biblioteca particular não determinar que o seu possuidor a tenha lido, nem que o tenha influenciado. De qualquer modo, pode afirmar-se que existia um conjunto significativo de médicos que possuía a obra.

A influência de Sarmento pode ser encontrada nas obras médicas de alguns autores seus contemporâneos que viviam em Portugal. João Mendes Sacheti Barbosa (1714-1774) e Manuel

---

<sup>46</sup> A obra de Sarmento terá sido bem recebida entre os médicos mais cultos.

<sup>47</sup> Cf. ANTT, RMC Cx. 114-137.

Gomes de Lima (1727-1806) foram dois dos autores mais influenciados pelo médico português, particularmente Sacheti Barbosa, como é referido por Sousa Dias (Sousa Dias, 2007:71).

Na sua obra, *Considerações Medicas*<sup>48</sup>, editada em 1758, Sachetti assume-se como um adepto de Boerhaave, porque, na sua opinião, este baseou a sua doutrina no “metodo de filozofar do incomparavel NEWTON, que consiste em acomodar a Razaõ aos experimentos; e descobrir as leis da Natureza, depois de hum suficiente numero de feitos constantes, critica, e logicamente observados” (Sacheti, 1758:ii), o que tem semelhanças óbvias com a postura assumida por Sarmiento. Sacheti alude ao seu colega exilado em várias partes das *Considerações*, mostrando conhecer algumas das suas obras<sup>49</sup>, apesar de a *Materia* não ser referida. Porém, dada a relação de amizade entre os dois médicos, e o facto de a *Materia* ser claramente influenciada por Boerhaave, é muito provável que Sacheti a conhecesse.

A introdução de Boerhaave no curso de Medicina da Universidade de Coimbra só foi feita alguns anos mais tarde, depois da morte de Sarmiento, com a publicação dos *Estatutos da Universidade de Coimbra* (1772). O médico nomeado para presidir à reforma do curso de Medicina foi Sacheti<sup>50</sup>.

Gomes de Lima, cirurgião do Porto, foi o fundador da Academia Portopolitana, com o objectivo de “adiantar as ciências e desterrar o empirismo” (Andrade, 1945:621). Sarmiento fez parte desta academia, bem como Sacheti. Gomes de Lima foi o autor de várias obras médicas, entre as quais se inclui a obra *O Practicante do Hospital Convencido: Dialogo Chirurgico sobre a Inflamação Fundado nas Doutrinas do Incomparavel Boerhaave, e adornado de algumas Observações Chirurgicas* (1756), sendo um dos autores de obras de medicina mais importantes da segunda metade do século XVIII. Não existem indícios claros de que Lima possa ter sido directamente influenciado por Sarmiento ou pela *Materia*<sup>51</sup>. Ainda assim, noutra obra, publicada

---

<sup>48</sup> A obra de Sacheti foi recebida com alguma crítica, tendo Duarte Rebelo de Saldanha publicado uma obra onde contesta os pontos de vista de Sacheti. Como vimos no capítulo IV, dedicado à inoculação das bexigas, Saldanha também teceu críticas aos pontos de vista veiculados na *Dissertation*.

<sup>49</sup> Relativamente à Água de Inglaterra, Sacheti louva as suas propriedades terapêuticas e indica-a no tratamento de febres, aconselhando a leitura da obra de Sarmiento *Do Uso e Abuso das Minhas Agoas de Inglaterra*, publicada poucos anos antes, para uma utilização judiciosa do medicamento. Para além da relação epistolar estabelecida entre os dois médicos, há a indicação de Sarmiento enviar alguns dos seus medicamentos secretos para Sacheti. O próprio refere que Sarmiento lhe havia enviado de Londres um dos seus medicamentos secretos, o *Bezoartico de Contraerva*, com as respectivas instruções de utilização. O local de venda deste medicamento em Lisboa é indicado por Sacheti, sendo os leitores avisados de que este era o único local onde se poderia adquirir o medicamento legítimo.

<sup>50</sup> Não existem dúvidas quanto à importância de Sacheti na elaboração dos Estatutos da Universidade de Coimbra, na parte dedicada ao curso de Medicina. Num apontamento do diário de Manuel Cenáculo de Villas Boas (1724-1812), com a data de 19 de Junho de 1768 é referido que o reitor da Universidade de Coimbra “se tem servido muito do Dr. Sachetti”. Este trecho mostra de forma clara que Sacheti desempenhou um papel importante na reforma do ensino da Medicina na Universidade de Coimbra. Ver Palma Ferreira, 1982.

<sup>51</sup> Este aspecto merece uma análise histórica mais detalhada. Gomes de Lima alude a Sarmiento no *Practicante*, no contexto estrito da cirurgia portuguesa devido, à publicação da tradução de uma obra de Samuel Sharp, intitulada *Tratado das Operaçoens de Cirurgia* (1746).

anos mais tarde, em 1772, e intitulada *Diario Universal de Medicina. Cirurgia, Pharmacia, &c*, Gomes de Lima alude ao *Tratado das Operaçoens de Cirurgia* (1748) daquele autor.

Em 1772, foi editada a *Pharmacopea Dogmatica Medico-Chimica e Theorico Practica*, uma das farmacopeias mais importantes da segunda metade do século XVIII, sendo o seu autor o Frei João de Jesus Maria. Na parte dedicada ao Reino Mineral, Jesus Maria foi claramente influenciado pela leitura da *Materia*. De facto, o seu autor é citado várias vezes, para além de alguns excertos serem copiados na íntegra ou adaptados. Por outro lado, Jesus Maria alude ao médico português como “o famoso Sarmento”, o que é significativo da sua opinião<sup>52</sup>. A *Pharmacopea Dogmatica...* é, sem dúvida, a obra médica portuguesa do século XVIII onde se nota de forma mais evidente a influência da obra de Sarmento<sup>53</sup>.

## 8. Conclusão

A *Materia* é a obra de Sarmento onde se nota de forma mais evidente a influência de Boerhaave no seu pensamento médico, podendo ser considerada a primeira escrita em português onde o sistema iatroquímico é considerado com o devido detalhe.

Apesar de o número de reacções à sua obra magna ser relativamente pequeno, é uma das que é mais referida pelos seus conterrâneos. Assim, a obra terá influenciado um número significativo de médicos, tendo contribuído para a modernização da medicina portuguesa, apresentando um modo de encarar a mesma em profundo desacordo com o que era leccionado na Universidade de Coimbra. A importância atribuída à experimentação, enquanto único modo racional de validar e legitimar a prática médica é uma das características mais notáveis da obra, ao arrepio do que era considerado pelos médicos portugueses mais conservadores, ainda fortemente influenciados pela tradição galénica.

A *Materia* é, também, um veículo para a consideração de diversas temáticas médicas actuais da época, como a utilização de medicamentos de origem mineral na prática médica, ou os potenciais benefícios decorrentes da utilização das águas termais.

---

<sup>52</sup> Apesar de a *Materia* ser a principal referência do autor desta farmacopeia na parte relativa ao Reino Mineral, a obra de Sarmento não é incluída na lista de livros aconselhados por Jesus Maria.

<sup>53</sup> A primeira referência a esse facto aparece em Pinto, 2011.



## CAPÍTULO VI

### AS ÁGUAS MINERAIS E TERMAIS

...e sendo, como digo, a *Materia Medica* o principal Sogeito da Medicina practica, não há nella hum Remedio tão universal, benigno e uzu-fructuozo, como o das *Agoas Mineraes*, ou *Sejaõ Sulphureas*, ou *Chalybeadas*, applicados humas, e outras, por Medico capaz de fazer a destinação dos Cazos, e circunstancias para conseguir a utilidade, e effeyto do uzo dellas

Sarmiento, 1753:

Sarmiento foi um dos principais impulsionadores da utilização racional das águas minerais portuguesas, tendo revelado um particular interesse pelas águas das Caldas da Rainha. Este é um dos aspectos da sua obra menos abordado pela historiografia portuguesa, apesar de ser um assunto que desde cedo o interessou.

A primeira obra escrita por Sarmiento em português, publicada em 1726, intitulada *Syderohydrologia ou Discurso Practico Das Agoas Mineraes Espadanas ou Chalybeadas; Em que se mostra Sua Natureza, composiçao, Methido de as beber, e os Achaques em que saõ Convenientes*, é a primeira manifestação do seu interesse pelas águas minerais. A obra é essencialmente didáctica, não apresentando, portanto, qualquer tipo de especulação científica; ainda assim, e como iremos ver mais à frente, é radicalmente diferente das obras de autores portugueses seus contemporâneos sobre o mesmo assunto.

Na *Materia Medica*, escrita cerca de dez anos depois, o médico português exilado em Londres cumpriu a promessa, feita na *Syderohydrologia*, de voltar a escrever sobre a temática. De facto, a parte dedicada à água, em geral, e às águas minerais em particular não é, de todo, uma transcrição da obra anterior, incluindo uma primeira tentativa de elucidação da composição das águas das Caldas da Rainha. O interesse pelas propriedades destas águas levou-o, posteriormente, a realizar a análise “Chymica” de amostras da água das Caldas da Rainha enviadas de Portugal, tendo publicado os resultados em 1753, na obra *Appendix ao que se acha escrito na Materia Medica do Dr. Jacob de Castro Sarmiento sobre a Natureza, Contentos, Effeytos, e Uso pratico, em forma de bebida, e banhos das Agoas das Caldas da Rainha. Participado a o Publico, em huma Carta escrita Ao Dr. João Mendez Saquet Barboza, Socio da Sociedade Real de Londres, &c. A que se ajunta O novo Methodo de fazer uzo da Agoa do Mar, na Cura de muitas Enfermidades Chronicas, em especial nos Achaques das Glandulas*. Deve ser

notado que o *Appendix* foi publicado com o objectivo de clarificar a composição daquelas águas termais, de modo a que os médicos as pudessem utilizar de forma racional e consciente.

A utilização das águas minerais na prática médica teve um grande desenvolvimento no decurso do século XVIII, sendo relevante o facto de Sarmiento ter dedicado uma parte significativa da sua obra a esta questão. Nas próximas secções, a questão das águas minerais irá ser considerada com detalhe.

## 1. A *Siderohydrologia*

### 1.1. Edição e impressão

A *Syderohydrologia* foi escrita com o intuito de descrever de forma sistemática as propriedades físicas e químicas das águas minerais, e de apresentar os métodos experimentais adequados para determinar a sua composição (Sarmiento, 1726:v), tendo sido publicada um ano após a edição de uma obra similar da autoria de Thomas Short, intitulada *A Rational discourse of the Inward Uses of Water*. As duas obras são, contudo, diferentes, não havendo indicações de que Sarmiento tenha plagiado a obra de Short, tendo em comum apenas o tema e o modo como o mesmo é abordado, bem como as referências citadas. No entanto, deve ser notado que a obra de Short é



**Figura 1.** Folha de rosto da *Siderohydrologia*, 1726

dedicada a um público mais vasto, por ter sido escrita num tom coloquial, sendo omissos quaisquer termos científicos, o que a tornava acessível ao leitor comum.

A obra foi impressa por J. Humfreys<sup>1</sup> para o autor. Como se pode ver na Figura 1, o nome do autor que aparece na página de rosto da obra é H. de C. S. (Henrique de Castro Sarmiento), médico do Royal College of Physicians. No entanto, quando a *Siderohydrologia* foi publicada, o seu nome próprio já havia sido alterado para Jacob, o que pode ser comprovado pelo facto de,

---

<sup>1</sup> A única referência a J. Humfreys (ou Humphreys) foi encontrada na Library of Congress, em Washington. A breve entrada indica que este editor esteve activo no período entre 1690 e 1724, tendo a sua casa estabelecida em Bartholomew Lane, numa zona menos nobre da cidade – ver Johns, 1998:73.



na dissertação sobre as bexigas, o autor se ter identificado como J. C.<sup>2</sup>. Assim, talvez Sarmiento quisesse esconder o facto de se ter convertido ao judaísmo, tendo mantido o seu nome cristão de modo a não levantar suspeitas<sup>3</sup>.

A obra é de reduzidas dimensões, em 12º, e tem apenas 77 páginas, o que poderia indicar a possibilidade de a obra ser dedicada a uma audiência alargada. No entanto, o seu autor utilizou uma linguagem técnica, dificilmente acessível ao leitor comum. Aliás, como o próprio refere, “ainda que ditto Tratado vay em *Portugues*, e não em *Latim*, he mais offerecido a os Medicos Doctos, do que a os Vulgares” (Sarmiento, 1726:viii), o que revela claramente a sua postura.

## 1.2. Águas Termais - Classificação e análise

A utilização de águas termais para a cura de enfermidades era relativamente comum em Portugal, ainda que fosse realizada de forma pouco esclarecida, dado o facto de não se basear num conhecimento rigoroso da sua composição. Na opinião de Sarmiento, era necessário procurar novas fontes termais em território nacional e proceder à análise dessas águas de modo a determinar as suas propriedades, o que permitiria uma utilização judiciosa e criteriosa das mesmas (Sarmiento, 1726:vi),

No prefácio, o autor da obra alude ao facto de algumas circunstâncias não lhe terem permitido escrever um tratado tão completo quanto desejava. Nas suas palavras “não vay ditto Tratado tão largo, puro, e correcto, quanto eu propuz commigo a o principialo, porque se interpuzeraõ materias capazes, e dignas de me abstrahir daquelle Sossego, e Liberdade, que requerem as Leys da Composição” (Sarmiento, 1726:vii). É provável que essas “matérias” se relacionassem ainda com os problemas no seio da comunidade judaica dois anos antes, em 1724, decorrentes da acusação de ter denunciado judeus à Inquisição.

O autor promete escrever uma obra onde as questões relacionadas com as águas minerais seriam abordadas com maior pormenor, caso a *Siderohydrologia* fosse bem aceite pelo público leitor, e “Augmentala com a descripção das *Agoas das Caldas da Rainha*, ou *Sulphureas*; mostrando como se deve uzar dellas bebendoas, e a differença dos cazos, em que são convenientes mais as *Agoas Sulphureas*, que as *Chalybeadas*, ou Vice Versa” (Sarmiento, 1726:viii). É muito provável que o interesse por estas águas tenha sido suscitado após ter visitado as termas. De facto, o próprio refere na *Materia Medica* (Sarmiento, 1758:394) ter visitado as Caldas da Rainha, onde deverá ter constatado o facto de o Hospital existente, construído em 1485, não responder às solicitações dos enfermos que acorriam àquela localidade em grande número.

---

<sup>2</sup> Ver Capítulo IV.

<sup>3</sup> A dissertação sobre as bexigas e a *Syderohydrologia* são as únicas obras em que o nome do autor aparece abreviado. No caso da obra sobre as águas minerais, a estratégia seguida pode decorrer de uma tentativa de esconder a sua verdadeira identidade, tendo em conta o facto de a obra se destinar ao público português, e de provavelmente ainda recear o poder da Inquisição.

A obra inicia-se com a descrição das propriedades gerais das águas “espadas”, isto é, das águas que jorram de fontes, sendo depois indicados os procedimentos experimentais que deveriam ser realizados para determinar as suas propriedades. De seguida, são consideradas as águas “chalybeadas”, e as águas sulfurosas, aludindo de forma resumida às águas das Caldas da Rainha. A obra cumpre, assim, o objectivo do seu autor, apresentando ao público português um conjunto de procedimentos experimentais para a identificação das propriedades das águas, de modo a determinar qual a sua potencial utilidade terapêutica.

Deve ser notado que a *Siderohydrologia* é radicalmente diferente de outras obras de médicos portugueses onde as águas minerais são consideradas com algum detalhe. Neste contexto, a obra mais relevante é o *Aquilégio Medicinal*, de Fonseca Henriques, editada também em 1726. Apesar de o intento do seu autor ser indicar as águas do reino “para que facilmente se possa usar dellas em beneficio da saude humana” (Henriques, 1716:s.n.p.), Fonseca Henriques alude de forma muito simplificada às propriedades das águas que considera, não indicando quais os métodos utilizados para a sua determinação.

Não foi possível saber qual o impacto da obra entre os leitores portugueses, dado não existirem referências à *Siderohydrologia* em obras sobre o mesmo assunto que foram publicadas posteriormente. De qualquer modo, a obra deve ter tido algum sucesso, já que a promessa de Sarmiento em publicar os resultados das suas experiências com as águas das Caldas da Rainha foi cumprida cerca de dez anos depois, com a edição da primeira edição da *Materia Medica*, em 1735, e mais tarde ainda, com a publicação do *Appendix*, em 1753.

## 2. As águas minerais na *Materia Medica*

As águas minerais são abordadas no sétimo capítulo da *Materia Medica*, sendo notória a importância atribuída pelo seu autor a este assunto. De resto, se este capítulo fosse editado no mesmo formato da *Siderohydrologia*, o número de páginas seria cerca de três vezes maior. A secção inclui uma descrição resumida das propriedades gerais das águas e uma referência aos métodos e instrumentos utilizados para as determinar.

As águas minerais, particularmente as águas minerais das Caldas da Rainha, são consideradas com algum pormenor<sup>4</sup>, dado Sarmiento ter sido um apologista da sua utilização para fins terapêuticos. Boyle e Martin Lister (1638-1712) são considerados como tendo sido os primeiros

---

<sup>4</sup> A indicação da composição química das águas das Caldas da Rainha incluída na primeira edição da *Materia* foi efectuada com base em suposições decorrentes do seu conhecimento das mesmas. O interesse de Sarmiento pelas águas termais das Caldas da Rainha levaram-no, anos mais tarde, a mandar vir de Portugal garrafas, cheias de água captada nas referidas termas, de modo a poder determinar a sua composição. No *Appendix ao que se encontra escrito na Materia Medica*, publicado em 1753, Sarmiento faz uma comparação crítica dos resultados obtidos por si com os de Manuel da Maia (1672-1768). Sobre esta temática ver, por exemplo, Carvalho, 1932.

autores modernos a analisar as águas minerais, com o fim de determinar as suas diferentes aplicações terapêuticas (Sarmiento, 1758:258-9). As experiências realizadas por estes autores foram importantes por terem estabelecido um conjunto de procedimentos experimentais que permitia a elucidação da composição das águas. Curiosamente, Boyle considerava ser impossível determinar rigorosamente a composição das águas minerais, dado o facto de a água poder dissolver uma enorme variedade de substâncias. Sem o querer criticar, o autor refere que essa afirmação traduziria mais um receio do célebre filósofo natural inglês do que uma certeza (Sarmiento, 1758:328-9).

Os métodos desenvolvidos por Friedrich Hoffmann (1660-1742), e melhorados posteriormente pelos médicos ingleses Thomas Short (1690-1772) e Peter Shaw (1697-1763), colegas de Sarmiento na Royal Society, são descritos de modo a que os médicos portugueses:

examinem as Agoas, que estão já conhecidas, e fazendo o mesmo exame nas que encontrarem, e tiverem suspeita que são Mineraes, descubram outras novas; e conhecidos seus conteúdos, e applicando-as como Racionaes aos seus Enfermos, confirmem os experimentos, que fizeram dellas, com huma larga serie de Observações praticas” (Sarmiento, 1758:262).

É evidente a preocupação em dotar os médicos portugueses das metodologias de análise adequadas, de modo a que as propriedades das diferentes águas minerais existentes em Portugal pudessem ser determinadas com rigor. O papel de relevo atribuído a Short decorre de este autor ter sistematizado de forma coerente os procedimentos sugeridos por Hoffman.

Neste contexto, Fonseca Henriques é criticado por aludir às propriedades terapêuticas de algumas águas termais “como mero Historiador, Viajante ou Geographico, (...) e sem exame proprio” (Sarmiento, 1758:262), em vez de proceder às análises necessárias de modo a apurar as potenciais propriedades terapêuticas das águas minerais mencionadas na sua obra. Sarmiento sempre se opôs a que as obras de medicina fossem destinadas ao público leigo em medicina, pelo que a crítica é coerente com a sua postura.

O autor da *Materia* refere que o conhecimento das propriedades das águas minerais poderia interessar a várias pessoas incluindo “...Tintureiros, Impressores de Linhos, Saboeyros, Oleyros, &c.” (Sarmiento, 1758:335), pelo que os métodos descritos poderiam ser utilizados por médicos e também por “Curiozos”.

A descrição dos procedimentos experimentais é sistemática e rigorosa. Em primeiro lugar são indicados “os mais capazes, e prompts Instrumentos, para fazer exame de quaesquer Ágoas Mineraes”, sendo depois feita uma descrição do modo como deveriam ser utilizados. Alguns desses “Instrumentos” são reagentes, utilizados para elucidar propriedades específicas das águas. Assim, e por exemplo, o Xarope de Violas tinha como objectivo determinar se a água era

ácida ou alcalina<sup>5</sup>.

Depois de aludir aos métodos “chymicos”, é feita a descrição dos instrumentos que poderiam ser utilizados para determinar outras propriedades das águas. É neste contexto que são referidas a *Bomba Boyleana* (bomba de vácuo), a *Bomba Hydrostatica* (balança hidrostática) e os *Thermometros*. A bomba de vácuo de Boyle era utilizada para proceder à separação das partículas gasosas dissolvidas na água, permitindo determinar a “parte spirituosa” da água. Quanto à balança hidrostática, era utilizada para determinar o “pezo” da água, isto é, a sua densidade. Os termómetros são referidos com algum detalhe, em particular um termómetro desenvolvido pelo “Excellent Boerhaave” (Sarmiento, 1758:343), que consistia num tubo cheio de mercúrio, sendo utilizado para determinar a temperatura corporal, sendo claramente um precursor dos termómetros utilizados actualmente para o mesmo fim.

Depois de aludir aos métodos utilizados, o médico português refere que, de modo a determinar quais as potenciais aplicações de uma dada água, seria necessário identificar quais as alterações produzidas quando misturada com os fluidos humanos, particularmente com o sangue, “pois, sabidas ellas, teremos mayor luz da sua virtude, e nos mostrariam os effeitos que poderemos esperar de bebe-las em qualquer Enfermidade” (Sarmiento, 1758:344). A ênfase colocada na experimentação e na observação dá conta da importância atribuída a este aspecto, por ser, na sua opinião, a única forma pela qual as águas minerais poderiam ser utilizadas na prática médica.

De modo a exemplificar que resultados se deveriam esperar, são considerados alguns casos específicos de águas inglesas, como, por exemplo, as águas de New Tunbridge, que foram analisadas em 1731 por Shaw e pelo próprio Sarmiento, sendo apresentados os resultados dessas experiências e o modo como os dois médicos haviam conseguido elucidar as suas propriedades terapêuticas. Deve ser notado que esta indicação mostra que o autor da *Materia* esteve activamente envolvido com colegas da Royal Society em actividades científicas específicas.

### 3. As águas termais das Caldas da Rainha

#### 3.1. As águas das Caldas da Rainha na *Materia Medica*<sup>6</sup>

Sarmiento dedicou particular atenção às águas das Caldas da Rainha, sendo estas as únicas águas portuguesas que considerou de forma aprofundada. As águas das Caldas da Rainha são consideradas na secção onde se abordam as águas sulfúreas, que diferem das águas

---

<sup>5</sup> A definição de ácido e de base é dada em rodapé. Assim, ácido é considerado como uma substância “que tem gosto picante ou azedo” e base como uma substância que “misturada com hum acido, lhe diminue, lança fora, ou destroe o azedo”. Deve ser notado que a classificação é feita com base em propriedades organolépticas.

<sup>6</sup> Utilizou-se sempre a segunda edição da *Materia*, dado não existirem alterações introduzidas por Sarmiento nesta parte da obra. Como no capítulo anterior se utilizou também esta edição, optou-se por seguir o mesmo procedimento neste capítulo.

“Chalybeadas” por apresentarem na fonte uma temperatura superior à da água comum, sendo por isso classificadas como “águas termais”.

A leitura de uma obra do médico George Cheyne (1671(3?)–1743), onde se alude às mais famosas fontes de águas termais europeias, omitindo, porém, as termas das Caldas da Rainha, motivou no médico português um sentimento de afronta. De facto, e na sua opinião, as águas da localidade portuguesa tinham “mayor merecimento que as três mais famosas”<sup>7</sup>, culpando os médicos portugueses por não contribuírem para a sua projecção internacional. Assim, um dos objectivos da sua obra era contribuir para a alteração dessa situação.

Considerando que os romanos haviam sido os primeiros a utilizar estas águas, é feita uma breve descrição da história das termas, enfatizando o papel da rainha D. Leonor de Lencastre, responsável pela construção do primeiro Hospital Termal de Portugal. De seguida, é feita uma descrição das propriedades das águas das Caldas da Rainha, sendo de salientar que a mesma é feita com base nas suas observações aquando da sua estadia, ou passagem, pelas termas.

A presença de enxofre é justificada pelo facto de as águas fazerem “a Prata negra, e a cor do Ouro mais viva” (Sarmiento, 1758:383), para além de se observarem pedaços de enxofre elementar, de cor amarela, junto dos canos por onde a água corria. Por outro lado, e como o enxofre apenas se dissolve em meio alcalino, é concluído que a água deveria ter propriedades alcalinas. Estas águas conteriam também uma substância betuminosa, cuja origem deveria ser determinada por meio de análises “chymicas” e um sal branco, visível nos canos por onde corria a água, e cuja natureza não soube indicar. Ainda assim, e tendo em conta os trabalhos de Lister, Sarmiento considera que esse sal deveria ser “nitro calcareo”, conhecido actualmente como nitrato de cálcio.

Tendo em conta os reconhecidos efeitos das águas na supressão dos “Fluxos das mulheres, quando immoderados” é deduzida a presença de Vitriolo de Ferro (sulfato de ferro). Na sua opinião, a presença desta substância justificava o facto de a água ter propriedades alcalinas, e também a dissolução do enxofre (Sarmiento, 1758:385).

Quanto à alegada presença de mercúrio, o autor considera esta suposição como “errónea e contrária à razão”, devido à elevada densidade daquele metal, que teria como consequência a impossibilidade de se manter em suspensão, mesmo admitindo que se encontrasse na forma de vapor, devido à temperatura das águas. Fonseca Henriques é criticado por ter admitido a presença deste elemento nas águas das Caldas da Rainha (Fonseca Henriques, 1726:5). Estas críticas mostram que Sarmiento conhecia a obra do reputado médico português e que não temia criticá-lo, mesmo sabendo do prestígio que este tinha em Portugal, na altura em que a primeira edição da *Materia* foi publicada. Por outro lado, deve ser notado que o seu autor não se limitou a criticar, já que descreveu qual o método a seguir, indicando de forma sistemática e clara quais

---

<sup>7</sup> Aix-la-Chapelle, na Alemanha, Bourbonn, na França e Bath, na Inglaterra.

os procedimentos experimentais a efectuar, bem como qual o significado a atribuir aos eventuais resultados, de modo a que os médicos portugueses pudessem determinar as propriedades das águas minerais existentes em Portugal.

A parte da *Materia* dedicada às águas das Caldas da Rainha é concluída com as suas indicações terapêuticas, indicando os modos pelos quais podiam ser utilizadas no tratamento de diversas enfermidades. As indicações são dadas tendo em conta o conhecimento do autor relativamente a outras águas similares existentes na Europa, como as de Aix la Chapelle, na Alemanha, e as de Bath, em Inglaterra, cuja composição tinha sido determinada com rigor por outros autores.

Algumas das prescrições são justificadas utilizando argumentos médicos que se relacionam directamente com algumas das ideias de Sarmiento quanto ao que é o corpo e ao modo como podia ser curado. Neste contexto, merece particular destaque a explicação dada quanto ao facto de a água poder ser aplicada no tratamento de convulsões “em que há uma contracção das fibras”, e nas paralisias “em que há uma relaxação das fibras”. O médico português define contracção como:

humana obstrucçam, e retençam do Sangue, e mais fluidos, que fazem os movimentos, na sustância dos mesmos Músculos, cauzada, ou da viscosidade, abundância, ou da grossura dos líquidos, que nelles se retém, e os põem mais inchados e rigidos, no estado da Contracçam (Sarmiento, 1758:415)

enquanto que a relaxação decorre de “humana Obstrucçam dos Nervos, e dos seu líquidos, antes de chegarem aos Músculos”. Assim, e na sua opinião, tanto a contracção como a relaxação das fibras dos músculos decorreriam de uma obstrucção. Como as Águas das Caldas da Rainha podiam “diluir, e desfazer a gordura, e tenacidade dos Fluidos”, isso significava que eram indicadas no tratamento destes sintomas. Deve ser notado que a explicação é *mecânica*, dado que em qualquer um dos casos, a causa da doença decorre de uma obstrucção provocada pela presença de substâncias densas em fluidos corporais. Este tipo de explicação enquadra-se nas doutrinas dos “Mechanistas”, em que o conceito de “fibra” é central, sendo considerado como o elemento fundamental do corpo humano (Pita, 1998:146).

No final do capítulo, Sarmiento solicita ao médico responsável pelas termas o envio de algumas garrafas de água das termas, de modo a que pudesse analisá-las no seu laboratório, com o objectivo de elucidar a sua composição.

### **3.2. *Appendix ao que se encontra escrito na Materia Medica***

A solicitação feita ao médico responsável pelas termas das Caldas da Rainha não surtiu efeito. No entanto, anos mais tarde, o médico exilado em Londres solicitou a um dos seus correspondentes o envio de amostras daquelas águas, de modo a proceder à sua análise. Os

resultados obtidos foram publicados numa obra, justamente intitulada *Appendix ao que se encontra escrito na Materia Medica do Dr. Jacob de Castro Sarmiento sobre a Natureza, Contentos, Effeytos, e Uso pratico, em forma de bebida, e banhos das Agoas das Caldas da Rainha...* (1753). Esta adenda foi publicada especificamente para cumprir a promessa feita anos atrás de publicar os resultados das análises às águas das Caldas da Rainha.

O *Appendix* inclui no início uma carta endereçada a Sacheti Barbosa, onde se explicam todos os aspectos relacionados com a análise das águas. A semelhança das águas caldenses com as águas de Bath, verificada pelo próprio Sarmiento, que frequentou as termas inglesas<sup>8</sup>, terá aguçado o seu interesse em proceder à análise das águas termais portuguesas. Por outro lado, o autor refere que também quis atender ao pedido endereçado pelo censor da *Materia*, Xavier Leitão, que lhe solicitou:

alargarse mais na inculca das agoas minerais bebidas, e na certeza dos seus maravilhozos effeitos, porque tudo he necessario a vencer a porfia, com que os nossos Naturaes desaprovaõ beberemse as agoas das *Caldas da Rainha*, que em nada saõ inferiores ás melhores da Europa. (Sarmiento, 1758:9)

Como se pode notar, Xavier Leitão era de opinião que as águas das Caldas da Rainha estavam a ser desaproveitadas, pedindo a Sarmiento para determinar a sua composição, e assim clarificar alguns dos aspectos relacionados com a sua utilização no tratamento de enfermidades.

As primeiras análises terão sido feitas antes de 1743, tendo os resultados sido comunicados ao conde da Ericeira na forma de um pequeno tratado (Sarmiento, 1753:3) que, por sua vez, o entregou ao rei D. João V. Tendo o rei ficado agradado com este breve tratado, solicitou a Manuel da Maia (1677-1768) que procedesse à análise rigorosa das águas. O rei pediu ao conde para enviar a Sarmiento os resultados dos testes realizados por Maia, de modo a que pudessem ser comparados e assim decidir se haveria a necessidade de proceder a mais análises. Este refere que recebeu o resultado dos testes realizados por Manuel da Maia no mesmo correio onde se dava conta do falecimento do conde da Ericeira, seu correspondente.

A primeira remessa de garrafas contendo águas das termas portuguesas foi enviada pelo Dr. Chacon<sup>9</sup> a 4 de Maio de 1743, tendo chegado a Londres em Junho do mesmo ano, e sido

---

<sup>8</sup> Sarmiento refere na Dedicatória da *Verdadeira Theorica das Mares*, ter estado em Outubro de 1737 “nas Caldas Bathonienses, noventa milhas distantes de Londres” – ver Sarmiento, 1737: vi.

<sup>9</sup> Não foi possível encontrar qualquer referência ao Dr. Chacon. Ainda assim, deve ser notado que, em 1752 foi editada em Paris uma obra anónima intitulada *Observações Das Agoas Das Caldas da Rainha Oferecidas A todos os enfermos pobres, que necessitam deste milagroso remedio, para cura de seus achaques Por hum curiozo, que há vinte annos, que vive a beneficio das ditas agoas*. Para além de se descreverem as propriedades destas águas e a forma como devem ser utilizadas, é feita uma crítica ao modo como as termas eram geridas e ao facto de existir muito pouco pessoal especializado que pudesse dar vazão à grande afluência de pacientes. O autor da obra sugere que Sachetti Barbosa reunia as

analisadas de acordo com os procedimentos descritos anteriormente. A segunda, enviada por António Dias Fernandes, chegou a Londres em Dezembro de 1743, tendo sido realizado um número ainda maior de análises. Finalmente, o médico português entregou amostras das mesmas águas ao Dr. John Fotherguill (1712-1780), seu colega da Royal Society, tendo este seguido um protocolo experimental similar de modo a validar os resultados obtidos. O facto de Sarmento ter procurado obter uma confirmação dos seus resultados por uma entidade independente é uma indicação clara da sua atitude quanto ao modo como era possível aceder ao conhecimento das propriedades das águas termais. Dado o acordo entre os resultados obtidos, as conclusões atingidas foram legitimadas, podendo estas ser tomadas como matérias de facto.

O autor do *Appendix* fez ainda uma análise adicional, comparando as águas das Caldas da Rainha, enviadas por um terceiro correspondente, o Dr. Bento de Lemos, com amostras de águas provenientes das termas de Bath, tendo descoberto diversas semelhanças entre as duas, confirmando, assim, a sua primeira suposição. Na sua opinião:

Dos experimentos precedentes, e absolutos, se mostra evidentemente, que as agoas das Caldas da *Rainha* contem em si suspendidas, as partes de hum principio sutil chalybeado; de huma grande porçam de enxofre; de huma boa quantidade de sal marino; e de hum bolo argilaceo unctuososo, mixturado com huma terra alkalina, e fixa de talco. (Sarmento, 1753:24)

Apesar de existirem semelhanças entre as águas de Bath e das Caldas da Rainha, Sarmento alude ao facto de não ser fácil determinar a composição das águas portuguesas, advertindo quanto à necessidade de proceder com cautela na aplicação das águas para fins terapêuticos, dada a dificuldade em atribuir um significado preciso aos resultados das análises realizadas.

De modo a mostrar a concordância entre os seus resultados e os que foram obtidos por Manuel da Maia, o autor do *Appendix* faz uma descrição breve dos resultados a que Maia chegou, tecendo depois alguns comentários, não se coibindo de criticar os resultados que lhe pareceram menos rigorosos. Assim, e relativamente ao principal componente das águas, o médico português discorda de Maia por este considerar ser o enxofre o “spirito” daquelas águas. Alongando-se um pouco sobre esta temática, visto também criticar Hoffman, uma das principais

---

condições necessárias para ser indicado para responsável de um novo Hospital Termal, que deveria ser construído para dar apoio ao crescente número de doentes que afluíam às termas das Caldas da Rainha. É curioso o facto de Sarmento ter enviado precisamente os planos para a construção de um Hospital Termal. Por outro lado, a referência a Sacheti Barbosa, correspondente de Sarmento, pode ser indicativo de que terá sido o Dr. Chacon o autor desta obra. Outro aspecto interessante decorre de o autor das *Observações* fazer a mesma crítica que Sarmento fez a Fonseca Henriques, no contexto das águas minerais. Não foi possível, contudo, corroborar esta hipótese.



autoridades na análise de águas minerais, o autor do *Appendix* refere que esse “spirito” era, de facto:

hum sustancia tenuissima, fluida, muito elastica, e volatil, mixturada, e combinada com hum ente sulphureo universal dos mineraes, cujo spirito penetra, e se diffunde por todo o globo da terra, e he quazi a alma dos mineraes, e a cauza e fônte das varias mutaçoens e effeitos, que se fazem no Reyno subterraneo: e impregnadas copisoamente as agoas, e lugares por donde passam, deste spirito, ficam medicamentosas (Sarmiento, 1753:58)

Neste excerto são detectáveis diversos conceitos que têm uma raiz alquímica. A alusão ao “Reyno subterraneo” onde os minerais crescem e sofrem mutações tem uma relação directa com a Alquimia, o que evidencia o facto de a Química de meados de setecentos ainda não se ter afirmado totalmente como “ciência”. O “spirito” seria uma espécie de “éter” que permitiria a mistura das águas com os minerais, conferindo-lhes propriedades terapêuticas. Deve ser notado que este “spirito” lembra o éter considerado por Hoffman, responsável pela manutenção da vida e que também circularia por todo o lado (Pita, 1998:154).

De qualquer modo, e independentemente das críticas é salientada a importância das análises realizadas por Maia e enfatizado o facto de ambas as análises terem permitido chegar a conclusões semelhantes, o que permitia corroborar os resultados obtidos.

De resto, as críticas não incidem apenas sobre as conclusões de Maia, tendo Sarmiento corrigido uma das conclusões referidas na *Materia Medica* relativamente à utilização das águas das Caldas da Rainha no tratamento das paralisias. Assim, e na sequência de uma troca de correspondência com Nuno Ribeiro Sanches, é referido que na opinião deste, e do seu mestre Boerhaave, a utilização de águas sulfúreas seria desaconselhada no tratamento das paralisias, contrariando a opinião que Sarmiento havia indicado anteriormente. Esta referência mostra que os dois médicos exilados mantinham uma relação epistolar, provavelmente iniciada após a passagem de Sanches por Londres e que o médico exilado em Londres não receava a autocrítica. Notavelmente, e para além das questões relacionadas directamente com as águas das Caldas da Rainha, o *Appendix* contém alguns apontamentos sobre a saúde do seu autor<sup>10</sup>. O seguinte excerto é elucidativo:

Padeci Colicas biliozas huma grande parte da minha mocidade, e em *Coimbra* me accometeram as mesmas, chamadas vulgarmente de dores ictericas, em que estive quazi a morte, do que ainda me lembrara, por me haver assestido, o Dr. *João Pessoa* da

---

<sup>10</sup> Os apontamentos pessoais surgem curiosamente em duas obras publicadas na parte final da sua vida. Para além do *Appendix*, a alusão a aspectos relacionados com a sua vida em Portugal surge na obra *Dos Usos e Abusos da Minha Ágoa de Inglaterra* (1756).

*Fonseca* meo Mestre, cujo titulo e nome, como os amei, e venerei ate agora, me foram amaveis, e venerarei sempre (Sarmiento, 1753:139).

Este professor terá sido um dos médicos cuja influência se fez sentir ao longo de toda a vida de Sarmiento. Deve ser realçado que este tinha com certeza consciência de que, apesar de o ensino da medicina dever ser reformado, existiam em Portugal médicos devidamente preparados para o exercício da sua profissão.

#### 4. Impacto e recepção

Nos anos seguintes à publicação do *Appendix*, diversos autores publicaram os resultados das análises realizadas às águas das Caldas da Rainha, com o objectivo de descrever a sua composição de forma mais detalhada. As referências a Sarmiento são raras, sendo a única excepção uma obra de João Nunes Gago, intitulada *Tratado Physico-Chymico-Medico das Aguas das Caldas da Rainha* (1779).

O autor da referida obra é crítico relativamente às conclusões alcançadas por Sarmiento, tendo em conta os resultados das experiências realizadas no seu laboratório em Londres. Gago é relativamente contundente nas suas críticas, como se pode constatar pela leitura do próximo excerto, no qual alude à possibilidade de as águas das Caldas da Rainha poderem ser indicadas para o tratamento de paralisias. É referido que:

Mirandella, e Patholhé atestaõ, que com estas Aguas se curaõ paralezias. Só Jacob de Castro, foi que poz isto em questaõ. Estou certo, que este mesmo certificaria que esta queicha se póde curar com estas Aguas, se elle da analyze, que instituiu, soubesse deduzir as virtudes destas Aguas. (Gago, 1779:180)

Sendo certo que Sarmiento referiu na *Materia* que estas águas podiam ser utilizadas para a cura da paralisia, a sua postura foi alterada como foi notado atrás. Assim, a crítica de Gago é algo injusta, podendo, no entanto, ter decorrido de não ter lido com a devida atenção a parte do *Appendix* onde o seu autor corrige o que havia dito anteriormente, na primeira edição da *Materia*.

Como foi referido, esta é a única obra onde se alude com algum detalhe ao trabalho desenvolvido por Sarmiento no âmbito do estudo das águas minerais. Ainda assim, e mesmo que o médico português não seja referido em outras obras, é possível que tenha contribuído para motivar o interesse dos médicos portugueses pelas águas das Caldas da Rainha e outras águas termais. De facto, anos mais tarde, na sequência da criação da Academia Real das Ciências, a 24

de Dezembro de 1779, o interesse pela análise das águas termais aumentou, tendo os sócios da referida instituição sido os responsáveis pelas análises de diversas águas minerais portuguesas, potenciando o seu futuro aproveitamento clínico e económico<sup>11</sup>. Com o desenvolvimento de métodos de análise muito mais rigorosos e fiáveis, já no século XIX, o termalismo português teve um desenvolvimento significativo<sup>12</sup>.

## 5. Conclusão

Desde muito cedo, Sarmento dedicou um interesse particular às águas minerais e à possibilidade da sua utilização no tratamento de enfermidades. Como foi referido, a sua primeira obra científica escrita em português aborda este assunto, fazendo uma descrição resumida dos procedimentos experimentais que deveriam ser utilizados na elucidação da sua composição. Apesar de se desconhecer qual o impacto e sucesso da *Siderohydrologia*, este assunto voltou a ser abordado pelo seu autor anos mais tarde, quando publicou a sua principal obra médica, a *Materia Medica*. Finalmente, Sarmento publicou um apêndice à *Materia*, onde são indicados os resultados das análises feitas a águas enviadas das Caldas da Rainha.

A utilização das águas minerais relaciona-se directamente com as ideias médicas de Sarmento, nomeadamente no que concerne à importância atribuída ao papel das fibras no funcionamento do corpo humano. Assim, e como foi referido, a explicação do modo como as águas deveriam actuar no corpo humano é uma consequência dessa concepção, inspirada nas ideias de diversos autores, incluindo Hoffman, uma das personalidades que mais contribuiu para o desenvolvimento dos métodos experimentais utilizados na determinação das propriedades das águas, e Boerhaave, o influente médico holandês, considerado pelo autor da *Materia* como uma das suas principais referências. O facto de estes dois autores serem seguidores da corrente iatromecânica é revelador da postura do médico português.

Noutra vertente, é possível identificar alguns elementos de origem alquímica na argumentação que é feita relativamente aos componentes das águas minerais. A presença destes elementos é reveladora de que a Química ainda não se tinha estabelecido totalmente como uma ciência autónoma, e que muitas ideias eivadas de conceitos abstrusos mantinham a sua validade, numa altura em que também a medicina ainda não tinha abandonado completamente muitas ideias provenientes da tradição.

---

<sup>11</sup> Uma evidência desse interesse pode ser encontrada nas memórias escritas por membros da referida academia que não foram publicadas. Em 1782, e apenas como exemplo, José Leitão de Sousa Mourão enviou uma *Memória Analytica das Agoas Mineraes de Chaves* para a Academia das Ciências de Lisboa que se encontra disponível no seu acervo.

<sup>12</sup> A obra *Analyse Chimica da Agoa das Caldas da Rainha, Por Guilherme Withering, Doutor em Medicina, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e da Sociedade Real de Londres* (1795) é a que contém a primeira análise rigorosa daquelas águas depois dos esforços envidados por Sarmento e por Maia.

Notavelmente, o médico português esteve envolvido activamente na determinação das propriedades de algumas águas minerais existentes em Inglaterra, o que revela o seu envolvimento em actividades de cariz científico. Por outro lado, e como alguns dos seus colegas da Royal Society se interessaram pelas águas minerais, como Peter Shaw, teve acesso directo ao que de mais inovador se fazia na área, sendo evidente o facto de estar a par dos desenvolvimentos mais recentes nos métodos utilizados para a determinação das suas propriedades.

O impacto das obras analisadas acima no futuro interesse dos médicos portugueses pelas águas minerais é de difícil avaliação. Como foi referido, alguns anos após a sua morte, aumentou o interesse pela determinação das propriedades das águas termais portuguesas, e em particular, das águas das Caldas da Rainha, tendo sido publicadas diversas obras onde se indicam os resultados das análises feitas a estas águas. Neste contexto, deve ser salientada a obra de João Gago, já que este autor criticou algumas das conclusões obtidas por Sarmento, mesmo fazendo julgamentos injustos, como foi notado no caso da utilização das águas das Caldas no tratamento das paralisias.

A temática das águas minerais deve, portanto, ser encarada como uma das mais importantes na obra médica de Sarmento, sendo, por outro lado, reveladora do seu patriotismo, dado o modo entusiástico com que descreveu as propriedades das águas das Caldas da Rainha, considerando-as superiores às águas das famosas termas de Bath na Inglaterra.

## CAPÍTULO VII

### DIFUSÃO DO NEWTONIANISMO: A *VERDADEIRA THEORICA DAS MARES*

Nature leges, Naturaque nocte labetant  
NEWTONUS fiat, Deus inquit, et omnia Lucent<sup>1</sup>  
Alexander Pope, 1727

Applicate à Philosophia Newtoniana, Natural e  
demonstrativa, e veras, pelo tempo adiante o  
benefício, que colheste, e o que trouxeste à  
Republica.  
Sarmiento, 1737

A exortação feita no Prólogo dedicado ao leitor da *Verdadeira Theorica das Mares, Conforme à Philosophia do incomparavel cavalheiro Isaac Newton*, impressa em Londres em 1737, é reveladora de quais os objectivos do seu autor. A *Theorica* foi publicada no âmbito da agenda de divulgação da ciência newtoniana e moderna, iniciada pelo médico português pouco tempo depois de ter sido eleito sócio da Royal Society sendo, no conjunto da sua produção de obras científicas, aquela onde é mais evidente o seu compromisso para com o newtonianismo e o seu propósito em contribuir para a sua disseminação em Portugal, numa altura em que a simples referência ao sistema copernicano era ainda encarada com sérias reservas<sup>2</sup>. Publicada depois da *Materia Medica*, a sua obra mais importante, a *Theorica* é muito diferente, dado abordar uma temática não relacionada com a medicina.

Como o próprio autor refere no *Prólogo ao Leytor*, a *Theorica* é a primeira obra europeia escrita em idioma nacional<sup>3</sup> a abordar a explicação newtoniana do fenómeno do fluxo e refluxo das marés, “hum dos mais pasmosos e inexplicaveis [...] da Natureza” (Sarmiento, 1737), apesar de ser observado todos os dias.

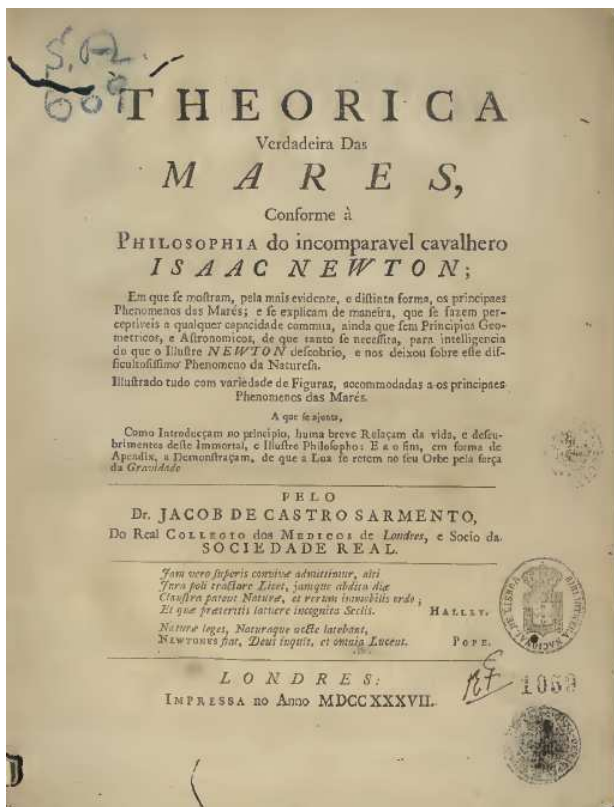
---

<sup>1</sup>No original “Nature and Nature's laws lay hid in night: God said, "Let Newton be!" and all was light”.

<sup>2</sup> O sistema copernicano era considerado como herético, pelo que a sua referência em obras portuguesas é muito rara, pelo menos antes de 1750. A obra de Copérnico fazia parte do conjunto de livros proibidos pela Inquisição, pelo que a sua referência estava condicionada. De qualquer modo, e paradoxalmente, não são conhecidos casos de obras portuguesas que tenham sido proibidas pela Inquisição por esse motivo.

<sup>3</sup> Apesar de, nesta época, já existirem muitas obras disponíveis no mercado onde se abordavam as ideias de Newton, a maior parte era escrita em Latim.

O brilhantismo da obra e o seu estatuto de única obra newtoniana escrita em português neste período, foram salientados por todos os historiadores portugueses que abordaram com algum detalhe a ciência portuguesa do século XVIII, apesar de raramente se aludir ao seu sucesso ou ao seu impacto no processo de circulação das ideias de Newton em Portugal. A *Theorica* foi



**Figura 1:** Folha de rosto da *Theorica Verdadeira das Mares*, 1737

certamente uma obra importante, mas não terá cumprido os objectivos do seu autor<sup>4</sup>. Nas próximas secções irá ser feita a sua análise, sendo exploradas as questões mais importantes relacionadas com o seu conteúdo.

## 1. A importância do patrono

A *Theorica* foi dedicada a D. Manuel José de Castro, Noronha, Ataíde e Sousa, nono Conde de Monsanto<sup>5</sup> e terceiro Marquês de Cascais (1666-1742), pertencente ao Conselho de Guerra de D. João V e seu Gentil-Homem de Camara. A escolha terá sido baseada no facto de D. Manuel José de Castro ter influência no seio da corte portuguesa, possuindo muito provavelmente uma relação de proximidade com o rei D. João V.

<sup>4</sup> A apropriação das ideias de Newton terá ocorrido anos mais tarde. Aquando da passagem do cometa Halley em 1758, foram publicadas em Portugal algumas obras, onde se consideram as ideias do filósofo inglês com algum detalhe. Ver Morganti, 1757; Pedegache, 1757 e Ahlers, 1758. Para uma discussão detalhada sobre este assunto consultar Carvalho, 1989 e Pinto, 2007.

<sup>5</sup> De facto, D. Manuel José de Castro era o oitavo e não o nono Conde de Monsanto.

Na Dedicatória, e como foi referido no Capítulo III, é mencionado o facto de o Conde de Monsanto ter sido a primeira pessoa a elogiar os benefícios associados à utilização da Água de Inglaterra produzida pelo médico português. Quando a *Theorica* foi publicada, o seu autor já havia iniciado há alguns anos a produção da sua Água de Inglaterra, pelo que o reconhecimento público das propriedades do seu medicamento de segredo era extremamente importante para a sua afirmação no mercado português<sup>6</sup>.

A outra razão relaciona-se com o facto de, na opinião do autor da *Theorica*, esta personalidade ter conseguido “mais estudo e mayor progresso, do que se poderia esperar em hum Reyno, adonde os naturaes se não tem dado o estudo de Mathematica, com aquella infatigavel applicação, e gosto, que as mais Nações da Europa.” (Sarmiento, 1737:iv). A alusão ao facto de os portugueses não terem dedicado a devida atenção à matemática é uma crítica velada ao ensino da Universidade de Coimbra, ainda dominado pelo pensamento de Aristóteles.

Desconhece-se por completo qual a natureza da relação entre Sarmento e D. Manuel José de Castro, sendo este o único caso, no conjunto das dedicatórias feitas nos seus livros, em que tal sucede. A única relação parece ser a que se relaciona com o seu medicamento de segredo, podendo, ainda assim, ser inferido que deveria fazer parte de um conjunto de personalidades pertencentes à nobreza com quem o médico exilado em Londres mantinha relações. Como a nobreza foi uma das classes sociais onde as novas ideias se disseminaram com maior facilidade, é possível que o contacto com o Conde de Monsanto tenha também decorrido do interesse deste nobre em estar a par das novidades científicas. De resto, e no final da Dedicatória, Sarmento alude “aquelle grande thesouro de erudiçam e sabedoria”, o 4º conde da Ericeira (Sarmiento, 1737:xiv,xv), conselheiro do rei D. João V e com quem o autor da *Theorica* trocou correspondência, como foi considerado nos capítulos anteriores.

## 2. Divulgação e objectivos

O autor refere que escreveu a *Theorica* com o objectivo de tornar a temática abordada “intelligivel a qualquer pessoa, quanto pode admitir a materia” (Sarmiento, 1737:v), utilizando uma “expressao diffusa, e copiosa” (Sarmiento, 1737:v) e acrescentando um “mayor numero de Figuras do que as que até agora se tem feito uso” (Sarmiento: 1737:vi). Isso significa que a obra se destinava aos leitores letrados com os conhecimentos matemáticos necessários para entender os argumentos utilizados na explicação do fenómeno das marés, sendo, por isso, inacessível ao leitor comum. Deve ser notado que a mesma estratégia foi utilizada em outros livros, como na *Materia Medica* (1735), a sua obra médica mais importante, que, como vimos, foi

---

<sup>6</sup> Para uma discussão mais detalhada ver capítulo III.

propositadamente escrita numa linguagem técnica de modo a torná-la inacessível ao leitor comum (Sarmento, 1758:xlvi).

Na época, a larga maioria das elites intelectuais portuguesas sustentava o modelo geocêntrico<sup>7</sup>, considerando o modelo heliocêntrico como herético, seguindo as indicações emanadas pela Santa Sé, na sequência da proibição de *De Revolutionibus Orbis* (1543)<sup>8</sup>, a célebre obra de Nicolau Copérnico. Devido ao facto de a teoria das marés se enquadrar no contexto do sistema newtoniano do mundo que considerava a teoria heliocêntrica, Sarmento sentiu a necessidade de salientar que a teoria apresentada não dependia de qual o modelo adoptado, provavelmente para evitar possíveis problemas com a Inquisição<sup>9</sup>. O seguinte excerto dá conta desse aspecto:

E, ainda que no seguinte tratado vamos sempre suppondo o movimento da Terra, tanto por seguirmos o estilo do Autor, que commentamos, como por estar como matéria assentada entre todos os Mathematicos de *França, Italia, Alemanha, Inglaterra, &c.* nem por isso fazemos mençam d'elle, como essencial para a Theorica seguinte (Sarmento, 1737:vii)

Como se pode constatar, é referido explicitamente que a escolha do modelo não era importante para a explicação do fenómeno das marés, deixando à consideração do leitor a sua decisão quanto ao modelo a seguir. O autor refere ter assistido a sessões de um curso de filosofia experimental ministrado pelo experimentador da Royal Society, John Theophilus Desaguliers, de quem era “bom amigo”, nas quais era utilizada uma máquina para explicar o fenómeno das marés, sendo salientado que “as demonstraçoens, que se fazem com dita Maquina, tem lugar, e

---

<sup>7</sup>As referências ao sistema coperniciano em obras escritas em português na primeira metade do século XVIII são raras. Em 1734, D. Luís Caetano, referiu o sistema coperniciano na sua obra *Geografia Historica de todos os Estados Soberanos de Europa*, tendo o cuidado de enfatizar que “a explicação, que aqui fazemos deste Systema, he ó tomando-o como hypothesi, e sogeitandonos em tudo às decisioens da Igreja” (p. 140). O autor alude nas páginas seguintes aos argumentos contra a teoria copernicana, sendo dada alguma ênfase às respostas dos copernicianos contra esses argumentos. Esta é uma das primeiras obras onde estes assuntos são abordados com algum detalhe, ainda que apenas no plano especulativo. Devido ao facto de a teoria ser considerada como herética havia o receio de que a Inquisição pusesse entraves, o que provavelmente explica o facto de o modelo coperniciano ter demorado ainda alguns anos a ser aceite. Ainda em 1751, nas aulas da congregação do Oratório, era ensinado o sistema geoheliocêntrico de Tycho Brahe, segundo o qual o Sol e a Lua rodam em torno da Terra, rodando os restantes planetas em torno do Sol e que era um compromisso entre os modelos geocêntrico e heliocêntrico.

<sup>8</sup> Na BACL, na colecção dos livros que pertenceram à Biblioteca do Convento de Jesus, existe uma primeira edição da obra de Copérnico, evidenciando o facto de a obra ser perfeitamente conhecida dos jesuítas portugueses logo após a sua publicação. A proibição da Igreja e a inclusão da obra no *Index Expurgatorio* terão sido determinantes para que em meados do século XVIII o heliocentrismo não pudesse ainda ser referido pelos autores portugueses sem que houvesse a possibilidade de problemas com a Inquisição.

<sup>9</sup> A Inquisição portuguesa demorou muito tempo a adaptar-se às novas regras de censura de livros. Mesmo depois de o papa Bento XIV ter permitido a leitura da obra de Copérnico, os censores da Inquisição continuavam a seguir as regras definidas anteriormente.



confirmam a seguinte *Theorica*, quer seja o Sol que se mova, quer a Terra “ (Sarmiento: 1737). Mesmo que, a seguir, critique o facto de apenas nos países ibéricos existirem entraves à difusão da filosofia newtoniana (Sarmiento, 1737: *viii*), salientando a influência das ideias de Aristóteles e de Descartes, é evidente a sua preocupação em não afrontar a deliberação emanada pela Santa Sé por decreto papal<sup>10</sup>.

No prólogo ao leitor é referido que a obra foi escrita em português em vez de utilizar “humana lingua mais geral” (Sarmiento, 1737:*Prologo ao Leytor*<sup>11</sup>), devido ao seu amor pela pátria. Assim, é salientado o facto de a *Theorica* se tratar de uma obra ímpar, dado ser a primeira escrita na Europa em idioma nacional a abordar a explicação do fenómeno das marés de acordo com as ideias de Newton.

O livro de Sarmento distingue-se de outras obras newtonianas publicadas na Europa na mesma altura. Um ano depois da edição da *Theorica*, Francesco Algarotti (1712-1764) publicou a sua obra *Newtonianismo para as Senhoras* (1738), onde as ideias de Newton são apresentadas de uma forma simplificada, adequada para leitores com poucos conhecimentos de matemática. A obra foi escrita na forma de diálogo, seguindo estratégias narrativas muito vulgares na época<sup>12</sup>, tendo alcançado um sucesso assinalável, não só em Itália<sup>13</sup> mas também em outros países europeus, incluindo a Inglaterra<sup>14</sup>. No mesmo ano, Voltaire (1694-1778) publicou os *Elementos da Filosofia Newtoniana* (1738), tendo o livro alcançado um impacto significativo entre o público leitor, tendo também sido traduzida para outros idiomas. Em qualquer um dos casos, o facto de os autores terem adoptado um estilo acessível ao leitor comum teve uma implicação directa no sucesso alcançado pelas duas obras, ao contrário do que sucedeu com a *Theorica*.

A *Theorica* teve apenas uma edição, tendo provavelmente sido impressos entre duzentos e duzentos e cinquenta exemplares. Não existem indicações quanto ao seu impressor, sendo possível que tenha sido o mesmo da *Materia Medica*, já que foram impressas com um, ou dois anos, de diferença. Apesar de ter sido impressa em 1737, a *Theorica* só foi anunciada na *Gazeta*

---

<sup>10</sup> Só após a confirmação da previsão relativa ao avistamento do cometa Halley, se tornou possível aos autores portugueses aludirem ao modelo heliocêntrico – para mais informações sobre a importância das obras publicadas sobre cometas, consultar, Pinto, 2007.

<sup>11</sup> Curiosamente, e ao contrário de outras obras de Sarmento, a *Theorica* contém uma Dedicatória e um Prólogo ao Leitor. Em qualquer uma das partes podem ser encontradas referências ao modo como a obra foi escrita e quais os objectivos do autor.

<sup>12</sup> A obra *Conversas sobre a Pluralidade dos Mundos* (1686), escrita por Bernard de Fontenelle (1657 – 1757), uma das primeiras obras onde se abordam temáticas científicas destinadas ao público em geral também está escrita sob a forma de diálogo. A obra alcançou um sucesso assinalável, sendo uma das formas pelas quais o cartesianismo se difundiu entre as classes letradas europeias (Terrall, 2000). O padre Teodoro de Almeida adoptou a mesma estratégia na escrita da *Recreação Filosófica* (1751), a obra portuguesa de filosofia natural de maior sucesso do século XVIII.

<sup>13</sup> A primeira edição da obra de Algarotti foi proibida pela Inquisição. Esse facto não teve qualquer tipo de implicação no sucesso da obra. As edições posteriores foram retiradas do *Index Expurgatorium*.

<sup>14</sup> Um ano após a publicação da obra em italiano já se encontrava disponível no mercado inglês uma tradução.

de Lisboa de 28 de Dezembro de 1741, desconhecendo-se as razões que motivaram um hiato tão longo entre a impressão e a sua comercialização.

A obra é relativamente rara, tendo sobrevivido um número reduzido de exemplares<sup>15</sup>. Ainda assim, esteve disponível no mercado durante muitos anos, até meados do século XIX<sup>16</sup>.

Ainda no prólogo ao leitor, o autor faz a apologia por a *Theorica* ter sido escrita por um médico, isto é, por alguém que poderia não possuir os conhecimentos necessários para a poder apresentar com a qualidade necessária. Na sua opinião, contudo, a explicação do fenómeno das marés era do interesse dos médicos, dado o facto de as doenças estarem sujeitas às mesmas forças que intervêm nas marés. Como exemplo desta afirmação, são referidas as “furias dos Maniacos, que repetem com mayor vehemencia na lua nova, e na lua cheia”. É indicado que a influência da Lua e do Sol nas doenças humanas era conhecida desde a Antiguidade, tendo sido Newton o primeiro a explicar como actuam essas forças. O leitor é exortado a ler uma obra de Richard Mead intitulada *De Imperio Solis, ac Lunae in Corpora Humana, et Morbis inde oriundis* (*Sobre a Influência do Sol e da Lua nos Corpos Humanos e das Doenças provocadas*) onde se considera a existência de uma relação directa entre as forças exercidas pela Lua e pelo Sol e o aparecimento de algumas doenças. Mead foi um dos médicos da Royal Society com quem Sarmiento terá estabelecido contacto, devendo ser salientado que o médico inglês gozava de enorme prestígio entre a classe médica inglesa.

No final do prólogo dedicado ao leitor, é mencionada a obra *Elementos de Geometria e Trigonometria Plana* (1737) do Padre jesuíta Manoel de Campos. Na opinião do autor da *Theorica*, esta obra podia ser considerada como uma introdução à filosofia newtoniana, sendo a sua edição reveladora de que algo estaria a mudar entre as elites portuguesas. Tendo em conta que o livro de Campos foi publicada em 1737, isto é, no ano em que a *Theorica* terá sido impressa, isso pode significar que o Prólogo ao leitor deverá ter sido escrito após a impressão do corpo principal da obra. Por outro lado, esta parte do livro não tem numeração das páginas, o que corrobora essa hipótese<sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup>No seu artigo “Sobre a Aceitação da Filosofia Newtoniana em Portugal”, Rómulo de Carvalho refere que apenas teve contacto com quatro ou cinco exemplares, mas é certo que o número real é maior. Da pesquisa realizada existem em Portugal pelo menos seis exemplares – dois na BN, dois na BACL, um na Biblioteca da Universidade de Coimbra e outro na Biblioteca da Universidade de Évora. No estrangeiro existem mais exemplares, nomeadamente em Inglaterra.

<sup>16</sup> Num catálogo de um livreiro lisboeta datado de 1819, (Cf. ANTT, RMC, Cx. 494, nº 45) a obra é mencionada, quase um século depois de ter sido editada.

<sup>17</sup> Nesta altura, os livros eram muitas vezes comprados sem serem encadernados, sendo relativamente fácil acrescentar algumas páginas aos livros já impressos.

### 3. A *Theorica Verdadeira das Mares* e a divulgação da filosofia newtoniana

A *Theorica* foi claramente influenciada pelos artigos de Halley publicados nas *Philosophical Transactions* sobre a explicação do fenómeno das marés, e provavelmente pela obra de David Gregory intitulada *The Elements of Astronomy, Physical and Geometrical* (1715). De resto, o título da obra é igual ao título do artigo de Halley sobre o fenómeno das marés publicado nas *Philosophical Transactions*. Uma comparação dos dois textos permite concluir que alguns trechos da *Theorica* são adaptações de partes dos artigos de Halley<sup>18</sup>. Ainda assim, muita da informação contida na obra é da autoria de Sarmiento, até porque uma parte significativa da *Theorica* não é dedicada à explicação do fenómeno das marés.

#### 3.1. Elogio a Newton

A *Theorica* inicia-se com o elogio de Newton, dando conta, em primeiro lugar, da profunda reverência do povo inglês para com o filósofo natural inglês sendo referido o facto de a própria Rainha da Inglaterra considerar uma “das venturosas circunstancias da sua Vida” ter vivido na mesma altura em que Newton viveu. Sarmiento refere de forma laudatória que:

Mas o que faz, e fará sempre mais perfeito, e completo o seu Character Illustre, he, que as virtudes Moraes da Humanidade, Amizade, Generosidade, Humildade, Modestia, &c. estavam nelle em hum gráo tam superior, como o da Sagacidade, e penetração, que o dirigiram na investigação da mais sublime Geometria (Sarmiento, 1737:2)

A “mais sublime Geometria” permitia o acesso aos “mais intrincados, e perplexos Phenomenos da Natureza” (Sarmiento, 1737:2), como o fenómeno das marés. A “sublime Geometria” a que Sarmiento alude pode ser uma indicação de que estaria a pensar no “Geometra Todo Poderoso”, considerado no Scholio com que a obra termina e que já foi mencionado no Capítulo I.

A polémica entre os matemáticos ingleses e Gotfried Leibnitz (1646-1716) quanto à prioridade no desenvolvimento do “admiravel Methodo das Fluxões” é apresentada como exemplar do modo como Newton conduzia a sua vida privada. Apesar de Newton ter sido o primeiro a desenvolver o referido método, num artigo escrito quando tinha apenas 25 anos, existente na Royal Society, a que Leibnitz terá tido acesso aquando da sua estadia na capital inglesa, o

---

<sup>18</sup> No seu *Manifesto* dedicado à determinação da longitude, D. Carlos de Vico refere claramente que a obra de Sarmiento é a cópia da Teórica das Marés de Newton (ver Vico, 174?: s.n.p.). Deve ser notado que Newton não escreveu nenhum tratado independente sobre as marés. Pelo contrário, Halley escreveu alguns artigos, editados nas *Philosophical Transactions*. Assim, não se pode ter a certeza de que Vico sabia do que estava a falar.

filósofo natural inglês declinou sempre intervir diretamente na polémica<sup>19</sup>, mantendo discrição e comedimento nas suas acções.

A importância do método das fluxões na elucidação de diversos fenómenos é salientada, sendo referido que a sua utilização em conjunto com a:

Theorica da Gravidade, ou Principio de que toda a Materia peza ou pende para a Materia, levou os seus escrutínios da Natureza a huma tam grande perfeiçam, que excede muito tudo o que nos consta fizeram os Philosophos assim Antigos, como Modernos todos juntos (Sarmiento, 1737:4)

o que é uma evidência clara do modo entusiástico com que o autor da obra encarava os sucessos científicos de Newton.

O elogio das qualidades de Newton é feito tendo em conta não só os seus feitos na filosofia natural, mas também o sucesso alcançado no desempenho das suas funções públicas. Em 1696, Newton foi nomeado Vice Provedor da casa da moeda, tendo desempenhado este cargo com grande eficácia e rigor. A seguinte passagem alude mais uma vez ao carácter único do filósofo natural inglês: “As suas Virtudes, e perfeições Moraes, dam tam justo, e extensivo fundamento para Panegyrico, como os seus profundos Descobrimento da Natures” (Sarmiento, 1737:32). Este excerto é exemplar do modo como o médico português encarava Newton. No seu entender, para além do seu génio matemático, que havia permitido a explicação de diversos fenómenos naturais, Newton era também um ser virtuoso e imaculado. A associação das virtudes intelectuais com as virtudes morais dá uma justa medida do seu apreço pelo célebre filósofo natural inglês.

### **3.2. Planetas, cometas e a Terra – o poder explicativo da Teoria da Atracção Universal.**

O entusiasmo de Sarmiento decorreu provavelmente do facto de a teoria da gravidade permitir explicar um conjunto significativo de fenómenos naturais, incluindo os movimentos dos planetas e dos cometas em torno do Sol e a determinação da forma da Terra, elucidando assim algumas antigas questões da Astronomia.

O autor da *Theorica* refere a importância dos trabalhos do “Sagacissimo” Kepler na elucidação da forma das órbitas dos planetas e na descoberta de que os períodos de rotação dos planetas em

---

<sup>19</sup> Para mais informações sobre esta temática ver Westfall, 1980. Newton não entrou directamente na polémica, mas instruiu os seus seguidores, como Samuel Clarke, no modo como deveriam conduzir a questão. Ver também Guerlac, 1981.

torno do Sol se relacionam com as distâncias a que se encontram do Sol<sup>20</sup>. Newton, porém, deste “mesmo Principio fez Demonstraçam, que esta e não outra proporção se devia guardar no movimento dos planetas” (Sarmiento, 1737:5), aludindo ao facto de a relação encontrada por Kepler ser uma consequência da Teoria da Atracção Universal.

Outra questão antiga cuja resolução foi possível devido ao trabalho de Newton foi a de qual seria a forma dos planetas. Tendo em conta o seu movimento de rotação em torno de um eixo próprio, Newton concluiu que o diâmetro equatorial da Terra deveria ser superior ao seu diâmetro polar, e que, portanto, a sua forma deveria ser esferoide. Deve ser notado que na altura em que a *Theorica* foi publicada ainda não existiam provas conclusivas sobre esta questão. Em 1736, a Academia Real das Ciências de Paris patrocinou expedições científicas com o objectivo de verificar a veracidade das conjecturas de Newton (Terrall, 2002), mas à data da impressão da *Theorica* ainda não se conheciam os resultados das referidas expedições.

O facto de a Terra ter forma esferoide tinha implicações na determinação da cronologia antiga, tendo Newton dedicado algum tempo a esta questão e publicado uma obra onde a aborda, envolta, de resto, em alguma polémica<sup>21</sup>. Como consequência do movimento de rotação complexo decorrente da forma esferoide da Terra, Newton previu que deveriam ter ocorrido alguns erros na determinação de datas importantes para a História Antiga.

Sarmiento também demonstrou interesse por esta temática tendo feito a tradução da versão resumida da obra de Newton dedicada à cronologia. O manuscrito da tradução, que terá sido feita em 1737, o ano da impressão da *Theorica*, intitula-se *Chronologia Newtoniana Epitomizada*, e foi dedicado<sup>22</sup> a José Francisco António Inácio Norberto Agostinho (1714-1777), filho de D. João V, príncipe do Brasil e futuro rei de Portugal. O autor da *Theorica* queria certamente continuar a manter abertos os canais de comunicação com Portugal, procurando obter o patrocínio de personalidades importantes<sup>23</sup>. Ainda assim, deve ser salientado

---

<sup>20</sup> Trata-se da 3.<sup>a</sup> lei de Kepler segundo a qual, o quadrado do período de rotação de um planeta é directamente proporcional ao cubo da distância a que se encontra do Sol.

<sup>21</sup> Como Sarmiento refere na sua Dedicatória, Newton escreveu um resumo da sua cronologia para Carolina, Princesa de Gales, tendo entregado uma cópia desse resumo a Antonio Schinella Conti (1677-1749), conhecido vulgarmente como Abade Conti, com quem manteve relações de amizade aquando da estadia do clérigo em Londres. Anos mais tarde, Conti decidiu entregar esse manuscrito a um impressor francês, tendo esse facto chegado ao conhecimento de Newton, que não ficou nada satisfeito com a situação, tendo, de resto, publicado um artigo nas *Philosophical Transactions* onde denuncia o que para si havia sido um acto de pura pirataria. Cf. *PT*, 33, 389, 1725.

<sup>22</sup> No início da Dedicatória ao futuro rei D. José I, pode ser constatada mais uma vez a admiração de Sarmiento por Newton. Sarmiento indica que “o manuscrito que se segue, e postrado aos pés de V. R. Alteza, lhe offerece como tributo huma vontade toda Lusitana, foi originalmente escrita na Lingoa Ingleza pelo Cavalhero Isaac Newton, bem conhecido no Mundo Literario, por hum dos mayores genios, que produzirão os passados, e assombro do nosso seculo” (Sarmiento, 1737<sup>a</sup>: *Dedicatoria*), sendo notório o seu patriotismo. A “vontade toda Lusitana”, a que alude, é um sinal evidente da sua afeição pelo seu país, mesmo que se enquadre na retórica seguida na escrita da dedicatória.

<sup>23</sup> O seguinte excerto, retirado da Dedicatória da *Chronologia* é elucidativo do modo como Sarmiento procurava estabelecer o seu prestígio. “E como eu ja mais posso esperar de escrever cousa alguma proprio, que seja digna de chegar as mãos de V. R. Alteza, e o ser esta obra compilada para educação dos

que a obra não chegou a ser publicada, desconhecendo-se qual terá sido a reação do futuro rei de Portugal.

Prosseguindo a descrição de como a teoria de Newton podia ser utilizada em diversos contextos, Sarmiento alude ao facto de esta ter permitido a determinação rigorosa da órbita da Lua em torno da Terra, e que esse conhecimento estava a ser utilizado por Halley para encontrar um método fiável para a determinação da longitude<sup>24</sup>.

Depois de aludir aos fenómenos explicados por meio da teoria desenvolvida por Newton, Sarmiento refere quais os princípios em que aquela se baseia: a “Doutrina das Forças Centraes, e a Resistência dos Médiuns para os corpos que se movem nelles” (Sarmiento, 1737:8). De acordo com a “doutrina das forças centraes”, os planetas são mantidos nas suas órbitas devido a duas forças, uma “pela qual os Planetas tendem para o Sol”, e outra, perpendicular à primeira que, se não fosse contrariada, faria com que o planeta se movesse em linha recta. Relativamente à resistência dos meios, o autor refere que este princípio é deduzido a partir “da mais infallivel, e profunda Geometria” (Sarmiento, 1737:10). É neste contexto que é feita a crítica às ideias de René Descartes, nomeadamente à sua teoria dos vórtices, sendo referido que Descartes inventou “hum Systema de Philosophia inteiramente acomodado às apreensões, e concepções dos ignorantes, e rudes, em que supõem, que todos os Planetas devem o seu movimento a roda do Sol, a outros tantos Redemoinhos, ou Vortices de Materia Celeste” (Sarmiento, 1737:10), notando que, provavelmente por ser fácil de entender, havia alcançado um sucesso significativo. Considerando que o filósofo francês havia contribuído para a ruína das “Physicas de Aristoteles”, Sarmiento acusa-o, contudo, de ter caído no mesmo erro ao basear o seu sistema na invenção e na imaginação, em vez de “observar attentamente os Phenomenos da Natureza, e delles deduzir taes Causas, que podiam produzir universalmente os mesmos Phenomenos por Leys Mechanicas; e achadas ditas Causas, se devem admitir como Leys, ou Causas secundarias, pelas quaes se governa, e se conserva a Natureza” (Sarmiento, 1737:11, 12). A teoria dos vórtices teve um sucesso significativo na Europa culta dos finais do século XVII e início do século XVIII. Obras como os *Entretiens sur la Pluralité des Mondes* (1686), de Bernard de Fontenelle (1657–1757), onde as ideias de Descartes eram apresentadas de um modo simples, elegante e acessível, alcançaram um sucesso significativo um pouco por toda a Europa, incluindo a Inglaterra (Terrall, 2000:242–4). Com o passar do tempo, contudo, e devido à constatação do alcance da teoria newtoniana, cuja aplicação permitia a explicação de diversos

---

Principes de Inglaterra, e originalmente escrita por hum genio, que fes nas principais artes, e sciencias mayores descobrimentos em poucos annos, do que todos os Sabios antes delle puderaõ conseguir em muytos seculos, a fazem huma offerta tam digna por si propria que não pode desmerecer pella indignidade de quem a dedica, devo esperar, que na aceitação, e uso que V. R. Alteza fizer della, fique complectam<sup>te</sup> satisfeito o trabalho, que seu immortal Autor pôs em compilada, e gloriosamente premiado, o que eu tive em traduzilla, e trazela a esta forma.” (Sarmiento, 1737a: *Dedicatoria*). Sarmiento procura minimizar a importância do seu trabalho, enfatizando a importância de Newton.

<sup>24</sup> Sobre a questão da longitude consultar o Capítulo II.

fenómenos, incluindo o fenómeno dos cometas, a teoria dos vórtices foi perdendo influência entre as elites intelectuais europeias.

Notavelmente, e na sequência da referência ao facto de os sistemas aristotélico e cartesiano terem sido suplantados, o autor da obra afirma que, no caso da teoria da atração universal tal seria impossível, dado esta ser baseada na matemática e na geometria<sup>25</sup>, o que é mais uma manifestação do seu compromisso para com o newtonianismo.

### 3.3. A óptica de Newton

O *Optiks*, editado por Newton em 1704, alcançou um sucesso editorial significativo, tendo sido uma das principais referências para a física experimental do século XVIII (Bensaude-Vincent, Stengers, 1996:73). Dado o facto de não estar escrito em linguagem matemática, a obra era muito mais acessível do que os *Principia*, para além de abordar questões de índole prática, indicando quais os modos como se poderia aceder ao conhecimento dos fenómenos naturais.

Assim, e de forma significativa, o médico português dedicou uma parte importante da sua obra a relatar os resultados das célebres experiências ópticas realizadas por Newton com o prisma óptico e as conclusões a que havia chegado.

As experiências com a luz realizadas pelo filósofo inglês permitiram elucidar alguns fenómenos ópticos conhecidos, como a refacção e a dispersão. Quando Newton fez passar um raio luminoso por um prisma, observou a criação de um “corpo de Luz comprido e de varias cores” (Sarmiento, 1737:15), tendo verificado que as cores formadas eram sempre as mesmas, aparecendo sempre segundo a mesma ordem. As experiências também permitiram concluir que quando essas cores eram combinadas por meio de uma lente se voltava a observar o aparecimento de luz branca. Tendo em conta os resultados destas experiências e de outras, Newton conseguiu definir cinco princípios que constituem o fundamento da sua teoria sobre a luz. Tendo em conta esses princípios é referido que:

A diferença, e variedade assim das cores símplices, e originaes, como das mixtas, nos corpos naturaes, depende, como nos ensina o nosso Philosopho Illustre, de huma certa e particular structura, textura, e situação das partes dos corpos, que os dispõem differentemente para transmitir, reflectir, refrangir, ou absorber os rayos da Luz (Sarmiento, 1737:17),

de onde se podia concluir que qualquer “Causa”, como o ar ou a água, que possa mudar a “estrutura, textura, ou situaçam” das partes de um corpo, pode provocar a alteração da sua cor.

---

<sup>25</sup> A afirmação de Sarmiento foi algo premonitória, já que a teoria de Newton continua a ser aplicada em diversas situações. Mesmo se a física einsteiniana tenha de ser considerada em diversas aplicações, a física newtoniana é utilizada vulgarmente para a resolução de problemas quotidianos.

De modo a sustentar esta afirmação, o autor da *Theorica* refere diversas situações experimentais<sup>26</sup> em que a acção das referidas “Causas” determinava a alteração da cor de corpos, concluindo que “todos estes experimentos, que a verdadeira Chymica Experimental, e Philosophica nos tem mostrado não somente confirmam o Experimento que se faz com o Prismo, mas tambem a Doutrina Universal das cores do nosso Immortal Philosopho” (Sarmiento, 1737:26). Este excerto evidencia a importância atribuída por Sarmiento à obra de Newton sobre a óptica, reconhecendo a importância em seguir métodos racionais como única forma de poder aceder ao conhecimento e compreensão dos fenómenos naturais.

### 3.4. Conteúdo da Obra

Apenas na página 38 se inicia propriamente a explicação do fenómeno das marés, começando o autor por referir a importância de Kepler, dado ter sido o primeiro a considerar a importância do Sol e da Lua na explicação deste fenómeno. De seguida, é feita alusão ao facto de a teoria de Newton se basear num princípio simples, o da gravidade, sendo omissa, contudo, a explicação deste princípio, afastando do texto uma discussão que poderia ser complicada. Ao omitir a discussão relativamente à natureza da gravidade, Sarmiento estava a seguir aquilo que o próprio Newton fez<sup>27</sup>. Na sua opinião “*Gravidade* he aquella força, pela qual os corpos tendem para a Terra, ou centro della, e a Ley porque obra he, que a sua força lhe vay diminuindo á proporção que o quadrado da distancia vai crescendo” (Sarmiento, 1737:39), devendo ser notado que esta definição não explica o que é a gravidade. De facto, afirmar que se trata de uma força que a Terra exerce sobre os corpos, não esclarece de modo algum a sua natureza. Assim, e em vez de entrar numa discussão improdutiva, o médico português preferiu aludir com mais pormenor à lei da atracção universal, descrevendo como varia o valor da força de atracção gravítica com a distância que separa a Terra dos corpos.

Depois desta breve apresentação da teoria da atracção universal e da gravidade, Sarmiento considera com detalhe o fenómeno das marés. A explicação do modo como ocorrem as marés é relativamente complicada, utilizando algum formalismo matemático e recorrendo a diversas figuras que ajudam a compreender o texto. Para terminar, o newtoniano português inclui a tradução de um extracto de uma obra de Edmund Halley sobre as marés, que, como vimos, terá

---

<sup>26</sup> A descrição das diferentes experiências, realizadas com o objectivo de verificar as descrições contidas no *Optiks*, evidencia o facto de Sarmiento estar familiarizado com as operações “Chymicas”. Como foi referido nos capítulos IV e VI, a proficiência laboratorial de Sarmiento terá sido fundamental para a obtenção da sua Água de Inglaterra e para a realização das experiências com águas minerais.

<sup>27</sup> A explicação da natureza da gravidade é feita de forma muito resumida. É assumido o facto de a força operar, mas nada é dito quanto à sua natureza. Recentemente as pesquisas levadas a cabo no CERN (Centre Européen pour la Recherche Nucléaire) têm procurado responder à questão de saber qual a natureza da gravidade. Para mais informações sobre o tema consultar, por exemplo, Hawking, Stephen, *O Universo numa Casca de Noz*, Lisboa: Gradiva, 2002.



servido de base para a escrita da sua obra. Halley foi uma figura central na publicação dos *Principia*, (Westfall, 1980), sendo uma das figuras de maior prestígio da Royal Society.

No final da obra é apresentado um Apêndice, onde se explica a razão de a Lua se manter na sua órbita em torno da Terra por acção da gravidade. Notavelmente, esta é a parte da obra onde os conhecimentos de geometria são mais necessários de modo a se poder acompanhar o raciocínio. O autor da *Theorica* considera a força centrípeta e a força centrífuga de modo a explicar o facto de a Lua se manter na sua órbita. Deve ser notado que a “força centrífuga” referida por Sarmiento não é uma força, mas sim a velocidade orbital da Lua. Esta “força” é definida como “aquela que impelle hum corpo em huma direcção perpendicular à em que a força *Centripeta* obra, e assim obriga o mesmo corpo a hirse apartando do tal ponto, para o qual a força *Centripeta*, tem a sua tendência” (Sarmiento, 1737:108). No entanto, se fosse uma força, esta seria tangencial, o que levaria ao aumento da velocidade da Lua, o que não corresponde à realidade.

A obra inclui ainda uma “Gloza dos Termos e palavras difficultosas, que se contem e não puderam ommitir neste Tratado, das quaes algumas corrompemos, e achamos proprio para augmento della, o trazelas á nossa Lingua Portuguesa”, sendo evidente a preocupação do seu autor em tornar a sua inteligível para o maior número de leitores possível.

#### 4. A *Theorica* e a circulação das ideias de Newton em Portugal

A *Theorica* não terá desempenhado um papel relevante na disseminação das ideias de Newton em Portugal. A utilização do formalismo matemático poderá ter comprometido o sucesso da obra, impedindo o leitor vulgar de a entender, para além de o assunto abordado ser muito específico. Quanto às elites intelectuais portuguesas, não existem quaisquer indícios de que a obra tenha sido recebida com interesse, não sendo mencionada em nenhuma das obras de filosofia natural editadas em Portugal nos anos seguintes.

Teodoro de Almeida, que, como vimos, foi proposto por Sarmiento para sócio da Royal Society, descreveu a teoria newtoniana das marés no tomo VI da *Recreação Philosophica* (1761), sem fazer qualquer alusão à *Theorica*, nem ao seu autor, enfatizando, porém, o papel<sup>28</sup> desempenhado por Bento de Moura Portugal na elucidação de algumas das imperfeições da teoria das marés de Newton (Almeida, 1761:382). A única indicação de que a obra foi lida aparece no *Manifesto* de D. Carlos de Vico, como foi referido no Capítulo II. Ainda assim, deve ser notado que Vico não era português.

---

<sup>28</sup> Almeida descreve outros aspectos das inovações introduzidas por Moura Portugal nas *Cartas Fisico-Mathematicas De Theodozio A Eugenio, Para servir de Complemento à Recreação Philosophica*. (1784). Nessa obra, Almeida refere ter construído uma máquina similar à que Desaguliers utilizava para explicar a teórica das marés, tendo considerado na sua construção os conselhos de Moura Portugal

A *Theorica* é uma obra revolucionária, que aborda algumas temáticas polémicas, sendo por isso interessante não ter existido qualquer tipo de reacção. Mesmo que o simples facto de a obra ter estado disponível no mercado livreiro revele a existência de alguma abertura por parte das autoridades nacionais, deve ser notado que Sarmento possuía um estatuto privilegiado, devido à sua relação privilegiada com membros da corte portuguesa, próximos do rei, como o 4.º conde da Ericeira, Assim, e como vimos, a obra não foi analisada por censores, o que é indicativo do estatuto do seu autor<sup>29</sup>.

A difusão do newtonianismo em Portugal e, de um modo mais geral, das ideias dos modernos, foi um processo complexo e lento que decorreu desde a primeira metade do século XVIII até à reforma pombalina dos Estatutos da Universidade de Coimbra. A historiografia nacional identificou quais as razões justificadoras do atraso português relativamente aos países do centro da Europa, e analisou com detalhe a resposta das elites portuguesas<sup>30</sup>. Nesse contexto, pode concluir-se que a *Theorica* apareceu provavelmente cedo demais, numa altura em que ainda não existia uma percepção clara das implicações dos novos sistemas. Apesar de o processo em curso se tratar de uma autêntica revolução, dado significar uma alteração profunda do modo como se encarava o mundo e das formas pelas quais se podia aceder ao seu conhecimento, a maior parte das elites portuguesas manteve uma postura de alguma desconfiança e cepticismo, que demorou a ser alterada. Assim, e mesmo que a obra tenha sido lida por um número significativo de leitores, o que é duvidoso, é muito provável que tal facto não tenha tido qualquer impacto digno de registo.

Também não é possível ter uma ideia muito clara quanto ao número de pessoas que terá adquirido o livro. A consulta das listas de bibliotecas particulares, enviadas na sequência do edital da Real Mesa Censória, em 1769, permite concluir que é muito pouco vulgar, existindo num número reduzido de bibliotecas particulares<sup>31</sup>. Deve ser notado, contudo, que muitas pessoas foram escusadas de enviar as suas listas, incluindo os médicos familiares do Santo Ofício e a maior parte da nobreza. Curiosamente, a obra é mencionada no catálogo da biblioteca existente na missão jesuíta em Beitang (Golvers, 2011:137). A lista terá sido elaborada em 1785, o que é um sinal que, passados 50 anos, a obra continuava a ser encontrada em bibliotecas de particulares.

---

<sup>29</sup> Se a obra tivesse sido analisada por censores da Inquisição teria sido provavelmente sujeita a alguns cortes. Por exemplo, a afirmação de que Deus é um “Geómetra Todo Poderoso”, incluída no Scholio com que a obra termina, dificilmente passaria no crivo dos censores.

<sup>30</sup> Ver por exemplo, Silva Dias, 1952.

<sup>31</sup> Deve ser notado que entre estes se encontravam um cônego e um médico. Como o número é muito reduzido não é possível tirar quaisquer conclusões. Deve ser notado que as bibliotecas onde a *Theorica* estava presente possuíam um número significativo de obras científicas.

## 9. Conclusão

A *Theorica* é a única obra científica de Sarmiento que não aborda temáticas relacionadas com a medicina, merecendo por isso um especial destaque. Por outro lado, e como foi salientado pela historiografia portuguesa sobre a difusão do newtonianismo em Portugal, é a primeira obra escrita por um autor português, assumidamente newtoniana quer em conteúdo, quer em forma. Para além da teórica das marés, a obra inclui o primeiro esboço de uma biografia de Newton, dando ainda a conhecer alguns dos aspectos da sua obra científica, merecendo especial destaque a parte dedicada às investigações de Newton sobre os fenómenos luminosos. No entanto, e como foi referido, a *Theorica* não teve o impacto pretendido pelo seu autor, dado não ser mencionada em outras obras escritas por autores portugueses contemporâneos de Sarmiento. Assim, e apesar do seu brilhantismo e do seu carácter revolucionário, que a tornam ímpar no contexto dos livros científicos portugueses de setecentos, a obra não terá sido relevante na difusão e apropriação do newtonianismo em Portugal<sup>32</sup>.

---

<sup>32</sup> Este argumento não invalida a possibilidade de a obra ter tido algum impacto entre o público leitor contribuindo, ainda que pontualmente, para a apropriação das ideias de Newton.



## CONCLUSÕES

*Dou como exemplo Henrique de Castro Sarmiento. . . — Foi meu condiscípulo— atalhou Braz de Abreu. — Pois então sabe vossemecê que elle está em Londres, com o nome de Jacob de Castro Sarmiento, em tanto credito e dignidade que, pouco há, foi elevado à categoria de membro do colégio real dos médicos, e sócio da academia real de Londres? Este grande sábio, e co-reformador da ciência, que seria hoje em Portugal, se não se evadissemos daqui quatro anos depois de licenciado? (Camilo Castelo Branco, 1866, 171-2)*

*Como quer que fosse, o dr. Jacob, na sua Materia Medica de 1735, encarece muito a sua composição (da Água de Inglaterra), ao mesmo tempo que não perde ocasião, apontando para o testemunho de pessoas notáveis d'este reino, de notar em phrase polida e calculadamente defeitos e falta de efficacia na agua das sezões preparada em Lisboa pelos herdeiros do dr. Fernando Mendes. (Pedro José da Silva, 1866: 139)*

O primeiro olhar sobre Sarmiento suscitou diversas questões historiográficas relevantes sobre a sua vida e obra. A imagem construída pelo médico português, e que é veiculada pelos seus dois retratos, decorreu essencialmente do prestígio alcançado em Londres e da sua actividade enquanto autor de obras médicas e científicas. No entanto, e como vimos essa imagem não pode ser considerada de forma simplificada.

De facto, passados os primeiros cem anos após a sua morte, a postura das elites intelectuais portuguesas relativamente ao médico exilado em Londres não era consensual. Castelo Branco menciona Sarmiento num romance sobre a vida do médico português Brás Luís de Abreu (1692–1756), intitulado *Olho de Vidro*<sup>1</sup> (1866), apelidando-o de “grande sábio” e “co-reformador da ciência”, salientando que se tivesse permanecido em Portugal não teria alcançado o mesmo estatuto e prestígio. Contudo, o comentário feito por Pedro José da Silva na *Historia da Pharmacia Portuguesa*, publicada no mesmo ano em que o romance de Castelo Branco, é muito diferente. Silva reprova o modo como Sarmiento havia introduzido o seu medicamento de

---

<sup>1</sup> O título refere-se ao facto de Brás Abreu ser cego de um olho, usando por isso, um olho de vidro.

segredo no mercado português, acusando-o implicitamente de utilizar as suas relações pessoais para o publicitar e de investir o seu prestígio científico para denegrir a qualidade do medicamento concorrente. As diferenças entre os pontos de vista destes dois autores demonstram que nem todos consideravam o médico português como uma figura reformadora da medicina e da ciência não problemática.

Contudo, alguns anos mais tarde, quando os historiadores portugueses de meados do século XX redescobriram o século das luzes e a relevância do médico exilado em Londres, estas incongruências e paradoxos haviam sido obliteradas. Assim, e para a maior parte dos historiadores actuais, a opinião de Castelo Branco foi a que perdurou.

O presente trabalho teve como principal objectivo contribuir para um maior conhecimento das diversas facetas desta figura incontornável e polémica da medicina e ciência portuguesas de setecentos. De seguida, vamos indicar as principais conclusões dos capítulos anteriores, procurando enquadrá-las no contexto da medicina e ciência portuguesas do século XVIII

## **1. Conclusões - um olhar final**

A questão do judaísmo e a sua relação com o newtonianismo foram abordadas no primeiro capítulo, com o objectivo de a clarificar e de verificar se a acusação feita por William Wadd, de que Sarmiento teria utilizado a comunidade judaica para alcançar o seu sucesso profissional, era justificada.

Relativamente à primeira questão foi possível concluir que judaísmo e newtonianismo se encontram intimamente relacionados. De facto, e como foi devidamente fundamentado, a adesão ao newtonianismo foi concomitante com a sua admissão no seio da congregação de Bevis Marks, tendo o seu líder, David Netto, desempenhado um papel relevante nesse processo, dado o seu entendimento quanto à necessidade de estabelecer uma “Aliança Sagrada” entre a religião e as implicações das ideias de Newton.

A consideração de que a adesão de Sarmiento ao newtonianismo ocorreu muito pouco tempo após a sua chegada a Londres, contrasta com o que tem sido considerado pela historiografia sobre o médico português, nomeadamente por Goldish, que analisou com detalhe o percurso religioso de Sarmiento. Este autor considerou que a primeira alusão indicativa da conversão de Sarmiento ao newtonianismo foi feita em 1728, no citado elogio fúnebre a Netto. No entanto, e como foi referido, a dissertação sobre a inoculação das bexigas, publicada sete anos antes, já contém diversos elementos newtonianos, incluindo a alusão a uma força cuja intensidade variaria com o quadrado da distância, utilizada no argumento de como a doença deveria actuar no corpo humano, sugerindo que a sua adesão ao newtonianismo deve ter ocorrido nessa altura. Isso significa que o médico português teve muito tempo para se apropriar das implicações das ideias de Newton, tendo eventualmente alterado a sua postura relativamente ao deus judaico,

mesmo se essa alteração não o tenha levado necessariamente ao ateísmo, como foi sugerido por Goldish. Anos mais tarde, em 1737, no *Scholio* com que termina o texto principal da sua obra dedicada à teórica das marés de Newton, Sarmiento alude a um Deus geómetra, claramente newtoniano, radicalmente diferente do Deus considerado pela ortodoxia judaica, indicativo de que o seu pensamento religioso havia evoluído.

Ainda assim, a evolução do seu pensamento religioso não explica de forma cabal a sua posterior dissensão da comunidade judaica, já que diversos factores terão concorrido para essa decisão sendo difícil avaliar a sua relevância.

Da análise feita no Capítulo I, pode ser concluído que existiram diversos problemas entre Sarmiento e os membros da comunidade judaica londrina. Logo em 1724, foi acusado de ter delatado outros cristãos-novos à Inquisição portuguesa, o que deve ter tido repercussões nas suas relações com alguns dos membros da comunidade, mesmo se o inquérito realizado por ordem dos Anciões da comunidade o tivesse ilibado. Nos anos seguintes, o sefardita português foi admoestado diversas vezes pelos líderes da comunidade devido à sua postura frequentemente displicente quanto ao cumprimento dos ritos judaicos, provavelmente uma consequência do modo pouco ortodoxo como encarava a religião dos seus pais.

Finalmente, existem indicações de que, após a morte da sua primeira mulher, Sarmiento se terá casado com a sua amante anglicana, podendo ser este o principal motivo que o terá levado a abandonar a comunidade judaica. Assim, a sua dissensão não terá sido determinada pela sua adesão ao modo newtoniano de encarar o mundo.

Não foi possível confirmar se Wadd tinha razão na sua crítica velada a Sarmiento, dada a inexistência de dados que a permitam suportar. No entanto, e como foi argumentado, o médico português fugiu de Portugal devido à possibilidade de ser preso pela Inquisição, tendo escolhido para seu destino uma das cidades europeias onde era possível seguir a sua religião sem receio de ser perseguido, ou preso. Acresce o facto de nos primeiros anos de permanência em Londres terem sido identificadas algumas manifestações claras do seu compromisso para com a religião mosaica. Assim, pode ser concluído que, muito provavelmente, as acusações de Wadd não tinham fundamento.

No capítulo II foi analisada a importância da eleição de Sarmiento para sócio da Royal Society, tendo este acto sido considerado como um dos mais importantes da sua vida, dada a sua significância no contexto do seu papel enquanto divulgador científico e interlocutor privilegiado com Portugal. Foi notado que a morte de Samuda terá contribuído para a sua eleição, dada a aparente necessidade em haver um representante português na sociedade londrina que pudesse continuar a apresentar os resultados das observações astronómicas realizadas pelos jesuítas.

Através da sociedade londrina, Sarmiento conheceu diversos sócios influentes, incluindo Hans Sloane que foi o seu patrono na sociedade londrina. Como foi devidamente salientado, Sloane esteve envolvido activamente nos primeiros contactos estabelecidos pelo médico português com

a Academia Real de História e com o Reitor da Universidade de Coimbra, tendo também exercido a sua influência para que obtivesse o seu grau de doutor em medicina pela Universidade de Aberdeen.

Foi especulada a existência de uma cooperação entre os reinos português e inglês com o objectivo de estreitar as relações culturais entre os dois países, servindo a sociedade como intermediária. Como foi notado, todos os enviados portugueses junto da coroa britânica foram propostos para sócios por Sarmento, sendo este aspecto significativo, dado não ser crível que todos pudessem ser de utilidade para o prosseguimento dos intentos da sociedade, mesmo se a eleição para sócio da Royal Society não assentasse apenas em critérios científicos. Assim, e como foi sugerido, é possível que tal tenha decorrido de um acordo estabelecido entre os governos dos dois países.

O contacto com os enviados portugueses foi também muito importante para o médico português, por lhe ter permitido estabelecer relações de amizade com personalidades próximas do rei, como Diogo de Mendonça Corte-Real, Marco António de Azevedo Coutinho ou Sebastião José de Carvalho e Melo, que foram essenciais para o estabelecimento do seu prestígio junto da coroa portuguesa, conseguindo, por exemplo, que as suas obras científicas não fossem sujeitas à censura, apesar se abordassem questões polémicas, como as que são abordadas na *Theorica Verdadeira das Mares*.

Noutra perspectiva, considerou-se a actividade de Sarmento no âmbito da Royal Society como exemplar do modo como o conhecimento científico circulou durante o século XVIII entre os países do centro da Europa e os países periféricos como Portugal. Servindo de interlocutor entre a sociedade londrina e diversas personalidades, portuguesas e estrangeiras, espalhadas por diversas partes do mundo, o médico português permitiu e estimulou a comunicação de informação relevante, cumprindo de algum modo os propósitos da sociedade londrina. Neste contexto mereceram particular destaque as comunicações enviadas a Sarmento, que não foram publicadas nas *Philosophical Transactions*, dado as mesmas serem omissas na historiografia sobre esta temática. Estas comunicações revelaram que a actividade do médico português no âmbito da Royal Society foi significativa, permitindo concluir que deve ter participado com alguma regularidade nas sessões da referida sociedade.

O *Manifesto da Longitude*, de Carlos de Vico, foi considerado com algum pormenor dado abordar uma temática relevante no contexto da ciência e da tecnologia setecentistas e de ser a única referência impressa conhecida à *Theorica Verdadeira das Mares*. As comunicações de Sacheti Barbosa também foram consideradas com algum pormenor por revelarem o modo como o prestigiado médico de Elvas, responsável pela reforma do ensino da medicina na Universidade de Coimbra, procurou o patrocínio de Sarmento, certamente com o objectivo de conseguir a sua eleição para a reputada sociedade londrina e afirmar o seu prestígio em Portugal.



No terceiro capítulo, foi abordado o fabrico de medicamentos de segredo, um dos aspectos mais controversos da obra do médico português exilado em Londres e aquele que motivou reacções mais adversas. Os medicamentos de segredo são uma das características mais interessantes da medicina do século XVIII, numa época em que não existiam métodos de análise fiáveis capazes de elucidar a sua composição, e em que o conhecimento sobre as causas das doenças era incipiente, ou inexistente, sendo por isso difícil associar a presença de um dado componente num medicamento à sua eficácia no tratamento de uma dada doença.

O medicamento de segredo mais popular do século XVIII foi a Água de Inglaterra. Paradoxalmente, a sua composição era conhecida, sendo reconhecido que a planta utilizada na sua preparação, a *Quina quina*, era a responsável pelas propriedades febrífugas do medicamento. Foi devidamente salientado que, como a receita para a sua preparação era pública, qualquer pessoa conhecedora dos processos “Chymicos” necessários, a podia produzir. Assim, considerar a Água de Inglaterra como um medicamento de segredo parece algo abusivo, particularmente quando comparada com outros medicamentos de composição desconhecida e duvidosa, muitas vezes produzidos por pessoas sem qualquer tipo de formação específica. Este aspecto foi considerado com algum detalhe, dado ser omissa na historiografia sobre a temática dos medicamentos de segredo.

Quando o médico exilado em Londres iniciou a produção e a comercialização da sua Água de Inglaterra, existiam diversos medicamentos similares disponíveis no mercado português, sendo os descendentes do inventor original da receita, o Dr. Mendes, os principais produtores. A estratégia seguida pelo médico português para se impor relativamente à concorrência, e que motivou a crítica de diversos autores, como o já citado Pedro Silva, incluiu a obtenção do patrocínio de personalidades influentes, particularmente pertencentes à nobreza, e a legitimação dos resultados do seu medicamento por médicos portugueses reputados. Neste contexto, é extremamente significativo que o censor nomeado pelo rei para analisar a *Materia Medica*, Xavier Leitão, tenha aludido de forma elogiosa aos resultados obtidos pela utilização da Água de Inglaterra fabricada em Londres. Esta estratégia teve os seus frutos, permitindo-lhe alcançar um lugar de destaque entre os produtores deste medicamento.

A principal questão em torno da sua produção decorre de parecer contrário ao espírito do século das luzes. Neste âmbito, as opiniões de Ribeiro Sanches foram consideradas exemplares do modo como deveria ser feita a regulação dos medicamentos, seguindo princípios de racionalização da actividade das classes profissionais com responsabilidades na área da saúde pública. Contudo, deve ser notado que estas propostas foram feitas após a morte de Sarmento.

A argumentação deste quanto à licitude de manter em segredo o método de preparação pode, numa leitura actual, parecer despropositada e eticamente errada. Ainda assim, a sua postura não é muito diversa da adoptada por outros médicos seus contemporâneos, incluindo Boerhaave, para além de o seu medicamento ser elogiado por pessoas influentes na sociedade portuguesa,

incluindo membros da nobreza e médicos. Deve ser notado, noutra vertente, que o médico português não se limitou a produzir o medicamento, tendo procurado determinar a possibilidade de poder ser aplicado a outras situações clínicas, tendo apresentado o resultado das suas observações no directório para a utilização do medicamento, publicado em 1756. Seguindo a mesma postura evidenciada nas suas outras obras científicas, os casos utilizados para confirmar o espectro de aplicação do seu medicamento, são apresentados de uma forma rigorosa e sistemática, elucidando de forma detalhada quais os efeitos da sua Água de Inglaterra no tratamento de outras doenças.

Finalmente, e tendo em conta os testemunhos de diversas personalidades, é evidente que o medicamento preparado por Sarmento era obviamente de qualidade superior aos que eram comercializados em Portugal. Só assim se pode explicar que, mesmo após a sua morte, os seus familiares o tenham continuado a produzir com o beneplácito das autoridades responsáveis. Paradoxalmente, alguns dos médicos mais empenhados em combater os medicamentos de segredo, acabaram por elogiar os efeitos da água febrífuga preparada pelos familiares de Sarmento, como, por exemplo, Paiva Henriques.

Assim, e face ao exposto, pode ser concluído que a polémica em torno desta questão decorre mais de um problema de direito comercial e da inexistência de uma clarificação quanto ao âmbito de acção de cada uma das diferentes classes profissionais no Portugal de setecentos, do que de uma incoerência fundamental por parte de Sarmento.

Os quatro últimos capítulos deste trabalho foram dedicados às obras do médico português. Neste contexto, deve ser notado que as suas obras médicas abordaram algumas das temáticas médicas mais relevantes do século XVIII, sendo este facto revelador da sua postura perante a inovação científica.

Notavelmente, a sua primeira obra científica foi dedicada à inoculação das bexigas, considerada por Miller como uma das práticas mais importantes do século das luzes, por ter aberto o caminho à vacinação e pelo facto de a sua adopção ter sido baseada em princípios racionais. Ainda que alguns autores a tenham considerado como relevante, empolando o seu impacto, por vezes de forma excessiva, a dissertação sobre a inoculação nunca tinha sido analisada com detalhe, apesar de apresentar alguns aspectos relevantes.

Em primeiro lugar, a obra foi publicada na mesma altura em que os resultados dos testes feitos com os prisioneiros de Newgate foram divulgados, o que é revelador de um enorme sentido de oportunidade. Em segundo lugar, o seu autor não se limitou a fazer uma descrição crítica das conclusões de outros médicos, já que também apresentou uma teoria mecânica do modo como a doença deveria actuar no interior do corpo humano, revelador da sua capacidade em produzir pensamento médico original. Finalmente, a obra teve expressão no resto da Europa, tendo existido edições pirateadas em diversos países, incluindo a Alemanha, a Holanda e a Bélgica.

Ainda que não tenha sido possível determinar qual o impacto destas edições entre o público leitor, é provável que tenha contribuído para o prestígio científico de Sarmiento na Europa.

Quanto a Portugal, a obra não foi publicada em separado, tendo sido incluída como Apêndice à *Materia Medica*. Foram encontradas algumas reações à dissertação sobre as bexigas, merecendo destaque a reação negativa de Duarte Rebelo de Saldanha e a resposta de Manuel de Moraes Soares a essas críticas, de onde se pode concluir que a obra de Sarmiento terá sido lida pelos seus contemporâneos, tendo suscitado alguma polémica no seio da classe médica portuguesa. Ainda assim, e apesar dos seus esforços, a inoculação só foi introduzida em Portugal no final do século, tendo o médico Francisco Tavares sido incumbido de avaliar quais as suas vantagens.

A *Materia Medica* terá também sido fundamental para o estabelecimento do seu prestígio científico, dadas as suas características únicas, no contexto dos livros de medicina publicados em Portugal neste período. De facto, e como foi salientado, a *Materia* difere substancialmente das obras médicas escritas por autores portugueses contemporâneos de Sarmiento, por ser escrita numa linguagem técnica acessível apenas aos médicos, e por apresentar ao leitor uma nova forma de encarar a medicina e a prática médica, claramente influenciada por Boyle, Newton e Boerhaave, enfatizando a importância da experimentação na elucidação da composição dos medicamentos, e a necessidade de utilizar critérios racionais na avaliação dos seus efeitos no tratamento de uma dada doença.

A questão do impacto da obra foi considerada, procurando clarificar-se algumas questões suscitadas recentemente. Neste contexto, a afirmação de Sousa Dias de que o *Verdadeiro Methodo de Estudar* foi mais importante para a aceitação das ideias de Boerhaave do que a *Materia*, foi analisada de uma forma crítica, dadas as evidentes diferenças entre as duas obras. De facto, e como foi devidamente indicado, a *Materia* foi dedicada apenas aos médicos, abordando as ideias de Boerhaave no contexto mais estrito da aplicação das substâncias utilizadas pelos médicos na sua prática diária. Assim, e mesmo que o *Verdadeiro Methodo de Estudar* tenha tido um papel relevante neste âmbito, a *Materia* terá sido a obra que mais contribuiu para a apropriação das ideias de Boerhaave pelos médicos portugueses.

O impacto da obra foi confirmado de dois modos. Em primeiro lugar, e tendo em conta a pesquisa realizada, foi possível concluir que o livro do médico português era relativamente comum nas bibliotecas dos médicos, dos cirurgiões e dos boticários. Em segundo lugar, foram identificadas algumas obras onde a *Materia* é mencionada, tendo merecido especial destaque a farmacopeia escrita por Frei de Jesus Maria, dado incluir uma cópia quase integral da parte da obra de Sarmiento dedicada ao reino mineral.

A sugestão de que a relação do autor da *Materia* com Sacheti Barbosa terá sido importante na definição dos princípios seguidos pelo médico de Elvas na reforma do ensino da medicina na Universidade de Coimbra não foi confirmada. De qualquer modo, e tendo em conta o que foi referido no *Compêndio Historico*, é possível que os dois tenham abordado a temática da reforma

nas cartas que trocaram entre si. Como Sarmento foi contactado pelo rei D. João V para proceder a essa reforma, é muito provável que tivesse uma ideia bem definida quanto aos moldes em que a mesma deveria ser implementada.

Foi sugerido que a obra terá feito parte de um plano mais vasto, delineado com o objectivo de reformar o ensino da medicina portuguesa, tendo em conta o facto de ter sido publicado um *Specimen da Materia Medica* no mesmo ano em que foram editados os prolegómenos da tradução da compilação feita por Peter Shaw das obras de Francis Bacon. Essa tradução terá sido iniciada na sequência do pedido endereçado pelo rei D. João V, por intermédio do 4.º conde da Ericeira, para que o médico português indicasse como se deveria proceder à reforma do ensino da medicina em Portugal. Assim, e como a escrita da *Materia* terá sido iniciada na mesma altura, é provável que fizesse parte do plano delineado por Sarmento para responder ao pedido do rei.

No capítulo VI foi abordada a temática das águas minerais e termais, que é uma das mais relevantes na obra do médico português. De facto, entre 1726 e 1753, Sarmento publicou três obras onde este assunto é abordado, sendo duas delas, a *Syderohidrologia* (1726) e o *Appendix ao que se encontra escrito na Materia Medica* (1753), dedicadas exclusivamente às águas minerais e termais, descrevendo os diferentes tipos de águas existentes, e indicando os procedimentos experimentais que deveriam ser realizados para avaliar a sua composição. Como o interesse pelas águas termais aumentou de forma considerável no decurso do século XVIII, devido ao desenvolvimento de procedimentos experimentais mais rigorosos que permitiram a elucidação da sua composição e a determinação das suas aplicações no tratamento de doenças, o seu trabalho neste âmbito pode ser considerado como pioneiro e original.

O interesse de Sarmento por este assunto terá sido despertado pela visita às termas das Caldas da Rainha, e pela constatação de que aquelas águas não estariam a ser devidamente aproveitadas. Nos anos seguintes, o médico português procurou elucidar a sua composição com o objectivo de determinar de forma racional quais as situações em que deveriam ser utilizadas. Como vimos, o *Appendix* foi editado com o único objectivo de revelar as conclusões das experiências realizadas com amostras daquelas águas, enviadas de Portugal, o que é elucidativo do seu interesse particular pelas termas das Caldas da Rainha.

Foram identificadas diferenças assinaláveis entre as obras de Sarmento sobre as águas minerais e as que foram escritas por autores portugueses no mesmo período. As críticas endereçadas a Fonseca Henriques, autor do *Aquilegio Medicinal*, onde se alude às águas minerais e termais existentes em Portugal, decorrem de perspectivas diversas quanto ao modo como as mesmas podiam ser utilizadas. O médico exilado em Londres, provavelmente influenciado pelos seus colegas Peter Shaw e Thomas Short, considerava essencial a determinação da composição das águas minerais e termais, dado que só assim se poderiam avaliar as suas potenciais aplicações terapêuticas. Fonseca Henriques, pelo contrário, não baseava as suas conclusões em qualquer

tipo de análise, mas apenas na observação não rigorosa, na intuição e na tradição. As diferentes perspectivas assumidas entre os dois autores decorrem de modos radicalmente diferentes de encarar a prática médica, uma de inspiração galénica, outra ancorada no modo newtoniano de aceder ao conhecimento.

É possível que Sarmiento tenha contribuído para o desenvolvimento do termalismo português, dado ter sido o primeiro a determinar a composição das águas portuguesas utilizando os métodos da análise química. Ainda que a maior parte dos autores setecentistas que publicaram os resultados das suas análises às águas das Caldas da Rainha não o tenham mencionado, com a excepção de Nunes Gago, é evidente que terá chamado a atenção dos médicos portugueses para a necessidade de determinar rigorosamente a composição das águas minerais e termais existentes em território nacional, de modo a elucidar quais as suas potenciais indicações no tratamento de doenças. O facto de ter ocorrido um aumento deste tipo de análises nos anos seguintes à sua morte, particularmente após a criação da Academia Real das Ciências de Lisboa, pode ser indicativo da relevância do trabalho desenvolvido pelo médico português.

O último capítulo aborda a *Theorica Verdadeira das Mares*, cuja relevância foi salientada pela generalidade dos autores que escreveram sobre a ciência portuguesa de setecentos. Foi argumentado que o estatuto ímpar alcançado pela *Theorica*, entre as obras científicas portuguesas publicadas na primeira metade do século XVIII, terá sido uma consequência de ser a primeira a abordar as ideias de Newton, dado o facto de a obra ter passado despercebida aos seus contemporâneos. Com a excepção do mencionado *Manifesto* de Vico, a análise realizada não permitiu identificar quaisquer referências à obra, o que corroborou a hipótese de que a *Theorica* não desempenhou um papel relevante na difusão das ideias de Newton em Portugal. Como foi argumentado, o livro de Sarmiento terá provavelmente aparecido cedo demais, numa altura em que as elites ainda não estavam preparadas para o carácter revolucionário das ideias veiculadas. Apesar de incluir uma pequena biografia de Newton e uma referência aos trabalhos do filósofo inglês sobre a luz, a *Theorica* está repleta de demonstrações matemáticas, certamente inacessíveis à maioria dos potenciais leitores. De qualquer modo, esta é a obra onde é mais evidente a sua adesão ao newtonianismo.

## **2. Sarmiento e o conhecimento médico e científico de setecentos**

No decurso do século XVIII ocorreu em Portugal uma revolução científica, que teve como consequência uma alteração radical no modo de encarar a Natureza e de aceder ao seu conhecimento. Esta revolução foi lenta, diversificada e de difícil avaliação, ainda que inexorável na destruição dos antigos paradigmas. No fim do século, depois de terem sido publicados os Estatutos da Universidade de Coimbra, já tinha ocorrido a transição de um saber escolástico, de

raiz aristotélica, para um modo de aceder ao conhecimento em que a experimentação e a matematização da realidade assumem um papel de relevo.

O modo como os médicos portugueses reagiram a essas alterações pode ser considerado como paradigmático do processo em curso. De facto, e ainda que se possa intuir um choque entre a tradição galenista e os novos sistemas, incluindo a iatromecânica e a iatroquímica, os médicos portugueses reagiram às novidades científicas de variadas formas, adoptando diferentes perspectivas. Em meados do século, é evidente que uma parte significativa dos médicos portugueses seguia modelos médicos distintos da tradição galénica, ou que procurava a conciliação possível entre os diferentes sistemas. Sarmento teve uma acção relevante nessa revolução, tendo as suas obras médicas desempenhado um papel fundamental, dado abordarem algumas das novidades médicas mais importantes do século XVIII, como a inoculação das bexigas ou a utilização terapêutica das águas minerais, e descreverem de forma sistemática e pedagógica quais as metodologias a seguir na prática médica e na elucidação das propriedades dos medicamentos. De resto, a importância atribuída à experimentação e ao modo como se deveria aceder ao conhecimento, presente em todas as suas obras, é provavelmente a sua maior contribuição para a medicina portuguesa do século XVIII.

Numa perspectiva mais lata, Sarmento fez parte de uma rede de comunicações alargada, incluindo personalidades influentes junto da coroa portuguesa, e diversos médicos portugueses e estrangeiros, podendo a sua actividade neste âmbito ser considerada como exemplar do modo como as ideias circularam na Europa setecentista entre o centro e a periferia. Através da sua posição no seio da Royal Society, o médico português tornou-se o principal interlocutor científico entre Inglaterra e Portugal, tendo desempenhado um papel significativo no intercâmbio de conhecimento entre os dois países. O prestígio alcançado em Londres, consequência das suas actividades no seio da prestigiada instituição londrina, terá também sido crucial para o modo como as suas obras foram recebidas por parte das elites intelectuais portuguesas.

O contacto com o newtonianismo, tornado possível pelo contacto com o líder da congregação de Bevis Marks, foi fundamental para o seu percurso religioso e intelectual. Sarmento foi provavelmente a personalidade portuguesa do século XVIII mais comprometida com os princípios filosóficos do newtonianismo, tendo procurado de forma activa contribuir para a sua disseminação e apropriação em Portugal. Ainda que os seus esforços não tenham alcançado os objectivos delineados, são um sinal evidente do seu interesse pessoal em revolucionar as mentalidades portuguesas.

Contudo, o médico português também foi produtor de medicamentos de segredo, tendo esta sua faceta sido utilizada pelos seus críticos para o denegrir, naquele que é certamente o aspecto mais controverso da sua vida e obra, por parecer tão contrário ao espírito da época. De qualquer modo, e como foi devidamente justificado acima, a questão dos medicamentos de segredo no

contexto da medicina portuguesa de setecentos não pode ser considerada de forma simplista e anacrónica.

Assim, e mesmo que existam algumas incoerências e paradoxos na sua vida privada e pública, decorrentes de ser uma personalidade multifacetada e de ter vivido numa época de profundas alterações, a acção de Sarmiento foi determinante para a revolução ocorrida no decurso do século XVIII, contribuindo de forma significativa para a modernização da medicina e ciência portuguesas. Significativamente, e apesar das controvérsias, nomeadamente as que se relacionam com a comercialização da Água de Inglaterra, a imagem que perdurou, duzentos e cinquenta anos após a sua morte, foi a de “co-reformador” da medicina e ciência portuguesas.

Com o presente trabalho procurou-se contribuir para o estudo da vida e obra de Sarmiento, identificando de forma rigorosa quais os aspectos mais relevantes da sua actividade enquanto judeu, médico e newtoniano. O enfoque colocado nas pessoas que contactaram com Sarmiento, e no sucesso das suas obras entre o público leitor permitiu elucidar algumas das questões historiográficas identificadas no primeiro olhar à sua vida e obra, e explorar outras que não haviam sido consideradas. Esperemos que o presente trabalho suscite o debate em torno de uma das figuras mais relevantes da medicina e ciência portuguesas de setecentos, cuja imagem se encontra demasiadamente cristalizada e padronizada.





## BIBLIOGRAFIA

### 1. Fontes Primárias

#### 4.1.1. A.- Manuscritas

##### **Arquivo Nacional da Torre do Tombo**

Cartório dos Jesuítas, Maço 63.

Colecção Real Mesa Censória (RMC), Caixas (Cx.) 114 – 147 (Listas das bibliotecas dos particulares).

Colecção RMC, Cx. 4 – 7 (Pareceres dos censores).

Colecção RMC, Cx. 371 – 5.

Chancelaria de D. João V.

Inquisição de Évora, processo n.º 3019.

Inquisição de Évora, processo n.º 6692.

Inquisição de Évora, processo n.º 6757.

Inquisição de Lisboa, processo n.º 2784.

##### **Arquivo Histórico Ultramarino**

AHU\_CU\_Reino, Cx 22-A, Pasta 11

##### **Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa**

Cathalogo dos livros da Bibliotheca da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1792

Cathalogo dos Livros da Bibliotheca do convento de N. S<sup>a</sup> de Jezus de Lisboa. Escrito e Ordenado por Fr. João Gualberto de Miranda, Religioso da Terceira Ordem da Penitencia. 1779.

Catalogo da Bibliotheca do Dr. Antonio Ribeiro, Tomo II Impressos Grammatica, Rhetorica, Oratoria, Poetica, Filosofia.

Ms21A - *Medicina Oriental, Soccorro Indico Aos clamores dos Pobres Enfermos do Oriente Para total profligação de seus males Adquirida de varios Professores da Medicina.*

Ms107A - Sanches, António Nunes Ribeiro, *Peculio de varias receytas para diversas Queyxas.*

Ms175A - Cartas de Marco Antonio Azevedo Coutinho de 1735 a 1739.

Ms565A - *Dissertação sobre os methodos de achar a Longitude no Mar, e especialmente sobre os Relogios Marinhos, acompanhada da Invenção e Descrição de huma nova Maquina m<sup>to</sup> simples, de pouco custo e de uso muito facil, com a qual se consegue evitar inteiramente as irregularidades, do movimento dos ditos Relogios, que procedem das variedades de temperatura, por cujo meio se deve fazer muito mais geral para marcar a Longitude o uso dos Relogios, podendo ser sua instrucção muito mais simples, mais segura, e muito menos dispendioso do que a dos que actualmente se fabricão para este fim.*

Ms602A - Cartas oficiais de António Galvão de Castelo Branco.

Ms836A - *Modo de averiguar se por baixo dos campos que correm ao longo dos rios há ou não há ouro antes de abrir as catas, p<sup>a</sup> evitar a grande despesa q em as abrir, se costuma fazer na incerteza de as recompensar.*

Ms1901A - *Novos Inventos Por Bento de Moura Portugal extrahidos das margens de hũ livro intitulado Nouvelles Decouvertes sur la La guerre, aonde o Author, entre outros, escreveu outros projectos que contem este traslado.*

Ms469V - *Remedios para diferentes enfermidades e achaques.*

Ms480V - *Catálogo dos livros prohibidos pela RMC*

Ms493V - *Sentenças proferidas pelo Tribunal do Santo Ofício.*

Ms620V. - *Monstruosidades do Tempo da Fortuna Vistas em o Reyno de Portugal Pelos annos de 1662 a 1680.*

Ms786V - *Memorial de varios simplices que da India Oriental, da America, e de outras partes do Mundo vem ao nosso Reino para remedio de muitas doenças, no qual se acharaõ as virtudes de cada hum e o modo como se devem uzar, o qual se acha por fim da Polyanthea de Curvo Semmedo e nelle AD 25*

Ms848V - *Remedios para diferentes infermidades e achaques.*

##### **Biblioteca Nacional**

MSS160–doc. 77 - carta de Sarmento para D. José da Silva Pessanha.

SARMENTO, Jacob de Castro, *Nova Descripçam do Globo, Ou Exacta Medida dos Imperios, Reynos, Territorios, Estados Principaes, Provincias, Condados e Ilhas de todo o Mundo*, 1731.  
 ———, *Chronologia Newtoniana Epitomizada*, 1737.

#### **Biblioteca da Royal Society**

Conclusão do inquérito realizado pelos Senhores do Mahamad.  
 Council Minutes, volume III (1728 – 1747)  
 Carta de Diogo de Mendonça Corte Real para Sarmento, 15 de Outubro de 1735.  
 RBO/15/58  
 RBO/12/36

#### **British Library**

MS4338, Royal Society Papers. Vol. VII.  
 MS20779. Official copies of despatches from the same to M. A. de Azevedo Coutinho; 1 Jan. 1743-4 May, 1745.  
 MS36029. London Sitings, July, 1734-July, 1735.

#### **Wellcome Library**

MS2392/2. Carta de João Saquet para Martin Folkes.  
 MS5403/56. *An account of an extraordinary Bird, as related in a letter from Doctor Joaõ Mendes Saqueti, Physician of the City of Elvas in Portugal to Doutor De Castro, wherein he desires him, to present the skin of the said bird to the Royal Society.*  
 MS5403/55. *Of the Preparation, Sophistication, uses and virtues of china ink, Communicated to Dr. de Castro by Dr. J.<sup>m</sup> Mendes Saqueti, Physician to the King of Portugal, Hospital in Elvas*

### **4.1.2. B. – Impressas**

ABREU, Brás Luis, *Portugal Medico-Chirurgico ou Monarchia Medico-Lusitana Simbolica, Ethica e Politica Fundada e comprehendida No dillatado ambito dos dous Mundos Creados Macrocosmo e Microcosmo Repartida, e Demarcada em Três Amplissimos Reynos: Animal, Vegetal, e Mineral*, Coimbra: João Antunes, 1726.  
*Academia dos humildes e ignorantes. Dialogo entre hum theologo, hum filosofo, hum hermitaõ, e hum soldado*, vol. III, Lisboa: Ignacio Nogueira Xisto, 1760.  
 AHLERS, Francisco, *Instrucção sobre os Corpos Celestes principalmente sobre os Cometas*, Lisboa: Miguel Menescal da Costa, 1758.  
 ALMEIDA, Teodoro de, *Recreação Filosofica, ou Dialogo sobre a Filosofia Natural, para instrucção de pessoas curiosas, que não frequentáram as aulas*, tomo I, Lisboa: Miguel Rodrigues, 1751.  
 ———. *Recreação Filosofica..., Trata dos ceos e do mundo*, tomo VI, Lisboa: Miguel Rodrigues, 1762.  
 ALVARES. Manoel, *Instrucçam sobre a Logica, ou Diálogos sobre Filosofia Natural*, Porto: Francisco Mendes Lima, 1760.  
 ———, *Historia da Creação do Mundo conforme as ideias de Moisés e do Filozofos*, Lisboa, 1762  
 ANTONIO, D. Caetano de Santo, *Pharmacopea Lusitana Augmentada: Methodo Pratico de Preparar os Medicamentos na fórmula Galenica, e Chimica*, Lisboa: Mosteiro de S. Vicente de Fora, 1714.  
 ANTT, Colecção RMC, Cx 371 – 375 (Livros da biblioteca).  
 AVREU, Joseph Rodrigues, *Historiologia Medica Fundada, e Estabelecida Nos principios de George Ernesto Stahl, famigeradissimo Escritor do presente Seculo, e ajustada ao uso Pratico deste Paiz*. Tomo primeiro, Lisboa: Officina da Música, 1733.  
 BADEN, Luís, *Noticia da Academia ou Curso de Filosofia Experimental novamente instituida nesta Corte para instrucção, e utilidade dos curiosos, e amantes das Artes, e Sciencias*, Lisboa: Pedro Ferreyra, 1725.  
 BENTLEY, Richard, *The Folly and Unreasonableness of Atheism*, Londres, 1693.  
 BLUTEAU, P. Raphael, *Vocabulario Portuguez e Latino...*, tomo 6, Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1720.  
 CABRAL, António Nogueira, *Breve Compendio em que se manifestam com admiraçam as virtudes da verdadeira receita das Pirolas da Familia, Tam decantadas no Reyno de Inglaterra, como em outros Reynos forasteiros, e neste nosso de Portugal*.  
 CASTELO BRANCO, Anselmo Caetano Munhos de Avreu Gusmão, *Oraculo Prophetico, Prolegomeno da Teratologia, ou Historia Prodigiosa, em que se dá completa noticia de todos os Monstros Composto para confusão de pessoas ignorantes, satisfação de homens sabios, exterminio de prophecias falsas, e*

*explicação de verdadeiras prophcias*, Lisboa: Maurício Vicente de Almeida, 1733.

*Catalogue des Livres de feu M. Ant. Nunes Ribeiro Sanches, Conseiller d'État de la Cour de Russie, Docteur en Médecine de l'Université de Salamanque, ancien premier Médecin des Camps & Armées du noble Corps des Cadets, & du Corps de sa Majesté l'Impératrice de toutes les Russies, &c. &c.*, Paris, 1783.

COELHO, Manoel Rodrigues, *Pharmacopea Tubalense Chimico-Galenica, Parte Primeira em que se faz nam só Huma Reflexam Physica Sobre os Principios dos mixtos, expondo depois a diffinição de ambas as Pharmacopêas, e as opperações, em que se dividem, com os objectos della inteiramente explicados mas tambem se mostra hum Dicionario com muitas Vozes e Termos de ambas as Pharmácias, e a explicação dos mais versados Synonimos, com que em diversos idiotismos se pedem os simplices medicinaes; e finaliza com a indagação dos tres Reynos Animal, Vegetal, e Mineral, com algumas objecções propostas e decididas à cerca dos medicamentos deste tam dilatado Imperio por Jozé della Suta*, Roma: Balio Geredini, 1760

\_\_\_\_\_, *Pharmacopea Tubalense Chimico-Galenica, Parte Terceira Dividida em Tres Classes, em a Primeira Se Admira Hum Dicionario Para a Inteligencia dos mais versados Synonimos da praxe Medica. Em a segunda se registra huma Colecção dos mais especiozos Arcanos, que o Doutor Ribeira descreveo em o grande numero dos seus volumes, e outros de diversos practicos. Em a terceira se encontraõ innumeraveis Especificos para o Curativo seguro de diversos affectos, e hum discurço Physico sobre o uso da Quinna*, Lisboa: Jozé da Silva Natividade, 1761.

*Colleção de Decretos, Avisos, e outras ordens regias a favor da Verdadeira, e Única Agoa de Inglaterra da Composição do Doutor Jacob de Castro Sarmento, preparada por José Joaquim de Castro na sua Real Fábrica em Lisboa*, Lisboa: Impressão Régia, 1814.

*Colecção dos editais que se tem publicado pela Real Mesa Censoria erecta por el Rei Fidelissimo Dom José I...* Lisboa: Regia Officina Typografica, 1775.

*Compendio Historico do Estado da Universidade de Coimbra no tempo da invasão dos denominados Jesuitas e dos estragos feitos nas Sciencias e nos Professores, e Directores que a regiam pelas maquinações, e publicações dos Novos Estatutos por elles fabricados*, Lisboa: Regia Officina Typographica, 1771.

CONDAMINE, M. de La, *Memoire sur l'inoculation de la petite verole*, Haye: Nicolas van Daalen, 1754.

CORREIA, João Marques, *Tractado Physiologico-Medico-Physico, Chirurgico, e Anathomico da Circulaçam do Sangue*, Lisboa: Francisco Mendes Lima, 1761.

CORTE-REAL, Francisco de Vasconcelos e Sande, *Nova Instrucçam Filosofica, estabelecida em varios experimentos, systemas e observaçoens pertencentes...*, Lisboa: Officina de Antonio Vicente da Silva, 1759.

CUNHA, D. Luís, *Testamento Político*, Lisboa: Impressão Régia, 1820.

DESAGULIERS, John Theophilus, *A Course of Experimental Philosophy*, London, 1744.

\_\_\_\_\_, *A System of Experimental Philosophy*, London, 1719.

*Dialogo da Esfera celeste e terrestre Para o uso das Escolas da Congregaçam do Oratorio na Real Casa de N. Senhora das Necessidades, Ordenado pela mesma congregação*, Lisboa: Miguel Rodrigues, 1751.

*Direcções para o uso da Água de Inglaterra inventada pelo Doutor Jacob de Castro Sarmento, Membro do Real Colégio dos Médicos de Londres, e Socio da Sociedade Real, Hoje preparada nesta Corte, Com geral aceitação, por André Lopes de Castro e aprovada pela Real Junta do Proto-Medicato*, Lisboa: Typographia Morazziana, 1788.

FERREIRA, Luís Gomes, *Erario Mineral Dividido em Doze Tratados*, Lisboa: Miguel Rodrigues, 1735.

FORTES, Manoel Azevedo, *Logica Racional e Analitica*, Lisboa: Jozé António Plates, 1744.

*Gazeta de Lisboa*, 1717-1762.

FRANCO, António Mendes; AMADO, Fortunato Rafael, *Resultados das Obervações feitas no Hospital Real da Inoculação das Bexigas nos annos de 1796, 1797 e 1798*, Lisboa: Regia Officina Typographica, 1799.

GAGO, João Nunes, *Tratado Physico-Chymico-Medico das Aguas das Caldas da Rainha, No qual se incorporou a Relação da Epidemia que pelos fins do anno de 1775 e todo o de 1776 se padeceo no sitio do Seixal*, Lisboa: Typographia Rollandiana, 1779.

GREGORY, David, *The Elements of Astronomy, Physical and Geometrical*, Londres: 1715.

GRISLEY, Gabriel, *Desenganos para a Medicina, ou Botica para todo Pay de Familia*, Lisboa: Henrique Valente de Oliveira, 1656.

HENRIQUES, Francisco da Fonseca, *Aquilegio Medicinal Em que se dá noticia das agoas de Caldas, Fontes, Rios, Poços, Lagoas, e Cisternas do Reyno de Portugal, e dos Algarves, que ou pelas virtudes medicinaes, que tem, ou por outras, alguma singularidade, são dignas de particular memoria*, Lisboa: Officina da Música, 1726.

\_\_\_\_\_, *Ancora Medicinal para conservar a Vida com Saude*, Lisboa: Officina Augustiniana, 1731.

- \_\_\_\_\_, *Medicina Lusitana, Socorro Delphico, Aos clamores da Natureza humana, para total profligação de seus males*, Amsterdam: Miguel Diaz, 1731.
- JESUS MARIA, Fr. João de, *Pharmacopea Dogmatica Medico-Chimica, e Theorico-Pratica*, Porto: Antonio Alvares Ribeiro Guimar, 1772.
- Index Librorum Prohibitoum Sanctissimi Domini Nostri Benedicti XIV, Pontifices Maximi*, MDCCLXIV.
- LIMA, Luís Caetano, *Geografia Historica de todos os Estados Soberanos de Europa, Com as mudanças, que houve nos seus Dominios, especialmente pelos Tratados de Utrecht, Rastad, Baden, da Barreira, da Quadruple Alliança, de Hanover, e de Sevilha, e com as Genealogias das Casas Reynantes, e outras muy principaes*, Lisboa: Joseph Antonio da Silva, 1734.
- LIMA, Manuel Gomes de, *O Practicante Do Hospital Convencido Dialogo Chirurgico Sobre a Inflamação, Fundado nas doutrinas do incomparavel Boerhaave, e adornado de algumas Observações Chirurgicas*, Porto: Manoel Pedroso Coimbra, 1756.
- \_\_\_\_\_, *Memorias Chronologicas e Criticas para a Historia da Medicina Moderna*, Porto: Manuel Pedroso Coimbra, 1762.
- \_\_\_\_\_, *Diario Universal de Medicina, Cirurgia, Pharmacia, &c.*, Lisboa: Regia Officina Typographica, 1772.
- LOUROSA. Manuel Gomes Galhano, *Polymathia Exemplar*, Lisboa: António Craesbeeck de Mello, 1666.
- MACHADO, Diogo Barbosa, *Bibliotheca Lusitana Histórica, Crítica, e Cronologica na qual se comprehende a noticia dos Autores Portuguezes, e das obras, que se compuserão desde o tempo da promulgação da luz da Graça até ao tempo presente, ed. Facsim.*, Coimbra: Atlântica Editora, 1965 – 1967, 4 tomos.
- MENESES, Francisco Xavier de, *Extractos Academicos dos Livros que a Academia de Petersburg mandou à de Lisboa. Feitos por Ordem da mesma Academia*, Lisboa: Joseph Antonio da Sylva, 1738.
- \_\_\_\_\_, *Biblioteca Sousaana, ou Catalogo das Obras que compoz o Reverendissimo Padre D. Manoel Caetano de Sousa*, Lisboa: Joseph Antonio da Sylva, 1727.
- MIRANDA, João Cardoso, *Relação Cirurgica, e Medica na qual se trata e declara especialmente hum novo methodo para curar a infecção escorbútica, ou mal de Loanda, e todos os seus productos, fazendo para isso manifestos dous especificos, e muy particulares remedios*, Lisboa: Miguel Rodrigues, 1747.
- MONTEIRO, Inácio, *Compêndio dos Elementos de Mathematica...*, 2 vol., Coimbra: Real Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1754-1756.
- MORGANTI, Bento, *Breve Discurso sobre os Cometas, em que se mostra a sua natureza, sua duração, seu movimento, sua influencia, e a sua região, etc. Escrito por...*, Lisboa: Francisco Borges de Sousa, 1757.
- \_\_\_\_\_, *Sustos da Vida nos Perigos da Cura, ou Carta Que hum amigo escreveo a outro, estando convalescendo, depois de huma enfermidade*, Lisboa: António Vicente da Silva, 1758.
- \_\_\_\_\_, *Juizo Verdadeiro Sobre a Carta Contra os Medicos, Cirurgioens, e Boticarios Há pouco impressa com o titulo de Sustos da Vida nos Perigos da Cura exposto em huma carta de um amigo a outro que sobre ella lhe pedio o parecer*, Lisboa: José Filipe, 1758.
- NOLLET, Jean Antoine, *Leçons de Physique Expérimentale*, Paris: H-L. Guerin & L. F. Latour, 1764.
- Observações das Agoas das Caldas da Rainha Oferecidas A todos os enfermos pobres, que necessitão deste milagroso remedio, para cura de seus achaques Por hum curiozo, que há vinte annos, que vive a beneficio das ditas agoas*, Paris: Jacob Vincent, 1752.
- O occulto instruido, que para lisito divertimento, e onesta recreação se-a-de publicar dividido em diferentes partes*, Lisboa: Domingos Rodrigues, 1756-1757.
- PEDEGACHE, Miguel Tibério, *Conjecturas de varios Filósofos ácerca dos Cometas, expostas e impugandas por...*, Lisboa: Francisco Luiz Ameno, 1757.
- PEMBERTON, Henry, *A View of Sir Isaac Newton's Philosophy*, London: S. Palmer, 1728.
- PEREIRA, Bernardo, *Anacephaleosis Medico-Theologica, Magica, Juridica, Moral e Politica*, Coimbra: Francisco de Oliveira, 1734.
- PESSOA, Jozé Martins da Cunha, *Analyze das Agoas Thermaes das Caldas da Rainha*, Coimbra: Real Oficina da Universidade, 1778.
- Philosophical Transactions*, 1721-1762.
- POMEY, Francisco, *Indiculo Universal, Contém distinctos em suas clases os nomes de quazi todas as couzas, que há no mundo, e os nomes de todas as Artes e Sciencias*, Évora: Officina da Universidade, 1754.
- PORTUGAL, Antonio Rodrigues, *Pharmacopea Mediana Accomodada Com preceitos medicos do celebre Autor Ricardo Mead*, Porto: Francico Mendes Lima, 1768.
- Regimento da Real Mesa Censória de 18 de Maio de 1768*.
- REGNAULT, Noel, *Origem Antiga da Fysica Moderna*, trad. João Carlos da Silva, Lisboa, 1753.

RIBEIRO, José Silvestre, *Historia dos Estabelecimentos Scientificos, Litterarios e Artisticos de Portugal nos sucessivos reinados da Monarchia*, Lisboa: Typographia das Academia Real das Sciencias, 1871.

ROCA, Antonio de Monrava y, *Academicas Oraçoens Phisico-Anatomico-Medico-Cirurgicas em que praticam os mais Eruditos Discipulos da nova Academia das quatro Sciencias para a converçam do errado lastimoso Povo Apolino*, Antuérpia: 1732.

ROMA, Bento Morato, *Luz da Medicina Pratica Racional, e Methodica, Guia de Enfermeyros Directorio de Principiantes e Summario de Remedios para poder acodir, e remediar os achaques do corpo humano, começando do mais alto da Cabeça, e descendo athe o mais baixo dos pés; Obra muito util, e necessaria, não só para os Professores da Arte de Medicina, e Cirurgia, mas tambem para todo o Pay de familias; De que se poderaõ aproveitar pobres, e ricos na falta de Medicos doutos*, Coimbra: Gonçalo Rodrigues de Cabreira, 1753.

SACHETI, João Mendes Barbosa, *Consideraçoens Medicas sobre o Metodo de Conhecer, Curar, e preservar as Epidemias, ou Febres Malignas Podres, Pestilenciais, Contagiozas,, e todas as mais que se compreendem no titulo de Agudas, a cujos respeitos se trata do uso, e abuzo de todos os remedios notáveis da nossa presente pratica, principalmente leites, soros, e caldos de frangos por ordem ao clima de Portugal, e a vulgar opinião, que muitos tem sobre o de Lisboa, e o das Provincias...*, Lisboa: José da Costa Coimbra, 1758.

SALDANHA, Duarte Rebelo de, *Illustração Medica Ethico-Politica, Historico – Systematica, Sceptico Ecletica, Fizico-Analitica, e Theorico-Pratica ou Reflexão Critica às Consideraçoens Medicas, &c.*, Lisboa: Oficina Silviana, 1761.

SANCHES, Nuno Ribeiro, *Tratado da Conservaçam da Saude dos Povos: Obra util, e igualmente necessaria aos Magistrados, Capitaens Generaes, Capitaens de Mar e Guerra, Prelados, Abadessas, Medicos e Pays de famílias*, Lisboa: José Filipe, 1757.

\_\_\_\_\_, *A Dissertation on the Origin of the Venereal Disease*, London: R. Griffiths, 1751.

SARMENTO, Jacob de Castro, *A Dissertation on the method of inoculating the Small-pox with critical remarks on the several authors who have treated of this disease*, Londres: Thomas Bickerton, 1721

\_\_\_\_\_, *Dissertationes in Novam ac Utilem Methodum/Inoculationis, seu Transplantationis Variolarum Prima Methodus Autoritate Regia Majestatis Britannicae Comprobata 28. Julii 1721*, Londres: 1722

\_\_\_\_\_, *Siderohydrologia: OU Discurso Practico Das Agoas Mineraes Espadanas ou Chalybeadas; Em que se mostra Sua Natureza, Composição, Methodo de as beber, e os achaques em que são Convenientes*, Londres: J. Humfreys, 1726

\_\_\_\_\_, *Serman funebre as deploraveis memorias do muy Reverendo e doutissimo Haham Assalem Morenu, A. R. David Netto, Insigne Theologo, Eminente Pregador e Cabeça da Illustre Congregação de Sahar Hassamaym*, Londres, 1727

\_\_\_\_\_, *Propoziçoens Para Imprimir, As/Obras Philosophicas De Francisco Baconio, Baram de Verulam, Visconde de St. Albano \$ Lord Gram Chanceler de Inglaterra, Digestas & reduzidas todas à Lingua ingleza de seos Originaes. Com Notas Occazinaes, para explicaçam do que he obscuro & para mostrar, athe donde se teem posto em execuçam athe o prezente Tempo, os Planos do Auctor, para o Augmento da Philosophia, Sciencias & Artes Em Tres Volumes, quarto Por Pedro Shaw, M. D. E Traduzidas na Lingua Portuguesa, a o mesmo tempo que vam para a Estampa Por Jacob de Castro Sarmento, M. D. Medico Luzitano, Membro do Real Collegio dos Medicos de Londres & Socio da Real Sociedade de Inglaterra*, Londres: 1731

\_\_\_\_\_, *Materia Medica, Physico-Historico-Mechanica, Reyno Mineral, Parte I, a que se ajuntam Os principaes Remedios do prezente estado da Materia Medica; como Sangria, Sanguessugas, Ventosas Sarjadas, Emeticos, Vesicatorios, Diureticos, Sudorificos, Ptyalismicos, Opiados, Quina Quina, e, em especial, as minhas Agoas de Inglaterra como também, Huma Dissertaçam Latina sobre a Inoculaçam das Bexigas*, Londres: 1735

\_\_\_\_\_, *Theorica Verdadeira das Mares, conforme a Philosophia do incomparavel cavaleiro Isaac Newton*, Londres: 1737.

\_\_\_\_\_, *Relaçam de Alguns Experimentos, e Observaçoens, Feitas sobre as Medicinas de Madam Stephens, para dissolver a Pedra. Em que Se tras a Exame, e se mostra a sua Faculdade Dissolvente Por Estevao Hales, Dr. em Theologia, Reytor de Faringdon, &c. e Socio da Sociedade Real. Ajuntasse hum Compendio Historico De todos os Factos, des de a Origem deste Descobrimeto, ate que, por fazelo publico, recebeo a sua Inventora, do Parlamento de Inglaterra, o premio de cinco mil Livras, ou cincoenta mil cruzados*, Londres: 1742.

\_\_\_\_\_, *Tratado das Operaçoens de Cirurgia Com as figuras e descripçam dos Instrumentos de que nellas se faz uzo, e huma Introducção sobre a natureza, e Methodo de tratar as Feridas, Abcessos, e Chagas, traduzido em Portuguez da quarta edição de Mons. S. Sharp Cirurgiaõ do Hospital de Guy de Londres*, Londres: 1746.

\_\_\_\_\_, *Pharmacopeia Contracta in Usus Nosocomii ad Pauperes e gente Lusitanica curandos nuper*

- instituti A. J. de C. S. & P de L, M. D. et ejusdem Nosocomii Medicis concinnata*, Londre:, 1749.
- \_\_\_\_\_, *Appendix ao que se acha escrito na Materia Medica do Dr. Jacob de Castro Sarmiento sobre a Natureza, Contentos, Effeytos, e Uso pratico, em forma de bebida, e banhos das Agoas das Caldas da Rainha. Participado a o Publico, em huma Carta escrita Ao Dr. Joaõ Mendez Saquet Barboza, Socio da Sociedade Real de Londres, &c. A que se ajunta O novo Methodo de fazer uzo da Agoa do Mar, na Cura de muitas Enfermidades Chronicas, em especial nos Achaques das Glandulas*, Londres: 1753.
- \_\_\_\_\_, *Do Uso, e Abuso Das Minhas Agoas De Inglaterra Ou Directorio, e Instrucçam Para Se saber seguramente, quando se deve, ou não, usar dellas, assim nas enfermidades agudas; com em algumas chronicas; e em casos propriamente de Cirurgia Pello Inventor das mesmas Agoas*, Londres: Guilherme Strahan, 1756.
- \_\_\_\_\_, *Materia Medica Physico-Hystorico-Mechanica. Reyno Mineral Parte I A que se ajuntam Os principaes Remedios do prezente Estado da Materia Medica; como Sangria, Sanguessugas, Ventoas Sarjadas, Emeticos, Purgantes, Vesicatorios, Diureticos, Sudorificos, Ptyalismicos Opiados, Quina Quina, e, em especial, as minhas Agoas de Inglaterra. Edição nova, corrigida, e repurgada, a que se accrescentam por continuação desta Obra, para fazela Completa, Os Reynos Vegetavel, e Animal Parte II*, Londres: Guilherme Strahan, 1758.
- SEMEDO, João Curvo, *Atalaya da Vida*, Lisboa: Oficina Ferreyrenciana, 1720.
- \_\_\_\_\_, *Polyantheia Medicinal Noticias Galenicas e Chymicas Repartidas em três Tratados*, Lisboa: Antonio Pedroso Galram, 1727.
- \_\_\_\_\_, *Observações Medicas Doutrinaes de cem Casos Gravissimos*, Lisboa: Herdeiros de António Pedroso Galram, 1741.
- SHARP, Samuel, *A Treatise on the Operations of Surgery*, London, 1782
- SHAW, Peter, *New Experiments and Observations Upon Mineral Waters directing their farther use for the preservation of health and the cure of Diseases*, London: J. Osborne; T. Longman, 1731.
- SHORT, Thomas, *A Rational Discourse of the Inward Uses of Water*, London, 1725.
- SILVA, Baltazar da, *Discurso Historico, Politico e Economico dos progressos, estado actual da Filosofia Natural Portuguesa, acompanhado de algumas reflexoens sobre o Estado do Brazil*, Lisboa: Antonio Gomes, 1786.
- SILVA, Inocêncio Francisco da, *Dicionario Bibliographico Portuguez*, Lisboa: Impresnsa Nacional, 1833.
- SOARES, Manuel de Morais, *Memorial Critico – Medico - Historico – Fysico – Mechanico*, Lisboa: Francisco Luís Ameno, 1760.
- \_\_\_\_\_, *Memoria sobre a Inoculação das Bexigas, Referida à Assembleia publica da Real Academia das Sciências de Paris em quarta feira 24 de Abril de 1754, Por Monsieur de La condomine*, Lisboa: Francisco Luís Ameno, 1762.
- TAVARES, Francisco, *Advertencia Sobre os Abusos, e Legitimo uso das Aguas Mineraes das Caldas da Rainha, para servir de regulamento aos Enfermos que dellas tem precisão real*, Lisboa: Oficina da Academia das Ciências de Lisboa, 1791.
- TAVARES, Jose Acurcio, *Carta em Resposta ao discurso sobre os Cometas*, Lisboa: Francisco Borges de Sousa, 1757.
- VEIGA; Eusébio da, *Planetario Lusitano Explicado com Problemas, e Exemplos Praticos para melhor intelligencia do uso das Efemerides, que para os annos futuros se publicação no Planetario Calculado; e com as regras necessarias para se poder usar delle não só em Lisboa, mas em qualquer Meridiano*, Lisboa: Miguel Menescal da Costa, 1758.
- VERNEY, Luís António, *Verdadeiro Methodo de Estudar*, António Salgado Júnior (ed.), Vol. III, Lisboa: Sá da Costa, 1950.
- VIGIER, João, *Pharmacopea Ulyssiponense, Galenica, e Chymica que contem Os Principios, diffiniçoens, e termos geraes de huma, & outra Pharmacia: & hum Lexicon universal dos termos Pharmaceuticos, com as preparaçoens Chymicas & composiçoens Galenicas, de que se usa neste Reyno, & virtudes, & dosis dos medicamentos Chymicos*, Lisboa: Pascoal da Silva, 1716.
- Virtudes Admiráveis da Pedra Cobra que vem das Indias*
- Virtudes da Agoa de Melicia, Composta pelos Religiosos Carmelitas Descalços do Convento de Pariz, soberana contra a Apoplexia, e vaapores, &c.*
- VOLTAIRE, Mr. De, *Letters concerning the English Nation*, London: 1788.
- WADD, William, *Nugae Canorae*, London: 1827.
- WADE, Gualter, *Carta a hum Amigo Sobre o Estado Actual da Inoculação das Bexigas*, Lisboa: António Rodrigues Galhardo, 1768.
- WHISTON, William, *A New Theory of the Earth*, London, 1737.
- WITHERING, William, *Analyse Chimica da Agoa das Caldas da Rainha*, Lisboa: Oficina da Academia das Ciências de Lisboa, 1795.

## 2. Fontes Secundárias

- ABREU, Laurinda, *Pina Manique: Um Reformador no Portugal das Luzes*, Lisboa: Gradiva, 2013.
- ANDRADE, António Alberto Banha de, *Vernei e a Filosofia Portuguesa*, Braga: Livraria Cruz, 1946.
- \_\_\_\_\_, “Inácio Monteiro e a evolução dos estudos nas aulas dos jesuítas de setecentos”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, 29 (1973), 289 – 304.
- \_\_\_\_\_, “Descartes em Portugal nos séculos XVII e XVIII”, *Brotéria*, 51(1950), 432-451.
- \_\_\_\_\_, “Uma academia científica luso - espanhola, antes da expulsão dos jesuítas”, *Brotéria*, 40(1945), 619-636.
- \_\_\_\_\_, “Bibliografia da Polémica Verneiana (livros portugueses e espanhóis)”, *Separata de Brotéria*, 49(1949), 5-31.
- ANDRADE, António Júlio; GUIMARÃES, Maria Fernanda, *Jacob de Castro Sarmento*, Lisboa: Veja, 2010.
- ANSELMO, Artur, “Fronteiras da História do Livro”, *Cultura – História e Filosofia*, 9, 1997, 15-22.
- \_\_\_\_\_, *Estudos de História do Livro*, Lisboa: Guimarães Editores, 1997.
- ANTUNES, Manuel et al, “Como interpretar Pombal?”, *Brotéria*, Lisboa: 1982.
- ARAÚJO, Ana Cristina, “Ilustração, pedagogia e ciência em António Nunes Ribeiro Sanches”, *Revista de História das Ideias*, vol. 6, 1984, 377-394.
- \_\_\_\_\_, *A cultura das luzes Temas e Problemas*, Lisboa: Livros Horizonte, 2003.
- \_\_\_\_\_, “Livros de uma vida. Critérios e modalidades de constituição de uma livraria particular”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, 20(1999), 149-185.
- ARRIZABALAGA, Jon, “The World of Iberian *converso* practitioners, From Lluís Alcanyís to Isaac Cardoso”, in *Más allá de la Leyenda Negra: España y la Revolución Científica / Beyond the Black Legend: Spain and the Scientific Revolution*, Navarro, Victor; Eamon, William (eds.), Valencia, Universitat de València - CSIC, 307-322.
- BAIÃO, António, *A Censura Literária Inquisitorial*, Academia das Ciências de Lisboa, Boletim da segunda classe, 1917-1918, vol. 12, 473-560.
- \_\_\_\_\_, *O Marquês de Pombal e a Universidade*, Coimbra, 2000.
- BETTENCOURT, Francisco, *História das Inquisições. Portugal, Espanha e Itália*, Lisboa: Circulo de Leitores, 1994.
- BRAGA, Teófilo, *Historia da Universidade de Coimbra nas suas relações com a Instrução Publica Portuguesa*, Lisboa: Tipographia da Academia Real das Sciencias, 1895.
- BREWER, John, “Reading and readers in 18<sup>th</sup> century Britain”, *Separata de Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias*, 9(1997), 159-185.
- BUCHWALD, Jed Z.; COHEN, Bernard I (eds.), *Isaac Newton’s Natural Philosophy*, London: The MIT Press, 2001.
- CALAFATE, Pedro, *A ideia de Natureza no século XVIII em Portugal (1740 – 1800)*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994.
- \_\_\_\_\_, *História do Pensamento Filosófico Português. Volume III: As Luzes*, Lisboa: Editorial Caminho, 2000.
- CANTOR, Geoffrey, *Quakers, Jews and Science, Religious Responses to Modernity and the Sciences in Britain, 1650-1900*, Oxford: Oxford University Press, 2005.
- CARNEIRO, Ana; SIMÕES, Ana; DIOGO, Paula, “Enlightenment Science in Portugal: The *Estrangeirados* and their Communications Network”, *Social Studies of Science*, 30, 4(2000), 591-619.
- CAROLINO, Luís Miguel, *Ciência, Astrologia e Sociedade. A teoria da influência celeste em Portugal (1503-1755)*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- CARPENTER, Audrey T., *John Theophilus Desaguliers. A Natural Philosopher, Engineer, and Freemason in Newtonian England*, New York: Continuum Books, 2011.
- CARVALHO, Augusto da Silva, “Contribuição para a historia da materia medica em Portugal”, *Separata d'A Medicina Contemporânea*, Lisboa: Typographia Adolpho de Mendonça, LTDª, 1920.
- \_\_\_\_\_, “O Culto fr S. Cosme e S. Damião em Portugal e no Brasil”, *História das Sociedades Médicas Portuguesas*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928.
- \_\_\_\_\_, *História da Medicina Portuguesa*, Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1929.
- CARVALHO, Joaquim de, “Jacob de Castro Sarmento et l’introduction des conceptions de Newton en Portugal”, in *Obras Completas*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, vol. V, pp. 673-678 [edição original 1936].
- \_\_\_\_\_, “Descartes e a Cultura Filosófica Portuguesa”, *Obras Completas*, vol. II, pp. 1-29 [edição original 1929].

- \_\_\_\_\_, *Introdução ao Ensaio sobre o Entendimento Humano, John Locke*, Separata do Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra, vol. XX, 1950.
- CARVALHO, Rómulo de, *A Física Experimental em Portugal no século XVIII*, Lisboa: ICALP, 1982.
- \_\_\_\_\_, “Sobre a passagem do cometa de Halley em Portugal no ano de 1759” in: Rómulo de Carvalho, *Actividades Científicas em Portugal no século XVIII*, 1996, pp. 97-139 [edição original 1989].
- \_\_\_\_\_, “A aceitação em Portugal da filosofia newtoniana”, *Revista da Universidade de Coimbra*, 36(1991), 445-457.
- \_\_\_\_\_, “Portugal nas “Philosophical Transactions” nos séculos XVII e XVIII”, *Revista Filosófica*, 15/16 (1955), 231-59/94-120.
- CASTELO – BRANCO, Fernando, “Significado cultural das academias de Lisboa no século XVIII”, *Portugaliae Historica*, vol. I, Lisboa, 1973, 174-201.
- CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (eds.), *A History of Reading in the West*, Cambridge: Polity Press, 1999.
- CHARTIER, Roger, *A Ordem dos Livros*, Lisboa: Veja, 1997.
- CLARK, William; GOLINSKI, Jan; SCHAFFER, Simon (eds.), *The Sciences in Enlightened Europe*, London: The University of Chicago Press, 1999.
- COHEN, Bernard I., *The Newtonian Revolution: with illustrations of the transformation of scientific ideas*, Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- COHEN, Bernard I; SMITH, George E.(eds.), *The Cambridge Companion to Newton*, Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CUNNINGHAM, Andrew; FRENCH, Roger (eds.), *The Medical Enlightenment of the Eighteenth Century*, Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- “Diário de D. Francisco Xavier de Menezes, 4.º Conde da Ericeira (1731–1733)”, Separata de *Biblos*, volume XVIII, tomo II, Coimbra, 1943.
- DARNTON, Robert, “What is the History of Books?”, *Daedulus*, 1982 (Summer): 65-83.
- DIAS, José Pedro Sousa, *A Farmácia em Portugal, Uma Introdução à sua História*, Lisboa: Associação Nacional de Farmácias, 1994.
- \_\_\_\_\_, “Jacob de Castro Sarmiento e a conversão à ciência moderna”. In C. Pinto-Correia. *Primeiro Encontro de História das Ciências Naturais e da Saúde. Convento da Arrábida. 15 a 17 de Julho de 2004*. Lisboa: Shaker Verlag/Instituto Rocha Cabral, 2005.
- \_\_\_\_\_, *Droguistas, Boticários e Segredistas. Ciência e Sociedade na Produção de Medicamentos na Lisboa de Setecentos*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2007.
- \_\_\_\_\_, *A Água de Inglaterra. Paludismo e Terapêutica em Portugal no Século XVIII*, Lisboa: Caleidoscópio, 2012.
- DIAS, José Sebastião da Silva, “Pombalismo e projecto político”, *Cultura e História*, nºs 1 e 2, 1985.
- \_\_\_\_\_, “Portugal e a Cultura Europeia. Séculos XVI a XVIII”, *Biblos*, 28(1952), 203-498.
- \_\_\_\_\_, “O Ecletismo em Portugal no século XVIII. Génese e destino de uma atitude filosófica”, *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 6 (1972), 3-24.
- DIOGO, Maria Paula; CARNEIRO, Ana; SIMÕES, Ana, “Ciência portuguesa no Iluminismo. Os estrangeirados e as comunidades científicas europeias”, in *Enteados de Galileu*, NUNES, J. Arriscado, GONÇALVES, M. E., Porto: Afrontamento, 2001.
- DIXON, Thomas; CANTOR, Geoffrey; PUMFREY, Anthony, *Science and Religion: New Historical Perspectives*, Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- DOBBS, Betty Jo Teeter; JACOB, Margaret C., *Newton and the Culture of Newtonianism*, New York: Humanity Books, 1995.
- DOMINGUES, Francisco Contente, *Ilustração e Catolicismo. Teodoro de Almeida*, Lisboa: Edições Colibri, 1994.
- EIRAS, Maria Mercês Monteiro das, *A censura e o impacto da filosofia das luzes na 2ª metade do século XVIII*, Coimbra: Coimbra Editora, 1989.
- EISENSTEIN, Elizabeth L., *The Printing Press as an Agent of Change*, Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- \_\_\_\_\_, *The Printing Revolution in Early Modern Europe*, New York: Cambridge University Press, 2000.
- ENDELMAN, Todd M., *The Jews of Britain, 1656 to 2000*, Berkely and Los Angeles: University of California Press, 2002.
- ESAGUY, Augusto d’ , “Jacob ou Henrique de Castro Sarmiento”, *Congresso do Mundo Português*. Lisboa, Vol. 13, 177-210, 1940.
- \_\_\_\_\_, *Breve Notícia sobre o Médico Isaac de Sequeira Samuda*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1934.
- \_\_\_\_\_, *História da Medicina. Jacob de Castro Sarmiento. Notas relativas à sua vida e à sua obra*.



Lisboa: Ática, 1946.

\_\_\_\_\_, “Uma intriga, no século XVIII, afasta Castro Sarmiento de Bevis Marks”, Separata da *Imprensa Médica*, XXII, 1958.

FEBVRE, Lucien, MARTIN, Henri-Jean, *The Coming of the Book*, London: Verso, 1976.

FEINGOLD, Mordechai, *The Newtonian Moment: Isaac Newton and the making of modern culture*, New York: The New York Public Library, 2004.

FERRÃO, António, “A Academia das Ciências de Lisboa e o movimento filosófico, científico e económico da segunda metade do século XVIII. A fundação desse instituto e a primeira fase da sua existência”, *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, 15(1922), 475-519.

\_\_\_\_\_, “A censura literária durante o governo pombalino”, *Subsídios para a História do Pensamento em Portugal. Estudos Pombalinos*, 1ª série, nº3, *Academia das Ciências de Lisboa*, Separata do Boletim de 2ª Classe, vol. XVIII, Coimbra, 1927.

FERREIRA, H. Amorim, *Relações científicas entre Portugal e a Grã-Bretanha*, Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1943.

FLOWER, Darren R., *Bioinformatics for Vaccinology*, New York: John Wiley and Sons, 2008.

FONTES DA COSTA, Palmira, “The Culture of Curiosity at the Royal Society in the First Half of the Eighteenth Century”, *Notes Rec. R Soc. Lond.* 56 (2), (2002), 147-166.

\_\_\_\_\_, *The Singular and the Making of Knowledge at the Royal Society in the Eighteenth Century*, Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2009.

FONTES DA COSTA, Palmira; JESUS, António, “Antonio Ribeiro Sanches and the Circulation of Medical Knowledge in Eighteenth Century Europe”, *Archives Internationales d'Histoire des Sciences*, 56(2006), 156-157.

FONTES DA COSTA, Palmira; CARDOSO, Adelino, *Percursos na História do Livro Médico (1450-1800)*, Lisboa: Colibri, 2011.

FRASCA-SPADA, Marina; JARDINE, Nick (eds.), *Books and the Sciences in History*, Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

FRENCH, Roger, *Medicine before Science. The Rational and Learned Doctor from Middle Ages to the Enlightenment*, Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

GABBEY, Alan, “Newton and Natural Philosophy”, in *Companion to the History of Modern Science*, eds., R.C. Olby; G. N. Cantor.; J. R. R. Christie; M. J. S. Hodge, London: Routledge, 1990, 243-263

GASCOIGNE, John, *Cambridge in the Age of Enlightenment. Science and Religion from the Restoration to French Revolution*, Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

GAVROGLU, Kostas et al, “Science and Technology in the European Periphery: Some Historiographical Reflections”, *History of Science*, xlv(2008), 153-175.

GLYNN, Ian; GLYNN, Jennifer, *The Life and Death of Smallpox*, London: Profile Books, 2005.

GOLDISH, Matt, “Newtonian, Converso, and Deist: The Lives of Jacob (Henrique) de Castro Sarmiento”, *Science in Context*, 10, 4(1997), 621-675.

GOMES, Joaquim Ferreira, *O Marquês de Pombal e as reformas do ensino*, Coimbra: INIC, 1989.

GRELL, Ole Peter; CUNNINGHAM, Andrew (eds.), *Health Care and Poor Relief in Protestant Europe 1500-1700*, London: Routledge, 1997.

GRELL, Ole Peter; CUNNINGHAM (eds), Andrew, *Medicine and Religion in Enlightenment Europe*, Ashgate: 2007.

GUERLAC, *Newton on the Continent*, London: Cornell University Press, 1981.

HALL, Marie Boas, *Promoting Experimental Learning. Experiment and the Royal Society, 1660-1727*, Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

HAMPSON, Norman, *The Enlightenment*, London: Penguin Books, 1990.

HANKINS, Thomas L., *Ciência e Iluminismo*, Porto: Porto Editora, 2002.

HEMBRY, Phyllis, *The English Spa, 1560 – 1815, A Social History*, Londres: 1990.

HYAMSON, Albert M., *The Sephardim of England*, London: Methuen & Co. LTD., 1951.

JACOB, Margaret C., *Living the Enlightenment*, Oxford: Oxford University Press, 1991.

JARDINE, Lisa, *The Curious Life of Robert Hooke, The Man Who Measured London*, London: Harper, 2003.

JOHNS, Adrian, *The Nature of the Book. Print and Knowledge in the Making*, London: University of Chicago Press, 1998.

JORDANOVA, Ludmilla, *Defining Features. Scientific and Medical Portraits 1660-2000*, London: 2000.

KARP, Jonathan, *The Politics of Jewish Commerce. Economic Thought and Emancipation in Europe, 1638-1848*, Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

KAYSERLING, Meyer, *História dos Judeus em Portugal*, São Paulo: Perspectiva, 2009.

KNOEFF, Rina, *Herman Boerhaave (1668-1738). Calvinist Chemist and Physician*, Amsterdam, 2002.

LEMOS, Maximiano, *Ribeiro Sanches, A sua vida e a sua obra*, Porto, 1911.

- \_\_\_\_\_, *História da Medicina*, 1991.
- LIMA, M. Ferreira de, *História da Medicina Portuguesa*, Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1945.
- LISBOA, João Luís, *Ciência e política. Ler nos finais do Antigo Regime*, Lisboa: I.N.I.C., 1991.
- \_\_\_\_\_, “Papeis de larga circulação no século XVIII”, *Revista da História das Ideias*, 20 (1999), 131-147.
- MACEDO, Jorge Borges de, “Vias de expressão da cultura e da sociedade portuguesas nos séculos XVII e XVIII”, *Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa*, nº 1, 1966, 119-133.
- \_\_\_\_\_, *Estrangeirados: um conceito a rever*, Aveiros: Edições do Templo.
- MARCOCCI, Giuseppe, PAIVA, José Pedro, *História da Inquisição Portuguesa (1536-1821)*, Lisboa: Esfera dos Livros, 2013.
- MARQUES, Maria Adelaide Salvador, “A Real Mesa Censória e a cultura nacional”, Separata do *Boletim da Universidade de Coimbra*, tom. XXVI, 1963.
- \_\_\_\_\_, “Pombalismo e cultura média. Meios para um diagnóstico através da Real Mesa Censória”, Separata de *Brotéria*, tom 115, nº 2, 3 e 4, 1982.
- \_\_\_\_\_, *A Real Mesa Censória e a Cultura Nacional: Aspectos da Geografia Cultural Portuguesa no século XVIII*, Coimbra: Coimbra Editora, 1963.
- MARTINS, Maria Teresa Esteves Payan, *A censura literária em Portugal nos séculos XVII e XVIII*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.
- MATIAS, Elze Maria Henry Vonk, “Mestres e lições nas academias literárias portuguesas dos séculos XVII e XVIII”, *Prelo*, 10(1986), 19-34.
- MATTOSO, José, *História de Portugal. Volume IV O Antigo Regime*, Círculo de Leitores, 1993.
- MAXWELL, Kenneth, *Pombal: Paradox of the enlightenment*, Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- MAZZOTTI, Massimo, “Newton for ladies: gentility, gender and radical culture”, *British Journal History of Science*, 37, 2(2004), 119-146.
- MELAMMED, Renée Levine, *A Question of Identity. Iberian Conversos in Historical Perspective*, Oxford: Oxford University Press, 2004.
- MENDONÇA José Lourenço de; MOREIRA, António Joaquim, *História dos Principais Actos e Procedimentos da Inquisição em Portugal*, Lisboa: INCM, 1980.
- MILLER, Genevieve, *The Adoption of Inoculation for Smallpox in England and France*, Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1957.
- MONTEIRO, Miguel Correia, *Inácio Monteiro (1724 – 1812). Um jesuíta português na dispersão*, Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2004.
- OGILVIE, Marilyn Bailey; HARVEY, Joy Dorothy, *The Biographical Dictionary of Women in Science: L-Z*, London: Taylor & Francis, 2000.
- PALMA-FERREIRA, João, *Academias literárias dos séculos XVII e XVIII*, Lisboa: B.N., 1982.
- \_\_\_\_\_, “Excertos do «Diário» de D. FR. Manuel do Cenáculo Villas Boas”, Separata da *Revista da BN*, nº 1, 1982.
- PEREIRA, Isaiás da Rosa, *Notas históricas acerca de Índices de livros proibidos e bibliografia sobre a Inquisição*, Lisboa, 1976.
- PINTO, Hélio; COSTA, Palmira Fontes da, “The diffusion of newtonianism in eighteenth-century Portugal”, *Acta historia rerum naturalium, New Series*, 8(2004), 327-336.
- PINTO, Hélio, *O Newtonianismo em Portugal no Século XVIII*, Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa: 2007.
- \_\_\_\_\_, “A Materia Medica de Jacob de Castro Sarmento”, FONTES DA COSTA, Palmira; CARDOSO, Adelino (eds.), *Percursos na História do Livro Médico (1450-1800)*, Lisboa: Edições Colibri, 2011, 165 – 186.
- PITA, João Rui, *Farmácia, Medicina e Saúde Pública em Portugal (1772 – 1836)*, Lisboa: Minerva, 1996.
- \_\_\_\_\_, *História da Farmácia*, Coimbra: Minerva, 1998.
- PITA, João Rui; PEREIRA, Ana Leonor. “A bela idade da Farmacopeia Portuguesa: 300 anos”: *Cadernos de Cultura, Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI*. 19(2005), 85-94.
- PORTER, Roy, *Disease, Medicine and Society in England, 1550-1860*, Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- \_\_\_\_\_, *Patients and Practitioners. Lay perceptions of medicine in pre-industrial society*, Cambridge: Cambridge University Press, 2002 (1985).
- \_\_\_\_\_, *The Cambridge History of Science, Volume 4: Eighteenth Century Science*, Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- PORTER, Roy; TEICH, Mikuláš (eds.), *Scientific Revolution in National Context*, Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

- RAMOS, Luís A. de O., “A Inquisição Pombalina”, *Separata de Brotéria*, 115, 2-3-4 (1982).
- RODRIGUES, Graça Almeida, *Breve História da Censura Literária em Portugal*, Lisboa: ICALP, 1980.
- ROTH, Cecil, *A History of the Marranos*, Stoke: Varda Books, 2001.
- RUDERMAN, David, *Early Modern Jewry, A New Cultural History*, Princeton: Princeton University Press, 2010.
- SANTOS, Mariana Amélia Machado, “Filosofia e Ciência no Pensamento Português dos séculos XVII e XVIII”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, 38 (1982), 474-486.
- SANTOS, Piedade Braga, “Actividade da Real Mesa Censória – uma sondagem”, *Cultura – História e Filosofia*, 2(1983), 377-440.
- SARAIVA, António José, *Inquisição e Cristãos Novos*, Lisboa: 1969
- SANTOS, Suzana Paula Silva Duarte dos Santos, *O Estudo da Gravitação na Reforma Pombalina*, Tese de Mestrado, Universidade de Coimbra: 2001.
- SCHAFFER, Simon, “Newtonianism”, *Companion to the History of Modern Science*, OLBY, R.C.; CANTOR G. N.; CHRISTIE, J. R. R.; HODGE, M. J. S., London: Routledge, 1990, 610-626.
- \_\_\_\_\_, “Comets and the world’s end”, in *Predicting the Future*, HOWE, Leo; WAIN, Alain, Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- SHAPIN, Steven; SCHAFFER, Simon, *Leviathan and the Air-Pump: Hobbes, Boyle and the Experimental Life*, Princeton: Princeton University Press, 1985.
- SHAPIN, Steven, *A Revolução Científica: Civility and Science in Seventeenth Century England*, Lisboa: Difel, 1999.
- \_\_\_\_\_, *A Social History of Truth*, Chicago: The University of Chicago Press, 1990.
- SILVA, José Alberto, *A Apropriação da Filosofia Natural em Teodoro de Almeida*, CIUHCT, 2009.
- SILVA, Pedro José, *Historia da Pharmacia Portuguesa desde os primeiros séculos da Monarchia até ao Presente*, Lisboa: Typographia Franco-Portuguesa, 1866.
- STEWART, Larry, *The Rise of Public Science: Rethoric, Thecnology and Natural Philosophy, 1660-1750*, Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- TERRALL, Mary, *The Man of Flattened the Earth. Maupertuis and the Sciences in the Enlightenment*, Chicago: Chicago University Press, 2002.
- TOMAS, Juan Pardo, *Ciencia y Censura: la Inquisición espanola y los libros científicos en los siglos XVI y XVII*, Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1991.
- WALKER, Kenneth, *História da Medicina*, Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1958.
- WALKER, Timothy, *Doctors, Folk Medicine and the Inquisition. The Repression of Magical Healing in Portugal during the Enlightenment*, Leyden: Brill, 2005.
- WESTFALL, Richard, *The Life of Isaac Newton*, Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- \_\_\_\_\_, *Never at Rest. A Biography of Isaac Newton*, Cambridge: Cambridge University Press, 2008 (1980).